

INTRODUÇÃO

Iniciaremos apresentando um pouco da história deste trabalho. Ao ingressarmos no doutorado, era outro o tema que pretendíamos desenvolver. O tema que havíamos escolhido, anteriormente, era “O racismo no cotidiano escolar: olhares e dizeres dos alunos e alunas”, cujo ponto de partida era um projeto desenvolvido com alunos dos grêmios estudantis da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro – SME/RJ, no qual eram trabalhadas várias linguagens: jornalística, radiofônica, desenho, vídeo...

Devido a mudanças institucionais e à nossa formação, fomos trabalhar numa equipe de capacitação de professores, na SME/RJ, e tornou-se impossível continuar o projeto com os grêmios estudantis. No momento da interrupção, já tínhamos iniciado o processo de eleição dos grêmios e estávamos no processo de formação político-pedagógica dos jovens, apontando para que se dedicassem à pesquisa.

O que fazer então? Qual seria o tema que poderíamos estudar, e que nos apaixonasse? Quando surgiu a idéia desta pesquisa, não havia ainda o encantamento e o envolvimento que o trabalho com os jovens suscitara.

Consideramos que é essencial fazer as coisas com calma e com alma, e abordar o tema de discriminação da mulher negra parecia algo já muito conhecido, que não despertava mais tanto interesse... De repente, um *insight*: tivemos a idéia de mudar o foco da pesquisa e nos dedicarmos, prioritariamente, a investigar os formadores de opinião, suas idéias, imagens e opiniões produzidas.

Posto isto, podemos dizer que esta investigação vem numa direção talvez oposta ao que tradicionalmente já conhecemos, no que se refere aos estudos e pesquisas sobre as relações raciais brasileiras. Ou seja, não nos propomos, neste momento, a estudar “o negro” como objeto de investigação/estudo, nem diretamente

constatar ou não a existência das desigualdades raciais na sociedade brasileira, embora acreditemos que esse enfoque seja algo inevitável, implícito, imbricado neste trabalho.

Nosso interesse é, essencialmente, saber o que pensam os formadores de opinião brancos, profissionais da mídia, sobre as mulheres negras. Nesta perspectiva, este trabalho se inscreve no terreno das **RELAÇÕES ÉTNICAS E DE GÊNERO, DA MASCULINIDADE, DA MÍDIA, DA CULTURA E DA EDUCAÇÃO**¹, no seu sentido mais amplo. Nosso foco deixa em segundo plano os etnicamente e/ou aparentemente negros (escuros) e se foca nos formadores de opinião etnicamente e aparentemente brancos. Não nos interessa, neste momento, saber que as mulheres negras são discriminadas, que estão em situação desigual em relação aos homens e às mulheres brancas, pois muitos estudos voltados com esta abordagem estão sendo feitos (SANT'ANNA, 2001). Nosso interesse é investigar, discutir, refletir acerca do que pensam os homens brancos formadores de opinião, já que eles, como profissionais da comunicação, têm como objeto, no seu sentido mais lato, as vinculações sociais (SODRÉ, 2001) e são co-responsáveis pela imagem da mulher negra presente nos meios e veículos de comunicação.

Nesta direção, estamos realizando um estudo sobre a imagem, mais especificamente sobre a visibilidade ou tipo de visibilidade da mulher negra no contexto da mídia brasileira, imagem esta concretizada na visão de homens brancos formadores de opinião.

Vale destacar, contudo, que esta produção acadêmica está intimamente ligada a uma determinada percepção da realidade, oriunda de nossa vivência pessoal, de uma visão crítica do contexto social brasileiro e dos nossos

¹ Aqui, se justifica, em parte, a bibliografia ligada a educação que utilizamos.

conhecimentos, que foram sendo construídos com leituras, reflexões, ações sociais. Ancoramo-nos no educador Paulo Freire, no que se refere à leitura de mundo – que precede à leitura da palavra –, para podermos dizer que este trabalho é um exercício de leitura implicada na realidade, marcada por nossa condição humana de mulher negra. Trabalho marcado por descobertas não tão agradáveis, por momentos de limitação e outros de superação diante de dificuldades, por estímulos para contornar alguns percalços... Enfim, este trabalho é consequência desta possibilidade de ampliar o nosso olhar sobre essas questões de gênero e de etnia, de compromissos estabelecidos conosco, com nosso orientador, com a instituição que nos acolheu, com as mulheres negras, sobretudo com as de ontem, com as labás², que não nos deixaram desistir e, também, com nossas muitas inquietações, que não se esgotam.

Hipótese e Objetivos

Nós nos ancoramos em pressupostos e em observações que consideramos críticas a respeito do cotidiano: nossa hipótese é que estética e humanamente a mulher negra tem sua imagem invisibilizada ou colocada na subalternidade pela mídia brasileira, e isto num longo processo, a ponto de esta invisibilização ser quase naturalizada.

Como estamos diante do humano – estamos estudando pessoas, suas ações e suas produções –, o humano visibilizado ou invisibilizado e o humano produtor de imagem, optamos – talvez por oposição, talvez por complementaridade – por investigar as visões, o pensamento dos formadores de opinião brancos sobre as mulheres negras.

² Orixás femininos.

Este estudo tem como objetivos:

- Investigar visões masculinas acerca da mulher afrodescendente, através de entrevistas e das produções sociais masculinas em vídeos e filmes, revistas, cartazes, músicas (letras), poesia, artes plásticas.
- Contribuir para a visibilização das questões das mulheres negras relacionadas aos homens brasileiros.
- Contribuir, numa perspectiva de intervenção, de alteração do quadro, numa perspectiva educativa, enfim, nas visões de produtores de opinião acerca da presença e imagem das mulheres negras em todos os cenários da cultura brasileira.
- Buscar uma maior visibilidade a respeito da maneira como formadores de opinião, brancos, concebem e percebem as mulheres negras.

Este estudo busca articular aspectos relevantes para a Comunicação e a Cultura, tendo, como eixos entrelaçados de análise, o racismo, o machismo, a comunicação e a cultura. Esses são aspectos que pretendemos destacar:

- Análise crítica da sociedade, ao investigarmos a presença do racismo na mídia e, conseqüentemente, na sociedade, nos tempos atuais;
- Práticas comunicativas e o multiculturalismo, na medida em que pretendemos abordar os olhares e dizeres dos formadores de opinião em face da mulher negra, bem como o racismo, o machismo, a comunicação e a cultura;
- A retórica da comunicação como disseminação de mensagens, ao investigar como os meios de comunicação abordam o racismo, o machismo, a cultura.
- A pluralidade cultural e a interdisciplinaridade. Para se consolidar como produção acadêmica na sua terminalidade, este estudo necessita apropriar-se de diversas áreas de conhecimento: antropologia, filosofia, sociologia,

educação, ancorando-se no território da comunicação, da mídia, o *bios midiático* (Sodré, 2001). Enfim, é um trabalho multidisciplinar, na busca, talvez, de uma interdisciplinaridade.

Posto isto, desejamos que este seja um trabalho socialmente relevante, criativo e inédito.

Procedimentos Metodológicos

"[...] os sociólogos deviam se sentir livres para inventar os métodos capazes de resolver os problemas das pesquisas que estão fazendo." (BECKER, 1993). A partir desse conselho de Becker, nós nos utilizamos, nessa pesquisa, de vários recursos metodológicos; contudo, não utilizamos nenhum rótulo como definidor do trabalho desenvolvido, tais como: pesquisa-ação, pesquisa participante, etnográfica, documental, antropológica, educacional.

Um problema teórico, que é convertido em dispositivo de pesquisa, põe-se em marcha, transforma-se, de algum modo, em automóvel, propulSIONA-se a si mesmo pelas dificuldades que fez surgir, tanto quanto pelas soluções que traz. [...] A lógica da pesquisa é esta engrenagem de problemas, que toma conta do pesquisador e que o carrega, como se fosse à sua revelia (BOURDIEU, *Le sociologue en question*, op. cit, p.51).

Como, até o presente momento, esse trabalho aponta muito claramente para a multiplicidade disciplinar, submetemos as categorizações aos objetivos definidos sem, contudo, abdicar do rigor, do cuidado e da necessidade de legitimação acadêmica dessa pesquisa.

Então, no desenrolar desta pesquisa/estudo, utilizamos basicamente, os seguintes procedimentos:

- Levantamento e diálogo com material bibliográfico, iconográfico, fonográfico, de vídeos, filmes, programas de TV, com o intuito de adquirir maior suporte teórico, analítico, crítico e comparativo frente às questões suscitadas pelo

trabalho.

- Entrevista com formadores de opinião da área da comunicação, com o objetivo de identificar como as mulheres negras são percebidas, na ótica desses profissionais.
- Observação e escuta ativa/participante e sensível do cotidiano – entendido por nós como campo dos acontecimentos, dos encontros, da materialização e da apropriação das idéias e produções dos formadores de opinião, o cotidiano inspirou este trabalho, o cotidiano ofereceu pistas, imagens, situações. Para nós, o cotidiano é fonte de conhecimento, e só uma observação e escuta sensíveis e ativas podem dialogar com as situações que no dia-a-dia vivenciamos. Além de tudo, podemos dizer que a Vida se efetiva no cotidiano.

Situações Cotidianas Disparadoras do Estudo

No nosso entendimento, um estudo não é uma geração espontânea, ele vai se constituindo em nós e vai nos constituindo, a partir de observações, sentimentos, marcas, impressas pelo cotidiano, pela vida. O presente estudo é consequência de situações, de acontecimentos que, ao longo da nossa vida, desde a tenra infância (só agora percebemos), foram sendo inscritas no nosso corpo, na nossa memória, no nosso coração de mulher negra e foram se consolidando no que hoje procuramos expressar neste trabalho parcial, ainda incompleto, mas visceral e autoral.

Ao tomarmos as situações cotidianas de exclusão e discriminação da mulher negra, como situações analisadoras de um trabalho, acreditamos dar ênfase e valorizar o dia-a-dia – esse cotidiano que nos produz e que produzimos – e esperamos que, assim, possamos estar contribuindo para desconstruir a naturalização e banalização de tais situações.

Compartilhamos com Sodré (1999) a opinião de que “[...] história de vida ou mesmo pequenos episódios do cotidiano [...] podem ser, às vezes, mais esclarecedores que longas digressões acadêmicas”, e delimitamos o lugar no qual nos situamos, que marca nossa investigação: mulher, professora, ativista negra e pesquisadora social. Destacamos, a seguir, acontecimentos significativos marcados na nossa memória, que constituíram, constituem e significam nosso interesse nessa investigação:

□ UMA SITUAÇÃO COM UM MENINO NEGRO:

Davidson, aluno negro da 2^a série, 9 anos, se recusa a dançar na festa junina com suas colegas negras, alegando não gostar de negros. Detalhe importante: a mãe é negra, o pai é negro, a professora é negra. E de todos ele alegava gostar.

O que se passava com a auto-imagem e auto-estima daquela criança?

A essa situação verídica associou-se outra. A leitura do texto de Joel Rufino dos Santos, que suscitou revolta entre militantes do Movimento de Mulheres Negras³: “Por que os negros que sobem na vida arranjam logo uma branca e de preferência loira?”.

A busca deste texto, inicialmente, se deu para poder entender a revolta de algumas mulheres negras militantes e, talvez, para entender o que os homens negros pensam das mulheres negras. E, ainda, para responder à nossa questão sobre os formadores de opinião, brancos, e para refletir a situação do Davidson (caso descrito acima).

Não obtivemos respostas, mas perguntas-questões e curiosidades sobre alguns escritores negros, como Lima Barreto, Cruz e Souza e Joel Rufino dos Santos.

³ Santos, Joel Rufino: Vera, Clara dos Anjos e Iládio. In: Barbosa, W do N. e Santos, J.R dos. *Atrás do muro da noite; dinâmica das culturas afro-brasileiras*. Brasília. Ministério da Cultura. Fundação Cultural Palmares, 1994.

Vamos destacar o trecho que levou a polêmica:

Essa foi a pergunta que mais ouvi até hoje, embora, sintomaticamente, nunca me perguntassem pela recíproca: por que as brancas, sobretudo as loiras, só arranjam negros que subiram na vida. A parte mais óbvia da explicação é que a branca é mais bonita que a negra e quem prospera troca automaticamente de carro. Quem me conheceu dirigindo um fusca e hoje me vê de Monza tem certeza de que já não sou um pé-rapado: o carro, como a mulher, é um signo. Há no Brasil uma multidão de pretas bonitas, mas a forma da beleza é branca. A preta que se aproxima dela passa a cabrocha, jambete, mulata etc.[...]

Não é, contudo, apenas uma questão de signo. O negro sempre que pode, prefere a branca porque ela é mais gostosa. Gostosa é uma categoria sexual socialmente construída: a pele clara e, mais que a pele clara, o cabelo liso, prometem mais gozo que outros [...].

Pensando na alegação do próprio aluno, e na provocação do Joel Rufino, é possível supor que o "não gostar de negros(as)" significa o "não se identificar" (ou temer a identificação) com os(as) negros(as). Se assim for, o(a) menino(a) e o(a) homem/mulher) negro(a), segundo a situação acima relatada, talvez não gostem de si mesmos(as), também, já que eles(as) são negros(as). Logo, a imagem de negro(a) incorporada pelo menino é, para ele, algo que afeta o seu modo de se autoperceber e a sua participação em atividades grupais, em especial nas que envolvem, justamente, as pessoas do grupo racial e cultural a que ele mesmo pertenceria mais intimamente. Como se vê, a questão levantada estaria vinculada à problemática da relação entre indivíduo e sociedade e ao processo de produção do "corpo socializado", que, provavelmente, incluiria a incorporação de imagens. Para esta reflexão, é que procuramos enfatizar a importância deste estudo.

Para complementar o quadro de situações emblemáticas que acreditamos ser, em parte, uma consequência das imagens socialmente reproduzidas pela mídia, associou-se outra, de repercussão nacional:

CAMPANHA MISS BRASIL 2000 do Centro de Articulação das Populações Marginalizadas (CEAP)

Campanha Miss Brasil 2000 – Nenhum Prêmio Vale Tanta Dor: 1994

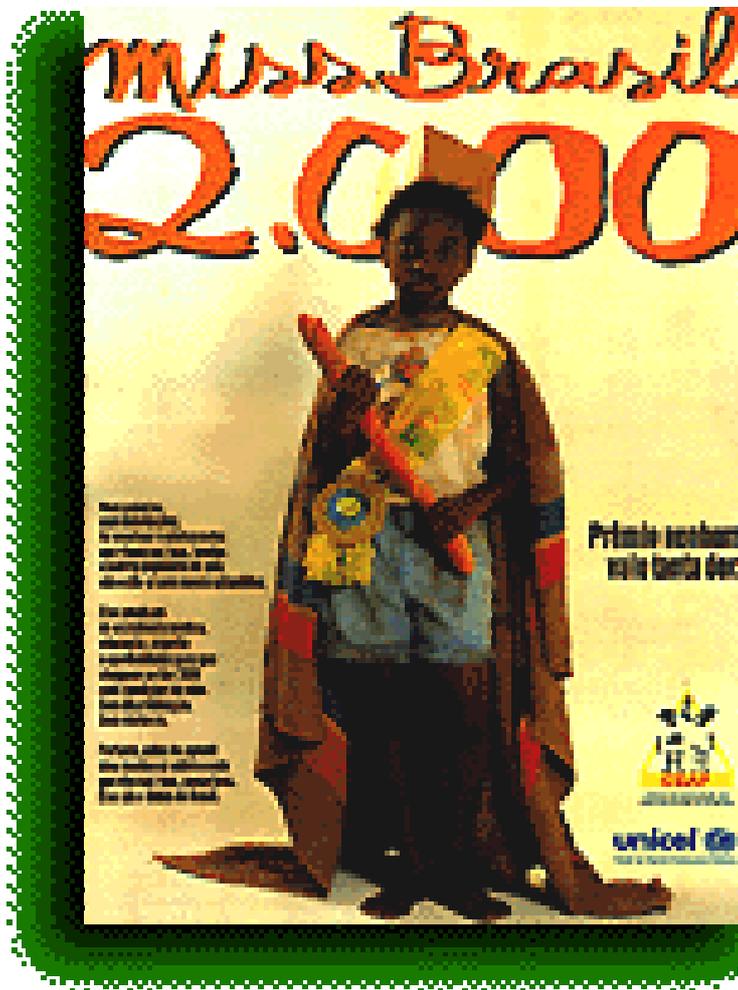


Figura 1

Campanha lançada com o apoio do UNICEF⁴, nela o CEAP mostra a situação das meninas no contexto geral dos direitos de crianças e adolescentes. A qual não apenas denuncia, mas promove seus direitos, tendo como objetivo ser um instrumento de luta e fomentar ações concretas de melhoria de vida dessa população. Esta campanha tem como foco central a luta contra a prostituição infanto-juvenil e o turismo sexual no Brasil. O CEAP alia-se à rede de atores do Movimento de Crianças e Adolescentes e deflagra uma ação de caráter nacional, com lançamentos em outros estados. Sua repercussão gerou outras campanhas de mesma natureza, feitas pela mídia e pelo Estado.

Esta menina participou, inclusive de uma ação da campanha no *Fantástico*, um programa de diversidades na rede de maior audiência dominical do Brasil. A menina aparece vestida do jeito que está no cartaz, andando pelas ruas cariocas... Aquela situação nos colocou a pensar sobre os idealizadores da campanha e suas concepções acerca das meninas negras. Sobre como aquela menina e as meninas negras que estavam assistindo àquele programa, ou as que veriam, em suas escolas e nas ruas, aquele cartaz? Mais uma vez a questão: O que os formadores de opinião pensam sobre nós, mulheres negras brasileiras?

- Conversas de mulheres negras sobre o olhar masculino:

Constantemente participamos de conversas informais com amigas negras sobre nossa situação afetiva, emocional, política... em relação aos homens. Como nos sentimos, nossos desejos e nossas curiosidades sobre o pensamento masculino em relação a nós, mulheres afro-brasileiras.

- A situação acima se associou à do filme *Febre na Selva*, de Spike Lee (Jungle Fever) que, embora problematize também as drogas, tem como foco as relações interétnicas nos Estados Unidos. Essa era a situação-cena que envolvia conversação:

- *UM “CONSELHO DE GUERRA”, REUNIÃO DE MULHERES NEGRAS – AMIGAS (ESPOSA DO PROTAGONISTA E SUAS AMIGAS)*

- *Drew: Ela não passa de uma vagabunda branca de classe baixa. Aposto que nem terminou o ginásio.*
- *É verdade.*
- *Drew: Me trocou por ela!*
- *(...)*
- *Sempre pensei que Flipper fosse o marido ideal. São todos uns cachorros. Eu juro, uns cachorros.*
- *Drew: Tem razão*
- *Precisamos sair com brancos.*

- *Drew: Eu não.*
- *É verdade.*
- *Drew: Eu não.*
- *Não tem preto que presta.*
- *Drew: Tem sim, Nilda.*
- *Nilda: A maioria são viciados, criminosos, homossexuais.*
- *Os que prestam sabem. Tem dez mulheres e filhos com todas.*
- *Drew: Meu casamento fracassou. Meu homem tem uma puta branca, mas existem bons pretos.*
- *Nilda: Onde? Quais são as opções? Virarmos freiras, sapatões, ou achar alguém que nos ame de verdade, seja ele chinês, preto ou branco.*
- *Drew: Não é assim. Está enganada. Eles existem. Estamos procurando no lugar errado. Não sei onde procurarmos, mas não é entre motoristas, caminhoneiros ou lixeiros. Nem olhamos para eles, mas são homens de bem.*
- *Quantos homens pretos conseguem aceitar que a mulher seja mais culta e ganhe mais? Pouquíssimos. Se apavoram.*
- *O fato é que estamos perdendo nossos homens.*
- *Drew: Eles são culpados, mas a culpa não é só deles. Nós ficamos com raiva, mas essas brancas descaradas se atiram em cima deles. Já viram como olham para eles? Nem dá para sair mais com eles sem que 29 mil putas brancas não dêem em cima. Doidas para dar, porque seus pais sempre proibiram. Quando saem de casa aos 18 anos, só querem pica preta. A do seu homem, do meu. Querem e conseguem.*
- *Inez: Vamos falar do homem preto. Quando fracassam com uma preta, ficam furiosos.*
- *Nilda: Como sabe Inez? Não sai com pretos.*
- *Inez: Saio com pretos, chineses, latinos, judeus, o que for.*
- *Não serve de consolo neste caso.*
- *Inez: Querem que saia com um preto, mas saio com quem eu gosto. Me dá um homem, não importa a cor, se for bom para mim, se acredito que ele me ama.*
- *Drew: Acontece que não sou chegada em dormir com um arco-íris. Você é e todo mundo sabe.*
- *(risos)*
- *Inez: Se a faz feliz, irei para a África, à Pátria Mãe, procurar um de tribo.*
- *___ Um verdadeiro negro asiático.*

- ____ *Com um peru enorme para gozar o dia inteiro.*
- *Nilda: Um peru zulu.*
- *Inez: Um peru zulu selvagem.*
- ____ *Sabem como é não acharem você bonita?*
- *Drew: Como pode dizer isso?*
- ____ *A gente acaba se convencendo. Sempre fui a mais escura da classe. Sabem como é. Todos queriam as mais claras. Eu me sentia rejeitada. É o mesmo com as mulheres brancas. Antes, os pretos queriam pretas como você, Drew, e você Vera. Agora não basta ter pele clara. Hoje, procuram o artigo autêntico. Por isso Flipper se foi. As brancas conseguiram.*
- *Nilda: Tudo que fazemos nesta sociedade é uma repetição, sempre. Renegamos o que somos e o que valemos. Olhem os irmãos que conseguiram vencer. Quase todos andam com brancas.*
- ----- *É verdade.*
- ----- *É mesmo para subir e vencer tem que ter uma branca do lado.*
- [...]]

Aqui, vale o destaque no sentido de não tomarmos as mulheres negras na perspectiva dicotômica, binária, do isto ou aquilo, mas na dimensão da circularidade, do fluxo, do movimento. Não enfocamos, neste exemplo dos diálogos do filme, a perspectiva da carência, da vitimização, da dor, da adversidade, e sim e a perspectiva da potência, do movimento, da alegria, da diversidade, no trânsito entre estas duas perspectivas.

- Desenho de meninas negras (auto-retrato):

Em nossa vivência como professora de História no Ensino Fundamental, vemos e sabemos de muitas situações nas quais as meninas negras se representam em desenhos como louras, olhos verdes ou azuis, cabelos longos... Uma situação inquietante, que desperta nossa curiosidade: por que elas se vêem assim? E nos reportamos aos livros didáticos, à mídia, às propagandas, à imagem socialmente produzida de modelo de beleza nacional. Mais uma vez a questão curiosa: “O que

pensam os formadores de opinião a respeito da mulher negra, para produzirem um tipo de imagem sobre as mulheres negras que contribui para a auto-rejeição das meninas negras?”

Esta questão é muito séria, pois se refere à auto-imagem, à auto-estima, ao auto-reconhecimento da menina negra, de sua condição de humanidade, de se saber e de se perceber humana, no sentido mais pleno do termo.

- Desenho de um aluno diante de uma professora negra:

Ainda nos reportando à nossa experiência como professora, relatamos situações/acontecimentos que nos convidaram a refletir:

Um de nossos alunos, na época com sete anos, como a maioria das crianças desta idade, adora dar desenhos à professora, adora desenhar a professora. Ele, aluno branco, loirinho, era filho de uma mãe zelosa, presente, que havia tirado o filho de uma escola particular... Bem, este aluno nos deu um desenho, declarando:

- Tome, é seu.
- Obrigada – respondemos.

Quando olhamos o desenho, vimos que tinha nosso nome embaixo de um desenho. Olhamos e ficamos em silêncio. Ele disse, então:

- É você.
- Mas eu não sou assim, sou negra, essa é loura e branca.
- É, mas assim é mais bonito.

Saiu.

Aquele acontecimento deixou-nos em estado de perplexidade, assim como outros do cotidiano, como aquele já relatado: as meninas negras se desenharem como brancas e loiras.

Quem ilustra livros infantis, quem faz propagandas, quem escreve livros, quem dirige filmes, quem forma opinião, o que pensa sobre as mulheres negras e de que forma contribui para a formação dessa subjetividade, desses imaginários sobre as mulheres negras?

Buscamos aqui aprofundar a vertente deste processo de produção da “imagem” no que se refere aos seus efeitos, quando estão em jogo relações marcadas pelo racismo. Supomos que, como acontecia com esse nosso aluno, muitos outros alunos negros incorporam uma certa maneira racista de ser, vindo a compor, então, uma das formas de existência desta sociedade racista em que vivemos. Neste caso, encarnar tal maneira de ser e se comportar implica, provavelmente, negar ou rejeitar outras maneiras possíveis de ser, entre as quais, por exemplo, a não racista. Como isto vem a acontecer? Como o racismo do branco em relação ao negro se forma, e qual é o papel da mídia e dos formadores de opinião? Que conseqüências tudo isto tem, não só para os indivíduos, em sentido mais restrito, mas também para o processo social, em nível macro, de produção e reprodução das desigualdades raciais?

- Ditos populares e piadas

No dia-a-dia, ouvimos ditos populares, muitos até engraçados, como: *“Mulher brasileira não envelhece, fica loura”*. Nada de mais, se não houvesse uma denúncia explícita quanto ao comportamento de mulheres e o desejo de não envelhecer e ser/permanecer loura. Atenção: estamos nos referindo ao Brasil. Há outro sutil detalhe: as mulheres negras não ficam louras, logo será que estamos dizendo que as mulheres negras não envelhecem? Como? Estamos invisibilizando estas mulheres, ou essas mulheres não são consideradas mulheres, ou não

envelhecem porque se espera (tem-se a expectativa) de que elas morram antes da velhice?

Sem contar com a desqualificação das mulheres negras e das mulheres, com piadinhas como a destacada a seguir:

Dentro de um avião estavam Vera Fischer, Sheila Carvalho e Benedita da Silva. De repente, o avião teve uma pane, vai daqui vai dali, o piloto conseguiu aterrizsar numa ilha.

Assim que saiu do avião, Vera tirou seu estojo de maquiagem e começou a se maquiar. Sheila, estranhando, perguntou:

– Que é isto, Vera, todo mundo desesperado e você preocupada com maquiagem?

Vera lhe respondeu: – Não, é o seguinte, quando o resgate chegar, eles procuram primeiro quem está bem vestido.

Sheila Carvalho não deixou por menos, tirou a roupa e ficou só de biquíni fio-dental.

A Benedita perguntou:

– Que é isto, Sheila, todo mundo desesperado e você tirando a roupa?

Sheila respondeu:

– É o seguinte, quando o resgate chegar, eles procuram primeiro as mais “sexy”.

Benedita não titubeou, ficou pelada. Os passageiros, surpresos, perguntaram:

– Que é isto, governadora?

Ela respondeu:

– É que quando o resgate chegar, eles vão procurar primeiro a caixa preta⁵.

- Situações e falas cotidianas de homens:

Os homens brancos ou negros expressam suas opiniões sobre mulheres.

Nessas expressões, muitas vezes percebemos a invisibilidade da mulher negra, nem citada ou simplesmente não vista como mulher.

- Documentário: A NEGAÇÃO DA COR, de Joel Zito de Araújo

O documentário apresenta algumas falas de homens brancos formadores de opinião, que suscitam uma reflexão e aguçam o nosso interesse neste trabalho.

Destacamos um trecho da fala de Walter Avancini:

⁵ <http://intervox.nce.ufrj.br/~cap-df/sorria.htm>

[...] Em princípio, deveria ser uma atriz negra ou mulata, mais autêntica, interpretando o personagem. Aí aconteceu aquele fenômeno. Não havia atriz preparada para isso. Eu fiz testes, pessoalmente, com aproximadamente 80 atrizes negras, com alguma possibilidade dentro do biótipo que era descrito, do Jorge Amado. E dei de frente com esta possibilidade. Seria realmente levar ao desastre se eu insistisse em colocar uma atriz negra não preparada. Seria o desastre da própria atriz negra, do próprio conceito das possibilidades do ator negro. Seria a reafirmação dos reacionários de que o ator negro não tem talento, quando, na verdade, ele não tem possibilidade cultural de preparação para enfrentar esse mercado artístico. A solução foi buscar um tipo brasileiro, que não fosse mulato e sim tipo caboclo. Eu acho que a Sonia Braga tem esse tipo brasileiro, ela é mestiça, ela tem todo o biótipo da mestiça e preparada [...].

Mais uma vez a questão: O que pensam de nós, mulheres negras, os homens brancos formadores de opinião? Como nos vêem? Nos vêem?

- Os meios de comunicação e as propagandas:

No meio da militância e, talvez, já no meio profissional e acadêmico, a constatação da ocultação da mulher negra como mulher é visível. Propagandas diversas omitem as mulheres negras, ignoram sua existência, não as levam em consideração.

- Uma certa estranha mania de ter fé na vida das mulheres negras que vemos, de perto ou de longe:

a) A desabrigada:

Lembramo-nos, nesta trajetória, de situações emblemáticas, como a de uma cena ocorrida em 1996, mês de fevereiro, após uma das repetidas catástrofes em consequência das fortes chuvas. Uma mulher negra, moradora de uma comunidade de favela, argüida por um repórter sobre o que ela iria fazer, após perder todos os seus pertences e casa, respondeu:

- Construir tudo de novo, ora!⁶

⁶ O grifo é nosso.

Assim como esta, várias e várias outras mulheres negras (sabemos que não estamos sós) são cotidianamente desafiadas a superar adversidades, a viver apesar da cultura da injustiça, a maximizar nossa capacidade de criação. Quantas histórias, quantas lutas, quanta força. Esta foi uma imagem veiculada pela mídia, que foi tão significativa, que mais uma vez, num momento significativo da nossa trajetória, vem à memória.

b) O relato de uma aluna negra, também professora:

Nos cursos de formação de professores em que atuamos, temos, como prática, solicitar a nossas alunas que escrevam, em duas laudas, uma espécie de memorial sobre suas trajetórias até a chegada ao curso. Semestralmente, temos nos surpreendido com tanta riqueza de vida. Vamos apresentar um memorial de uma aluna negra, moradora de comunidade de favela, como um exemplo significativo para este trabalho.

Em 28 de junho do ano de 1972, nasci em uma comunidade localizada no bairro da Tijuca, na cidade do Rio de Janeiro. Era costume naquele local os partos serem realizados por parteiras da própria comunidade. No momento em que eu nasci, foram furadas minhas orelhas. Recebi o nome de XXX por pedido de minha avó. Na minha família sou a única das meninas, que leva consigo o sobrenome do pai e da mãe.

Fui uma criança bastante doente, mas nem por isto triste ou menos levada que as minhas cinco irmãs, sendo eu a segunda de cima para baixo no degrau da “escadinha”. Cresci e o convívio com os livros de minha mãe, que era explicadora, me fizeram tomar gosto pelos estudos e, de tanto insistir, fui por ela alfabetizada com cinco anos.

A primeira escola em que estudei foi a Escola Municipal XXX onde cursei do Jardim de Infância até a quarta série. Dos cinco aos nove anos.

A segunda foi a Escola Municipal XXY e nela cursei da quinta à oitava série. Foi aí que me senti desafiada por uma realidade de diferenças ainda não experimentada como, por exemplo, o número maior de professores, a distância entre a escola e minha casa e estar longe de minhas irmãs, dentre outras. O Segundo Grau cursei no Colégio Estadual XYY, formação geral.

Minha vida profissional foi muito conturbada, pelo fato de ter de iniciar cedo para ajudar em casa. Já fiz várias coisas. Fui doméstica, entreguei folhetos na rua, fui balconista em padaria, fiz enxoval de quarto de bebê e, aos vinte e dois anos, eu e duas amigas abrimos uma creche

comunitária, com trabalho voluntário na comunidade onde resido até hoje. O nome de nossa era “Creche e Escolinha X”, inspirada num texto de Cecília Meireles. Nossa creche atendia a 50 crianças com idade de um a seis anos, em horário integral, das 07:00 às 17:00. Ela foi inaugurada no dia 29 de outubro de 1994.

Nosso trabalho era voluntário e as crianças contribuíam com uma taxa, que era revertida em alimentos e material de limpeza.

Essa experiência me fez participar de cursos de saúde e de recreadora, além de buscar melhorias e parcerias para assistirmos, com maior qualidade, a nossas crianças.

A SMDS⁷ passou a nos apoiar com alimentos.

Para me manter, me tornei explicadora de crianças de 1ª a 4ª série, utilizando uma sala à parte na hora do soninho da creche.

Quando nossa creche completou seis anos, aconteceu o projeto Favela Bairro da Prefeitura do Rio de Janeiro e construíram o Cemasi Creche X'. Participei do processo de seleção, obtive a maior nota no processo de seleção.

Trabalhei como recreadora durante um ano e meio. Surgiu, então, a oportunidade de participar de um curso de formação de professores alfabetizadores, e fiz o curso. Aconteceu um vestibular para funcionários de creche, um convênio – Estácio CESGRANRIO, sendo seis mil inscritos, concorrendo a mil bolsas de setenta por cento. Fiz, fui aprovada e iniciei o curso de Pedagogia (Gestão).

No trabalho, fui indicada pela coordenadora para substituí-la. Para a ONG, o cargo de coordenadora era o mesmo que a direção mais a coordenação.

Estive nesse cargo durante um ano e meio, até que a SME⁸, assumindo as creches, fez as substituições da coordenação pela direção, com professores da rede municipal.

Hoje sou recreadora em outra creche e desejo fazer pós-graduação em Psicopedagogia.

A partir desses fatos e desses relatos, surge a nossa necessidade de pesquisar imagens construídas e consolidadas nas relações sociais acerca da mulher negra por formadores de opinião brancos.

Enfim, este estudo não pretende se fixar na constatação da invisibilidade da mulher negra, mas quer investigar o pensamento por meio do qual homens brancos, produtores de imagens, pensamentos, palavras, opiniões, respaldam e fortalecem a ausência da mulher negra, como mulheres na sua plenitude. Entender os motivos, o

⁷ Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social.

⁸ Secretaria Municipal de Educação.

que se “passa na cabeça” dos seus idealizadores, o que os homens brancos, tradicionalmente os formadores de opinião, homens da mídia, escritores, atores, poetas, diretores de programas/propagandas etc. pensam a respeito das mulheres negras?

Justificativas

a) Implicação

[...] o engajamento pessoal e coletivo do pesquisador em e por sua práxis científica, em função de sua história familiar e libidinal, de suas posições passadas e atual nas relações de produção e de classe, e de seu projeto sócio-político em ato, de tal modo que o investimento que resulte inevitavelmente de tudo isso seja parte integrante e dinâmica de toda atividade de conhecimento (BARBIER, 1977).

Utilizando este conceito de implicação proposto por Barbier (1977), podemos dizer que a nossa *escolha* por esse estudo está subsidiada por várias influências recebidas: pelas leituras feitas (de escritos e de mundo); pelas vivências, escutas; por uma certa curiosidade; por muitas experiências significativas, enquanto professora, enquanto participante em movimentos político-sociais – em especial Negro e Anti-racista, enquanto cidadã e, principalmente, enquanto mulher negra. E pelas reflexões feitas e posições tomadas diante do quadro social brasileiro marcado pelas injustiças. O nosso corpo e nossos lugares neste mundo estão presentes na construção deste trabalho.

Escrever este texto é uma tarefa de superação de medos, inseguranças, dúvidas, preconceitos... É uma tentativa de superação de um fenômeno chamado “a profecia que se auto-cumprir”. O tempo todo, por mais que existissem pessoas com um olhar de acolhimento, um sentimento de “estranha no ninho” sempre nos acompanhou. E nos acompanha. O sentimento de “será que vou conseguir?”, foi

uma constante, com a qual nos debatemos nessa nossa trajetória. Portanto, se começamos assim, é para apresentar nossa perspectiva de trabalho: O CORPO como local de inscrição da nossa história e por onde, em forma de narrativa, escreveremos este trabalho. Um corpo atento, guerreiro, inseguro, lutador: um corpo em ação.

Pretendemos falar de corpos, de imagens de corpos, de como estes corpos são vistos e representados. Que imagens de mulher negra são apresentadas pelos formadores de opinião masculinos? Esta é a questão transversal desta pesquisa.

Consideramos necessário explicitar, assim, a implicação ou "engajamento pessoal e coletivo do pesquisador em e por sua práxis científica", na medida em que reconhecemos não haver processo de conhecimento sem tal engajamento e, portanto, não haver produção de conhecimento completamente neutra⁹. Há sempre um certo grau de envolvimento do pesquisador com o que ele pesquisa, e a possibilidade de ser objetivo não depende do fato de que o pesquisador passe a não se envolver, a deixar de lado o seu engajamento (o que seria impossível, de fato), mas depende, sim, de que este seu envolvimento seja explicitado, discutido e trabalhado abertamente, de tal modo que o pesquisador possa chegar a distinguir as ocasiões em que seu envolvimento leva a explicações e conclusões inadequadas. Trabalhar a implicação como engajamento pessoal e coletivo deveria ser uma condição necessária, em qualquer pesquisa, começando-se por explicitá-la. Bourdieu (1980, p.79-80) fala dessa necessidade, no processo de conhecimento realizado pelos sociólogos, dizendo que "nós deveríamos nos interditar de fazer sociologia, e sobretudo sociologia da sociologia, sem fazer previamente ou simultaneamente nossa própria sócio-análise – se é que isto seja jamais

⁹ 2. A respeito, ver Michel Löwy, *Ideologia e Ciências Sociais*, pp 88 a 90.

completamente factível". Este autor conclui que:

Os objetos da ciência social e a maneira de tratá-los mantêm sempre uma relação inteligível com o pesquisador definido sociologicamente, isto é, definido por uma certa origem social, uma certa posição na universidade, uma certa disciplina etc. [...] Não há, portanto, nada menos neutro sociologicamente [...] do que a relação entre o sujeito e o objeto.

Logo, o importante é saber como objetivar a relação entre o objeto, de modo que o discurso sobre o objeto não se reduza a uma simples projeção de uma relação inconsciente com o objeto. Entre as técnicas que tornam possível esta objetivação, está certamente todo o equipamento científico, sendo reconhecido que este equipamento mesmo deve ser submetido à crítica histórica, já que, a cada momento, ele é herdado da ciência anterior.

Estas considerações foram feitas no sentido de apresentar uma justificativa pela escolha do caminho a ser percorrido, das situações disparadoras e do desejo engajado de fazer esta busca, apesar de todas as intempéries.

As situações cotidianas apresentadas e as decorrentes questões que levantamos configuram uma problemática que, do ponto de vista sociológico, pode ser formulada em diferentes níveis. Devemos explicitar qual é esta problemática, procurando situá-la no nível em que nos parece necessário formulá-la.

A ciência social sempre esteve tropeçando no problema do indivíduo e da sociedade. Na verdade, as divisões da ciência social em psicologia, psicologia social e sociologia são, a meu ver, constituídas em torno de um erro inicial de definição. A evidência da individualização biológica impede-nos de ver que a sociedade existe sob duas formas inseparáveis: de um lado, as instituições que podem revestir a forma de coisas físicas, movimentos, livros, instrumentos, etc.; de outro lado, as disposições adquiridas, as maneiras duráveis de ser e de fazer que se encarnam no corpo (e que eu chamo de habitus). O corpo socializado (o que denominamos indivíduo ou pessoa) não se opõe à sociedade, é uma de suas formas de existência (BOURDIEU, 1980, p.29).

Recorremos a esta colocação de Bourdieu para poder abordar a nossa problemática no vasto campo das relações entre indivíduo e sociedade, definindo-a pela interrogação a respeito de como se produz esta forma de existir da sociedade,

que é o "corpo socializado", e quais são as conseqüências do processo de sua produção, quando o sujeito envolvido nele são os formadores de opinião e quando estão em jogo relações sociais marcadas pelo racismo/machismo.

A apresentação de situações cotidianas e questões específicas, tiradas de observações concretas, serviu-nos para delimitar de modo mais preciso esta problemática, encaminhando perguntas a respeito de certos aspectos da mesma problemática que são, em princípio, relevantes, considerando os formadores de opinião com quem lidamos e as relações racistas como se apresentam nos meios de comunicação.

Se, na mídia, os processos de produção e de reprodução do racismo e do machismo, com a conseqüente consolidação das desigualdades raciais, efetivam-se nas relações entre os vários integrantes da sociedade, é preciso investigar como alguns destes integrantes, justamente os que estão produzindo imagens na mídia, encarnam ou "incorporam" certos efeitos destas relações.

Ao aprofundarmos a vertente deste processo de produção, que seria a incorporação, no que se refere aos seus efeitos, quando estão em jogo relações marcadas pelo racismo e machismo, supomos que, como em geral acontece, as pessoas incorporam uma certa maneira racista-machista de ser, vindo a compor, então, uma das formas de existência desta sociedade racista-machista em que vivem. Neste caso, encarnar tal maneira durável de ser e se comportar implica, provavelmente, negar ou rejeitar outras maneiras possíveis de ser, por exemplo, a não racista/não machista. Como isto vem a acontecer? Como o racismo do branco em relação ao negro se forma, e qual é aí o papel da mídia? Que conseqüências isto tem, não só para os indivíduos, em sentido mais restrito, como também para o processo social de produção e reprodução das desigualdades raciais?

Surge, assim, a necessidade de sondar as imagens produzidas e veiculadas nas relações sociais. Estudar o que é incorporado, qual é a matéria com a qual se tece esta maneira durável de ser e de fazer. Não julgamos válido supor que o indivíduo forme imagens, em sua interioridade, ou em sua imaginação, ou seja, que a incorporação seja um processo puramente individual.

É necessário observar que falando de "imagem produzida" ou "imagem incorporada", entendemos algo por assim dizer imaterial, mas nem por isso exclusivamente "subjetivo". Embora imaterial, a imagem tem uma realidade concreta e uma eficácia sobre nós em ambas as suas faces – objetiva e subjetiva.

A imagem se realiza ao mesmo tempo em muitos olhares, lugares e acontecimentos – nos olhares e dizeres de quem "vê", nos olhares e dizeres das mulheres negras, marcada no corpo e na conduta das pessoas em relação, impressa em livros didáticos, revistas, jornais, brilhando na televisão...

É evidente que a definição da nossa problemática, através dessas questões, dará ênfase ao processo da incorporação de imagens, o que implica as suposições seguintes: na mídia (mas não somente aí), além de informações, adquirimos várias maneiras duráveis de ser e de fazer, em relações nas quais as imagens são, ao mesmo tempo, testemunho, matéria e fator de produção, imagens eficazes no que se refere à produção e à reprodução do racismo e do machismo. Neste sentido, pesquisar essas imagens significa estudar, através delas, uma das formas pelas quais se constitui e se consolida o racismo e o machismo nos meios de comunicação e, em última análise, na sociedade brasileira, já que a mídia é a instituição socialmente encarregada da formação de nossas gerações, nos moldes estabelecidos segundo os interesses das classes dominantes que, no caso da nossa

sociedade, tem cor¹⁰.

b) Cotidiano

EXU¹¹

Certa vez, dois amigos de infância, que jamais discutiam, esqueceram-se, na segunda-feira, de fazer-lhes as oferendas devidas.

Foram para o campo trabalhar, cada um na sua roça.

As terras eram vizinhas, separadas apenas por um estreito canteiro.

Exu, zangado pela negligência dos dois amigos, decidiu preparar-lhes um golpe à sua maneira. Ele colocou sobre a cabeça um boné pontudo que era branco do lado direito e vermelho do lado esquerdo.

Seguiu, depois, o canteiro, chegando à altura dos dois trabalhadores amigos e, muito educadamente, cumprimentou-os: “Bom trabalho, meus amigos!”

Estes gentilmente responderam-lhe: “Bom passeio, nobre estrangeiro!”

Assim que Exu afastou-se, o homem que trabalhava no campo à direita, falou para o companheiro: “Quem pode ser este personagem de boné branco?” “Seu chapéu era vermelho,” respondeu o homem do campo à esquerda.

“Não, ele era branco, de um branco de alabastro, o mais belo branco que existe!”

“Ele era vermelho, um vermelho escarlata de fulgor insustentável!”

“Ele era branco, trata-me de mentiroso?”

“Ele era vermelho, ou pensas que sou cego?”

Cada um dos amigos tinha razão e estava furioso da desconfiança do outro.

Irritados, eles agarram-se e começaram a bater-se até matarem-se a golpes de enxada.

Exu estava vingado!

¹⁰ Na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 1990, que antecederia o censo de 1991, o IBGE fazia com que os entrevistados respondessem a uma pergunta estimulada sobre sua cor com cinco opções: 1- branca, 2- parda, 3- negra, 4- indígena e 5- amarela. Com apenas estas cinco opções, o resultado da pesquisa ficou assim:

a- brancos:	55,3%
b- pardos:	39,3%
c- negros	4,9%
d- indígenas	sem dados.
e- amarelos	0,5%

¹¹ Intermediário entre os deuses do candomblé e os pobres mortais, Exu é senhor dos destinos, guardião dos caminhos e das encruzilhadas. Só ele pode facilitar a comunicação com os orixás e a ele são prestadas as homenagens iniciais em todas as festas de terreiro. Mas a fama que carrega é injusta – Exu nada tem a ver com o demônio da cultura ocidental. Dono de mistérios insondáveis, este mensageiro dos deuses concilia força, criatividade, poder e astúcia, mas pode se revelar também prestativo e protetor. Na África e entre os estudiosos do candomblé, Exu será sempre sinônimo de vida, liberdade e axé. <http://ilarioba.tripod.com/media/correio8-31-02.htm>

(VERGER, 1987, p.11-13)

O trabalhar a partir do cotidiano ancora-se, para nós, numa observação, numa escuta, num modo de percepção da realidade como uma fonte de saberes e conhecimentos. Certeau (1995;1996), Agnes Heller (1989) e Garcia (2003) potencializam este cotidiano teoricamente e, assim, nós nos sentimos desafiados(as) a vivenciar o olhar sensível, a percepção aguçada, um olhar de pesquisa em ação, no movimento da vida, nos fluxos do olhar pesquisador que nos constitui, que busca vivenciar e procura compreender a realidade.

Mas o que seria o cotidiano, de que cotidiano *falamos*?

Do cotidiano personificado por Exu, logo, criatividade, cisão, ousadia, simulação, dissimulação, sabedoria, astúcia, desejo, prazer, contradição, síntese, fluidez, insustentabilidade, liberdade, comunicação, vida.

Lugar de acontecimentos, de potência, de circularidade. Onde podemos perceber uma série de acontecimentos, de comportamentos, de investimentos nos tempos e espaços sociais, culturais, estéticos (Canevacci,1993). No cotidiano, a vida se faz presente, vemos sujeição, repetição, aceitação, invenção, contradição, reprodução, simultaneidade. Território de encontros, embates, paradoxos, avanços e recuos. Incapturável, imprevisível e invisível, é como um caleidoscópio – dependendo de como nos olhamos, movimentam-se imagens que se apresentam e, ainda que em flashes, algo de visível e previsível pode ser capturado. Território onde os opostos se cruzam.

O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo... O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. Não se deve esquecer este “mundo memória [...]”. É um mundo que amamos

profundamente, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres (CERTEAU, 1996, p.31).

Ao trabalhar na dimensão do cotidiano, defrontamo-nos com o desejo de compreender o que não é necessariamente compreensível: a complexidade. Neste processo de tentativa de compreensão, acabamos alargando o que é passível de compreensão e interpretação, ou seja, as redes cotidianas de relações sociais.

Ao trabalharmos com as interseções e interações cotidianas, somos por elas levadas e, assim estamos sempre em processos de escolhas de uns caminhos, desistência/abandono de outros. Vamos nos “deixando levar” pelas interações cotidianas, e acabamos nos deparando com possibilidades impensadas, com uma gama de informações e conexões que nos tira do solo e nos convida, nos obriga a um outro lugar da interpretação. Indagando sobre os mecanismos de ocultamento social e visibilizando, ou tendo a possibilidade de visibilizar as tessituras que compõem a/s realidade/s. Afinal, “o cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada” (CERTEAU, 1994, p.38).

A opção por trabalhar situações do cotidiano, as imagens, as produções dos formadores de opinião, mesmo as passadas, para nos é fundamental. Afinal:

A Vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias (HELLER, 1989, p.17).

Então, nesta perspectiva, para nós, o cotidiano nos possibilita ouvir/ver a multiplicidade de vozes, cores, tessituras que se entrelaçam, se sobrepõem, isolam-se, contrastam-se, interagem. As situações, como as cenas e imagens destacadas, foram captadas, capturadas nos nossos trânsitos, circulação na vida, logo, são

fundamentais pelo que nos possibilitaram ver, perceber e, sobretudo, trazer para nossa vida acadêmica.

c) Metodologia

Esta investigação se inscreve como ambivalente.

De um lado, nós nos investigamos enquanto mulher negra brasileira, falamos da nossa própria vida e da existência particular/geral. Muitas vezes, a abordagem de aspectos que nos são muito familiares, que fazem parte do campo do já compreendido, cria uma atmosfera desinteressante. Contudo, sentimo-nos desafiados quando abordamos o que para nós é sofrido ou inquietante e, mais uma vez, somos arrancados do solo do já sabido.

De outro lado, investigamos o exótico, o outro, os formadores de opinião brancos e suas produções.

Trata-se de uma pesquisa da ambivalência, do entrecruzamento, ou seja, de um lado temos a constatação/denúncia acerca do racismo e da formação da imagem das mulheres negras, e nesse aspecto pesquisamos o que nos é familiar. De outro lado, o desejo, a curiosidade de investigar, de ouvir o que pensam os formadores de opinião; para isto, pesquisamos o Outro, o diferente, o homem branco/claro.

d) Os suportes

Algumas leituras nos marcam, nos ressignificam, nos transformam. Outras afirmam-nos, outras transitam em vários aspectos. Nesse momento, achamos importante destacar o nosso percurso, os caminhos e encontros teóricos que nos alicerçam.

No nosso processo de abordagem metodológica e teórica, temos como suportes:

- Garcia (2003), que nos convida – como professora comprometida com as crianças das classes populares – a uma “*prática/teoria/prática*” comprometida com a transformação do mundo, num movimento de aproximação Ciência e Arte, numa perspectiva de valorização dos saberes cotidianos. Com ela, na teoria e na prática, a sabedoria das conversas, o diálogo de saberes contido nas cartas, nas diversas linguagens (musical, fílmica, plástica, matemática, científica, popular...).
- Muniz Sodré, com sua vasta produção crítica e literária, relacionada à nossa sociedade, vista como patrimonialista, excludente e discriminatória. Produção que tem como objetos de análise e reflexão fontes de referência como a antropologia, a filosofia, a história, o cinema, a psicanálise, a televisão, a publicidade, reportagens jornalísticas e também, a vida cotidiana. Sodré (1983) nos acena para a importância do mito, das narrativas míticas, continentes de lógicas sutis de formas de pensar.
- Serres (1993;1994), com a narrativa poética, com a mestiçagem filosófica, com a valorização dos saberes da literatura, do conto, das narrativas. O processo de engendramento, de unificação de saberes que o inventivo é capaz de fazer e as especializações não (1993, p.68).
- Canevacci (1996), com sua abordagem metodológica sincrética, de valorização de várias fontes, de um convite ao deslocamento, a encontros com o Outro, com a requisição a promover a escuta das várias vozes que uma pesquisa emana. A sedução ao perder-se no caminho, para encontrar-se, convoca-nos a nos deixar chamar pelo nosso objeto de pesquisa, que longe está da passividade.
- Morin (2004), com o cuidado para não coisificar o(s) objeto(s) estudado(s).
- Bell Hooks (1995) nos estimula à produção intelectual negra, a compartilhar nossos desafios e dificuldades, ao compromisso com temas emancipatórios para os negros e negras, em sintonia com nossos modos de ser, ver, estar no mundo. Produções

com vida, com sangue, com histórias e memórias pessoais, mais uma vez, as narrativas.

Ou seja, buscamos suportes para a análise, a explicação e a argumentação dos nossos processos metodológicos, sobretudo em relação ao material coletado. Afinal, quando trazemos uma citação, um mito, uma lenda, um poema, uma imagem, não os trazemos como adendo, apêndice, anexo, mas como conhecimento, destaque, saberes legítimos. Ora, quanta sabedoria um conto, um poema, uma canção, um ensaio, um jeito de andar, de sorrir, uma oração, uma dança, uma liturgia podem comportar!

Concluindo nossas justificativas, podemos dizer, mais uma vez que, do lugar em que escrevemos, em que pesquisamos, não parece existir outro caminho possível, outra abordagem metodológica mais importante que a de observar e assim encontrar sabedoria, valor, poderes-potência, conhecimento e informação na vida cotidiana, visibilizada ou não, ocultada ou não. Olhar o cotidiano e nele reconhecer saberes que, muitas vezes, não são legitimados pela academia, pela mídia, pelos aparelhos do Estado e, principalmente, pelas pessoas que fazem o cotidiano.

CAPÍTULO I - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Achamos importante iniciar este trabalho destacando que nossas referências são o mundo, uma sensibilidade, uma certa capacidade de observação construída, tecida durante toda uma vida.

Sem desejar cair no campo da vitimização ou do lamento, podemos dizer que neste trabalho nos referendamos:

- no olhar *partido* da mulher negra abandonada,
- em cada criança negra que não tem uma boneca à sua imagem e semelhança para brincar e para aprender a amar alguém à sua imagem e semelhança,
- nas lágrimas desconsoladas das mulheres negras que perdem seus bebês por erro ou negligência de um profissional que, ao ver um bebê negro morto, diz ou pensa: “menos um marginal”, ou “não tem problema”, ou é simplesmente insensível à humanidade negra,
- nas mães negras que criam seus filhos sozinhas e na busca de um parceiro e do seu desejo de se sentirem amadas, parem mais um, e mais um e, muitas vezes, crianças de pais diferentes,
- nas mães negras solitárias, ansiosas por amor, e das mães que têm amor, mas que anseiam por reconhecimento e realização por meio dos seus filhos.

Eis algumas delas, que não estão necessariamente nos livros, porque, talvez, quem os escreve não conhece essa outra realidade como potência, mas como carência.

Nesta vivência acadêmica marcada por uma constante tensão e por um sentimento de não pertencimento ao mundo da academia e, ao mesmo tempo, temos um compromisso com a produção intelectual e escrita de algo que nunca

vimos escrito e, especialmente, buscamos expressá-lo do jeito que aprendemos com o mundo, com o que nossos olhos, corpo, coração vêem. Nossas fontes são, também, nossas memórias e os objetos que nos convidam, e que nos chamam.

Tomando como inspiração as questões já colocadas anteriormente nesse trabalho, podemos dizer que, na busca de respostas – talvez transitórias e certamente incompletas, visto a multiplicidade e a complexidade da realidade social brasileira – partilharemos alguns dos nossos pressupostos, que funcionam como ancoradouro móvel, fluido e flexível:

1.1 - A existência do racismo, do machismo e do caráter conservador na mídia

Como estaremos submetendo o racismo e o machismo ao conceito de ideologia, iniciaremos fazendo uma breve reflexão acerca do que vem a ser ideologia, na nossa concepção.

Embora, no momento, a discussão acerca da categoria ideologia não esteja muito em voga (EAGLETON, 1997), este termo apresenta uma grande variedade de significados como, ainda segundo Eagleton (op. cit, p.15-16), podemos observar com as definições destacadas:

- a) o processo de produção de significados, signos e valores na vida social;
- b) um corpo de idéias característico de um determinado grupo ou classe social;
- c) idéias que ajudam a legitimar um poder político dominante;
- d) idéias falsas que ajudam a legitimar um poder político dominante;
- e) comunicação sistematicamente distorcida;
- f) aquilo que confere certa posição a um sujeito;
- g) formas de pensamento motivadas por interesses sociais;
- h) pensamento de identidade;
- i) ilusão socialmente necessária

- j) a conjunção de discurso e poder;
- k) o veículo pelo qual atores sociais conscientes entendem o seu mundo;
- l) conjunto de crenças orientadas para a ação;
- m) a confusão entre realidade lingüística e realidade fenomenal; oclusão semiótica; o meio pelo qual os indivíduos vivenciam suas relações com uma estrutura social;
- n) o processo pelo qual a vida social é convertida em uma realidade natural.

Utilizaremos o conceito de ideologia da Marilena Chauí, como referencial para pensar o racismo. Submeteremos o racismo e o machismo ao conceito de ideologia. É uma opção, talvez mais dura, mais rígida, no entanto, como estamos tratando, em última instância, do comportamento humano, das ações humanas repercutidas na mídia, circunscritas à mídia, podemos dizer que estamos diante de uma das tensões das Ciências Humanas: a conceituação, dentro do campo previsibilidade, da solidez e da durabilidade. Não estaremos “pecando”, mas tentando nos sustentar, onde sentimos mais segurança. Também, dialogaremos com as concepções produzidas por Sodré (1983 e 1988).

Vamos ao desafio:

Ideologia, segundo Chauí (1980, p.24-27):

Um corpus de representa es e de normas que fixam e prescrevem de antemão o que se deve e como se deve pensar, agir e sentir.

A ideologia predetermina e pr -forma os atos de pensar, agir e querer ou sentir, de sorte que os nega enquanto acontecimentos novos e temporais.

O corpus assim constituído tem a finalidade de produzir uma universalidade imaginária, pois, na realidade, apenas generaliza para toda a sociedade os interesses e o ponto de vista particulares de uma classe: aquela que domina as rela es sociais.

Sua eficácia depende de sua capacidade para produzir um imaginário coletivo, em cujo interior os indivíduos possam localizar-se, identificar-se e, pelo auto-reconhecimento assim obtido, legitimar involuntariamente a divisão social.

É fundamental que ela possa representar o real e a prática social através de uma lógica coerente.

A coerência é obtida graças a dois mecanismos: a lacuna e a “eternidade”.

Uma lógica de dissimulação e uma lógica de ocultação.

Utilizaremos, como analogia para compreender o conceito de ideologia e de racismo, a representação do Sistema Solar:.



Figura 2

A representação do sistema solar é muito interessante para se refletir sobre ideologia, pois esta representação acaba por determinar nossa vida, nossa hora de almoçar, dormir, trabalhar, nossos dias, nossas noites, nosso tempo de vida...

Essa representação, esta cosmovisão determina nossa vida ocidental. Produz uma universalidade imaginária. Parece que estamos diante de uma verdade inquestionável, imutável e nos esquecemos de outras possibilidades e formas de ver o cosmo, a vida, o cotidiano, o dia, a noite, os astros, ou vemos as outras formas

como marginais, periféricas, subvisões, mesmo, muitas vezes, para os que crêem em outras possibilidades.

É fantástico como este simples exemplo é emblemático. Esta visão dominante justifica o quê? A dominação de classe? Na nossa opinião, a dominação da ciência. Há uma coerência, uma racionalidade na ciência que acena para uma verdade duradoura, eterna, naturalizada. O sistema solar como possibilidade de compreensão do que vem a ser ideologia, ou como exemplificação do conceito, permite-nos refletir sobre ideologia no seu caráter de universalização do particular. Esta visão de sistema solar, parece ser *a* visão e não *uma* visão, parece ter sido sempre assim e oculta as lutas e exclusões que a história nos apresenta para que esta visão impere. Ou seja, aceitando-se esta visão, não nos ocupamos de outros problemas, como as contradições e brigas entre a ciência e a religião, entre as diversas comunidades científicas, ocultam-se outras formas e possibilidades dos seres humanos representarem seu real... Hierarquizam-se, por exemplo, outras formas de representar o real, outras formas de visão de mundo, como o cosmocentrismo, visão de mundo segundo a qual não há separação ser humano – natureza, e somos determinados pelo cosmo, somos o cosmo, somos natureza, visão de mundo predominante na Idade Antiga. Subestimam-se as visões de mundo teocêntricas, predominantes na Idade Média, quando se dizia, de modo hegemônico, que éramos determinados pela vontade de Deus, em nome da visão e todo um aparato que a acompanha, de que a Terra (e o ser humano) gira em torno do Sol e do seu próprio eixo.

Esta visão consolida o antropocentrismo, traduz-se como um *corpus* de representação muito interessante, pois é fundante da cosmogonia ocidental moderna: Não somos determinações do cosmos nem de Deus, mas giramos em

torno do Sol e de nós mesmos. Nesta direção, somos livres, sujeitos da nossa própria ação e destino, individuais, descobridores e estudiosos, pesquisadores da natureza, inclusive a humana, somos antropocêntricos e tudo, tudo é passível do nosso controle, descoberta, catalogação, investigação, estudo, tudo pode estar sob a égide da ciência, da razão, da previsibilidade, da técnica, inclusive, nós mesmos, os seres humanos.

Posto isto, nos ancoramos, agora em Muniz Sodré, quando conceitua ideologia: “[...] ideologia é a forma moderna das relações de poder sobre o sentido do Ocidente” (1983, p.54). “É a lógica de objetivação do mundo, que hoje opera com códigos hiperracionalistas, em favor da reprodução cultural da força de trabalho e das relações de produção” (1988, p.10).

Ora, com o antropocentrismo, o capitalismo, as ciências humanas, o liberalismo, a hegemonia da racionalidade e da ciência: a “vitória” do homem ocidental cristão. Com o antropocentrismo, a afirmação de uma mentalidade quantificadora e de uma racionalidade instrumental. Com o antropocentrismo, o fortalecimento e a consolidação da vocação da civilização greco-cristã-ocidental, para uma medição universal de todas as coisas, inclusive a si mesmo. O Ser Humano Ocidental se institui à medida de todas as coisas.

As evidências aparecem no comércio, com o controle minucioso de receita e despesa pela contabilidade, em substituição à memória do comerciante; na música, com a representação gráfica dos sons, que altera os caminhos da composição e do canto; na pintura, com a precisão geométrica da perspectiva; no tempo, com a cronometria rígida dos relógios; no espaço, com o ordenamento técnico dos mapas e dos instrumentos de navegação (SODRÉ, op. cit.).

Observar como o homem ocidental burguês se coloca como o centro do mundo, mais do que numa dimensão antropocêntrica, mas egocêntrica, auto-centrada, auto-referente, nos ajuda a compreender ideologia, racismo, machismo...

Ajuda-nos a entender, na nossa sociedade, porque a imagem do homem/mulher branco(a), por exemplo, é referência na mídia, porque a língua padrão (escrita ou falada) é a do colonizador, porque as manequins brancas, magras e loiras se transformaram em modelos, inclusive este tipo de biótipo é chamado, por alguns, como **beleza internacional**.

A expansão mercantilista dos séculos XV e XVI educou um olhar que diferenciava corpos de senhores e escravos, de brancos e negros. O pensamento burguês, tendo como referência essa distinção, contribuiu para a noção moderna do corpo como propriedade individual e estimulou a formação de categorias para ordenar a leitura do corpo conforme o poder de interferência da classe e do indivíduo. Paralelamente à ascensão da ideologia burguesa, observa-se que os desdobramentos da Revolução Industrial tornaram visíveis os corpos-operários, consumido na faina cotidiana, contrastando-os com os corpos-burgueses bem-sucedidos, limpos e perfumados (PEREIRA; GOMES, 2001, p.212).

Mais uma vez, podemos afirmar que estamos diante de um processo sócio-histórico de construção de aparatos de dominação, exclusão, hierarquização das diferenças do humano.

Voltando ao nosso sistema solar:

O Sol seria o padrão, o centro, e os seres humanos estão colocados ao seu entorno, de modo que a proximidade se dá por semelhança. Ou seja, quanto mais próximo se estiver do Sol, melhor é o ser humano, em luminosidade, luz, energia, isto quando o ser humano ideal não for o próprio sol. Quanto mais distante do Sol, menos humano se é. Coincidentemente, branco significa na rubrica óptica: “cor produzida por reflexão, transmissão ou emissão de todos os tipos de luz conjuntamente, na proporção em que existem no espectro visível completo, sem absorção sensível, sendo, assim, totalmente luminoso e destituído de qualquer matiz

distintivo.” E negro, também na rubrica óptica, significa o “que absorve todos os raios luminosos visíveis incidentes”¹².

Esta analogia nos permite fazer uma relação com a sociedade brasileira, na qual os homens brancos, descendentes de europeus ou euro-norte-americanos, em todo um aparato visual e simbólico, ocupam o ápice da pirâmide da humanidade.

O racismo e o machismo podem ser explicados, dentro desta perspectiva, de modo bem simples: há um entendimento compartilhado de que entre os seres humanos existem diferenças, no caso do racismo, raciais, e no caso do machismo, de gênero. Ora, nega-se o que a própria idéia dominante diz, ou seja, o que existe é a raça humana. Ao subentender-se a existência de divisão dos grupos humanos em raças distintas, hierarquizam-se estas diferenciações. Ao se dividir, se estabelece uma pirâmide do “melhor, da ‘melhor raça’ humana para a “pioir”. O mesmo no que se refere às mulheres: evidencia-se a diferença visível entre os sexos e se hierarquiza esta diferença, com vistas a justificar as discriminações, relações de poder etc.

Racismo

“Ideologia é o mito que não mais se deixa narrar” (SODRÉ; 1983, p.62).

Apresentaremos três histórias-mitos. Duas do repertório afro-brasileiro e uma do repertório indígena. A intenção é visibilizar estas histórias, cuja estrutura, dinâmica, perspectiva e forma insinuam, anunciam uma diferença, ou diferenças de visão de mundo, de modo de expressão do mundo, de coerência. E o mais interessante é que coexistem com a visão dominante, com a lógica dominante. Quebram-se a lógica, a expectativa do *corpus* de representações e normas, que prescrevem como devemos agir, pensar e sentir: o bem e o mal, o sacrifício, a vida

¹² <http://houaiss.uol.com.br>

que se alimenta de vida, o verter sangue, a diferença entre mundo e universo, a gratidão... uma profusão de possibilidade de reflexão-ação. No entanto, mesmo estas histórias que, se bem ouvidas, demonstram uma, ainda que mínima, adequação a esta lógica dominante de ser ocidental. Ou seja, essas histórias estão publicadas, e se adequaram, assim, à estrutura de norma padrão da escrita. Assim como essa, outras histórias, outros mundos possíveis existem. Cremos que são histórias para ouvir, não para ler, mas no contexto:

Exu ajuda Olofim na criação do mundo:

Bem no princípio, durante a criação do universo, Olofim-Olodumare reuniu os sábios do Orum para que ajudassem no surgimento da vida e no nascimento dos povos sobre a face da Terra.

Entretanto, cada um tinha uma idéia diferente para a criação e todos encontravam algum inconveniente nas idéias dos outros, nunca entrando em acordo.

Assim, surgiram muitos obstáculos e problemas para executar a boa obra a que Olofim se propunha.

Então, quando os sábios e o próprio Olofim já acreditavam que era impossível realizar tal tarefa, Exu veio em auxílio de Olofim-Olodumare.

Exu disse a Olofim que, para obter sucesso em tão grandiosa obra, era necessário sacrificar cento e um pombos como ebó. Com o sangue dos pombos, se purificariam as diversas anormalidades que perturbam a vontade dos bons espíritos.

Ao ouvi-lo, Olofim estremeceu, porque a vida dos pombos está muito ligada à própria vida. Mesmo assim, pouco depois sentenciou: "Assim seja, pelo bem de meus filhos". E pela primeira vez se sacrificaram pombos.

Exu foi guiando Olofim por todos os lugares onde deveria verter o sangue dos pombos, para que tudo fosse purificado e para que seu desejo de criar o mundo fosse cumprido. Quando Olofim realizou tudo o que pretendia, convocou Exu e lhe disse:

"Muito me ajudaste e eu bendigo teus atos por toda a eternidade. Sempre serás reconhecido, Exu, serás louvado sempre antes do começo de qualquer empreitada"¹³.

¹³ Prandi, Reginaldo. Mitologia dos orixás. São Paulo – Cia das Letras, 2001-44-45

lemanjá ajuda Olodumare na criação do mundo

Olodumare-Olofim vivia só no Infinito, cercado apenas de fogo, chamas e vapores, onde quase nem podia caminhar. Cansado desse seu universo tenebroso, cansado de não ter com quem falar, cansado de não ter com quem brigar, decidiu pôr fim àquela situação. Libertou as suas forças e a violência delas fez jorrar uma tormenta de águas.

As águas debateram-se com rochas que nasciam e abriram, no chão, profundas e grandes cavidades.

A água enche as fendas ocas, fazendo-se os mares e oceanos, em cujas profundezas Olocum foi habitar. Do que sobrou da inundação se fez a terra. Na superfície do mar, junto à terra, ali tomou seu reino lemanjá, cujas algas e estrelas-do-mar, peixes, corais, conchas, madrepérolas. Ali nasceu lemanjá em prata e azul, coroada pelo arco-íris Oxumaré.

Olodumare e lemanjá, a mãe dos orixás, dominaram o fogo no fundo da Terra e o entregaram ao poder de Aganju, o mestre dos vulcões, por onde ainda respira o fogo aprisionado.

O fogo que se consumia na superfície do mundo eles apagaram e, com suas cinzas, Orixá Oco fertilizou os campos, propiciando o nascimento das ervas, frutos, árvores, bosques, florestas, que foram dados aos cuidados de Ossaim.

Nos lugares onde as cinzas foram escassas, nasceram os pântanos e nos pântanos, a peste, que foi doada pela mãe dos orixás ao filho Omulu.

lemanjá encantou-se com a terra e a enfeitou com rios, cascatas e lagoas. Assim surgiu Oxum, dona das águas doces. Quando tudo estava feito e cada natureza se encontrava na posse de um dos filhos de lemanjá, Obatalá, respondendo diretamente às ordens de Olorum, criou o ser humano. E o ser humano povoou a terra. E os orixás pelos humanos foram celebrados.¹⁴

É importante observarmos a presença de uma integralidade, um diálogo entre supremo e o humano, as criações que se tornam parceiras na continuidade da construção do novo. O poder está no coletivo. A coletividade parece ser m princípio básico e fundamental..

¹⁴ Op. Cit:380-381.

História do Povo Kulina

Com os nossos antepassados aconteceu assim. Eu vou contar para vocês.

Antes de existirem mulheres, havia dois homens. Chamavam-se Vinãã e Inukiarã. Só existiam esses dois homens.

Essa geração fez plantio com muita dificuldade. Plantaram mandioca e banana. Só se alimentavam de coisas da mata. Comiam coco de uricuri e jarina, sem nenhuma carne. Era muita dificuldade.

Quando terminaram de fazer esse plantio, saíram para caçar para tentar matar algum bicho para comer. Combinaram que eles voltariam quando o roçado estivesse maduro, mais ou menos três meses depois. Nesse período, eles deveriam viver comendo só frutos do mato: pama, uricuri, jarina, coco de jaci etc.

Quando lês já estavam de volta da caçada, dormiram no acampamento perto do plantio deles. Então, Vinãã combinou que iria até o plantio para ver como estava. Inukirã ficou para fazer o tapiti, enquanto Vinãã ia ver o plantio. Inukirã recomendou a Vinãã que não mexesse e comesse de nada enquanto estivessem os dois juntos.

Quando Vinãã chegou no plantio, o milho já estava secando. O milho já estava para comer. Sentia-se alegre e experimentou comer uma espiga. Se esqueceu do que tinha recomendado Inukirã: tirou a folha, comeu e jogou o sabugo. Depois foi encontrar Inukirã.

Chegando no acampamento, Inukirã perguntou como estava o plantio. Ele respondeu que estava bom, que a roça tinha muito mato e que o milho já estava maduro e secando as espigas. Inukirã perguntou se estava já bom de fazer pamonha, se estava verde. E perguntou se ele tinha mexido e comido alguma coisa. Vinãã não respondeu, ficou calado. Ele pediu então para Vinãã mostrar os dentes. Então, ele achou um pedaço de milho nos seus dentes.

Inukirã ainda perguntou uma segunda vez se ele tinha comido alguma coisa, mas Vinãã sempre negava.

Então, ele disse:

- Você comeu e quase me enganou! Podia ter dito que tinha comido, mas preferiu me enganar. Eu vou tirar seus beijos.

Inukirã mordeu os beijos do Vinãã. Mordeu até que tirou os beijos fora. Fez cócegas nele por todo canto e falou assim:

Vai embora, mentiroso – e empurrou ele.

Na hora que Vinãã foi dormindo, virou um passarinho chamado NiSaputa, um passarinho que adivinha caça.

Depois que virou passarinho, Vinãã passou a ser um sinal na mata. Se ele canta do lado direito, é uma caça que a gente vai matar. Se canta do lado esquerdo, é uma caça que a gente vai espantar ou alguém que está chegando em casa.

Inukirá dormiu no acampamento e no dia seguinte foi ver como estava o plantio. Quando foi andando, chegou na casa dos Kulina. Estavam só as mulheres em casa.

Ele perguntou duas vezes quem eram elas. Ele já estava pensando em namorar com uma das mulheres Kulina, pois os homens estavam caçando. Mas ele nunca tinha tido uma relação com uma mulher, nunca tinha namorado.

Os Kulina neste tempo não usavam roupas. Ele podia ter encontrado alguma nação que usasse roupa, mas encontrou os Kulina. Então, ele combinou com a mulher, mas não conseguiu namorar, porque não sabia. Só na segunda vez foi que conseguiu. Conseguiu namorar mais outra também e saiu.

Quando ele saiu, os homens chegaram. Ele encontrou os homens Kulina assim que estava saindo. Então, eles conversaram. Depois passaram a morar juntos.

Os nossos antepassados viveram assim nessa geração junto com os Kulina.¹⁵

Destacamos essas três histórias, três lendas, três mitos como uma apresentação de outras possibilidades de viver o mundo, para além da ideologia, para além da racionalidade, para além da ciência. São histórias vivas, que habitam o cotidiano e o imaginário de muitos brasileiros. São histórias, narrativas, fragmentos culturais que sinalizam outras possibilidades de apresentação, de modos de sentir, agir, pensar, saber não marcados pela égide ideológica da mentalidade ocidental, moderna, capitalista.

Por exemplo, o mito nas sociedades arcaicas é algo acima do próprio homem, uma relação que enfim o precede e é a partir do mito que o ser humano explica sua conduta cotidiana, o que faz que a narrativa mítica tenha um forte lastro ético e moral.

Embora Mircea Eliade não tenha debruçado sobre uma mitologia africana, sua leitura é perfeitamente cabível para se entender as relações sagradas, tanto na África como no contexto brasileiro. No caso dos afro-descendentes, o mito é uma

¹⁵ Shenipabu miyui – história dos antigos. Comissão Pró-Índio do Acre (Kaxinawá), p. 145-146.

poderosa referência, pois ele permite uma forma de negociação entre seres humanos e deuse(a)s. A negociação que se fala processa-se a partir do rito, que deve ser entendida como um instrumento de dramatização do mito. O mito é encenado nos ritos públicos e privado, por exemplo, do candomblé remetendo ao que Mircea Eliade entende como uma dimensão primordial, uma outra dimensão temporal, através da qual se abre um contato entre homens e deuses.

Há um mito de Exu que é bastante ilustrativo nesse sentido: segundo o mito havia uma enorme seca sobre a Terra e um agricultor resolveu consultar um adivinho que então prescreveu uma oferenda para Exu, que deveria ter entre seus elementos principais um galo preparado com muita pimenta. Exu quando comeu o que lhe havia sido ofertado, ficou com a boca ardendo em fogo, e para matar a sede abriu as torneiras do céu. Assim, choveu durante dias, mas um outro problema surgiu, foi que a chuva não parava de cair e estava comprometendo a colheita, por isso o agricultor foi aconselhado pelo adivinho a oferecer um outro galo, só que desta vez deveria ser na medida certa, com o tempero ajustado, o que Exu recebeu de bom grado e as torneiras do céu foram fechadas e a vida voltou à normalidade. Como se percebe o entendimento do mito pelo adepto permite a ele uma série de atos, ajustes. Esse mito também é ilustrativo para se entender uma das faces da cultura afrodescendente, que é aquela que valoriza a negociação, o acerto e a dimensão de se utilizar as brechas da cultura dominante para garantir a cultura do oprimido. A capoeira segue de alguma forma essa lógica, quando o capoeirista se utiliza do golpe do opressor para construir seu próprio golpe, se utiliza do corpo do outro para criar sua tática de defesa.

O mito serve como uma forma de se sair de uma situação difícil ou aparentemente inexpugnável, como era a escravidão. Enquanto uma realidade

metafísica se coloca além do que se convencionou chamar de real ou concreto para o Ocidente, o mundo dos deuses se coloca como capaz de interferir na realidade dos homens.

Apresentamos estes mitos porque acreditamos, assim como Serres (1994, p.174) que:

[...] todos os saberes se equivalem, nenhum tem a primazia sobre os outros: aplica-se a mesma regra aos homens e ao que eles sabem: por mais miserável e ignorante que [...] se apresente, ele pode, pelo menos, ensinar [...] a miséria, informação tão preciosa que não se encontra dela nenhuma explicação nem descrição em nenhum livro, a não ser inspirado.

Nossa intenção é a de submeter o conceito de racismo à categoria Ideologia, porque, pelo viés da ideologia, cremos ser mais fácil pensar/compreender o racismo na sua capilaridade. Pelo caminho da ideologia, é possível, perceber o mecanismo de penetração do racismo por toda a sociedade, como se fossem vasos sangüíneos. Como algo que perpassa, penetra, adentra não só os espaços macro mas, também, os microssociais.

O racismo como ideologia e, conseqüentemente, como aparato de dominação, acaba por produzir, com a hierarquização das diferenças humanas, uma subumanização. Explicando, melhor, o negro (afro-brasileiro) acaba por ser considerado, tratado, visto, sentido como subumano. Abaixo desta subumanização do homem negro – afinal nossa sociedade é machista e elitista – encontra-se a mulher negra:

O estudo, feito com base em dados da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), aponta que as mulheres ganham metade do que os homens (R\$ 270,33 contra R\$ 541,44), uma mulher branca ganha quase o dobro de uma mulher negra (R\$ 350,62 contra R\$ 189,48) e mais que um homem negro (R\$ 315,24). Em geral, enquanto os brancos ganham R\$ 525,64, os negros recebem R\$ 270,33, menos que a metade. A diferença entre os homens brancos (R\$ 723,55 mensais) e as mulheres negras (R\$ 189,48) é de 3,8 vezes. Apesar de serem 46,1% da população brasileira, as pessoas consideradas de cor

preta e parda são 62,3% dos pobres do país

A diferença na remuneração é agravada por um problema anterior. Os negros têm em média 1,6 ano a menos de estudo que os brancos (4,3 e 5,9 respectivamente) — número que significa 30% da média de anos de estudos no Brasil. A diferença é maior ainda entre mulheres brancas e negras: 1,8. E enquanto os brancos formam 7,5% dos analfabetos com mais de 15 anos, os negros somam 17,2%.¹⁶

Aqui vale destacar que nos apoiamos na concepção de elite cunhada por Sodré (1999, p.243), que diz serem: “os grupos e as instituições com acesso diferenciado a mecanismos geradores de poder, tais como renda, emprego, educação e força repressiva.” O racismo é uma construção sócio-histórica tecida ao longo dos séculos, na perspectiva da exclusão, da dominação, na justificativa da apartação e hierarquização humana. O racismo não é natural, não é intrínseco ao ser humano, às pessoas. Aprendemos a ser racistas, a reproduzir e produzir o racismo, logo, se é assim, também podemos aprender a não ser racistas, a não produzir e não reproduzir o racismo.

Mais uma vez ancoramo-nos em Sodré (1999, p.258), quando ele destaca que “considerar o racismo não só um fator poderoso na produção da exclusão social, mas principalmente o mecanismo civilizatório (portanto ocidental e cristão) de rejeição existencial, ou seja, consciente e subconsciente, da alteridade”. Dessa forma, estamos associando, articulando, racismo – ideologia. O racismo, nesta direção, engendra-se numa “hiperracionalização sistemática dos juízos de valor positivos sobre a civilização ocidental, que se reforça na medida em que se fortalecem os seus mecanismos racionalizantes (tecnologia, ciências), essencializando ou naturalizando a cultura” (SODRÉ: op. cit, p.259).

¹⁶ <http://www.pnud.org.br/raca/reportagens/index.php?id01=1095&lay=rac> (04.04.2005)

O olhar que legitima o racismo e o silêncio que fortalece a existência de toda uma proposta política que acaba por favorecer uns em detrimento de outros – no caso, favorecer pela naturalização dos lugares sociais dos descendentes de europeus ou, fenotipicamente falando, identificados com esses grupos, legitimando a exclusão, a marginalização dos afro-brasileiros, os negros – estão subsidiados por uma visão de mundo hegemônica: a visão de mundo judaico-cristã, capitalista, tecnocrata, burguesa...

É um processo perverso, pois quando vira cultura – ou seja, o que é cultivado, repetido, naturalizado – adquire um valor social, que perpassa a sociedade, o cotidiano social e produz o que se chama de “a profecia que se auto-cumpre”, na medida em que o excluído acaba por cumprir a profecia que a sociedade lhe imputa, acaba por se localizar, se reconhecer, se naturalizar no local predeterminado, prefixado pela ideologia do racismo.

O outro, o racista ou marcado pela ideologia racial, por afirmar o racismo, passa por algum mecanismo perceptivo, uma espécie de *ponto cego*¹⁷ consciente ou não, pois olha, se relaciona com, no caso o/a negro/a (afro-descendente de cor escura) e não o/a reconhece em competência, em valores, em sabedoria, em humanidade igualitária. Aquele que discrimina, o racista, o preconceituoso, edita as ações, o comportamento, ao seu modo de ver, pensar e sentir relativo ao Outro diante dele. Suas expectativas frente ao discriminado ficam, de um lado, aquém da pessoa discriminada, ou então, além da sua possibilidade humana, num nível de exigência ora muito baixo, ora altíssimo...

¹⁷ "Ponto Cego" é onde todos os neurônios se juntam e o nervo óptico leva a informação do olho até o cérebro. Esta área não tem fotorreceptores. Se um raio de luz penetra seu olho e é focalizado nesta área, o cérebro não recebe nenhuma informação.
<http://www.vizibelli.com.br/pontocego.shtml>

Vamos a um exemplo:

Dandara¹⁸ foi fazer uma prova de seleção para o doutorado numa instituição particular, reconhecida pelo seu nível de qualidade e elitização. No dia, ao chegar no local da prova, dirige-se ao setor de informações e pergunta onde seria a prova de doutorado. O profissional responde que a prova de mestrado seria na sala X. A candidata novamente o interroga, dizendo tratar-se do doutorado. A resposta foi igual a anterior.

Ao se dirigir à sala, na tentativa de lá se informar, teve êxito e foi encaminhada à sala da prova. Como havia muitos candidatos ao mestrado, os candidatos ao doutorado foram encaminhados a outra sala que seria compartilhada pelos dois grupos de candidatos: mestrado e doutorado.

Quando o professor de pós distribuiu a prova, entrega a candidata a prova de mestrado. A mesma diz tratar-se de prova de doutorado, ele se desculpa e troca a prova.

O mesmo professor, na hora de passar uma listagem de presença, entrega à candidata a listagem dos candidatos ao mestrado. Mais uma vez a candidata diz tratar-se de doutorado.

No final, quando a candidata entrega sua prova, este mesmo professor coloca a prova no grupo das provas de mestrado. Mais uma vez, a candidata sinaliza o equívoco e o professor faz o acerto com um lacônico pedido de desculpas, acompanhado de um sorriso.

Com certeza, aquele professor jamais se consideraria um racista, inclusive escreve sobre a temática racial.

¹⁸ Nome fictício.

Imaginemos os alunos e alunas cotistas das universidades públicas diante de um(a) professora(a) marcado(a) pela ideologia da meritocracia e darwiniana de que o melhor sobrevive. Como ele(a) verá esta pessoa, aluna(o)? Temos muitos exemplos tirados do cotidiano brasileiro.

Dessa ação, deliberada ou não, em relação, no caso aos negros e negras, pode, e muitas vezes ocorre, a internalização de imagens negativas de si-mesmo. (MUNIZ, 1999, p.235).

Muitas vezes, não sabemos mais quem somos, como devemos agir, tamanha a pressão. Nesta linha de raciocínio, podemos, intuir como se sente um ser humano, cindido, dividido entre dois mundos, tentando sobreviver num cotidiano marcado pelo racismo:

[...] ele cria novos problemas, pois a posse de duas línguas não é somente a de dois instrumentos. Participa-se de dois reinos psíquicos e culturais distintos e conflitantes. A língua que é nutrida por sensações, paixões e sonhos, aquela pela qual se exprimem a ternura e os espantos, a que contém, enfim, a maior carga afetiva, é precisamente a menos valorizada. A língua do colonizado não possui dignidade nenhuma no país e nos concertos dos povos. Se o negro quiser obter uma colocação, conquistar um lugar, existir na cidade e no mundo, deve primeiramente dominar a entranha de seus senhores. No conflito lingüístico em que ele se move, sua língua original é humilhada, esmagada. E esse desprezo objetivamente calculado acaba por impor-se ao colonizado. Começa a evitar sua própria língua, a escondê-la dos olhos dos estrangeiros e não parecer à vontade no manejo da mesma. (MUNANGA, 1986).

O pior é que, a despeito de uma significativa bibliografia sobre o assunto, ou seja, do racismo e suas variantes – relações raciais, étnicas, racialismo, etnicismo – do combate intelectual ou político do fenômeno racismo, ele *difrata-se em formas múltiplas* (SODRÉ, 1999, p.259), se mantém, se revitaliza e continuamos diante de uma imperiosa necessidade de compreendê-lo e enfrentá-lo para erradicá-lo.

Fenômeno que, por um lado, tem uma longa história, sobretudo se tomarmos o etnocentrismo como sua base (PEREIRA, 1996, p.20) e destacarmos na história da humanidade várias situações emblemáticas de sua manifestação: Escravização da população Africana, Apartheid da África do Sul, Nazismo e 2ª Guerra Mundial, os sistemas de castas na Índia, a classificação dos povos como bárbaros... Por outro lado, esta longa história, de mil facetas, não pode servir de justificativa para naturalizá-la, afinal, estranhar a diferença, o desconhecido, o Outro, o diferente de nós é muito diferente de excluí-lo, eliminá-lo, segregá-lo ou matá-lo.

Apresentaremos, como ilustração da sua polissemia, algumas definições de racismo:

[...] designa um comportamento de hostilidade e menosprezo em relação a pessoas ou grupos humanos cujas características intelectuais ou morais, consideradas 'inferiores', estariam diretamente relacionadas a suas características 'raciais', isto é, físicas ou biológicas (BORGES, MEDEIROS E D'ADESKY; 2002, p.48-49).

O racismo é um sistema de opressão da diferença marginalizada. Nesse sistema cada etapa se apóia, se nutre e se sustenta na outra. Trata-se da opressão de grupos raciais, tipos físicos ou grupos étnicos, por serem diferentes do modelo estabelecido pelo opressor como padrão ideal. O ideal de beleza física, de cultura, o modelo padrão, é definido e estabelecido pelas elites dominantes (TEORORO, 1999, p. 98).

Racismo é uma ideologia, ou seja, um conjunto articulado de cultura, valores, posturas, comportamentos de um grupo (um pequeno grupo), que amplamente disseminado – embora de forma oculta ou subliminar – torna-se um pensamento social, uma forma de ver e explicar a vida e a realidade (PAULA, 2005, p.89).

Uma ideologia que defende a hierarquia entre grupos humanos, classificando-os em raças inferiores e superiores.

[...] a ideologia racista é um conjunto de idéias utilizado para explicar determinada realidade, no caso, as desvantagens dos negros em relação aos brancos (BENTO, 1998, p.25).

A palavra racismo, em sua acepção corrente, designa dois domínios diferentes da realidade: trata-se, de um lado, de um comportamento, feito, o mais das vezes, de ódio e desprezo com respeito a pessoas com características físicas bem definidas e diferentes das nossas; e, por outro lado, de uma ideologia, de uma doutrina referente às raças humanas (TODOROV, 1993: 107).

Diante de inúmeras definições de racismo e das múltiplas possibilidades de pensá-lo, concordamos com Munanga (1998) quando diz que quem define o racismo são os anti-racistas que, por sua vez, partem de perspectivas diversas, às vezes opostas, que dificultam a construção de uma definição unânime. Esta falta de consenso na definição do racismo faz com que os anti-racistas se fixem em compreender o racismo e os racistas a agirem.

E na ação, buscando justificar e/ou legitimá-la, eles elaboram um discurso, com fundamentos ora religiosos (encontrando-os até na Bíblia, como fazia o regime a África do Sul), ora político – econômico, ora científico (amparando-se em explicações recolhidas na biologia). Tudo isso para poder disciplinar as desigualdades, a exploração, a sujeição e a dominação (op.cit. p.44).

Numa outra direção, buscamos uma explicação mais circular, não tão dicotômica, polarizada, previsível, cristalizada, tão comprometida com o princípio da identidade, que atua excluindo em oposição tipo: A é A, A não é B, B é o oposto ou o contrário de A \Rightarrow Branco é Branco, Branco não é negro, Negro é oposto de Branco. Logo não Branco é igual a Negro.

Uma explicação que encare o racismo numa perspectiva transversal, ou seja, atravessando todos os lugares, pessoas, sexos, etnias, raças culturais, classes sociais, religiões, opções políticas, de forma não hierarquizada, nem homogênea, horizontal, pasteurizada. Descolada do padrão:

RACISMO = BRANCO X NEGRO QUE É IGUAL A NÃO BRANCO

Uma definição que expanda o termo “negro”, de modo a absorver/observar/aglutinar/agenciar outros termos, não sendo o único sinônimo para não branco.

O “não-branco” (isto é, em palavras mais concretas, o que é excluído pela definição que o “branco” se dá) inclui uma multiplicidade – índios, nordestinos, mulatos, morenos, mestiços, latinos – marginalizados sob

vários ângulos, e até grupos que, embora fisicamente pertençam à “raça” branca – se é que podemos dizer isso, como se existisse entre nós, no Brasil ou em qualquer outra região do mundo, “pureza” racial (tema já muito discutido!) – estão em processo de aliança com esta multiplicidade não-branca. Por outro lado, o termo “branco” começa também a adquirir outros sentidos, a mostrar a sua cara, e a sua definição, precisa mudar de figura. Branco é então um axioma da nossa realidade, não designa exclusivamente o indivíduo cuja cor da pele é branca (clara); a sua concretude é de outra natureza: trata-se do “ser” ao mesmo tempo branco + de cultura europeia, ou americana + assumidamente capitalista + ideologicamente fascista + devoto do estilo de vida “primeiro mundista” etc. Trata-se de um tipo de subjetividade que se tornou dominante e, justamente por isto, exclui em bloco a proliferação de outros tipos de subjetividade, sendo parte de sua estratégia o apropriar-se de tudo o que foi produzido como diferença na sociedade, de modo a fazer com que essa “diferença” fique referida a ele, a este “branco” axiomático. Por isso, há uma apropriação da diferença do negro, que histórica e socialmente se centrou na cor e na cultura, para torná-lo símbolo (sobrecodificação) de toda e qualquer diferença, isto é, da multiplicidade de diferenças em curso na sociedade: o negro veio a ser o símbolo do não-branco (TRINDADE, 199, p.44-46).

Enfim, uma concepção que seja capaz de ampliar a leitura que é para além da dicotomia branco X negro, como tão bem definiu uma menina de quatro anos, quando indagada sobre o que era racismo:

”Racismo é um bicho grande que come toda a gente que chegar perto dele.”

Mídia e Racismo

Como a sociedade é atravessada pela exclusão e os setores sociais empobrecidos, em sua maioria, são negros, podemos dizer que a sociedade é atravessada pelo racismo e que a mídia, espaço circunscrito a esta sociedade, atende às demandas sociais, étnicas, ideológicas, econômicas das classes dominantes – classes estas que aqui, no Brasil, se confundem com os grupos étnicos de origem europeia –, assumindo explícita e/ou implicitamente o caráter de manutenção do poder desses grupos na sociedade. Assim, podemos dizer, sem medo, que ela é um espaço conservador e reproduzidor das desigualdades raciais, de gênero e sociais de nosso país. Nesta direção, notamos que entre pesquisadores e

militantes, parece haver uma unanimidade quanto à constatação do caráter racista da mídia brasileira, na televisão (SODRÉ, 1984), no jornalismo (CARRAÇA; BORGES, 2004), no cinema (RODRIGUES, 2001), nas telenovelas (ARAÚJO, 2000), na mídia como um todo (RAMOS, 2002; SODRÉ, 1992,1996,1999), e quanto ao fato de a mídia brasileira legitimar as desigualdades sociais pelos seus aspectos étnicos (cor e cultura).

No entanto, mesmo sem uma abordagem tão direcionada, basta uma hora diante da televisão, num canal específico ou transitando em vários, ou sintonizando-se numa rádio AM, ou circulando pela cidade olhando os outdoors, ou folheando uma revista, ou parando na frente de uma banca de revista qualquer, imbuídos/as de um olhar com um mínimo de criticidade, para constatar o caráter excludente, racista, elitista, machista de mídia.

Ao nos colocarmos no lugar de espectador(a) da TV aberta, nos deparamos basicamente com convites ao consumo, programas de humor, variedades, fofocas, pegadinhas¹⁹, policiais (com defesa explícita da pena capital), religiosos (muitos deles, com um tom de declarada discriminação às religiões afro-brasileiras), novelas...

A mídia brasileira é descomprometida com a população brasileira, quer cultural, quer etnicamente. Seu caráter racista amplia-se e constitui-se “À sombra do difusionismo culturalista euroamericano e do entretenimento rebarbativo oferecido às massas pela televisão e outros ramos industriais do espetáculo” (SODRÉ, 1999, p.244).

O caráter conservador e excludente da mídia brasileira é gravíssimo, sobretudo quando percebemos seu caráter humano, ou seja, a mídia é feita por

¹⁹ Modalidade de programa que tem como eixo rir do outro que é colocado em situações constrangedoras.

peessoas, seres humanos. No entanto, é mais grave ainda o fato de ela inculcar nos/nas negros(as) – nos afro-brasileiros – a deformação de suas imagens, da naturalização da subalternidade, produzir uma baixa auto-estima da população negra, por não apresentar referenciais positivos do(a) negro(a) e da sua cultura.

Retomando a questão da humanidade, podemos dizer, ancorando-nos em Sodré (1999, p.244), que o sistema midiático constitui-se de pequenas elites intelectuais – “logotécnicas”. São os editorialistas, articulistas, editores, colunistas, âncoras de tevê, criadores publicitários, artistas, jornalistas especiais. Esta elite funciona:

- A) “Como filtro e síntese de variadas formas de ação e cognição presentes nas elites econômicas, políticas e culturais coexistentes num contexto social.”
- B) “Como uma espécie de ‘grupo técnico de imaginação’, responsável pela reelaboração e retransmissão de um imaginário coletivo atuante nas representações sociais”.

Tomando os negros e afro-brasileiros como referência de análise, já que a mídia não discrimina apenas os negros/as, podemos, ainda nos baseando em Sodré (1999, p.245-246), dizer que o sistema midiático suscita o racismo por quatro fatores da ordem da:

- A negação: exceto quando se refere a notícias sobre racismo e discriminação, a nossa mídia tende a negar o racismo internamente. Esta questão é tratada, por sua elite, como anacrônica ou equívoco, como deixando, assim, “de perceber as suas formas mutantes” e como consequência, acaba por contribuir para sua reprodução em abrangência maior, para não fazer uma análise crítica de sua própria função.
- O recalçamento. Aqui há uma espécie de repressão, supressão, ocultamento

de tudo que diz respeito a “aspectos identitários positivos das manifestações simbólicas de origem negra.”

Podemos citar, como exemplo, um programa de TV que apresentou o médico baiano Juliano Moreira como um homem branco.

O ator Antonio Pitanga (2002, p.78) reforça este argumento:

A gente é mídia, o negro é mídia.[...] O primeiro palhaço da história deste país foi negro, Benjamim de Oliveira. Nós tivemos figuras como Grande Otelo e Teresa de Benguela. Mas essa memória está cada vez mais fugaz e, com sua perda, nós perdemos nossa visibilidade.”

De fato, como declara Sodré (op.cit.: 245) “É freqüente encontrarem-se profissionais competentes da mídia completamente ignorantes no que diz respeito à História do negro no Brasil ou nas Américas.”

- A estigmatização. Entendendo estigma como marca ou cicatriz imputada a determinados indivíduos ou grupos por outros, tendo como base o preconceito, a discriminação e a distinção “nós – outros” é correto dizer que o sistema midiático num “país de dominação branca, a pele escura tende a tornar-se um estigma”.
- Vamos tomar um exemplo, citado por Carneiro (1999). Em *Terra Nostra*²⁰, o barão do café pondera com seu contratador sobre a impossibilidade de abrigar os imigrantes italianos nas senzalas desertas pela abolição. Diz ele: – “São brancos. Trazem no coração o espírito da liberdade. Não vão aceitar essa história de senzala”. Aqui reproduz-se o estigma de que indivíduos de pele escura aceitaram a situação a eles imposta.No que se refere ao racismo, concordando com Carneiro (op. cit):

[...] essa estereotipia justifica a exclusão e a marginalização histórica do negro. Ela legitima um projeto de nação que vem sendo construído nestes 500 anos: de hegemonia branca e exclusão ou admissão

²⁰ Novela de Benedito Rui Barbosa, com a colaboração de Edmara e Edilene Barbosa, direção de Marcelo Travasso e direção geral de Jayme Monjardim e Carlos Magalhães, exibida na Rede Globo de 20 de setembro de 1999 a 3 de junho de 2000.

minoritária e subordinada de negros, indígenas e não-brancos em geral. E é este mesmo projeto de nação que o imaginário televisivo, busca consolidar para o próximo milênio.

- A indiferença profissional. Pautada pelo lucro, ditames do comércio e da publicidade, a mídia mostra-se, em sintonia com esta pauta, pouco interessada em questões relacionadas à discriminação, a problemas das minorias. Os profissionais midiáticos apresentam-se como dessensibilizados com questões dessa natureza.

Por outro lado, é reduzida a presença de negros nas fileiras profissionais da mídia brasileira. Quando indivíduos de pele escura conseguem empregar-se em redações de jornais ou em estações de televisão, mesmo que possam eventualmente ocupar uma função importante, são destinados a tarefas ditas 'de cozinha', isto é, aquelas que se desempenham nos bastidores do serviço, longe da visibilidade pública (SODRÉ, 1999).

Aqui vale um exemplo. No último capítulo da novela *Terra Nostra*, dois meninos negros, um filho de um ex-barão do café que assume o menino e o outro apadrinhado por um empresário e banqueiro italiano, numa escola de elite paulista, brincando de corda e a brincadeira foi: "Barra manteiga na fuça da nega..."

O que de subliminar se passou: negras não tem nariz, tem fuça, logo não é mulher, não é gente. Mais uma vez assistimos à desumanização dos negros e negras. Atentemos que, com tantas brincadeiras, eles escolhem justamente uma que desqualifica a mulher negra. Por quê?

Ainda na mesma novela, citando mais uma vez Carneiro (op.cit):

Em outro momento da trama assistimos o menino Tziu reclamar de sua sorte ingrata com a seguinte frase: "Deus não quis me embranquecer". Imagine-se o impacto dessas frases na auto-estima da comunidade negra, especialmente sobre as crianças negras.²¹ Estas situações são exemplos desta indiferença profissional para com os seres humanos de pele escura, descendentes de africanos.

²¹ O grifo é nosso.

Vamos citar o ator Antonio Pitanga (2002, p.79-80) para enfatizar este item:

Certa vez, o Boni, na época o homem mais poderoso da TV Globo, me falou: 'Eu não sou racista. Eu sou diretor de TV. Existem dois ou três atores que o patrocinador do programa exige, mas os autores não tem nenhuma condição de escolher ou colocar alguém'. Mais tarde eu percebi que ele tinha razão. Para eu cobrar dele precisava cobrar do meu grupo, da minha família. Porque, para um empresário dos meios de comunicação, um detalhe que conta muito na renovação do contrato é o fato de que um ator negro recebe uma ou duas cartas, enquanto um branco da mesma importância da novela recebe quinhentas.

Dois pontos se colocam: a indiferença, o lavar as mãos do Boni, o descompromisso e a culpabilização dos negros pelo próprio negro pelo racismo da mídia.

O pesquisador Fernando Conceição também fez uma classificação de como o negro é apresentado pelos meios de comunicação. Ele classifica esta retratação em três possibilidades, que para nós podem se complementar, se associar:

a) lúgubre (sombrio, sinistro, medonho); Sobretudo em jornais, noticiários policiais, as imagens das pessoas de pele escura e descendentes de africanos é apresentada com esta característica: bandidos, assassinos, dissimulados.

b) lúdico (referente ao divertimento). Aqui é a imagem do negro folclorizado, alegórico, do Carnaval, do batuque, dos shows de *mulatas*, da Globeleza.

c) luxurioso (sensual, permissivo, devasso).

Nesta breve trajetória de análise e reflexão da relação entre a mídia e o racismo, alguns pontos suscitam destaque:

a) a visibilidade do/a negro/a:

Há cerca de dez anos, fizemos uma visita de estudo a um grande jornal e ficamos intrigados ao perceber, no setor de redação, pelo menos naquela hora, 12 horas, a inexistência de negros. Na mesma visita, por outro lado, no setor de

impressão, de máquinas, observamos praticamente o oposto, a grande maioria de profissionais negros. Mais uma vez, somos corroborados por Sodré (1999, p.246), constatamos que

é reduzida a presença de negros nas fileiras profissionais da mídia brasileira. Quando indivíduos de pele escura conseguem empregar-se em redações de jornais ou em estações de televisão, mesmo que possam eventualmente ocupar uma função importante, são destinados a tarefas ditas 'de cozinha', isto é, aquelas que se desempenham nos bastidores do serviço, longe da visibilidade.

Essa invisibilidade e essa exclusão criam e reforçam estereótipos, estigmas. A falta de visibilidade de referenciais cria um sentimento de não pertencimento, de deslocamento e, mesmo quando um negro, ou uma negra, ocupam posições visíveis, de comando, de saber, na mídia ou na sociedade, a pressão se faz presente: a falta de hábito de ver e conviver com esses profissionais nestes setores citados causa não só um estranhamento como uma espécie de dúvida, de insegurança, de desconfiança por parte dos outros e, muitas vezes, por parte do próprio negro quanto à sua real competência para ocupar aquele lugar.

Temos, nesta vivência cotidiana de ativismo e pesquisa com relação ao racismo, centenas de exemplos de situações como essas: numa sala de aula em que a professora é negra, alguns pais lhe perguntam onde podem encontrar a professora da turma. Ou, quando um/a diretor/a de alguma instituição, como escola, repartição pública, gerência, etc. é negro/a, muitas pessoas, ao se dirigirem a ele/ela, perguntam pelo diretor ou gerente. Quantos negros e negras, por conta do racismo, vivem cotidianamente sob a égide do julgamento do racista, que busca a todo o momento um erro, uma falha, um deslize humano deste sujeito para justificar sua discriminação e racismo? A vivência do/a negro/a em espaços sociais a ele negados, obviamente produz conseqüências subjetivas e objetivas: loucura, suicídio,

lutas, exclusão de mais de cinquenta por cento da população do seu direito à cidadania, da sua condição de ser humano...

Estamos diante de uma rede, de um emaranhado, pois a auto-imagem é constituída no ver e no ser visto. O olhar do outro nos constitui, nos marca, nos nega ou legitima. O contato com o corpo do outro, na sua integralidade, nos constitui e constitui a visão social do nosso corpo e do corpo do outro (GALLO, 1997, p.61-67).

Ora, sendo assim, podemos dizer que a exclusão, a invisibilização de um grupo, sobretudo quando reforçado pela mídia, que tem uma grande abrangência, tem conseqüências ampliadas:

[...] a exclusão por motivos étnicos se desdobra também na exclusão de valores culturais, de modelos fenotípicos, de estruturas de pensamentos, de formas de comportamento e de bens materiais de um indivíduo ou de um grupo. Por isso, a exclusão dos negros, que ocorre porque são negros, repercute sobre os demais elementos a eles relacionados (PEREIRA; GOMES, 2001, p. 33).

Produz-se assim, uma espécie de efeito dominó no que se refere à discriminação e ao racismo; infelizmente parece que este efeito não ocorre quando se trata do anti-racismo.

Nosso destaque a esta questão se dá pela percepção da importância da mídia como difusora de práticas e ações inclusivas, como construtora de opiniões que façam frente ao racismo. No entanto, fica a dúvida se esta mídia mercadológica pode ou não contribuir para a implementação de uma política social anti-racista. Neste sentido, vamos ao próximo ponto.

b) A relação mídia, capitalismo de mercado

Esta questão surgiu a partir do ponto de vista da economista Mirim Leitão, durante o Seminário Mídia e Racismo, ocorrido no Rio de Janeiro, em 2002, que destacaremos a seguir:

Existe uma idéia corrente de que a elite não estaria interessada em diminuir a discriminação social porque, se ela não existisse, quem iria fazer o trabalho barato? Existem duas formas de se ver essa questão. Nós sabemos que essa discussão é principalmente uma questão ética, uma questão de humanidade. Mas vamos olhar pelo lado frio da economia, pela perspectiva do capitalismo puro e simples, que é como estou treinada a olhar. Sob o ponto de vista das grandes empresas, inclusive as multinacionais, a discriminação contra os negros é ruim para o capitalismo brasileiro, porque ele precisa de expansão o mercado. Quanto mais efetivas forem as políticas de integração dos negros no Brasil, maior será a ampliação do mercado de consumo, que é o que interessa hoje às empresas. Na verdade, há muito mais aliados nessa discussão do que se pode pensar. A discussão não é contra as grandes empresas. Uma grande empresa que vem se instalar aqui para vender computadores pode querer o quê? Redução dessas barreiras artificiais que segregam os negros, porque ela quer vender computadores para todo mundo, independente da cor da pele. Além disso, hoje, no momento em que o capitalismo brasileiro está precisando, pelos desafios da globalização, de bons cérebros, muito mais valioso é o trabalhador capacitado. E acontece que a discriminação racial, junto com outras formas de manutenção das desigualdades, está fazendo com que o Brasil perca cérebros, que hoje são matéria-prima fundamental para a construção de qualquer país (RAMOS, 2002, p.48-49).

Vamos simular uma resposta com as palavras do professor Muniz Sodré (1999, p.251-252)

Sob uma economia de mercado especulativa, divorciada da vida social ou descomprometida como fator humano (ou governos buscam cada vez mais o puro e simples equilíbrio macroeconômico), confundem-se acúmulo financeiro e instáveis 'negócios' com economia realmente produtiva e socialmente integradora. Economistas e sociólogos concordam que as formas socioeconômicas de inserção alternativa são limitadas e em que é curto o tempo de vida do auto-emprego, além disso sem os benefícios da proteção social ao trabalho (previdência, saúde). Por outro lado, à velha valorização do processo educacional (que dentro de uma economia industrialista acenava com um remanejamento real de ocupações na estrutura produtiva) sucede-se o desejo de pura inserção na esfera do consumo.

Fora dessa esfera mercadológico-mediática, continua preocupante a condição social dos afrodescendentes, marcada pela desigualdade nos níveis de renda e acesso a serviços de educação, saúde e habitação. Tanto assim que, ao mesmo tempo em que alguns analistas (jornalistas, burocratas, acadêmicos) anunciavam em tom esperançoso a existência

de uma nova 'política de raça' na vida brasileira, um amplo estudo divulgado (em 1997) pela Comissão Inter-Americana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (OEA) apontava perspectivas sombrias para os descendentes de africanos no Brasil.

Embora este sistema mercadológico prime pelo consumo, sabemos que a possibilidade de consumo é sinônimo de distinção social, ou seja, de poder aquisitivo, e que é importante a existência e o estímulo a negros e negras para consumirem, se ajustarem, se adaptarem ao modo capitalista de ser e pensar e, assim, terem seus referentes de poder de consumo. Nesta linha de reflexão, podemos dizer que uma das lógicas deste sistema socioeconômico volta-se para a divisão, para a discriminação e a hierarquização social. Ou seja, o racismo está intimamente ligado e engendrado neste sistema.

Mesmo sendo o controle, o caráter conservador uma das marcas da mídia, ela também é movimento, embates, conflitos, contradições. No seu interior ocorre, por exemplo, o embate entre os interesses das classes dominantes com os das classes populares, entre os interesses das classes dominantes *versus* sua opositora. Ou seja, a conservação do instituído é um movimento da mídia (e também da sociedade), assim como a pressão do instituinte também o é.

Mesmo o controle, o caráter conservador sendo para nós uma das marcas da mídia, ela também é movimento, embates, conflitos, contradições. No seu interior ocorre, por exemplo, o embate entre os interesses das classes dominantes com os das classes populares, entre os interesses das classes dominantes *versus* sua opositora. Ou seja, a conservação do instituído é um movimento da mídia (e também da sociedade), assim como a pressão do instituinte também o é.

Não cremos no caráter dicotômico: poder de um lado, impotência do outro, dominante *versus* dominado, na medida em que nos meios de comunicação: "[...]

não existe, face a face, dois guerreiros, o Instituído e Instituinte, parados prontos para "atacar". Tudo é movimento. Dialeticamente, a contradição produz movimento e este produz história" (LOURAU, 1993).

Movimento esse entendido como multiplicidade, circularidade e interinfluências, relações étnicas/raciais, relações de superordenação – subordinação entre classes dominantes-classes populares, classes dominantes-classes dominantes, classes populares-classes populares... Esse movimento pode ser bem ilustrado com a citação de Simmel (1983:111)

O elemento na aparência completamente passivo é na realidade até mesmo mais ativo em relações tais como as que se dão entre um orador e seu público ou um professor e sua classe. O orador e o professor não parecem ser nada mais além de líderes; momentaneamente nada além de oradores. Pois quem quer que se encontre nesta e noutra situação parecida percebe a reação determinante e controladora por parte do que parece ser massa puramente receptiva e dirigida.

Em síntese, mesmo diante dessa relação instituído-instituinte, movimento-constância, circularidade, a partir de leituras e das concepções que nos potencializam à ação, podemos dizer que o caráter conservador da mídia – enquanto reativo à mudança, enquanto reprodução, resistência ao novo, ao diferente do que está posto, enquanto manutenção dos interesses das classes dominantes, que têm cor (raça e etnia de origem européia, hegemonicamente falando), como já dissemos anteriormente – é uma evidência para nós.

1.2 - A complexidade da condição humana no plural

A mão que toca um violão se for preciso faz a guerra
Mata o mundo, fere a terra
A voz que canta uma canção se for preciso canta um hino
Louva a morte
Viola em noite enluarada no sertão é como espada
Esperança de vingança
O mesmo pé que dança um samba se preciso vai à luta
Capoeira
Quem tem de noite a companheira
Sabe que a paz é passageira
Pra defendê-la, se levanta e grita: eu vou
Mão, violão, canção, espada e viola enluarada
Pelos campos e cidades
Porta bandeira, capoeira, desfilando vão cantando
Liberdade

Nosso objetivo é investigar, pensar a condição humana na sua complexidade, na sua pluralidade... Nossa intenção é compreender a condição humana na relação entre unidade e diversidade... Essa intencionalidade foi definida, de um lado, pela tensão entre a cosmovisão de alguém que tem sua imagem negada: a mulher negra; e, de outro lado, pela dimensão do outro: o homem branco, que faz parte do paradigma dominante do mundo ocidental, como fator relevante na compreensão dos formadores de opinião.

A idéia desta investigação surgiu:

A) De uma certa inquietação que nos persegue. Temos, muitas vezes a impressão, quando nos referimos conceitual e teoricamente ao racismo, à ideologia, à mídia, que não estamos nos referindo a ações humanas. É como se subtraíssemos as pessoas deste processo. Ora, mídia, racismo, preconceitos, machismo... são categorias humanas. Quem pratica o racismo são pessoas, quem constitui a ideologia são pessoas. Então, fica a questão: a qual ser humano/a estamos nos referimos, quando pensamos, falamos, categorizamos “ser humano”? A respeito de qual “ser humano” produzimos conhecimento? Seriam as pessoas do cotidiano, tão complexas, tão surpreendentes? Ouvimos e lemos e refletimos sobre racismo, sobre

ideologia, sobre a mídia, sobre as ciências humanas e, quando olhamos o cotidiano, a despeito das nossas análises e críticas, nós vemos seres humanos, pessoas, a espécie humana. Pessoas agindo, reagindo, produzindo e reproduzindo mídia, racismo, ideologia, ciências humanas, tecnológicas, médicas, matemáticas, físicas...

B) Da leitura do texto do Edgar Morin – *Ensinar a condição humana* (2000, p.57-58), destacamos um fragmento:

O ser humano é ao mesmo tempo singular e múltiplo. Dissemos que todo ser humano, tal como o ponto de um holograma, traz em si o cosmo. Devemos ver também que todo ser, mesmo aquele fechado na mais banal das vidas, constitui ele próprio um cosmo. Traz em si multiplicidades interiores, personalidades virtuais, uma infinidade de personagens quiméricos, uma poliexistência no real e no imaginário, no sono e na vigília, na obediência e na transgressão, no ostensivo e no secreto, balbucios embrionários em suas cavidades e profundezas insondáveis. Cada qual contém em si galáxias de sonhos e de fantasias, impulsos de desejos e amores insatisfeitos, abismos de desgraças, imensidões de indiferença gélida, queimações de astro em fogo, acessos de ódio, desregramentos, lampejos de lucidez, tormentas dementes [...].

A leitura desse texto nos fez perceber a necessidade de pensar o ser humano e, em especial, as pessoas que formam opinião e reproduzem o racismo, para além da polarização homem branco *versus* mulher negra, tendo de um lado aqueles que produzem e reproduzem o racismo, as idéias racistas e, do outro, a maior vítima das ações dos racistas, as mulheres negras. Entender, assim, a condição humana, tentando não ser globalizante, mas sim inclusiva, na compreensão do que é ser humano.

Buscamos, então, entender a condição humana, a complexidade do humano, numa perspectiva que não nos agencie com a morte, mas sim com a vida, numa perspectiva que nos potencialize e nos permita compartilhar dessa complexidade, que é também nossa. Achamos, assim, em Humberto Maturana, Edgar Morin e bell hooks, especialmente nas suas abordagens a respeito do Amor, a nossa retaguarda.

Maturana (1998) nos acena para a ruptura com a visão da competição, como um valor a ser conquistado. E a caracterização do amor, numa perspectiva crítica, não religiosa e nem cristã, como “constitutivo da vida humana” (p.23). Sinaliza, contudo, que, “nem toda convivência é social” (p.23).

O amor é a emoção que constitui o domínio de condutas em que se dá a operacionalidade da aceitação do outro como legítimo, o outro na convivência, e é esse modo de convivência que conotamos quando falamos do social. Por isso, digo que o amor é a emoção que funda o social. Sem a aceitação do outro na convivência, não há fenômeno social (p. 23-24).

Uma dimensão que parece transcender a crítica, que propõe uma possibilidade de vida que sai do quadro da sociedade alicerçada na concepção de que *vença o melhor*, de derrotados e vencedores, da competição.

Morin (2003) nos acena, também, para o amor e para a poesia:

Nosso cotidiano vive sempre em busca do sentido. Mas o sentido não é originário, não provém do exterior de nossos seres. Emerge da participação, da fraternização e do amor. O sentido do amor e da poesia é o sentido da qualidade suprema da vida. Amor e poesia, quando concebidos como fins e meios do viver, dão plenitude de sentido ao ‘viver por viver’ (p.10).

Nesta dimensão da potência e da criação, Edgar Morin também nos dá suporte, pois seus estudos contemplam o olhar sobre o mundo a partir de uma ótica da diversidade, da incorporação do acaso, da incerteza e, ainda, propõem o desafio de pensar e agir além das incertezas e contradições e a defesa da liberdade de pensar e atuar na multiplicidade.

Bell Hooks (2000) fundamenta a importância do amor, sobretudo para os homens negros e mulheres negras, como o que cura, que recupera as marcas e feridas deixadas pela exploração e opressão:

Numa sociedade onde prevalece a supremacia dos brancos, a vida dos negros é permeada por questões políticas que explicam a interiorização do racismo e de um sentimento de inferioridade. Esses sistemas de

dominação são mais eficazes quando alteram nossa habilidade de querer e amar. Nós, negros, temos sido profundamente feridos, como a gente diz, 'feridos até o coração', e essa ferida emocional que carregamos afeta nossa capacidade de sentir e conseqüentemente, de amar. Somos um ovo ferido. Feridos naquele lugar que poderia conhecer o amor, que estaria amando. A vontade de amar tem representado um ato de resistência para os Afro-Americanos. Mas ao fazer essa escolha, muitos de nós descobrimos nossa incapacidade de dar e receber amor. (p.188-189.)

Nosso objetivo é, de uma certa forma, focar o que é ser gente, ser humano(a), o que fazer parte desta espécie. Que ser humano é este/esta produzido/a pelo paradigma liberal ou neoliberal? Que pessoas são estas com as quais nos deparamos cotidianamente, com nosso olhar, nosso tato, nosso olfato, nosso paladar, nossa audição, com nossa memória?

Às vezes, as análises parecem tão distantes deste ser humano concreto, palpável, que tem cheiro, cor, cultura, desejo, expressões... Que se comunica, ama, odeia, mata e cria vida... São com esses seres humanos concretos que necessitamos nos encontrar, na perspectiva da compreensão e da erradicação do racismo, sem erradicar as pessoas.

Ser discriminado/a, sofrer o racismo é muito, muito ruim. Dói, dói muito, é uma dor que não tem um lugar determinado, que envolve a pessoa na sua totalidade, e que não passa com nenhum remédio. Mas essa dor pode se transformar em ódio, em vingança, em alienação... Como também pode se transformar em superação, em criação... Ser discriminado/a a cada dia, ser subtraído/a da nossa condição humana é um processo talvez irreparável, não fosse o fato de estarmos vivos/as, de termos energia vital, de termos axé/muntu²².

²² Axé é força vital sem a qual, segundo a cosmogonia nagô, os seres não poderiam ter existência nem transformação. *Muntu* é o mesmo princípio dinâmico para os bantu (SODRÉ, 1983, p.129).

Vivenciar no corpo as ações do racismo, saber-se discriminado... Essas vivências são muito dolorosas. Porém, se aceitarmos o lugar que o racismo nos imputa, se absorvermos a ideologia dos racistas, estaremos admitindo algo mais cruel ainda. Pois, na perspectiva de sustentação deste *corpus* de representação e normas que é o racismo, o fato de uma pessoa negra se submeter a esse lugar que lhe é imputado, e/ou de aceitar ser discriminado/a, representa sustentar, legitimar a existência do racismo. Na perspectiva do racismo como ideologia, este processo de submissão, de aceitação, é condição para a própria existência desta ideologia, pois sua eficácia “depende da interiorização do ‘corpus’ imaginário, de sua identificação com o próprio real e, especialmente, de sua capacidade para permanecer invisível (...) flui espontaneamente como verdade igualmente aceita por todos” (CHAUÍ, 1980, p.25).

Contudo, o mais grave e prejudicial é quando aquele(a) homem/mulher negro(a) que é discriminado(a), quando aquele(a) que sofre com o racismo e a discriminação transforma-se também em racista, seja na direção dos seus iguais, seja na direção do(a) posto(a) e suposto(a) opressor(a), enfim, em qualquer direção. E é muito fácil isto acontecer pois, de uma certa forma, isentar-se do racismo na nossa sociedade é praticamente impossível. É como se o racismo estivesse no ar que respiramos e na iminência de nos contaminar a qualquer momento. É como se ele, sim, é que fosse “democrático” pois afeta a todos e todas, sem distinção de raça, cor etnia, orientação sexual, classe social religião, sexo...

“Nada nem ninguém está fora do sistema. Provavelmente porque o sistema não tem um dentro e um fora. A questão é saber como funcionamos nele e como ele funciona em nós” (BAREMBLITT, 1983, p.81).

É como se estivéssemos aprisionados na lógica binária: ser ou não ser racista. Presos/as nessa lógica, não rompemos com a possibilidade do racismo, ou não reagimos a ele, e assim, algo para além da vitimização, da culpabilização, do ressentimento, novas e impensadas possibilidades de existência não têm lugar para serem visibilizadas, permanecem instituintes, subliminares, como que sem força, despotencializadas.

Numa perspectiva de romper com essa lógica binária, do isto ou aquilo, entramos no terreno da tentativa de compreensão deste dito ideário: homem branco, ocidental. E nos deparamos com a necessidade de desconstruir a visão globalizante de ser humano, pois estamos diante de uma pluralidade de possibilidades deste homem e mulher ocidentais; afinal, é como um aprisionamento ideológico dele/dela também, pois estamos, mesmo na perspectiva ocidental de ser, diante do plural.

Há uma tendência a se admitir a vitória deste modelo, mas os seres humanos, as pessoas, são para além dessa concepção. Afinal, a realidade é movimento, é pluralidade, temos forças instituintes fazendo a força de ruptura. Vejamos: a despeito de todo este massacre histórico, podemos ver que existem as populações negras, as populações indígenas, e perceber os conflitos religiosos entre o Ocidente e Oriente. Esses conflitos e essas possibilidades múltiplas de ser gente no mundo nos apontam para a complexidade da humanidade, que é plural.

Há seres humanos a serem descobertos ou redescobertos. Seres humanos para além do universal, seres humanos plurais. Pretendemos, aqui, a afirmação da diferença humana, afirmação do direito de que essa diferença possa se constituir. Pois, a despeito deste modelo castrador e eliminador da diferença, sabemos que é possível pensar o ser humano nesta pluralidade. Não se trata de algo sem conflito, mas é urgente dizer não à desqualificação, à morte, à desumanização do outro.

Acreditamos que se não potencializarmos a diferença, a percepção do outro, da alteridade, a lógica técnico-burocrática agenciará seus agentes (pessoas) e eles continuarão a atualizar suas agendas, de modo a fortalecer, sobretudo na mídia, uma perspectiva excludente do ser humano, ou seja, a de achar “feio o que não é espelho”. Se não pesquisarmos outras lógicas de existência, de valorização da vida e das pessoas, sobretudo lógicas de ruptura, que incorporem, na sua cotidianidade, como sendo vitais e fundamentais, o amor, a alegria, a dança, o corpo, continuaremos a perpetuar essa exclusão de homens negros e de mulheres negras, bem como a exclusão de pessoas, brancas ou negras, que não se enquadrem nos modelos impostos pela mídia, como as portadoras e portadores de necessidades especiais e tantos outros.

Destacamos, para não perdermos a perspectiva de fluxo, movimento, história, processo, que esta concepção dominante de ser humano que existe hoje foi tecida ao longo da história, embora não seja a única, temos ciência/consciência disto.

Compactuamos com Morin (2004), quando diz que

O estudo da condição humana não depende apenas do ponto de vista das ciências humanas. Não depende apenas das reflexões filosóficas e das descrições literárias. Depende também das ciências naturais renovadas e reunidas, que são: a Cosmologia, as Ciências da Terra e a Ecologia (op. cit., p.35).

Conseqüentemente, acreditamos que pensar a condição humana é pensar na complexidade, que, só existe, ainda segundo Morin (2004, p.14)

quando os componentes que constituem o todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo o mitológico) são inseparáveis e existe em um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre as partes e o todo, o todo e as partes.

Existe a(s) experiência(s) africana(s), a(s) experiência(s) indígena(s), os indígenas da América do Sul, os da América do Norte, a(s) experiência(s) oriental(is), ou seja, várias experiências que constituem o humano. Existe a(s) experiência(s) dos moradores de ruas, das pessoas que vivem a catar lixo, do(s) artista(s) popular(es) que se apresenta(m) nas ruas, das prostitutas, dos travestis, dos ditos loucos, dos religiosos das diversas matizes, das pessoas das diversas classes sociais, dos moradores do campo... Experiências que vão além da visão liberal.

Visão liberal esta que tende a ser universalizante do sujeito, que prima pelo individualismo, pela privacidade, pela autonomia do sujeito, visto como dotado de capacidades que lhe são naturais, independente de qualquer vínculo social ou político.

Por exemplo, a condição de um povo que teve que se erguer além da dor, que teve que buscar força para se manter, que teve de fato de ter energia vital para produzir vida, quando a ele era legada a morte, força para superar uma espécie de morte em vida, pela invisibilidade, a morte pela negação de sua imagem como referência de humanidade, de vida, de positividade, de uma condição humana particular.

As mulheres que, ao longo da história, sofrem uma negação da sua imagem, da sua potência, da sua possibilidade de reger a própria vida, também nos acenam para uma condição humana feminina.

É um problema assumir esta condição humana generalizada, porque é como se fizéssemos uma analogia com a experiência do disco de Newton, buscando provar que o branco é a soma de todas as cores visíveis. Ou seja, as diferenças humanas se apagam e se transformam no homem padrão, o homem “em branco”.

Imagem esta bem representativa da produção do racismo, da apropriação européia das diversas culturas sem citar as referências.

Admitimos a propriedade da concepção do professor francês, Edgar Morin, apresentando uma perspectiva que nos une, que nos permite fazer analogias, propor reflexões, pois nos aglutina enquanto humanos, pois admite que somos humanos diferenciados, sim, mas inclusive biologicamente nos constituímos como raça humana. Temos similaridades, nossos pontos de ligação. É unificante a sua perspectiva, pois nos une ao cosmo: “[...] encontramos-nos no gigantesco cosmos em expansão, constituído de bilhões de galáxias e de bilhões e bilhões de estrelas”; ao campo físico: “Uma porção de substância física organizou-se de maneira termodinâmica sobre a Terra; por meio de imersão marinha, de banhos químicos, de descargas elétricas, adquiriu Vida”; à Terra, nos une a todos os terrestres: “[...] como seres vivos deste planeta, dependemos vitalmente da biosfera terrestre; devemos reconhecer nossa identidade terrena física e biológica” e finalmente, nos une e diferencia dos animais e dos outros humanos: “a hominização nos mostra como a animalidade e a humanidade nos constitui”.

Esta compreensão da condição humana, marcada pela tensão entre o enraizamento e desenraizamento, da pertença ao cosmos, nos cala muito, pois nos permite uma certa aproximação com a dimensão africana nagô, de ligação como cosmo, com os céus, com os elementos da natureza, com os outros seres humanos.

Trazer para a cena experiências, lógicas existenciais fora do paradigma eurocêntrico, euronorteamericanocêntrico, tecnocêntrico, tecnocrático, trazer essas outras dimensões do humano é o que vai nos permitir, ainda que no terreno móvel da incerteza e do imponderável da humanidade, pensar de maneira mais ampliada no que se constitui a condição humana: a condição humana, no plural

Traremos fragmentos de três filmes, para nos ajudar na argumentação no que se refere à condição humana:

“Devemos reconhecer nosso duplo enraizamento no cosmos físico e na esfera viva e, ao mesmo tempo, nosso desenraizamento propriamente humano. Estamos dentro e fora da natureza”
(MORIN, 2000)

O primeiro filme: “A Ilha do Dr. Moreau”²³



Cena 1: O Mensageiro da Verdade, uma criatura (foto) que é uma espécie de sacerdote local, numa pregação:

“É árduo o caminho para se tornar homem. Cedendo ou tarde queremos algo que é ruim. Andar de quatro, beber água nas fontes, produzir grunhidos em vez de falar. Ficar farejando, comer carne ou peixe, fazer amor com mais de um e de todas as formas. Tudo isso é ruim. Não são coisas que os homens fazem. Mas somos homens não somos?”

“Somos”. Todos respondem.

“Somos homens porque o Pai nos fez homens.”

Cena 2, já no final do filme:

²³*Ano de Lançamento (EUA): 1996. Estúdio: New Line Cinema. Distribuição: New Line Cinema. Direção: [John Frankenheimer](#). Roteiro: Richard Stanley e Ron Hutchinson, baseado em livro de H.G. Wells. Sinopse: Em um futuro próximo um homem (David Thewlis), em missão militar, sofre um acidente no seu avião e, depois de vários dias, é resgatado por um cientista que o leva a uma remota ilha, onde um famoso geneticista (Marlon Brando), vencedor do prêmio Nobel, faz experiências com o DNA e tenta criar uma raça perfeita, transformando animais selvagens em seres humanos. Porém, esta estranha mutação vai criar situações imprevisíveis. <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/ilha-do-dr-moreau/ilha-do-dr-moreau.htm>*

”Eu volto. Deve haver gente que possa... Médicos, cientistas... que entendam o que Moreau queria fazer. Talvez desenvolvam o antídoto para a regressão”, diz o todo-poderoso homem branco que supera tantas dificuldades, o protagonista (foto).

“Não. Chega de cientistas, de laboratórios, de experiências. Acho que você me entende. Temos que ser o que somos, não o que o Pai tentou fazer de nós. Andar de duas pernas é muito penoso. Talvez de quatro seja melhor.” Responde o Mensageiro da Verdade.

Podemos observar aqui o dilema da existência humana, nossa condição de humanos tem um preço, é árduo: abandonar as coisas ruins, nos afastar da nossa animalidade... Por que é penoso? Talvez, porque, segundo o Morin, “a animalidade e a humanidade constituem, juntas, nossa condição humana” (2000, p.51).

Na cena 2, destacamos a questão da desistência da humanidade, pelo menos a humanidade, ou a condição humana, que o outro imputa, no caso, que o Pai almeja para os filhos e filhas. A entrega ao devir, à possibilidade, ao novo parecemos a alternativa adotada.

Outro ponto é a confiança, a crença, mesmo diante da desventura, do homem branco em relação a ciência, aos médicos. A sua crença na condição humana, na humanidade como evolução, uma vez que os médicos – os cientistas em geral – poderiam inibir o processo de regressão, no caso ao estágio animal. Neste momento, também podemos pensar na ruptura com a perspectiva evolucionista, nem todos querem “evoluir”, nem todos comungam com a idéia de que o estágio *sapiens* é necessariamente o melhor, na sua universalidade.

Outro aspecto é o fato de o cientista, e até as pessoas do cotidiano, do dito senso comum, muitas vezes terem uma crença naquele que está habilitado a falar sobre e a ser ouvido: o cientista, o especialista, o iluminado que é autorizado a decidir pelo outro (CHAUÍ, 1989, p.3-17).

O segundo filme: Frankenstein de Mary Shelley ²⁴



Seqüência 1: A primeira conversa do Dr. Frankenstein com sua criação

Criatura: Levante-se.

Dr. Frankenstein: Então você fala?

Criatura: Sim, eu falo, leio e penso. E conheço os homens.

Dr. Frankenstein: Como você me encontrou?

Criatura: O seu diário.

Dr. Frankenstein: Então quer me matar.

Criatura: Não.

Dr. Frankenstein: Você matou meu irmão, não é?

Criatura: Eu o segurei pelo pescoço com uma mão, levantei-o do chão e quebrei a espinha dele. E quando o matei, eu vi o seu rosto.

Você me deu movimento, mas não me ensinou a usá-lo. Agora, duas pessoas estão mortas por nossa causa. Por quê?

²⁴ *Título Original:* Mary Shelley's Frankenstein. *Gênero:* Terror. *Tempo de Duração:* 118 minutos. *Ano de Lançamento (EUA):* 1994. *Estúdio:* American Zoetrope / TriStar Pictures. *Distribuição:* TriStar Pictures / Columbia TriStar Film Distributors International. *Direção:* [Kenneth Branagh](#). *Roteiro:* Steph Lady e Frank Darabont, baseado em livro de Mary Shelley.

Sinopse: Em 1794, um explorador no Ártico, ao tentar abrir caminho através do gelo, encontra Victor Frankenstein (Kenneth Branagh). Logo depois, os cães decidem atacar uma criatura (Robert De Niro), que os mata rapidamente. Assim, Victor decide contar ao explorador como tudo começou, quando ele foi estudar medicina em Ingolstadt, deixando para trás sua noiva e levando consigo uma única obsessão: vencer a morte. Na faculdade, ao discordar de um renomado mestre, acaba chamando a atenção de outro, que revela seus experimentos em reanimar tecidos mortos. No entanto, este pesquisador é assassinado e o culpado pelo crime é enforcado. Então, Victor decide colocar o genial cérebro do mestre no vigoroso corpo do assassino, mas as conseqüências de tal ato seriam inimagináveis.

<http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/frankenstein/frankenstein.htm#Pôsters>

Dr. Frankenstein: Há algo que não entendo se movendo em minha alma.

Criatura: E a minha alma. Eu tenho uma? Ou você esqueceu dessa parte? Quem eram essas pessoas que me formaram? Pessoas boas? Pessoas más?

Dr. Frankenstein: Matéria-prima, nada mais.

Criatura: Engano seu. Sabia que eu sei tocar isto (flauta doce). Em que parte de mim reside este conhecimento. Nestas mãos? Nesta mente? Neste coração? E ler? Falar? Não são coisas que se aprendem, são coisas lembradas.

Dr. Frankenstein: Memórias residuais do cérebro, talvez.

Criatura: Alguma vez ponderou as conseqüências das suas ações? Você me deu vida e me abandonou para que eu morresse. Quem sou eu?

Dr. Frankenstein: Você... Eu não sei.

Criatura: E acha que eu é que sou mau.

Dr. Frankenstein: O que posso fazer?

Criatura: Há algo que eu desejo, uma amiga.

Dr. Frankenstein: Uma amiga?

Criatura: Uma companheira, uma fêmea. Que seja como eu para que não me deteste.

Dr. Frankenstein: Como você? Meu Deus, não sabe o que está me pedindo.

Criatura: Eu sei que pela compaixão de um único ser vivo, eu faria as pazes com todos. Não pode imaginar o tipo de amor que tenho em mim, nem acreditar na fúria que carrego. Se eu não puder satisfazer um, hei de me abandonar a outra.

Seqüência 2: final do filme

Durante os funerais do Dr. Frankenstein, um iceberg começa a derreter, parte-se e a tripulação do barco abandona os funerais. O capitão do navio tenta convidar a criatura:

– Venha conosco.

– **Já abandonei a humanidade** ²⁵– responde a criatura, e dirige-se ao médico morto, seu criador, para morrer também.

²⁵ O grifo é nosso

Na seqüência 1, assistimos a um belo diálogo entre o criador e a criatura. Questões que muitos de nós, humanos, sobretudo as pessoas que buscam explicações, possivelmente, também fariam se tivessem a oportunidade de se encontrar com o criador: “Quem somos, de que somos feitos, de onde vem nossa sabedoria?”

A célebre indagação “Quem sou eu? Que tipo de ser sou eu?” reflete a consciência de que somos diferentes e mostra nosso dilema, nossa dor. Cremos que é mais fácil aceitar que somos iguais, mesmo que indivíduos, do que admitirmos que somos diferentes e que precisamos ser solidários.

No diálogo, também deparamo-nos com o desejo de não ser só, único. O desejo de ter uma companhia, no caso, uma fêmea, uma companheira, uma amiga, que fosse igual a ele, para que não o temesse. Talvez seja uma citação bíblica de Adão pedindo a Deus uma mulher, a Eva. Ou, numa apropriação relativa ao nosso trabalho, o prenúncio de que, o racismo, também se dá em função do desconhecimento e do medo do o Outro, da fobia do Outro

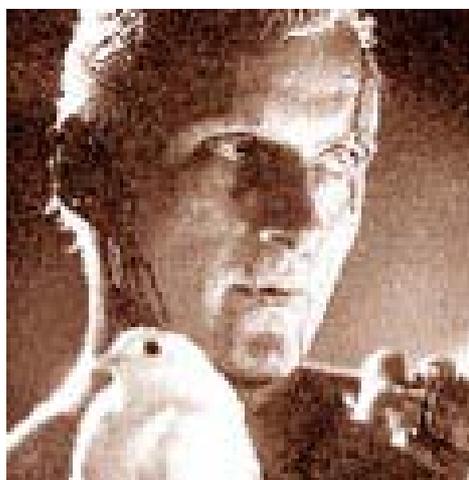
Vimos, aqui, também, quando a criatura fala do amor e da fúria que guarda no seu interior, o que Morin (2000, p.58-59) chama de bipolaridade, ou seja, características antagonistas que, enquanto criaturas humanas, carregamos:

O homem da racionalidade é também o da afetividade, do mito e do delírio (demens). O homem do trabalho é também o homem do jogo (ludens). O homem empírico é também o homem imaginário (imaginarius). O homem da economia é também o do consumismo (consumans). O homem prosaico é também o do êxtase. O amor é poesia. Um amor nascente inunda o mundo de poesia, um amor duradouro irriga de poesia a vida cotidiana, o fim de um amor devolve-nos à prosa (op. cit.: 59).

Na seqüência 2, assistimos à pior decisão: o suicídio. A criatura, após perder seu único vínculo na Terra, “seu pai”, decide morrer, pois desiste, abandona a humanidade, já não valia a compaixão de um único mortal. É interessante notar que

a criatura reconhece o valor do livro, enquanto veículo de comunicação e informação, de tal modo que ao morrer leva consigo o livro, que conta todo o processo, inclusive de criação de um ser a partir de pedaços de outros. também, na direção do nosso trabalho, uma tentativa de impedir o inevitável fortalecimento, a emergência do quarto bios, o midiático, que segundo Sodré(2004), refere-se a uma nova abordagem do ser, a mídia também, como constitutiva dos sujeitos humanos.

O terceiro filme: Blade Runner²⁶



27

Seqüências finais:

- O replicante-líder em duelo fatal com o caçador de replicantes.

“Se não estiver vivo, não pode brincar e se não brincar...”

- O caçador quase morrendo, caindo de um prédio, é salvo pelo replicante-líder que antes de pegá-lo pela mão diz:

²⁶ *Título Original:* Blade Runner. *Gênero:* Ficção Científica. *Tempo de Duração:* 118 minutos. *Ano de Lançamento (EUA):* 1982. *Estúdio:* The Ladd Company. *Distribuição:* Columbia TriStar / Warner Bros. *Direção:* [Ridley Scott](#) *Roteiro:* Hampton Francher e David Webb Peoples, baseado em livro de Philip K. Dick.

Sinopse: No início do século XXI, uma grande corporação desenvolve um robô que é mais forte e ágil que o ser humano e a ele se equiparando em inteligência. São conhecidos como replicantes e utilizados como escravos na colonização e exploração de outros planetas. Mas, quando um grupo dos robôs mais evoluídos provoca um motim, em uma colônia fora da Terra, este incidente faz os replicantes serem considerados ilegais na Terra, sob pena de morte. A partir de então, policiais de um esquadrão de elite, conhecidos como Blade Runner, têm ordem de atirar para matar em replicantes encontrados na Terra, mas tal ato não é chamado de execução e sim de remoção. Até que, em novembro de 2019, em Los Angeles, quando cinco replicantes chegam à Terra, um ex-Blade Runner (Harrison Ford) é encarregado de caçá-los.

<http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/blade-runner/blade-runner.htm>

²⁷ <http://canales.laverdad.es/panorama/fotos/rep260503-2-1.jpg>

“Uma experiência e tanto viver com medo, não é? Ser um escravo é assim.”

- Última fala do replicante-líder antes da sua morte:

”Eu vi coisas que vocês nunca acreditariam. Naves de ataque em chamas perto da borda de Orion. Vi a luz do farol cintilar no escuro na Comporta Tannhauser. Todos estes momentos se perderão no tempo como lágrimas na chuva. Hora de morrer.”

Neste momento, a pomba branca voa.

Mas uma vez destacamos que este item vem na direção de um destaque: a reflexão acerca da condição humana. Nesta perspectiva, os fragmentos de filmes que destacamos são pistas para pensarmos, no caso do último filme;

Na importância do brincar: só brinca quem está vivo.

[...] o ser humano não só vive de racionalidade e de técnica, ele se desgasta, se entrega, se dedica a danças, transes, mitos, magias, ritos; crê na virtude do sacrifício, viveu freqüentemente para se preparar para a outra vida além da morte (MORIN, 2000, p. 58-59).

A brincadeira, o lúdico, faz parte do repertório da nossa humanidade.

Na cena em que o replicante salva o caçador, destacamos o fato de ele evocar que o caçador tenha, que ele vivencie a experiência que ele viveu: o medo. O medo como uma escravidão, o medo como um sentimento presente na vida do escravo. Isso é didático, pois o compreender pela vivência o que o outro vive, ao vivenciar a mesma experiência, cotidianamente, isso pode mudar, afetar a vida do outro, do estranho àquela experiência.

Com relação ao salvar ou deixar o outro morrer, podemos pensar na paixão pela vida, mais do que pela morte ou pelo desejo de destruição. A dor de não poder mais ver, não poder vivenciar coisas que os da Terra não acreditariam, talvez a dor de não deixar esta experiência, ou a descoberta que uma experiência é singular, não

se vivencia a experiência do outro, mas se compartilham as memórias. E experiências não compartilhadas se desfazem como “lágrimas na chuva”.

Enfim, seria o medo, a compaixão, a memória, a consciência, elementos constitutivos da condição humana?

A cena da morte do replicante nos deixa a indagação da transcendência. Seria a pomba uma analogia à alma? Ao espírito? Seria a humanização, enfim, do replicante?

Concluindo, continua a questão: diante da pluralidade de pessoas, de gente, como seria a concepção, ou as concepções de humano, da condição humana, que contemplem esta pluralidade?

No que concerne a condição humana, podemos dizer, ainda que provisoriamente que nem podemos nos aferrar a uma concepção universalista de ser humano, fechado num universalismo que exclui a alteridade, a pluralidade, nem sob o risco de potencializarmos uma nova babel, ficarmos aprisionados à alteridade, ao pluralismo, à diferença como algo absoluto. Aceitarmos como referencial de análise as parcerias: inovação-conservação, instituinte-instituído, contração-descontração, a unidade na diversidade, o uno e o diverso, como um fluxo não como evolução mas como movimento, processo, devir...parece ser, no momento, para nós, uma concepção possível para compreender a complexidade da condição humana.

1.3 - A mulher negra: algumas imagens

Pretendemos, agora, pensar a mulher negra (escura, incluindo a chamada mulata) a partir de um sistema de representações fundado, em síntese, no movimento que busca pensar a mulher negra levando em consideração a sua inserção em sociedade, tendo como referência a inserção da mulher em uma sociedade machista e regida pelo princípio do mercado. Esse movimento busca pensar a mulher a partir de uma análise do pensamento científico, como um sistema axiológico que constrói um lugar para a mulher na sociedade.

Mulher negra - Corpo controlado

Desde os grandes Sermões de Padre Antônio Vieira – quando das mulheres era exigido o recatamento, devendo assim tornarem-se modelos de mãe, dedicarem-se às tarefas do lar e ao sexo comedido – vem sendo formada uma tipologia que, no Brasil, é apoiada nas diferenças raciais originadas num sistema escravocrata. No referido sistema, aos escravos nada cabia, enquanto aos brancos – homens, mulheres e crianças – cabia a tarefa de dominar, domesticar e conduzir as “peças” negras para o bom andamento do sistema, tendo em vista uma produção agrária voltada para o bem-estar da metrópole dominante e da raça branca colonial (senhores de engenho, comerciantes, nobreza e outros sujeitos que usufruíam o sistema escravista). Essa tipologia, formada na dicotomia mulher branca e mulher negra, toma, essencializando pré-discursivamente seus papéis, a mulher branca como direita, recatada, religiosa, excelente esposa e mãe, cabendo à mulher negra o papel de trabalhadora. Havia ainda uma posição liminar ocupada pela “mulata” a quem cabia o “sexo animalesco”, às desmedidas, e a satisfação de fluxos de prazer senhoril, para além da procriação.

Assim como a negra era a trabalhadora e reprodutora, a mulata era associada ao prazer sexual. Todos os autores que a ela se referem destacam-na pela estética –beleza física – e a relacionam à idéia de prazer, ou seja, os traços físicos, cor, cabelo e formas, condicionavam-na a ser “sensual” (LEITE, 1996, p.136).

Exemplar nesse sentido é a história da escrava Xica da Silva, que se passou em Minas Gerais, na época da exploração de diamantes, durante o período colonial brasileiro. A história teve duas versões, uma cinematográfica e a outra televisiva, e em ambas se explorou o lado da sexualidade como arma de persuasão. Na versão cinematográfica, com a atriz Zezé Mota, esse aspecto foi demasiadamente explorado, havendo cenas, inclusive, em que a personagem Xica da Silva entra para cômodos da casa com homens que se realizam aos berros, como se algo de extraordinário estivesse sendo feito pela escrava. Depreende-se que a sexualidade da escrava era a única arma possível da mulher negra diante das agruras da escravidão, menosprezando sua inteligência e outras possibilidades.

É interessante observar que na dicotomia entre a negra e a mulata, a primeira, via de regra, era vista como feia e a segunda detentora de belos e sensuais traços. Ilka Leite, a partir de uma análise do olhar dos viajantes, consegue sintetizar essa dicotomia que abarcava essa relação estética entre a negra e mulata:

Nota-se uma ênfase na representação da mulata como símbolo do prazer, da beleza estética, principalmente, por seus atributos físicos. A negra ia, portanto, tornando-se o oposto, ou seja, “feia e de caráter sombrio” (LEITE, 1996, p.136).

Segundo Leite, somente uma autora do século XIX destoa dessa percepção da negra como feia e sombria:

A negra mina é quase sempre notável pela beleza dos braços e elegância das mãos. Parece que elas têm consciência disso, porque trazem geralmente aos braços braceletes apertados de miçangas cujas ricas cores dão realce à finura das mãos e se casam admiravelmente com o tom bronzeado e luzidio de sua pele (AGASSIZ, apud LEITE, 1996, p.138).

Mas, apesar de tudo isso, essa tipologização entre a branca e a negra, de certa forma, perdura até os dias atuais, nas relações sociais, nos chistes, na propaganda, em particular, e no discurso midiático, em geral, pois a utilização de mulheres negras (e mulatas) seminuas facilita o consumo, o que marca, definitivamente, a construção de um discurso que vem determinando (reforçando) hegemonicamente os diferentes papéis ocupados pelas mulheres, brancas e negras, a partir de uma suposta pertença racial.

A mulher branca, que “não deve sair da casa, ainda com pretexto de piedade e de religião” (VIEIRA, apud PALACÍN, 1998, p.36), responsável pela guarda e criação dos filhos (homens até a idade de estarem aptos para irem para o campo comandar os escravos e mulheres até a idade de se casarem), carrega a responsabilidade de estruturar, em si e nas suas relações sociais, uma sociedade patriarcal e patrimonialista. E a mulher negra, escrava no trabalho e do prazer do patrão e dos “capitães-do-mato”, era responsável, por vezes, pela iniciação do sinhozinho, fonte interminável de prazer e luxúria, segundo a moral vigente.

O corpo da mulher negra, na história do Brasil, já teve funções determinantes tanto na “descarga” sexual dos senhores, como já dito acima, mas também na reprodução da força de trabalho escrava. Neste sentido, o aborto já foi ato político de mulheres negras, que, de uma forma auto-mutiladora, privavam o mercado escravocrata de novas “peças”.

Se a escravidão negra esteve assentada sobre o corpo do escravo, o corpo que trabalha, o corpo que se reproduz, o corpo que dá prazer, a sexualidade foi fator determinante na relação dos negros com os brancos e dos negros entre si. Pois as mulheres negras, fonte de prazer para o branco e de combate para os negros, guardavam para o companheiro negro o orgasmo ao qual se proibiam com o branco.

Uma resistência no microtempo, indizível e sem controle. O relato de um alemão, transcrito por Pierre Verger sobre as negras da Bahia, traduz esse mito da mulher negra erotizada: *Não é possível encontrar noutra lugar uma tal riqueza de formas como nas negras minas da Bahia* (LALLEMENT, apud VERGER, 1992, p.104).

As mulheres negras, fundamentais na política econômica da colônia e da metrópole, haja vista que geravam novos escravos para o sistema, mas também porque deixavam homeostaticamente controlada a energia sexual dos brancos, para poderem se dedicar com mais energia (leia-se: violência!) ao controle disciplinar dos escravos produtores, fez, por vezes, valer-se do sexo fácil para a sua sobrevivência e de sua família, não se opondo ao domínio do patrão ou de algum capataz mais poderoso, não por prazer ou por ser fácil, mas para garantir, como estratégia, aliada a tantas outras (banzo, mutilações, suicídio, fugas), a sobrevivência do seu grupo. Esteve no corpo das mulheres negras a responsabilidade da construção-reprodução de uma cultura dinamizada, muitas vezes, através do sexo propriamente dito.

Leite é contundente ao sintetizar os diversos papéis da mulher na sociedade patriarcal:

A imagem repassada pelos viajantes é triangular, parcializando e fragmentando os atributos da mulher. A branca seria para casar, mas não encarnava nem a sedução nem a imagem de trabalho. A negra podia ser usada sexualmente, embora não sendo sedutora como a mulata. Não servia para casar, mas apenas para o trabalho. A mulata servia como trabalhadora e até como amante, mas nunca como esposa (LEITE, 1996, p.140).

Assim, o mundo da escravidão, desde a Colônia até o fim do Império, definia de forma direta os papéis sociais e sexuais, a partir dos interesses do mundo masculino.

Mulher negra – entre o mercado e o consumo

Não estamos lançando nosso olhar de fora da realidade, pois dela fazemos parte. Nossa análise passa, necessariamente, pela experiência, pelo vivido. No entanto, ao olharmos já estamos emitindo um julgamento, uma análise sobre a realidade da qual falamos. Nossa análise busca pensar fundamentalmente a realidade brasileira, neste sentido, um dos pressupostos teóricos aqui assumidos diz respeito à ligação entre capitalismo e patriarcado, devendo, em nossa teorização, serem encarados como duas faces de uma mesma realidade.

A lógica capitalista que permeia nosso cotidiano e as estruturas de poder e de gerência do Estado Moderno estabelecem para cada sujeito individualmente, assim como para o conjunto da sociedade, regras de convivência, de estar junto, de consumo e relações sociais possíveis, determinado o desejo e as representações vividas pelo coletivo.

A heterogeneidade entre os diferentes atores sociais tem conduzido a sociedade a adotar, quase como sendo natural, um androcentrismo em seus diferentes campos: político, econômico, psicológico, educacional, entre outros.

A osmose que encontramos entre capitalismo e patriarcalismo faz das mulheres, primeiro, objetos a serem comercializados nos mercados sexuais, ou a serem utilizados como mão-de-obra barata, principalmente nas indústrias manufatureiras de pouca complexidade, ou nos lares, como empregadas domésticas. Ou, fora das relações de trabalho, estritamente ocidentais, como “donas-de-casa” (do lar).

No entanto, em nossa argumentação, devemos localizar tanto o patriarcado como as relações de produção capitalistas. O patriarcado não se resume a um sistema sócio-político-ideológico, pois o mesmo se apresenta com uma forte

dimensão econômica, quando impõe, ideologicamente, aos homens a tarefa de gerir, produzir e distribuir os bens e mercadorias circulantes.

As relações de produção, na medida em que operam também no domínio da reprodução, respondem pelas relações de apropriação que visam subordinar a mulher ao homem.

O que estamos vendo na contemporaneidade, no que diz respeito à mulher negra, é uma tentativa de perpetuação dessa tipologia através de dois tipos caricaturáveis: a “mulata” e a empregada doméstica. Ambas sonhos de consumo de uma sociedade burguesa e machista.

O tipo da “mulata exportação” é um modelo resultante de relações pessoais e econômicas bem singulares. Uma mulata que rebola na televisão ou em shows marca, com seu corpo, como um território móvel, a cartografia do desejo, que se faz construída a partir de signos do binômio dominação-dominante, e que é hipocritamente apresentada como fator de ascensão financeira, muitas vezes apropriada pelas próprias mulheres.

Do outro lado encontramos, não menos importante para a economia, a empregada doméstica, tendencialmente de uma família branca classe média. A empregada doméstica pode estar relacionada com a capacidade, quase escrava, de atender às necessidades cotidianas das famílias. Necessidades alimentares, de vestuário, de assepsia, entre outras.

Essas duas tipologias – mulata exportação e empregada doméstica – ao que parece abarcam uma grande parte das mulheres negras, como se fossem ou mulheres para o sexo ou mulheres sem sexo, e oferecendo-lhes duas possibilidades de inserção social: uma que as torna alvo da moralidade hipócrita, que se utiliza do corpo da mulher negra, mas nega-lhe lugar na tradicional família burguesa; e a

outra, a resignada e dócil empregada, apresentada como modelo de mãe e chefe de família, mas que nunca terá facilidades financeiras.

Contudo, a sociedade fala como se a mulher negra pudesse escolher entre as duas extremidades, entre ser objeto de desejo ou modelo de trabalhadora, como se coubesse a ela a capacidade autônoma de transitar entre posições sociais escolhidas única e exclusivamente por ela. É como se a elas, a empregada doméstica e a “mulata”, só coubessem essas opções, essas escolhas no rol social de possibilidades de atuação profissional. Isso sem se levar em conta fatores familiares, econômicos, políticos, entre outros. Pensar assim é desprezar as determinações históricas que vicejam em uma sociedade capitalista. É entender a dinâmica em sociedade a partir do viés monolítico do individualismo e do liberalismo. Por esse entendimento, o ser humano não é determinado e sim determina o próprio destino, responsável único e exclusivo pelo sucesso ou pela ausência dele. Entendemos, em contraposição, que o agir humano está inserido no contexto histórico da complexidade, marcado por subordinações e insubordinações ao real-histórico, às condições objetivas e subjetivas da existência.

Impossível pensar a mulher negra na sociedade contemporânea sem entender as possibilidades de uma articulação da mesma com a sociedade de consumo. Uma sociedade que se consolida dia-a-dia, fundada no consumo desenfreado e vazio, tratando-se assim de um novo ordenamento capitaneado pelo mercado.

Tudo isso se põe hoje a serviço não apenas do estado, mas também das grandes organizações civis (empresas multinacionais, corporações de serviços etc.) que, pari passu com o aumento exponencial de dados sobre consumidores reais e virtuais, consolidam pela vigilância contínua o seu poder de identificação e imobilização dos antigos cidadãos políticos nas funções atribuídas pelo mercado (SODRÉ, 2002, p.16).

Assim, uma fragmentação de ofertas de bens de consumo faz com que as mulheres negras, até então invisíveis nos diferentes estratos sociais, tornem-se, pelo menos em uma pequena parcela, consumidoras. Uma possibilidade de acesso aos bens de consumo que não as particulariza, assim sendo, estabelece modelos e tipos estéticos, reconhecíveis iconograficamente por uma parcela maior de mulheres. Em outras palavras, algumas mulheres negras que alcançam este acesso aos bens de consumo e, em alguns casos, notoriedade, servem de parâmetro positivo para uma camada maior de mulheres também negras e – por que não dizer – pobres. Encontra-se nesse ponto a força da narrativa individualista moderna, quando estende para o todo a condição de poucos, causando a ilusão de que as mulheres negras têm um acesso real a essa sociedade de consumo.

Esse mercado de consumo estético voltado para a mulher negra reflete transformações ocorridas principalmente no campo da cultura que, assim, se tornou mais fluida e com as fronteiras mais “borradas”; é o que comumente tem-se entendido como pós-modernidade.

As instabilidades, interstícios, deslizamentos e reorganizações constantes dos cenários culturais, a circulação mais fluida e as articulações mais complexas, as interações e reintegrações dos níveis, gêneros e formas de cultura, o cruzamento das suas identidades, a transnacionalização da cultura, o crescimento acelerado das tecnologias e das mídias comunicacionais, a ampliação dos mercados culturais, a expansão e os novos hábitos no consumo de cultura estão nos desafiando para encontrar novas estratégias e perspectivas de entendimento capazes de acompanhar os deslocamentos e contradições, os desenhos móveis da heterogeneidade pluritemporal e espacial que caracteriza as sociedades pós-modernas, muito acentuadamente as latino-americanas (SANTAELLA, 2003, p. 65).

Entretanto, para se pensar toda essa instabilidade, temos de ser capazes de entender o duplo movimento de fluxos contrários que, por um lado, aponta na direção da perda da identidade e da fronteira que a circunda, e por outro lado, no entanto, novas fronteiras são recriadas a partir de uma orientação mercadológica.

Esse duplo movimento, como se depreende de Santaella, implica compreender que a cultura, além de ser entendida como uma esfera que se traduz por um agir humano, simultaneamente pode ser entendida a partir de uma lógica mercantil, a cultura também é mercadoria. Logo, se por um lado a identidade da mulher negra é colocada em xeque pelo mercado, por outro lado uma nova identidade é recriada a partir do mercado, como já se afirmou aqui.

No caso da mulher negra, uma outra possibilidade, na direção de acesso a bens de consumo específicos, se apresenta. Pode-se pensar na formação de um mercado pseudo-étnico particular, que se encontra representado em linhas de produtos como a linha *Natura aquarela*: o colorido da mulher brasileira (“mil tons”); a linha de escovas *Ethnic fashion* para cabelos afros; a linha de maquiagem *black opal* (importada); o *Rexona ebony*; o *depilsan afro* (“para mulheres da cor do pecado”), assim como em revistas como *Raça*, que parece incorporar, na sua editoria, um catálogo de produtos, sob a aparência de uma bandeira de valorização da mulher negra, a partir da valorização de seus traços anatômicos. Encontra-se, entretanto, nessa revista uma tentativa de negar um modelo estético branco como única via para o reconhecimento da beleza da mulher negra. Um padrão branco que se encontra disseminado na mídia. A revista *Playboy*, por exemplo, raramente coloca em suas capas mulheres negras. Nos últimos dois anos, a única contemplada foi Isabel Fillardis, não se deixando de considerar que a mesma é uma estrela da Rede Globo de Televisão. O mesmo em relação a revistas femininas como *Marie Claire*, *Criativa* e outras. A mídia nega as mulheres negras, sobretudo as de pele mais escura e, quando as apresenta, pelo menos como referencial socialmente valorizado, essa visibilidade, embora presente, também, em outros contextos, configura-se, tanto aqui como nos Estados Unidos, numa única direção. Ou seja, “as

mulheres negras que atingem visibilidade [...] são geralmente mulheres da classe média” (DAVIS, 2000, p.12).

Mulher negra – discurso científico

Todo tempo entramos num jogo dicotômico entre a imagem e memória da mulher negra enquanto mãe da cultura nacional brasileira e como sujeito político e economicamente invisível.

Vencer as barreiras dessa dicotomização, buscando romper com as representações que tornam a mulher negra mero acessório masculino, e tentando estabelecer pontes entre as representações que tratam da mulher negra como produtora de cultura, saberes e história, torna-se tarefa urgente para se pensar reflexivamente o papel da mulher negra na sociedade contemporânea.

Procuramos nos sustentar na definição de racismo como um fenômeno complexo, que necessita ser analisado e entendido “de modo global e sistematicamente” (MUNANGA, 1998, p.43). As estruturas de dominação e disciplinares atingem não só os corpos, como na Idade Média (FOUCAULT, 1996), mas também servem como instrumento de construção deste capital cultural racista e discriminatório. Esse processo acontece por meio de uma lenta e progressiva inculcação de representações racistas e discriminatórias, construídas de forma global pelo sistema capitalista, e reproduzidas de forma local pelas diferentes estruturas sociais de formação, informação e controle em sociedade, como as escolas, as igrejas, a mídia e os discursos científicos.

O projeto biologizante em curso na Europa ganha corpo no Brasil do final do século XIX, principalmente devido à sua apropriação por parte da medicina, ciência profundamente influenciada pela Biologia evolucionista. As interpretações do ideário darwinista produziram uma síntese teórica conhecida como darwinismo social, que

se traduz por uma idéia de evolução inerente ao ser humano. Assim se constrói a idéia de raça, atravessada por uma perspectiva evolucionista. Esse conceito traduz a visão de mundo eurocêntrica, que produz uma manipulação dos princípios darwinistas, numa suposição de que há uma pretensa hierarquia entre as “raças”, em que, no topo da escala, encontra-se o europeu e, na base, o não-europeu. No Brasil, esse modelo eurocêntrico é apropriado no cerne de uma sociedade bastante hierarquizada e serve como instrumento para ratificar as diferenças sociais. Haja vista que o discurso liberal-burguês, fundado no individualismo, não teria espaço em uma sociedade escravista até o final do século XIX. Assim sendo, o ser humano negro é essencializado a partir de diferenças biológicas assumidas subliminarmente na idéia de raça. Logo, o homem negro e a mulher negra, mesmo após a abolição, defrontam-se com um discurso hegemônico que afirma sua inferioridade desde o nascimento.

Uma outra face desse discurso racista hierarquizante que influencia a produção da imagem da mulher negra brasileira é a idéia de mestiçagem. Há, no final do século XIX, um poderoso discurso que identifica o Brasil como o último bastião da mestiçagem. Em finais do século passado o Brasil era apontado como um singular exemplo de estremada miscigenação racial (SCHWARCZ,1993, p.11). A mestiçagem funciona como um anteparo em uma sociedade que precisa justificar uma profunda discriminação racial fundada no paradigma da cor, assim como a dificuldade de se transformar o Brasil em uma nação moderna.

A mestiçagem existente no Brasil não só era descrita como adjetivada, constituindo uma pista para explicar o atraso ou uma possível inviabilidade da nação (SCHWARCZ, 1993, p.13). Estava embutido, no projeto de mestiçagem, um sentido teleológico, pois se acreditava que o/a mestiço/a seria o meio termo entre o/a

negro/a atrasado/a e o/a branco/a civilizado/a. Através do/a mestiço/a se daria o fim do/a negro/a no Brasil, por sua total assimilação ao branco. Encontra-se, neste princípio, o pressuposto da Teoria do embranquecimento. A tese do embranquecimento baseava-se na presunção da superioridade branca, às vezes, pelo uso dos eufemismos raças “mais adiantadas e menos adiantadas” e pelo fato de ficar em aberto a questão de ser a inferioridade (SKIDMORE, 1976, p. 80).

A teoria do embranquecimento não era uma singularidade brasileira, como atesta Thomas Skidmore ao reproduzir um artigo de Theodore Roosevelt traduzido pelo *Correio da Manhã*, em 1914. E pelo seu teor histórico, embora seja um pouco extenso, vale a pena sua reprodução na íntegra:

No Brasil, o ideal principal é o do desaparecimento da questão negra pelo desaparecimento do próprio negro, gradualmente absorvido pela raça branca. Não quer isso dizer que os brasileiros sejam ou venham a ser o povo de mestiços que certos escritores, não só franceses e ingleses, mas americanos também, afirmam que são. Os brasileiros são um povo branco, pertencente à raça do Mediterrâneo, diferenciando-se das gentes do Norte, somente como delas diferem, com seu esplêndido passado histórico, as grandes e civilizadas velhas raças de espanhóis e italianos. A evidente mistura de sangue índio adicionou-lhe um bom, e não um mau elemento. A enorme imigração europeia tende, década a década, a tornar o sangue preto um elemento insignificante no sangue de toda a nação. Os brasileiros do futuro serão, no sangue, mais europeus ainda do que o foram no passado e diferenciarão de cultura somente como os americanos do Norte diferem (ROOSEVELT apud SKIDMORE, 1976, p. 85).

Como se pode perceber, reitera-se a idéia de que o elemento negro serve como base de uma escala evolutiva, em cujo topo encontra-se triunfante o homem europeu. E o termo homem não é uma conceito genérico. Roosevelt traduz em poucas palavras o anseio tanto dos americanos como das elites brasileiras: o de se europeizar. E para se alcançar tal objetivo, deve ser eliminado o sangue negro das entranhas da sociedade brasileira. Aliás os americanos, como se depreende pelo autor, já alcançaram este patamar e apenas aguardam a chegada dos brasileiros. O

mundo assim será uma grande Europa com apenas diferenças culturais de pequena importância. Ou seja, aqui se come abará e lá *hot dog*.

É dentro desta perspectiva que deve ser entendida a valorização do/a mestiço/a como elo de ligação entre o elemento negro tido como inferior, e o branco inversamente superior. O/a mestiço/a seria assim um elemento mais adequado ao mercado capitalista e aos padrões civilizatórios com pretensões européias. Finalmente, temos que pensar o mito da valorização da mulata e sua erotização na sociedade brasileira e no exterior a partir do mesmo enfoque, ou seja, para ser aceito é preciso mudar de cor.

Numa sociedade esteticamente regida por um paradigma branco – por mais difícil que seja hoje manejar a idéia de uma identidade cultural fundada em critérios de raça –, a clareza ou a brancura da pele, mesmo sem as barreiras guetificantes do multiculturalismo primeiro-mundista, persiste como marca simbólica de uma superioridade imaginária atuante em estratégias de distinção social ou de defesa contra as perspectivas “colorizadoras” da miscigenação, da coexistência com imigrantes cada vez mais numerosos nos fluxos da globalização (SODRÉ, 1999, p.234).

Esse processo de discriminação, em curso desde o século XIX, com forte respaldo de uma ciência da época, corrobora os processos de internalização da inferioridade, como atesta ainda Muniz Sodré:

Maior ainda, no entanto, pode ser o problema da autodiscriminação, devido à internalização pelo indivíduo escuro de imagens negativas sobre si-mesmo. Por que maior? Porque se trata de processos inconscientes de autodesvalorização, difíceis portanto de serem submetidos ao escrutínio político ou racional (1999, p.235).

É dentro de jogo de claros e escuros, cheios e vazios, presenças e ausências que a mulher negra se subtrai à força física e monta suas estratégias de combate e sobrevivência.

Aquelas que produzem, buscam, fundamentalmente, na sociedade capitalista, a sobrevivência, utilizam-se da força simbólica, que ultrapassa a força física, para serem identificadas, também, com a lua, com a poesia e o lar – as mulheres –, cabendo-lhes o direito e o desejo incomensurável de proteção e carinho.

O amor precisa estar presente na vida de todas as mulheres negras, em todas as nossas casas. É a falta de amor que tem criado tantas dificuldades em nossas vidas, em nossa sobrevivência. Quando nos amamos, desejamos viver plenamente. Mas quando as pessoas falam sobre a vida das mulheres negras, raramente se preocupam em garantir mudanças na sociedade que nos permitam viver plenamente.

Geralmente, enfatizam nossa capacidade de ‘sobreviver’ apesar das circunstâncias difíceis, ou como poderemos sobreviver no futuro. Quando nos amamos, sabemos que é preciso ir além da sobrevivência. É preciso criar condições para viver plenamente. E para viver plenamente as mulheres negras não podem mais negar sua necessidade de conhecer o amor (HOOKS, 2000, p.188).

Não partilhando de posições maniqueístas, que colocam os homens como essencialmente maus, e as mulheres como essencialmente submissas, pretendemos demonstrar, nas próximas linhas, que essas representações – forte x fraco, dominante x dominado – servem a um projeto de sociedade que tem nas ciências seu suporte discursivo.

A. Discursos médicos e psicológicos

Não existe uma identidade isolada do contexto sócio-histórico e cultural no qual as pessoas e grupos estão inseridos, logo identidade não é algo a-histórico isolado, inscrito no âmago dos sujeitos, mas uma construção sócio-histórica e cultural. Por exemplo, os indivíduos de pele clara, brancos, só se reconhecem como

“identidade branca” ou “eurocidental” no contexto relacional com os ditos não-brancos ou não-ocidentais (SODRÉ, 1999, p.255).

Esta concepção, que parece já aceitável e comum, marca de início uma ruptura com uma concepção liberal da psicologia, concepção que a constitui como ciência no século XIX, a serviço o sistema socioeconômico em consolidação: o capitalismo. Constituída originalmente para servir à emergência da sociedade do capital e mercado, a psicologia legitimava e ainda legitima os aptos e os não aptos à ordem social vigente (BOCK, 2003, p.15-28).

No Brasil, embora haja hoje uma tentativa séria de profissionais ressignificarem a psicologia apropriando-a ao contexto brasileiro e à sua população, numa crítica às condições materiais a que a maioria da população é submetida, ela, a psicologia, ainda está associada a uma perspectiva eurocêntrica quer seja liberal, quer seja sócio-histórica. Nesta direção, a mulher negra não faz parte, enquanto especificidade, do universo de investigação desta ciência humana.

A medicina social alia-se à psicologia e à psiquiatria no século XIX, e juntas elas se encarregam de fortalecer e produzir uma imagem negativa da mulher negra – imagem essa marcada pelo ideário civilizatório, eugênico e higienista deste século, que pretendia assim limpar a “mancha negra” da nação, ou seja, eliminar os negros e as negras. O ideal de embranquecimento, tão apresentado neste trabalho, atravessa toda a sociedade.

Não considerando a mão-de-obra escrava na cidade, esquivando-se quando a estuda no campo, a medicina social nunca fez da realidade específica da escravidão – principal força de trabalho da época – a sua questão mais fundamental, nem prática nem teoricamente. Tem sob sua mira a transformação da cidade – e principalmente da Corte – promovendo seus habitantes livres a indivíduos saudáveis e patriotas, perfeitos cidadãos. O que é mais um testemunho de que no momento de sua constituição a medicina social brasileira não é uma medicina do trabalho ou do proletário, mas uma medicina urbana (MACHADO *et al.* 1978, p.371-372).

Maria Helena de Souza Patto também nos ajuda a fortalecer esta tese, quando nos diz que,

[...] em se tratando de Brasil, tudo indica que a campanha higienista foi, em grande medida, parte de um projeto político de “salvação da nacionalidade e de ‘regeneração da raça’, verdadeira obsessão que tomou conta de nossos intelectuais e especialistas em decorrência das perspectivas sombrias trazidas a um país mestiço pelas teorias raciais geradas na Europa e assimiladas a partir do Segundo Império. Segundo essas teorias, os negros e os índios eram raças inferiores e os mestiços, produtos degenerados que herdavam o que havia de pior nas raças matrizes (1998, p.319).

A mulher negra escravizada foi culpabilizada pelas mazelas da sociedade:

Sórdidas escravas, devassas, de organizações contaminadas pelos vícios sífilíticos, bobáticos, etc., são as encarregadas da saúde e futuro das infelizes crianças, que com o leite bebem a peçonha que há de envenenar a vida, augurando-lhes um futuro de moléstias e dores. Ninguém se importa que a ama de seu filho tenha tido enfermidades contagiosas, contando que a aparência seja de saúde, seja aparentemente boa, embora os filhos desta assassina ama, inocentes vítimas, definham miseravelmente sofrendo o resultado dos vícios de seus asquerosos pais (Miguel Antonio Herédia de Sá apud Machado et al. 1978, p.355).

A escravidão domiciliar é vista como um impedimento ao progresso social, já que a escrava, ao corromper o pai, corrompe toda a família:

[...] ninguém ignora as desordens domésticas que freqüentemente suscita uma escrava. Quantos homens há que deixam o leito nupcial para irem conspurcar-se nas imundas senzalas onde dorme a escrava, que é preferida a uma esposa terna e amável? (HERCULANO AUGUSTO CUNHA apud MACHADO et al. 1978, p. 360).

Em função do quadro negativo, apresentado (1848) relativo à família brasileira:

[...] os jovens brasileiros são freqüentemente pervertidos na saída da infância; além do exemplo dos pais que eles têm sob os olhos, meninos e meninas, senhores e escravos passam juntos a maior parte do dia

meio vestidos; o calor do clima apressa o momento da puberdade, os desejos excitados por uma educação viciosa e as misturas dos sexos **são freqüentemente provocadas pelas negras** (o grifo é nosso), e nunca encontram obstáculos; o deboche aos poucos invade estas crianças e as precipita logo num abatimento físico e moral. Para remediar esta depravação que atinge a população na sua própria fonte, haveria necessidade de uma revolução completa dos costumes do país; mas enquanto a escravidão subsistir, em vão se indicará as causas do mal (ALPHONSE RENDU apud MACHADO et al. 1978, p.359).

Mais uma vez a mulher negra escravizada é culpabilizada pelos males da família e da sociedade.

(Talvez aqui encontremos uma explicação para o abandono e a invisibilidade que foram aos poucos sendo dados à mulher negra, que ao ser transformada em mulata – o que por um lado “limpa” a mancha negra – por outro lado continua sendo desumanizada. Afinal, mulata significa “mulher escura, mestiça, mulher ou designativo de mulher procedente de pai branco e mãe negra ou vice-versa”; mas também significa “mula, burra, asna”; logo, continua desumanizada, ressignificada como objeto sexual²⁸. Que efeitos subjetivos e psicológicos podemos ter, inclusive como referência nacional e auto-imagem, se fomos transformadas em variante de mulas?)

Voltando à especificidade da psicologia e da medicina social, diante da melancolia da inviabilidade de uma nação civilizada composta por degenerados, surge uma luz no fim do túnel, a esperança para o progresso da nação brasileira, para a elite intelectual, para os homens da ciência... Nos anos 20 do século XX, surge o “arranjo brasileiro”, que tomava por base o darwinismo, o evolucionismo social.

²⁸ http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx

Segundo Patto, a palavra de ordem era prevenção e os psiquiatras (Liga Brasileira de Higiene Mental - 1923) estavam entre os especialistas que pregavam as medidas mais drásticas para o “aprimoramento do povo brasileiro”:

A partir da tese da inferioridade racial de um povo mestiço e negro, faziam recomendações carregadas de tintas protofascistas: estímulo a casamentos de não-brancos regeneráveis com brancos hígidos; deixar que os irremediavelmente degenerados se reproduzissem entre si, na esperança de apressar sua extinção; impedir casamentos, vetar a atividade sexual, esterilizar e confinar “degenerados”. A defesa do branqueamento através de casamentos inter-raciais não vinha da crença na igualdade entre as raças, mas da certeza de que ele era condição de progresso racial e social, o que significava excluir os negros do projeto nacional. Engendrou-se então uma representação social dos pobres que os tinha com inferiores do ponto de vista físico, psíquico e moral. Os adjetivos que os qualificavam nos trabalhos científicos, na imprensa, nos registros policiais, nos processos penais e na linguagem cotidiana eram todos pejorativos, desde “vadios” e “incapazes” até “simiescos” e “criminosos” (PATTO, 1998, p.320).

Parece que o mundo Psi (Psicologia, Psiquiatria) ignorou e ainda, no sentido hegemônico, ignora a questão do racismo em relação ao negro no nosso país. Continuamos tendo como referenciais teóricos quase que exclusivamente os padrões europeus, ou euro-descendentes de ser humano (Psicanálise e as instâncias psíquicas – uma teoria falocêntrica; Teoria do desenvolvimento cognitivo de Piaget e seus estágios de desenvolvimento; a psicologia da Gestalt, o behaviorismo, a psicologia sócio-histórica de Vygotsky, a de Henri Wallon...). Não desconsideramos a importância destes teóricos, apenas sinalizamos que há uma especificidade brasileira, que necessita de um aporte teórico bem próprio. Afinal, somos um país que mutilou, desumanizou e desumaniza seus homens negros e suas mulheres negras, um país onde suas mulheres negras carregam uma história de mutilação, estupro, escravização, exploração, abandono, desprezo social. Necessitamos de uma psicologia que indague que corpo humano é este, que psique

é esta, que imagem de povo é este que, de um lado, carrega o abandono e, de outro, o silêncio beneficiário do racismo de uma população fenotipicamente branca?

Se a Psicologia, o mundo Psi se silencia diante da problemática racial brasileira que atinge todos, brasileiros e brasileiras, acaba por se tornar cúmplice, mais uma vez, cúmplice da produção e reprodução das desigualdades sociais e do sofrimento humano, não rompendo com a marca histórica que ajudou a consolidar neste país: a ideologia de embranquecimento, o racismo.

B. Antropologia e Sociologia

Remonta ao século XVI o que se poderia considerar como os primeiros passos da Antropologia, que de alguma forma surgia como uma tentativa de saciar uma necessidade histórica: a de definir o que era o homem. Para Foucault, em *As Palavras e as Coisas*, o homem antes deste século simplesmente não existia (FOUCAULT, apud LAPLANTINE, 2000, p.55). Assim se fazia necessário definir o que era o homem, haja vista que, com a primeira expansão do mundo europeu, quando o *conquistador* se depara com universos culturais diferentes do dele, era necessário saber como classificar o *diferente*.

Explicamos que a palavra homem, aqui utilizada, estaria dentro da lógica de que ele é o padrão, o referencial de compreensão da humanidade ou da sua indagação.

“A grande questão que é então colocada e que nasce desse primeiro confronto visual com a alteridade, é a seguinte: aqueles que acabaram de serem descobertos pertencem à humanidade?” (LAPLANTINE, 2000, p.38).

Aliás, se fazia necessário definir o que era humanidade, haja vista que o único critério validamente aceito era o que entendia o homem enquanto uma singularidade religiosa.

O selvagem tem alma? Se não é cristão, tudo se pode fazer com ele? Existe alguma validade na cultura da alteridade? Essas questões incendiavam os debates nos séculos após os descobrimentos.

Parece-nos que os primórdios da Antropologia surgem como uma discussão em torno do homem e do selvagem, pois em relação ao negro a situação já estava resolvida – a escravidão.

Interessante constatar que mesmo obras atuais, como a de François Laplantine, não se debruçam sobre uma antropologia do negro, essa começa a se constituir a partir de relatos de viajantes, principalmente no século XIX:

Parte das representações sobre o Brasil, sobretudo do século XIX, foram produzidas no contexto de viagens, ou seja, por autores que se propuseram a elaborar relatos capazes de transmitir aos que ficaram as experiências vividas em lugares pouco acessíveis (LEITE, 1996, p.38).

Mas não se deve deixar de pensar que a escravidão e, por extensão, o negro passou a ser interessante como objeto etnográfico em razão do extermínio crescente do índio nos primeiros séculos da colonização. O negro, no entanto, é alvo de um olhar exótico proposto pelos viajantes:

O critério mais utilizado pelos viajantes para a escolha do que deveria ser mostrado em seus relatos foi o exótico, isto é, procuraram, sempre que possível, realçar as diferenças. Os viajantes trataram de revelar, admirados, a presença de um enorme contingente de população negra, cativos e libertos, provenientes da África, descendentes destes, africanos ou miscigenados com europeus e indígenas (LEITE, 1996, p.95).

No final do século XIX, outros atores sociais passaram a contribuir de forma mais sistemática no que diz respeito a um pretense discurso antropológico. Entre eles podem ser destacados: Nina Rodrigues, Edson Carneiro, Donald Pierson etc. Esses produzem uma etnografia mais organizada, atrelada a um olhar mais acadêmico. Entretanto, ao que se percebe, a mulher negra não tem uma

proeminência mais do que estatística nesses relatos. Segundo Leite, o relato dos viajantes é de suma importância para retratar o universo da mulher negra e escrava no século XIX:

Dada a escassez de fontes sobre o assunto, as informações sobre a mulher negra e a mulata, nas obras dos viajantes, não fornecem apenas impressões sobre a vida das mulheres – servindo para recuperar aspectos relevantes das relações entre os sexos –, mas também possibilitam uma reflexão sobre o modo como foram retratadas (LEITE, 1996, p.130).

Essa pré-antropologia do século XIX era muito marcada por uma visão evolucionista de mundo, vendo a raça como um fator de gradação entre brancos e negros e como fato de degradação dos negros, e por extensão, da mulher negra.

Atualmente, a Antropologia representa mesmo que no âmbito conceitual ideal, a possibilidade de relativizar nossos saberes e representações acerca de nós mesmo e dos outros. É um ato contínuo de “transformar o exótico no familiar e/ou transformar o familiar em exótico” (DAMATTA, 1981, p.157).

Esse movimento contínuo de relativização, que teme por encontrar, nas outras culturas e diferenças, um padrão para interpretações a respeito das diversas culturas, e que levou alguns antropólogos (VELHO, 1991; GEERTZ, 2000) a temer por uma naturalização essencializada do ato de relativizar, possibilita, no entanto, um vislumbre da totalidade da experiência humana em todas as suas variações.

As experiências humanas em lugares diversos são também inteiramente singulares. O que aqui (e pensamos necessariamente como ponto de partida a cultura ocidental que nos nutre de representações e interpretações) é naturalizado, para outras culturas torna-se estranho, e o que estranhemos em outras culturas é ato contínuo e natural para as mesmas. Mesmo no “aqui” encontramos os mais variados possíveis usos e costumes. Pode-se pensar no limite, de que o “aqui” é

uma construção idealizada de algo que esperamos encontrar a partir de nossas representações. A partir de uma idealização do “aqui”, pensamos o “outro”.

No entanto, nossas concepções sobre o outro e sobre suas construções culturais, apesar de estarem baseadas no relativismo, encontram-se ancoradas nas nossas próprias concepções, que determinam nossa interpretação. Uma comparação que nos auxiliará no entendimento dessas variações antropológicas pode ser realizada a partir do estudo de Margareth Mead entre os Mundugumor da Nova Guiné.

Entre os Mundugumor, uma criança nascida com o cordão umbilical enrolado no pescoço, que para nós, ocidentais, herdeiros da ciência médica, tanto nos assusta, é um indicativo de que a mesma será uma artista nata. Toda sua educação será encaminhada em função desse dom, favorecendo um ambiente que lhe proporcione instrumental suficiente para concretizar seu destino. Tal perspectiva implica uma noção de destino que se traduz como uma relação comunitária, pois o sinal que a criança traz não implica uma certeza da concretização de um destino, pois depende da ação da comunidade que, reconhecendo o sinal (no caso o cordão umbilical enrolado), propõe um conjunto de ações que permitirá a concretização do destino da criança.

Se compararmos com nossa cultura, considerada por nós como avançada, os Mundugumores serão considerados atrasados e ingênuos em relação ao que dota um sujeito de dons artísticos, pois “sabemos” que não tem nada a ver com o fato biológico do cordão umbilical. No entanto, os mesmos Mundugumores nos considerariam estranhos, pois correlacionamos a agressividade, a dominância e a segurança com o fato de um sujeito nascer dotado de pênis. Mas faz parte da nossa construção cultural atribuir aptidões e essencializá-las em função dos predicados

anatômicos, pois “a cultura atribui arbitrariamente certos traços humanos às mulheres e imputa outros, da mesma forma arbitrária, aos homens” (MEAD, 1969, p.274).

Apreende-se daí que os papéis sociais são em grande parte definidos de acordo com a função social, a posição que o sujeito ocupa na dinâmica cultural e o conjunto de representações elaboradas pela coletividade a que pertence. Não é muito repetir que os papéis são socialmente definidos, sem que os componentes instintivos, inatos ou biológicos determinem sua formação. Os papéis sexuais obedecem à mesma lógica dessa determinação, sendo socialmente construídos.

Contudo, é evidente que há diferenças anatômicas entre o homem e a mulher, diferenças essas presentes tanto nos órgãos genitais, como na produção de hormônios, no entanto, atribuir essas diferenciações como determinantes das posições sociais ocupadas por homens e mulheres, principalmente no que se refere aos papéis sexuais masculinos e femininos, traduz-se na posição dominante da ciência ocidental, que imprime padrões culturais sobre as bases orgânicas.

Nossa conclusão é de que não há uma conexão necessária entre o sistema reprodutor feminino e masculino com os papéis sexuais do homem e da mulher. Em diferentes sociedades e culturas encontramos apropriações diferentes dos papéis e representações do gênero pelos diferentes corpos-anatômicos. Isto é, numa cultura, aquilo que é determinante da posição do homem pode se atribuir às mulheres em outras culturas, e vice-versa.

Num levantamento feito por Neuma Aguiar (1997) sobre a relação de gênero com as Ciências Humanas, sua pesquisa conduziu para a conclusão de que a complexidade do assunto tratado pelas diferentes disciplinas, bem como a produção em termos da quantidade de material produzido e das diferentes matizes temáticas,

deveria, forçosamente, levar a quem se dispõe a estudar o assunto a restringir suas pesquisas a determinados aspectos desta problemática.

Não é, contudo, nosso caso, pois o que pretendemos nas próximas linhas é realizar uma breve reflexão de como a temática de gênero foi tratada pelas disciplinas das Ciências Sociais (Sociologia e Antropologia), para tentar entender a invisibilidade, também nesse campo, da mulher negra.

Uma revisão da literatura antropológica sobre gênero, baseada principalmente no percurso traçado por Marco Antônio Gonçalves, nos remete, necessariamente, a pensar duas articulações possíveis: uma análise sobre as mulheres antropólogas ou uma análise do que, independente do sexo do/a autor/a, se tem escrito sobre o assunto.

Escolhemos traçar breves linhas paralelas entre as duas posições, pois acreditamos que o sexo do autor determina seu lugar na escrita etnográfica, não ficando, portanto, os homens isentos de suas posições masculinas quanto etnografam o universo feminino. Neste sentido, poderemos perceber, antecipadamente, que as antropólogas que tratam do universo feminino também não escapam, quando muito, das visões masculinizantes da sociedade patriarcal capitalista.

No entanto, o que percebemos é que nas etnografias que levam em conta o papel da mulher, o principal objetivo é “inventariar papéis e significados relacionados às diferenças de sexo na condução da vida social” (GONÇALVES, 2000, p.1).

Nós nos deteremos, por uma questão de fazer parte de nossa análise, não na questão da participação da mulher negra nas esferas de poder e de controle dos aparatos científicos da Antropologia e Sociologia, mas de como a mesma torna-se objeto desse saber, que de forma alguma, após as contribuições da Antropologia

hermenêutica, é um saber desinteressado, desvinculado de seu autor/sua autora e que, principalmente, tem a função não só de narrar, como fariam melhor os literários, missionários e viajantes, mas de construir um saber sobre seu objeto, construção essa que determina os aspectos relevantes da cultura etnografada.

Partimos do pressuposto de que a diferença, construída a partir de uma noção de dimorfismo sexual, em cada cultura, estabelece o espaço do poder e das desigualdades sociais dadas, sendo que na cultura ocidental essa diferença remete a uma noção bastante particular de indivíduo, que se relaciona entre si a partir de um gradiente de valor, determinando, portanto, as gradações e níveis diferenciados de distribuição e exercício do poder.

Devemos lembrar que a diferença não é um valor *per se* nem uma categoria absoluta ou pré-discursivamente dada, mas uma construção, quase sempre dinâmica, das culturas particulares. Neste sentido, sua permanência e pertinência não é de forma alguma universal, sendo o movimento de universalização das diferenças um movimento político de conquista, comumente estabelecido pelo Ocidente como forma de categorizar o resto do mundo.

Nesse jogo de universalização, a mulher negra busca sua singularidade e busca se subtrair ao movimento de dissimulação identitária proposto pela mídia.

C - Mídia e relações de gênero

A mídia no Brasil, que se estabelece a partir da circulação do ideário familiar, onde “os sujeitos econômicos da indústria da informação e do imaginário são predominantemente famílias” (SODRÉ, 1999, p.243), sendo seus interesses de classe defendidos não como apropriação de instrumentos do Estado de forma autoritária e centralizadora, como vimos em certos períodos históricos brasileiros, mas sim lançando mão de meios descentralizados de controle disciplinar das

populações, que são submetidas ao controle do imaginário a partir de uma construção discursiva midiática. Essa construção discursiva midiática tem como tarefa dinamizar o “funcionamento das instituições sociais com os meios de comunicação” (SODRÉ, 1996, p.7), satisfazendo assim, através da construção de um mercado consumidor, tanto os burgueses, que vêem seus produtos vendidos, como os não-burgueses, que se vêem como sujeitos desejantes de uma cultura superior a sua. A mídia, por meio de seus instrumentos, dissimula os embates entre os interesses antagônicos das classes dominantes e dominadas, pois estabelece um espaço intermediário de circulação, o que Castells chama do novo espaço industrial (1999).

Dentro de um campo contextual, a mídia, exercendo sua posição de intelectual da classe dominante, faz com que as representações não sejam simplesmente reproduzidas, mas cria novas representações, estabelecendo uma cadeia representativa onde os sujeitos deverão, necessariamente, sob pena de não mais conseguirem se enxergar como socializados, se auto-remeterem de forma circular.

A mídia, de forma patrimonialista, trata das questões raciais a partir da ótica dos dominantes, comungando com as estruturas sociais capitalistas e favorecendo, a partir de determinados mecanismos, o estabelecimento de mercados “pouco interessados em questões como a discriminação do negro ou das minorias” (SODRÉ, 1999, p.246).

E mais uma vez, a mulher negra é excluída, invizibilizada...

Ao apresentarmos, panoramicamente, a questão da mulher negra por várias vertentes, pretendemos apenas qualificar esta questão como uma questão multidisciplinar, presente em todos os setores e aspectos sociais. Consideramos que

essa é uma questão importante e fundamental, que atravessa toda nossa sociedade e que, mesmo assim, ainda é tida como irrelevante ou até de segunda, terceira categoria. Pretendemos, também, apresentar várias determinantes da imagem da mulher negra na mídia, e também na sociedade como um todo, nos dias atuais.

CAPÍTULO II - A FORMAÇÃO DA IMAGEM DA MULHER NEGRA NA MÍDIA BRASILEIRA: UMA EXPOSIÇÃO

"Aquele homem diz que as mulheres precisam ser ajudadas a entrar nas carruagens, serem erguidas acima das fossas e terem os melhores lugares onde quer que seja. Ninguém jamais me ajudou a entrar em carruagens, erguer-me acima das poças de lama ou ofereceu-me o melhor lugar! E não sou eu uma mulher? Olhe para mim! Olhe para meu braço! Eu arei, plantei, recolhi as colheitas nos celeiros e nenhum homem me guiou! E não sou eu uma mulher? Eu pude trabalhar e comer tanto quanto um homem – quando me foi dada a oportunidade de ter isto – e agüentar as chicotadas! E não sou eu uma mulher? Eu pari treze filhos e vi a maioria deles serem vendidos como escravos, e quando eu chorei com minha aflição sobre o túmulo de minha mãe, ninguém além de Jesus ouviu-me! E não sou eu uma mulher?"²⁹ (Sojourner Truth, feminista afro-americana, ex-escrava, atuante no século XIX. Sojourner promoveu esta fala em Akron, Ohio, em 1851)³⁰

Mas por que a Questão da IMAGEM? Imagens enunciam algo, são narrativas, são denúncias, são histórias, são dramas, que precisamos rever, nos apropriar de seus significados e, ao desvendar o mistério, quem sabe promover a visibilidade de quem foi tornada invisível, sem rosto, sem nome: **a mulher negra**.

As imagens dos negros, dos mestiços, dos moradores de favelas, de cortiços e de ruas, bem como as imagens dos índios, são apresentadas socialmente com desprestígio, inferiorizadas, despotencializadas, vitimizadas. Ou seja, com uma série de atributos que legitimam e naturalizam as desigualdades construídas social e historicamente contra eles.

Exemplos não nos faltam, é só observarmos qual a imagem que nos vem à mente quando pensamos, genericamente, em meninos e meninas de rua, funkeiros e funkeiras, alunos e alunas de escolas públicas, presidiários e presidiárias...

²⁹ COLLINS, Patricia Hill. 1990. Black Feminist Thought Knowledge, Consciousness and the Politics of Empowerment. Boston: Unwin Hyman, p.14.

³⁰ In: Sant'Anna, Wania. História de vida e de organização política: mulheres negras na construção do conhecimento. S/d (mimeog.).

A mídia, como instituição social, acompanha esse ditame social. Existe uma série de trabalhos que analisam a questão das imagens estereotipadas, por exemplo nos livros didáticos (NEGRÃO; PINTO, 1990; SILVA, 1988; NEGRÃO, 1987; PINTO, 1987), ou sobre auto-imagem e autoconceito (OLIVEIRA, 1993), na mídia (SODRÉ, 1980; 1999), especificamente nas telenovelas (ARAÚJO, 2000) nos ajudando a comprovar isso.

Televisão, cinema, vídeo, jornais, revistas, outdoors, propaganda, marketing... Sabemos a importância que tem a imagem no mundo contemporâneo, a força que tem o olhar nas leituras que são feitas nesse mundo, e o papel que os meios de comunicação de massa vêm ocupando na consolidação e naturalização de estereótipos e desigualdades sociais.

Por sua vez, os meios de comunicação de massa, com suas atuais "elites logotécnicas" (articulistas, editorialistas, cronistas, editores), verdadeiros "intelectuais coletivos" (no sentido gramsciano da expressão) dos blocos dirigentes, ignoram a questão identitária, ou ainda são atravessados por uma espécie de velha consciência eurocêntrica. Esses intelectuais são naturalmente "orgânicos" por terem um perfil traçado pela tecnologia, que se esquecem de sua feição ocidental-européia. Não é incomum que muitos deles, nos países que compõem o chamado Cone Sul (Brasil, Argentina, Uruguai) abjurem publicamente de sua eventual condição "sul-americana", desejosos de pertencerem, branca e eurocentricamente, ao Anel Atlântico (MUNIZ, 1999, p.29-30).

Sabemos também da "relação entre o controle dos meios técnicos de produção de imagem e a possibilidade de se criar um padrão de representação utilizando-se determinados sistemas de signos e não outros" (MAUAD, 1993).

Ora, diante da consciência dessa importância e desse controle, ou da possibilidade dele, as classes dominantes, através de seus agentes (seus produtores de discursos visuais), pensam em transformar as imagens que historicamente foram produzidas em imagens naturais, "naturalizando" assim os lugares em que determinados grupos podem, ou não, estar.

Se o ato de representar pela imagem for encarado como uma codificação da realidade, mas não a realidade, já que isolada social, espacial e temporalmente, podemos dizer que:

[...] as representações da realidade, e porque não dizer, a sua construção social, são historicamente determinadas, isto é, quando e de que forma foram produzidas, com que finalidade e por quem. Não haveria lógica de se tentar compreender os sistemas representativos fora do espaço, do tempo e das relações sócio-econômicas que os influenciam. [...] Os homens, e suas representações visuais, não são criações metafísicas que funcionam independentemente das condições materiais de vida e das suas relações sociais (OLIVEIRA JÚNIOR, 1990).

Posto isto, o produtor de discurso visual, logo de representações sociais, também não é um sujeito individual, mas coletivo, pertencendo ou estando "atrelado por laços de dependência, a uma determinada classe social, cujas representações e códigos comportamentais são pertinentes ao papel que ela desempenha no conjunto da sociedade" (MAUAD, 1993).

Buscaremos, neste momento, tecer um texto com imagens (pinturas, vídeos, poemas etc.), ancoradas numa argumentação metodológica de Canevacci (1993), de que o objeto também escolhe o pesquisador. Apresentaremos as imagens que foram nos escolhendo, nos tocando, nos "tomando" ao longo da realização deste trabalho. O que nos dizem essas imagens? Por que nos debruçar sobre elas? São simplesmente imagens? Não se trata de esquadrihá-las, de esmiuçá-las em análises, mas de apresentá-las.

Não se trata, também, de um mero aglomerado de imagens, mas de uma espécie de antologia que nos permite apresentar uma panorâmica sobre visões construídas ao longo de cerca de dois séculos sobre a mulher negra na mídia, entendida como suporte de divulgação e transmissão da informação, que constitui um meio intermediário de expressão capaz de transmitir mensagens, como: o rádio,

o cinema, a televisão, a escrita impressa (ou manuscrita, no passado), o computador etc. Incluímos aqui também as imagens plásticas, representadas em pinturas e fotografias.

Imagens do outro sobre nós, mulheres negras. O que elas nos dizem? São imagens do Outro, do estrangeiro, do exótico sobre o que para eles é exótico. São as imagens que ficaram na história como registro, como referências de um tempo, de pessoas, de estilos. São imagens que traduzem desejos, expectativas, valores e, conseqüentemente, que criam demandas, influenciam pessoas; são imagens ideológicas, inclusive, pelo respaldo que demonstram ter. No que diz respeito às mulheres negras, são imagens que se instituíram, se cristalizaram, se transformaram em referência sobre mulheres negras. Imagens que traduzem olhares estrangeiros, olhares sobre o cotidiano ou simuladores deste cotidiano, como no caso das fotografias. Imagens que condicionaram e condicionam nossos olhares, dando a ilusão de passividade, submetimento e naturalizando, às mulheres negras, os lugares sociais, aparentemente, de subalternidade, de subserviência.

2.1 - Imagem mítica

O mito de Lilith ou o lugar da mulher negra no Ocidente:

Não vamos nos deter em pormenores do mito de Lilith, sobretudo porque é um tema controverso, polêmico e sem o aparato da racionalidade, contudo, vamos abordar este tema, pois ele nos parece um indício, uma metáfora do lugar reservado à mulher negra no pensamento judaico cristão.

De Lilith podemos dizer que ela foi feita do mesmo barro que Adão e é a primeira mulher da humanidade, e também a primeira esposa dele. Briga com Adão, reivindicando igualdade, deixando-o "ferendo de cólera". Lilith queria liberdade para agir, escolher e decidir, queria os mesmos direitos do homem, mas quando

constatou que não poderia obter *status* igual, se rebelou e, decidida a não submeter-se a Adão e a odiá-lo como igual, resolveu abandoná-lo.

Segundo as versões aramaica e hebraica do Alfabeto de Ben Sirá (século 6 ou 7), todas as vezes em que eles faziam sexo, Lilith mostrava-se inconformada em ter de ficar por baixo de Adão, suportando o peso de seu corpo. E indagava: "Por que devo deitar-me embaixo de ti? Por que devo abrir-me sob teu corpo? Por que ser dominada por ti? Contudo, eu também fui feita de pó e por isso sou tua igual"³¹

Insatisfeita nos seus desejos, "segue rumo ao Mar Vermelho, uma região habitada por demônios e espíritos malignos, segundo a tradição hebraica. Um lugar profano [...]"³².

No Zohar (comentário rabínico dos textos sagrados), é descrita como "a prostituta, a maligna, a falsa, a negra". O nome Lilith vem, provavelmente, da Suméria e significa: "aquela que se apoderou da Luz". Originalmente, Lilith tinha um só aspecto, "a terrível Deusa-Mãe"³³.

Lilith foi feita por Deus, de barro, à noite, criada tão bonita e interessante que logo arranhou problemas com Adão. Esse ponto teria sido retirado da Bíblia pela Inquisição³⁴.

Lilith, na visão dos astrólogos, é a Lua Negra – uma segunda lua, que fica por trás da primeira e por isso mesmo não é vista, embora sua influência possa ser identificada nos mapas astrais³⁵.

As histórias sobre Lilith se multiplicaram durante a Idade Média. Era identificada, por exemplo, como uma das duas mulheres que foram ao rei Salomão para que ele decidisse qual das duas era a mãe de uma criança que ambas

³¹ <http://orbita.starmedia.com/~thedarkside1/lilith.htm>

³² http://ruistorm.ptisp.org/simplesmente/arquivos/cat_venus.php

³³ <http://www.casadobruco.com.br/textos/rituallilith.htm>

³⁴ idem

³⁵ http://geocities.yahoo.com.br/lilith_dumm/mito.html

reivindicavam. Em outros escritos, foi identificada como a rainha de Sheba³⁶ (Sabá), oriunda da Etiópia.

Por que a analogia de Lilith com mulher negra?

Primeiro, devido à explícita alusão à sua cor, negra, à correspondência com a rainha de Sabá, negra, à sua correspondência com uma lua invisível, logo negra, à sua ida para o Mar Vermelho que tem, hoje, como países de limite: Djibuti, a Eritreia, o Sudão, o Egito, Israel, a Jordânia, a Arábia Saudita e o Iêmen. E, ainda, pelo fato de ela ter sido a primeira mulher da Terra, vindo inclusive dela. É bom lembrar que, de acordo com a arqueologia, o fóssil do mais antigo homínido é africano³⁷.

Este destaque se deu porque Lilith entra nesta narrativa judaico-cristã ou como invisível, ou como associada à malignidade, ou como demoníaca, altamente sexualizada, perigosa, monstruosa, desumanizada.

³⁶ <http://mrsacid.vilabol.uol.com.br/untitled93.html>

³⁷ http://www.geocities.com/gilson_medufpr/afarensis.html e <http://www.geocities.com/CapeCanaveral/Hangar/2437/hominid.htm>



Figura 3

2.2 - Imagens Passivas – Olhares Estrangeiros

As missões artísticas estrangeiras: A abertura dos portos às nações amigas

Em recente passeio pela Baía de Guanabara³⁹, a guia ao passar pela Ilha Fiscal – marco do fim do Império Brasileiro – por ser o local do último baile da Corte, explicou que no cume do palácio tem um emblema, marca registrada da Monarquia, desenhado por Debret e esculpido por um escravo que ficou cego e a quem a História esqueceu de registrar o nome. Este esquecimento/ ocultamento ou invisibilidade das trajetórias de artistas, artesãos, intelectuais e produtores de cultura de ascendência negra nos fez pensar na longa duração da ideologia racial entre nós. Ideologia esta construída socialmente e tida como referência nas imagens produzidas sobre e para os negros, bem como, também, para os brancos. Ideologia que aparentemente subtrai do(a)s afro-brasileiro(a)s o direito de ter suas versões

³⁸ http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Africa_map_cia.png

³⁹ Domingo Legal: passeio de duas horas em torno da Baía de Guanabara, oferecido pelas Barcas S/A.

dos fatos por suas próprias representações. Vale reforçar a definição de ideologia e sua eficácia na perpetuação e criação de estereótipos e condutas:

A ideologia é ideologia, ou seja, aparência socialmente necessária, precisamente porque a consciência que produz nos integrantes da sociedade se atém à sua forma já acabada - a única que aparece. Essa forma acabada é produto de um processo complexo, mas não aparece como produto e sim como dado original e, no limite, natural. A eficácia da ideologia reside na sua capacidade para vedar o acesso aos resultados da atividade social como produtos, mediante o bloqueio da reflexão sobre o modo como foram produzidos (CONH, 1986, p.11).

Para a reflexão que estamos fazendo não nos deteremos sobre as motivações circunstanciais da presença e permanência dos estrangeiros franceses ou austro-alemães na Corte e, sim, em sua contribuição enquanto produtores de imagens sobre a mulher negra. São imagens, ilustrações acerca da visão dos artistas em relação à população negra, imagens que são utilizadas enormemente como ilustrações em produções sobre gênero e relações raciais. Imagens muitas delas para serem vendidas, apresentadas na Europa, sobretudo, imagens que atravessaram o século XX e ainda são referências de um tempo significativo de nossa história.

- Paul Harro - Haring - Dinamarquês (1798 - 1870)
- Jean Baptiste Debret - Francês (1768-1848)
- K. F. von Martius - alemão (1794 - 1826) e J. B. von Spix - alemão: (1781-1826)
- Rugendas - Alemão (1802-1858)
- Victor Frond - Francês (1821-1881)
- Christiano Junior - Português (1832-1902)
- August Stahl - Italiano (1828-1877)

Paul Harro - Harring

Figura 4 - Inspeção de Negras Recentemente Chegadas da África, 1840

Impressões:

O olhar do artista nos apresenta tensão e dicotomia:

Mulher negra X mulher branca

Humilhação X arrogância

Distanciamento (mulher branca) X toque (homem branco)

Semi-nudez X hiper-vestida

O material nos anuncia tensão, conflito, a própria luminosidade da imagem é de contrastes, claro/escuro, preto/branco.

A coisificação da mulher está presente: escrava de cama (ação do homem branco) e mesa (toque mediado pela sombrinha)

Victor Frond



Figura 5 - A Cozinha na Roça, 1859

Impressões:

Um certo ar bucólico se faz presente, as mulheres negras parecem fazer parte da paisagem, pacífica, natural. Um aspecto de harmonia parece estar presente.

Karl Friedrich von Martius e Johann Baptist von Spix

Figura 6 - O Batuque em São Paulo, 1817

Impressões:

Num primeiro momento, vemos, na cena que nos é apresentada, a dança como algo beirando, se não for a própria loucura, algo enlouquecedor. Impressão fortalecida ao levarmos em consideração a data da produção da imagem e, conseqüentemente, os valores morais dominantes na época. A mulher negra é apresentada em dois aspectos: a que se entrega aos prazeres da dança, descabelada, e a mulher negra mãe trabalhadora: uma mulher sentada ao lado de uma criança e diante de um balaio de frutas.

Ao observarmos a criança que aponta e olha para a mãe, as pessoas dançando sob os olhares da criança e da mãe, percebemos que se trata de uma atividade coletiva e autorizada. Autorização confirmada quando olhamos na diagonal

da criança e vemos a figura da lei, um homem fardado, que observa de braços cruzados a manifestação.

Jean Baptiste Debret



Figura 7 - Pão de Ló

O cotidiano das mulheres negras escravizadas pode ser intuído com esta imagem: na rua, vendendo, ou na casa, cuidando.

As roupas, a postura, os pés descalços de todos, inclusive da criança, sutilmente retratam, sinalizam uma perspectiva de quase harmonia, uma duplicidade, uma integração dos negros ao cotidiano.



Figura 8 - Nègresse tatouée vendant des fruits de caju

A mulher negra tatuada vendendo caju a pensar. No segundo plano, duas mulheres conversando. Mais uma vez, a rua é apresentada como espaço de negros e negras, a conversar e a comercializar.

Um detalhe relativo a este artista é que aqui ele mostra as mulheres negras em cores, suas vestes, de fato esta população foi vista e retratada, mas, como não poderia deixar de ser, sob a ótica do artista, que nos transmitiu a beleza negra.

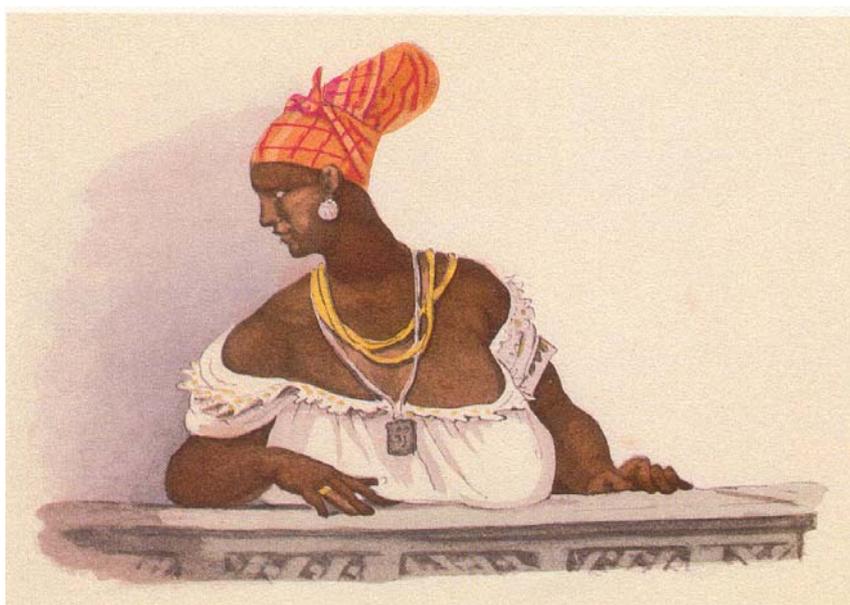


Figura 9 - Nègresse de Bahia

E em se tratando de beleza...

Johann Moritz Rugendas



Figura 10 - Nègresses de Rio de Janeiro

Esta imagem nos leva a pensar em diferenciação social:

A mulher negra que está de pé carrega nas costas uma criança, na cabeça um balaio contendo frutas, está descalça, tem braços bem musculosos, indicando-nos ser ela uma trabalhadora braçal.

A outra mulher negra está sentada, tem os pés calçados, veste uma roupa que lhe cobre os braços e carrega na mão algo.

Parece-nos que elas trocam alguma coisa: será uma relação comercial?

E a criança? Um simples acessório à imagem? Ou nos indica que a mulher cuida da criança, ocupa-se desta criança negra, mesmo diante das condições?

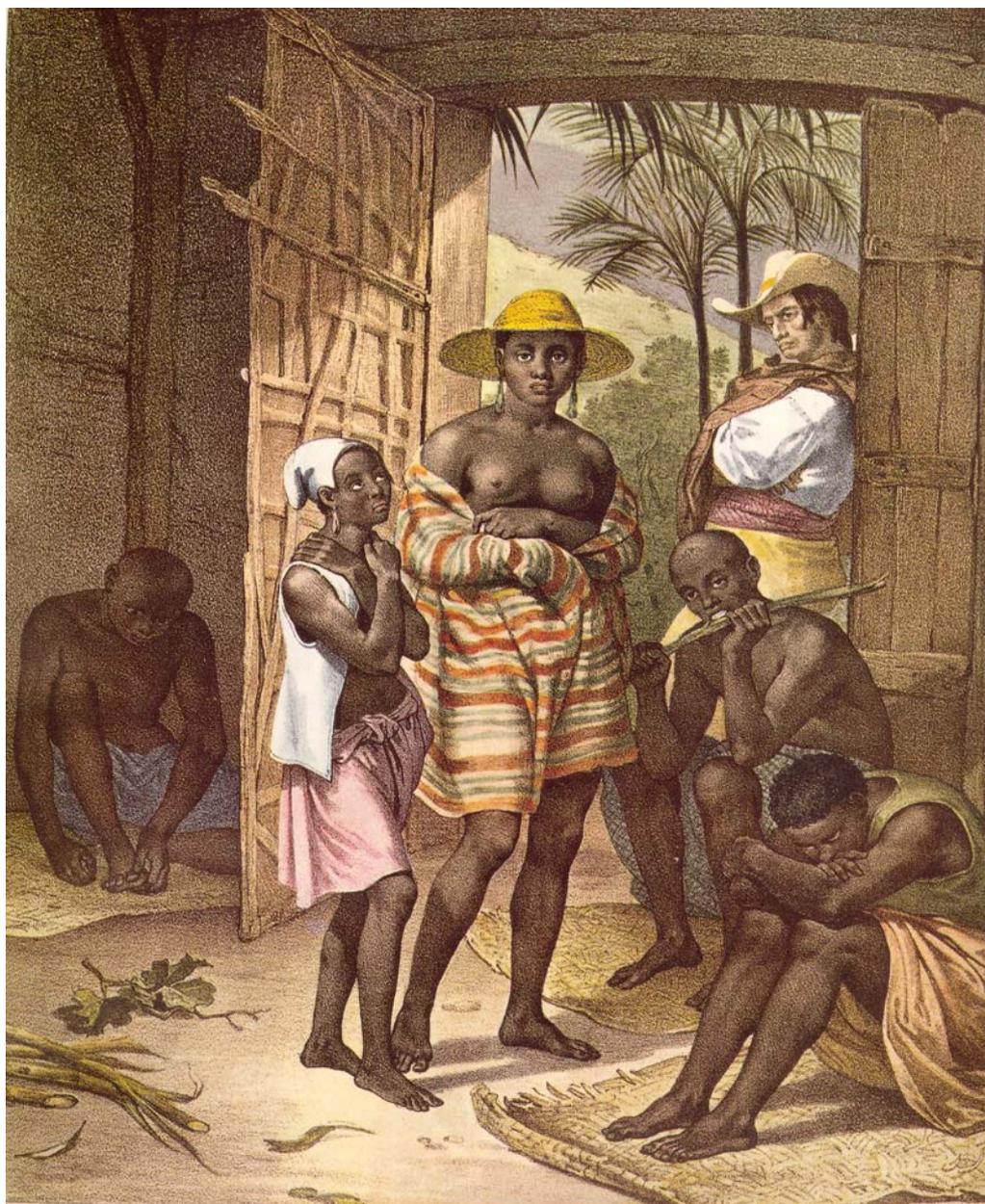


Figura 11 - Negros Novos

Os homens negros "entregues", abandonados à própria sorte, cabisbaixos. O homem branco, talvez uma espécie de capataz, vigia, sozinho, o que nos indica uma situação de sujeição, mas em que há necessidade de vigilância.

As mulheres negras, no centro da imagem, são as figuras principais, sobretudo a mulher com seios desnudos, ela fita o artista, o/as leitor(a)s. A outra,

menor em estrutura física, tem os braços cruzados sob os seios em oposição à maior, para quem olha?



Figura 12 - Marché aux Nègres

Aqui o mercado de pessoas escravizadas. É uma cena do cotidiano escravocrata, de uma certa forma indescritível: uns dormem, outros cozinham, uns cabisbaixos, uns dividem o mesmo cobertor, uns tristes, uns de aparência idosa, jovens, mulheres, homens, pessoas vestidas, outras seminuas... homens brancos...



Figura 13 - Nègres a fond de calle

Aparentemente, seria esta também uma cena de um navio negreiro e a visualização das condições desumanas às quais os africanos escravizados foram submetidos.

Nas imagens de Rugendas, podemos ver cenas do cotidiano, porém marcadas por uma certa sujeição, assujeitamento, aceitação à inevitabilidade da situação, expressando, contudo, tristeza ou os paradoxos da situação: uns aceitam, outros se entristecem, outros se ajustam...

Olhar do fotógrafo Christiano Junior



Figura 14



Figura 15

As fotografias do Christiano Junior são marcadas, segundo dizem, pela humilhação e assujeitamento do(a)s modelos, pois eram obrigados(a)s a pousarem para as fotos que se transformariam em cartão postal. O(a)s negras seriam objetos exóticos.

Destacamos, contudo, as duas fotos da seqüência para mostrarmos, na linha de fuga, duas imagens que rompem com assujeitamento, que nos anunciam algo para além das imagens fixas, aprisionadas: os olhos curiosos ou assustados das

crianças. Olhos vivos, livres, incapturáveis. Olhos que roubam a cena, rompendo com a artificialidade das próprias fotografias.

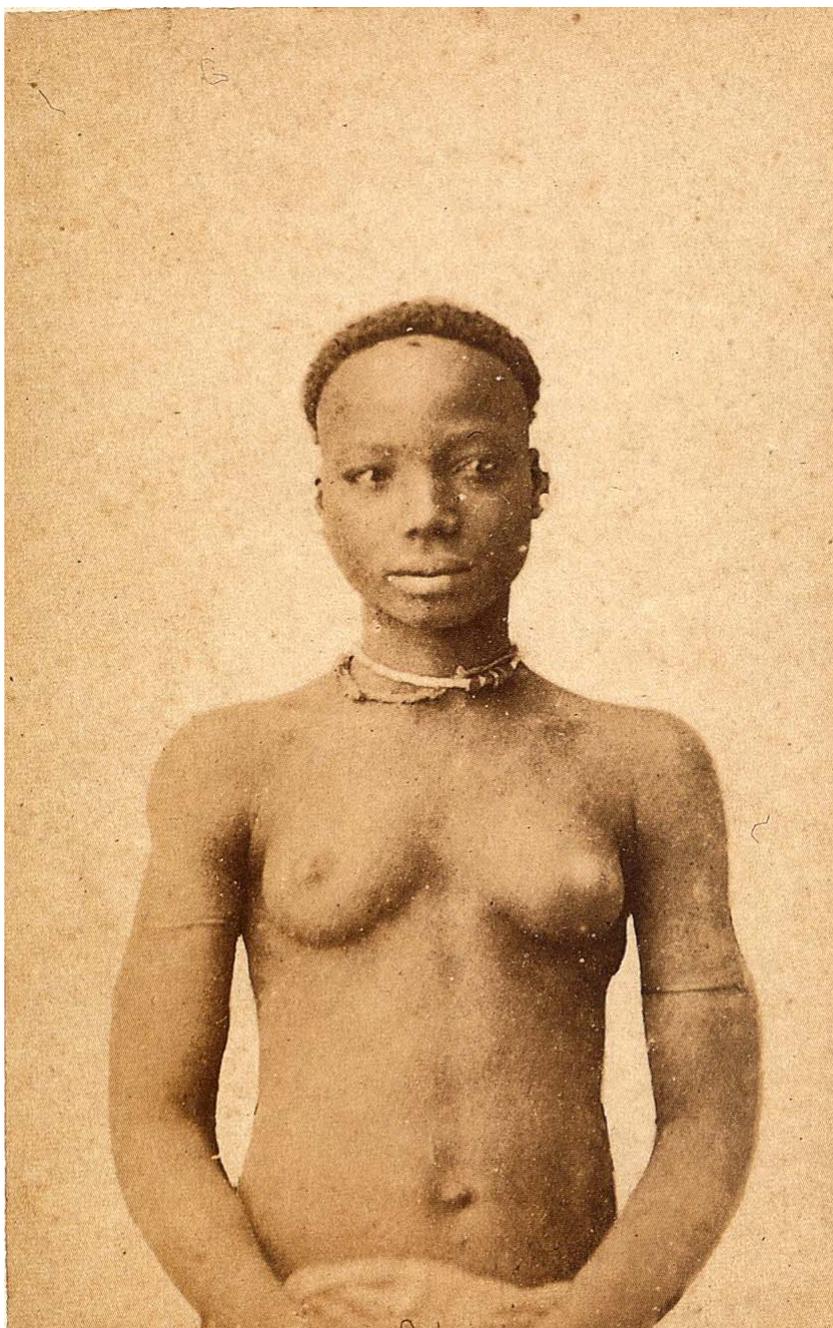


Figura 16

Embora frontal, ela não nos olha, não olha para o fotógrafo frontalmente. Exposta, desnuda, como se sentia essa jovem mulher? O que nos diz com seu olhar?



Figura 17

Essa imagem nos apresenta força, rigidez, afirmação, uma certa tristeza no olhar... O balaio na cabeça da mulher nos diz do trabalho. Nos apresenta, também, uma bela mulher. É a imagem do que hoje chamamos de baiana.

August Stahl

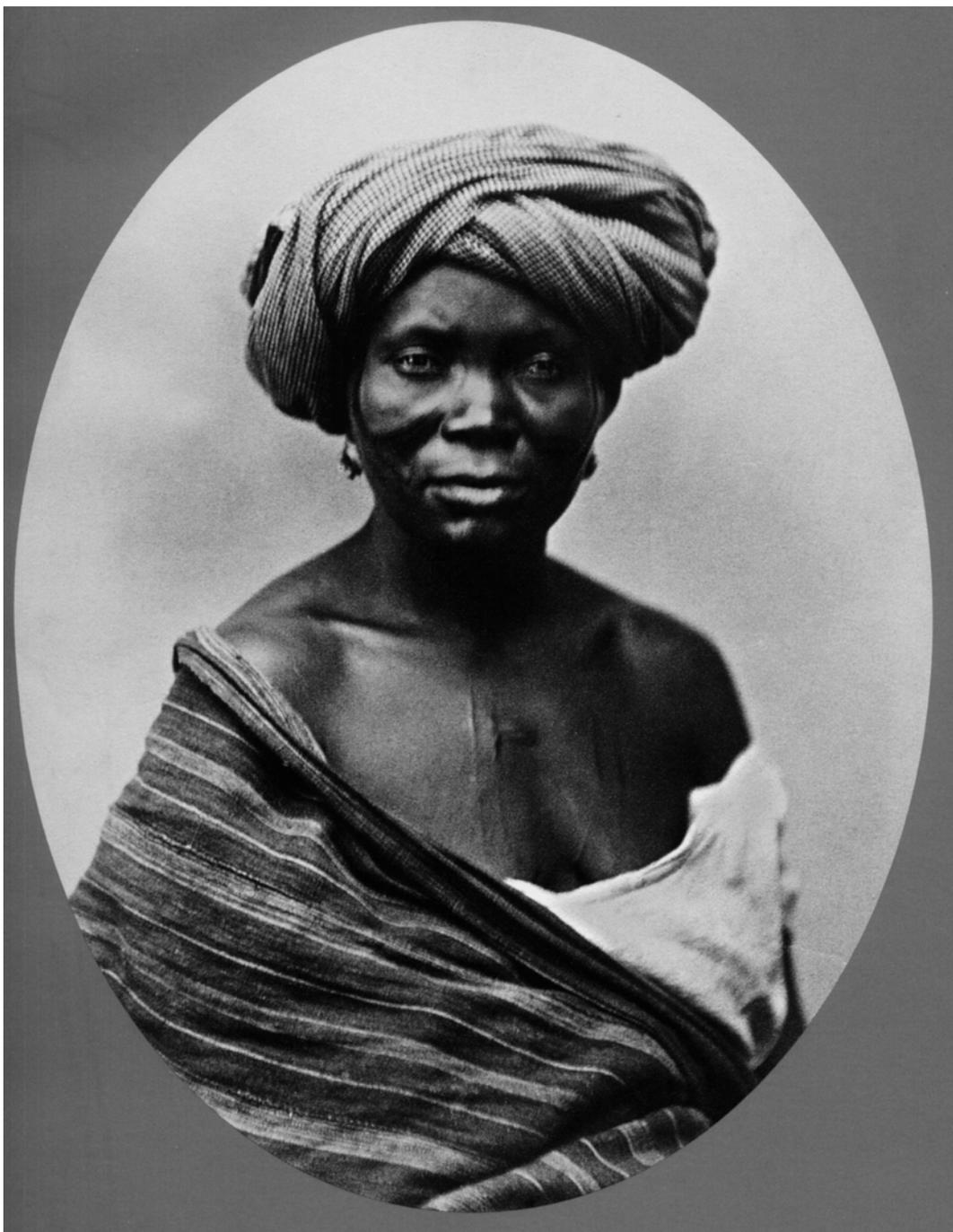


Figura 18 - 1865

Este fotógrafo tem como característica o fato de, embora manipulando as pessoas escravizadas, produzir imagens que revelam a pessoas fotografada.

Fotógrafo desconhecido

Figura 19 - 1878

A exploração da imagem da nudez é frontal.

2.3 - Um Sonho

A Redenção de Cam - o embranquecimento

Os filhos de Noé que saíram com ele da arca chamavam-se: Sem, Cam e Jafet. Cam era pai de Canaan. Deles descenderam todos os homens que depois povoaram a Terra. Noé, que era agricultor, começou a cultivar a vinha e fez vinho. Mas, como ainda não conhecia a sua força, foi surpreendido pela embriaguez e adormeceu nu na sua tenda. Cam, vendo o pai naquele estado, pôs-se a rir dele. Pelo contrário, Sem e Jafet entraram recuando na tenda para não verem o pai e o cobriram com o seu manto.

Logo que Noé soube o que tinham feito seus filhos, disse: "Maldito seja Canaan! Ele será escravo dos escravos de seus irmãos!. Em seguida, abençoou Sem e Jafet, dizendo-lhes: "Bendito seja o Senhor, Deus de Sem, e Canaan seja seu escravo! Alargue-se Jafet e habite nas tendas de Sem e Canaan seja seu escravo!"⁴⁰. Neste sentido, o povo negro seria descendente de Cam filho de Noé, amaldiçoado para ser escravo dos escravos⁴¹.

Após esta abordagem bíblica, vamos a uma imagem que apresenta a mulher negra e o projeto de embranquecimento da nação brasileira:

⁴⁰ http://www.restauracao.org.br/biblia/desc_noe.htm

⁴¹ <http://www.ejesus.com.br/home/exibir.asp?arquivo=4873>

A tela *A redenção de Can* (1895), de Modesto Broccos y Gomes.

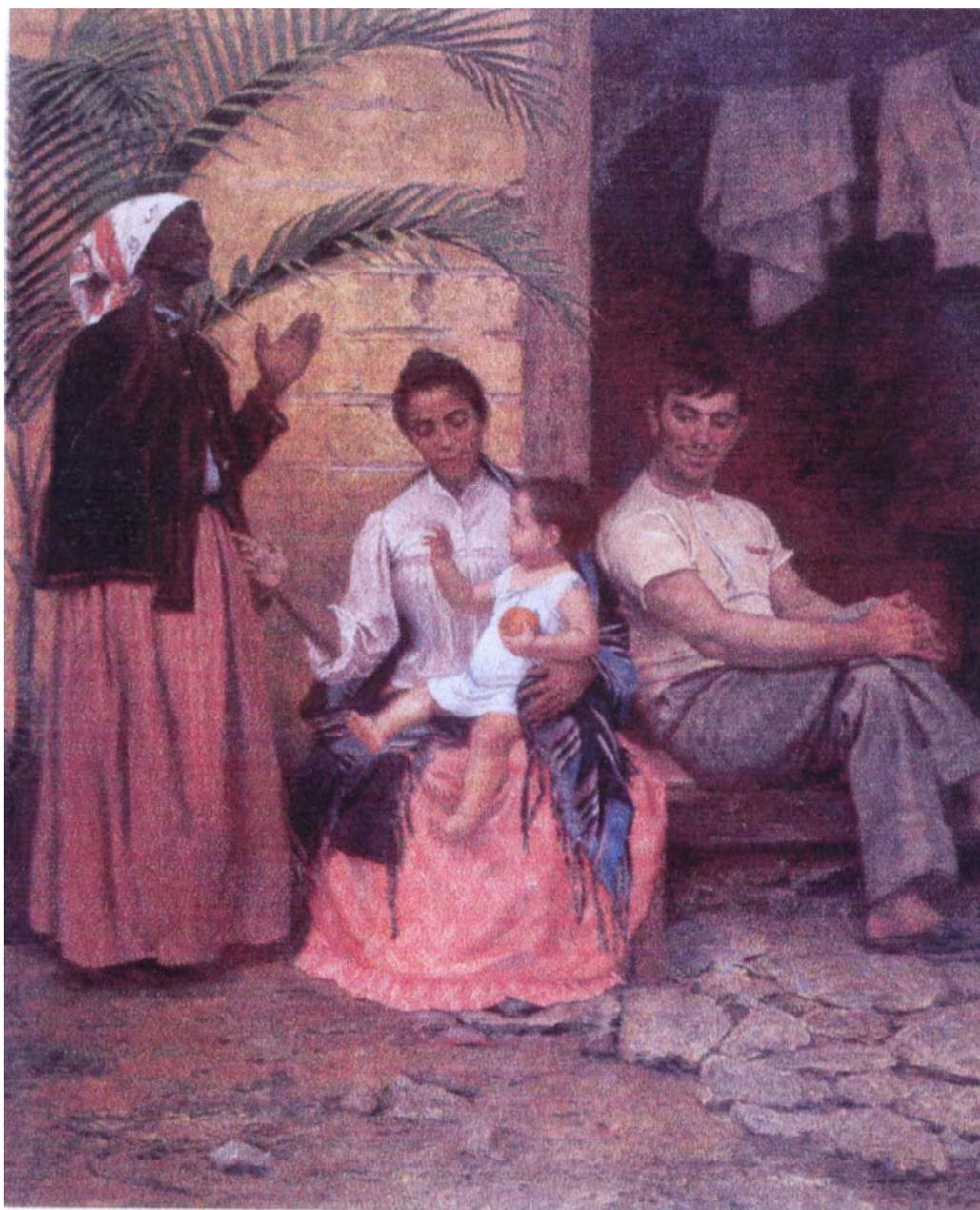


Figura 20

É bem explícito o enunciado deste quadro: a senhora negra agradece aos céus, a Deus, o fato de seu neto ter nascido branco (observemos a supremacia masculina embutida, a mãe da criança é mestiça). Numa breve observação, vimos o homem branco, o europeu que veio para o Brasil, para embranquecer a nação, sua posição inclusive não é de acolhida, ele só olha para seu filho, está quase que de costas para a mãe da criança e totalmente de costas para a avó da criança.

A mãe do menino o apresenta à sua avó e o menino, de costas para o pai, olha na direção da avó com a mão, como se quisesse tocá-la ou abençoá-la. Abençoa-la porque, segundo Schwarcz (1998, p.93-94), "notaremos que a ilustração representa, de alguma maneira, o nascimento de Jesus Cristo: um Cristo tropicalizado. A casa é pobre, mas o ambiente é composto de forma a defender o modelo de branqueamento." Versões oficiais, imagem de mulheres negras, criadas por formador de opinião europeu.

2.4 - Entre os viajantes e a redenção:

IMAGENS DO PENSAMENTO RACIAL BRASILEIRO

A questão racial na história do Brasil⁴² se coloca como problema em fins do século XIX, quando parlamentares, ensaístas, cientistas, técnicos e outros representantes da elite imperial debatem os destinos do país, influenciados pelo racismo científico europeu, numa conjuntura de mudanças institucionais.

A miscigenação permeia a produção intelectual, que no dizer de Seyferth (1989, p.11):

[...] tem sido usada por muitos como argumento explicativo da realidade brasileira. Assim, o mestiço – mulato, mameluco ou cafuzo – ora aparece como problema, ora como solução, colocado no paraíso ou criado pelo diabo. De toda forma, ser ambíguo, de raça indefinida, que vem assombrando as elites brasileiras desde que, no século XIX, começou a ser colocada em dúvida a legitimidade econômica, social e jurídica da escravidão.

A escravidão, que tão bem definia quem era pobre e rico, preto e branco na sociedade brasileira, deixa de ocupar o posto de controle social, fazendo com que as

⁴² A diferença como percepção do outro tem uma História que nos remete a um passeio histórico pelo ocidente antigo até a chegada dos europeus ao Novo Mundo.

elites, dominadas pelo ideário europeizante⁴³, busquem uma solução eficaz no intuito de preservar seu *status quo*.

Este período, que se estende do final do século XIX ao início do XX, ficou conhecido como *belle époque*. Período em que as transformações culturais e políticas tiveram como objetivo a construção do Estado-nação e a modernização capitalista (IANNI, 1993, p.429-38). Neste sentido,

[...] o racismo emergia como uma forma de controle, uma maneira de definir os papéis sociais e de reenquadrar, após a abolição da escravidão, os segmentos da população não identificados à tradição europeia (DEL PRIORE E VENÂNCIO, 2001, p.274).

Aliados ao modelo científico importado e à necessidade de modernização capitalista, o modelo epistemológico adotado pela intelectualidade brasileira baseou-se nas ressignificações desse padrão, apresentando diferenciações argumentativas no tocante à miscigenação. Segundo Del Priore e Venâncio (op. cit).

Registravam-se, contudo, significativas diferenciações no interior das teorias racistas importadas. Para uns, como os médicos-higienistas, era possível remediar as debilidades dos descendentes de africanos ou oriundas da mestiçagem, enquanto para certas correntes próximas ao darwinismo social, tal mudança era impossível de ser realizada. Dessa forma, enquanto o primeiro grupo propunha difusão da educação - principalmente em escolas agrícolas -, o controle da saúde pública, a vacinação em massa e a reforma dos hábitos higiênicos, o segundo defendia a noção de sobrevivência do mais forte, chegando mesmo a ver na pobreza um elemento purificador da sociedade brasileira, na medida em que eliminaria os elementos racialmente tidos com inferiores, ou seja, aqueles egressos do cativo.

Esta adoção do biológico como modelo epistemológico cientificamente legítimo na explicação da realidade social e uma série de diagnósticos e ações foram feitos no intuito de controlar as "classes perigosas", vejamos:

⁴³ A Ciência europeia desta época passou a ser vista com critério definidor das sociedades civilizadas. E esta é marcada por visões racistas, nas quais o branco ocupa o topo da hierarquia do desenvolvimento humano e o negro a base.

[...] os higienistas não eram isentos de racismo. A medicina legal que surge no período, obcecada pela noção de raça, é um desses casos. A criminologia da belle époque rompe com a tradição jurídica inaugurada no século XVIII, que tinha como princípio a igualdade dos homens perante os delitos e as penas, considerando a partir de agora os delinqüentes quase um gênero humano singular, uma manifestação de formas biológicas inferiores; daí discutir-se, como fez o médico baiano Nina Rodrigues, a necessidade de legislações específicas, de acordo com as raças (op. cit).

Ainda, segundo estes autores, a perspectiva de ver mestiços e negros como criminosos em potencial marcou as decisões políticas da época, tais como aquela referente ao empenho das autoridades públicas frente à tuberculose, principal causa de mortes de negros e mestiços na Primeira República. A reurbanização da cidade do Rio de Janeiro, além de expulsar milhares de famílias negras das áreas centrais da cidade, contribuiu para a invenção da favela, termo que nasce na época. Nem mesmo as crianças negras abandonadas escaparam desta lógica. Em fins do século XIX, a legislação se modifica

[...] se até então os meninos e meninas sem-família eram vistos como anjinhos a serem socorridos por instituições misericordiosas, eles passam a ser encarados como 'menores abandonados', membros mirins das 'classes perigosas', que deveriam ser isolados do convívio social, em asilos destinado a esse fim (op. cit: 275).

Vale registrar o pensamento de dois dos pensadores racistas do período:

Raimundo Nina Rodrigues, como um expoente do racismo na medicina legal em 1894, comentava:

A civilização ariana está representada no Brasil por uma fraca minoria da raça branca a quem ficou o encargo de defendê-la, não só contra os atos anti-sociais - os crimes - dos seus próprios representantes, como ainda contra os atos anti-sociais das raças inferiores [...] (RODRIGUES, 1894 apud DEL PRIORE; VENÂNCIO, 2001, p.276).

Oliveira Viana, referência do racismo na sociologia em 1918:

Os preconceitos de cor e de sangue, que reinam tão soberanamente na sociedade têm, destarte uma função verdadeiramente providencial. São admiráveis aparelhos seletivos que impedem a ascensão até as classes dirigentes desses mestiços inferiores, que formigam nas subcamadas da população [...] (VIANNA, 1918 apud DEL PRIORE; VENÂNCIO, 2001, p.276).

Não iremos, neste trabalho tecer uma História das Relações Raciais no Brasil, ainda que necessária e relevante à construção de uma cidadania crítica. E sim, colhermos dados e subsídios que contribuam à feitura de um aparato teórico para a leitura e compreensão das imagens sobre a mulher negra na nossa sociedade.

Tomando emprestadas as informações preciosas de Seyferth (1989, p.13):

[...] Como escravo, o negro era um problema, mas deixaria de sê-lo após a abolição, reforçado pela imigração européia, era vislumbrado como realidade possível. E foi dentro desta perspectiva que surgiu no Brasil uma 'Ciência Social', de inspiração positivista e/ou evolucionista, em grande parte influenciada por doutrinas deterministas. Se tornou uma 'questão racial' no final do século XIX, quando nossos primeiros sociólogos e antropólogos elaboraram suas teorias sobre o branqueamento da raça a partir da realidade mais claramente perturbadora do 'caos étnico' brasileiro: os mestiços.

Concluiremos que o alvorecer da República está marcado pela busca, por parte das elites, de uma identidade civilizadora para o Brasil. Identidade esta, centrada na figura do mestiço, ora vista como potencializadora na formação do povo brasileiro, ora vista como entrave à construção de uma civilização nos trópicos.

A solução deste dilema, ao nível das idéias, se deu na Primeira República e tem na obra de Gilberto Freire seu maior expoente que, desbancando as teorias racistas, vigentes no contexto europeu, contribuiu para a construção do mito da democracia racial. Citando Seyferth (op. cit: 23):

A reação brasileira às teorias racistas, portanto, pressupõem - como o fez Gilberto Freire - que os brasileiros resolveram seu problema racial porque os colonizadores brancos adotaram a estratégia da

miscigenação. As desigualdades sociais do presente são justificadas pelo passado escravo. As discriminações são de caráter social e os conflitos raciais são sempre minimizados ou negados, ou atribuídos a problemas de saúde, educação, eugenia. As raças que compõem o mosaico étnico brasileiro se entendem porque se misturaram: este é o dogma da democracia racial.

Poderíamos dizer que a história do conceito de raça, centrada numa biologização e hierarquização da espécie humana, é a principal responsável pelas diferenças observadas entre as culturas, os grupos e os indivíduos de todos os povos do mundo. Não é a existência de diferenças raciais a causa do problema das relações entre os indivíduos e grupos, senão o fato de que tais diferenças são valoradas em tal ou qual sociedade. Desta forma, a noção de raça que ganhou vigência na sociedade tem, sob a perspectiva antropológica, a mesma base social, que estaria contida na noção de etnia – que seria a identificação do grupo em relação à cultura que ele exhibe. Neste sentido, a formulação de grupo étnico assume, mais do que uma conotação cultural, um tipo de organização. Vale ressaltar a postura do antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira:

Ele existe como grupo enquanto preserva a sua própria organização em meio a outras organizações sociais, entre outros tipos de sociedades: equivalentes, diferentes, desiguais. Ele existe como étnico, enquanto preserva a sua própria identidade. Enquanto é capaz de atribuir a si próprio e fazer serem atribuídos pelos outros adstrições enunciadoras de diferenças étnicas: valores de uma identidade étnica. A comunidade preserva a sua organização e a sua identidade étnica enquanto consegue prescrever para os seus participantes princípios de orientação de conduta social marcados por valores próprios de base étnica. Princípios de conduta que, ao serem vividos pelos seus membros nos seus relacionamentos com "os outros", traçam concretamente os seus próprios limites de etnicidade: do ser sujeito de um grupo étnico⁴⁴ (OLIVEIRA, 1986 apud BACELAR, 1989, p. 22).

No tocante ao modo como nossas elites encaram a diversidade étnico-cultural brasileira, podemos afirmar que desde a sociedade colonial a valorização do

⁴⁴ Identidade e etnia, São Paulo, Brasiliense, 1986, pp 105-106, citado por Bacelar, Jeferson. Etnicidade - ser Negro em Salvador. p. 22.

européu em detrimento de outros grupos sociais preponderou. O colonizador europeu, desde o século XVI, utilizou-se da diferença para atender a seus interesses econômicos, políticos e sociais. Apesar de viver no século do Humanismo e das descobertas de outros mundos – para além da Europa e da Ásia – esse homem branco, cristão e europeu, não soube conviver com aquele que era diferente: não soube entender o outro, o desconhecido apontado ora como infiel, ora como exótico, ora como ser inferior habitante do mundo das trevas, então símbolo da ignorância.

Apesar das idéias etnocêntricas, a miscigenação foi e é um fato na constituição da população brasileira. E se colocou e se coloca como entrave ao projeto das elites de integração do país ao mundo moderno.

A tomada de posição frente ao racismo de uma forma mais radical se esbarra em um outro conceito ideológico, a saber: o nacionalismo que, como conceito político e cultural forjado no bojo das grandes transformações do século XIX, reproduz-se com vitalidade nas condições de existência das sociedades modernas, aniquilando diferenças, numa unanimidade ativa, permite, de fato, disfarçar as desigualdades, bem como reprimir os conflitos sociais, invalidando-os em nome da nacionalidade. Todorov (1993, p.31), numa reflexão sobre a diversidade humana afirma que: “O universal é o horizonte do entendimento entre dois particulares; talvez não seja atingido jamais, mas, apesar disso, é preciso postulá-lo para tornar inteligíveis os particulares existentes”.

Utilizando-nos destes conceitos, podemos perceber que africanos ou brasileiros, escravizados, de cor preta, foram considerados pelos grupos dominantes, senhoriais, como objetos – instrumentos de produção – e identificados como negros, sem qualquer respeito a suas diferenças culturais, englobando todos os grupos étnicos inseridos no sistema escravocrata. Desta maneira, estabeleceu-se

desde o início da nossa formação histórica, uma associação entre a posição dos indivíduos e a cor da pele.

Ao colocar a cor como critério de identificação e hierarquização, o sistema senhorial dificultou um processo de conscientização dos indivíduos, tornando a luta árdua contra a eliminação destes critérios. Deste postulado, nascem os movimentos de negritude: negro é raça, preto é cor, que tentam agregar-se ao critério cor em busca de uma identidade política.

Um outro problema que se coloca é a dominação e as desigualdades, mantidas com a apropriação, dentro de uma perspectiva integracionista, das formas simbólicas africanas e estrangeiras.

Aqui temos os pressupostos da democracia racial e da ideologia do embranquecimento. Não mais produtos de um sistema senhorial, mas uma atualização de idéias racistas, perfeitamente articuladas ao discurso liberal e igualitário predominante em nossa sociedade.

2.5 - Com a Palavra o Modernismo

A - Um pouco de poesia moderna

Como o nome evoca, o Modernismo pode ser entendido como um movimento artístico e literário surgido entre o fim do século XIX e início do século XX, que visava à reestruturação dos valores estéticos tradicionais da arte. No Brasil tem um caráter fortemente nacionalista, em que se busca a libertação dos valores estéticos europeus. Aqui, tem como marco a Semana de 1922. Valorizando o cotidiano, as expressões populares, consideradas como uma espécie de fonte criadora, na qual o índio e o mestiço tinham papel preponderante, o Modernismo acabou por re-orientar a auto-estima brasileira. A percepção de que a história brasileira:

[...] não começava no grito de D. Pedro I às margens plácidas do Ipiranga, mas nas relações violentas do capitalismo internacional em expansão no século XV, que levava Cabral a cair nas terras das bandas de cá do oceano e levava Portugal a dividir o território em capitânicas hereditárias, cujos donatários tinham poder local ao mesmo tempo que eram completamente submissos à rocambolesca burocracia de Lisboa. Na perspectiva inaugurada pelo modernismo, muito antes de Pedro I gastar o excesso de hormônios entre as coxas das mulatas cariocas, a sociedade brasileira criava uma longa e secular tradição de encontros e violência entre as três raças formadoras da nacionalidade (européia, indígena e negras) (MORICONI, 2002, p.32-33).

ESSA NEGRA FULÔ (1928)

Ora, se deu que chegou
(isso já fez muito tempo)
no bangüê do meu avô
uma negra bonitinha
chamada Nega Fulô.

Essa Nega Fulô!
Essa Nega Fulô!
Ó Fulô! Ó Fulô!
(Era a fala da Sinhá)
- Vai forrar a minha cama
pentear os meus cabelos
vem ajudar a tirar
a minha roupa, Fulô!

Essa Nega Fulô!

Essa negrinha Fulô!
ficou logo pra mucama
para vigiar a Sinhá
pra engomar pro Sinhô!

Essa Nega Fulô!
Essa Nega Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!
(Era a fala da Sinhá)
vem me ajudar, ó Fulô,
vem abanar o meu corpo
que eu estou suada, Fulô!
vem coçar minha coceira,
vem me catar cafuné,

vem balançar minha rede,
 vem me contar uma história,
 que eu estou com sono, Fulô!

Essa Nega Fulô!

“Era um dia uma princesa
 que vivia num castelo
 que possuía um vestido
 com peixinhos do mar.
 Entrou na perna dum pato
 saiu na perna dum pinto
 o Rei-Sinhô me mandou
 que vos contasse mais cinco.”

Essa Nega Fulô!
 Essa Nega Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!
 Vai botar para dormir
 esses meninos, Fulô!
 “Minha mãe me penteou
 minha madrasta me enterrou
 pelos figos da figueira
 que o Sabiá beliscou.”

Essa Nega Fulô!
 Essa Nega Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!
 (Era a fala da Sinhá
 chamando a Nega Fulô)
 Cadê meu frasco de cheiro
 que o teu Sinhô me mandou?

Ah! Foi você que roubou!
 Ah! Foi você que roubou!

O Sinhô foi ver a negra
 levar couro do feitor.
 A negra tirou a roupa.
 O Sinhô disse: Fulô!
 (A vista se escureceu
 que nem a Nega Fulô.)

Essa Nega Fulô!
Essa Nega Fulô!

Ó Fulô? Ó Fulô?
Cadê meu lenço de rendas,
cadê meu cinto, meu broche,
cadê meu terço de ouro
que o teu Sinhô me mandou?
Ah! Foi você que roubou,
Ah! Foi você que roubou.

Essa Nega Fulô!
Essa Nega Fulô!

O Sinhô foi açoitar
sozinho a Nega Fulô.
A Nega tirou a saia
e tirou o cabeção,
de dentro dele pulou
nuinha a Nega Fulô.

Essa Nega Fulô!
Essa Nega Fulô!
Ó Fulô! Ó Fulô!
Cadê, cadê teu Sinhô
que nosso Senhor me mandou?
Ah ! Foi você que roubou,
foi você, Nega Fulô?

Essa Nega Fulô!⁴⁵

O poema nos coloca diante de uma imagem da mulher negra já tecida ao longo dos tempos: a sua desumanização e hiper-erotização. Pontua, também, a violência da Sinhá e a violência do Sinhô, que tem o poder de dispor do seu corpo como desejar. O ritmo do poema insinua o ritmo de vida da Fulô, que pelo poema, até parece não ligar para o açoite, ou o "açoite", pois parece que neste momento, já não rouba as coisas da Sinhá, mas ela rouba o próprio Sinhô. Há uma certa lascívia,

⁴⁵ Jorge de Lima (1825- 1953).

cumplicidade do poeta com a situação, como se no final os dois gostassem da situação: Sinhô e Nega Fulô.

Esta hipótese é corroborada com a análise que diz:

[...] não há como não indignar-se contra o destino imposto a essa mulher trabalhadora. A única saída a ela oferecida é roubar os badulaques da patroa e talvez lucrar com o estupro cometido pelo patrão, fazendo dessa aceitação um simulacro de vingança contra as violências sofridas nas mãos da sinhá (MORICONI, op.cit. 36).

Será mesmo que as únicas saídas eram estas? Na ótica de quem seria a aceitação do estupro uma simulação de vingança? Não estaríamos diante de uma parcial/passional justificativa aos ataques sexuais às escravas?

Dessa forma, o papel reservado pela sociedade patriarcal às mulheres submetidas à escravidão não seria o responsável por sua transformação em objeto sexual, mas sim os atributos físicos da escrava, negra ou mulata, a provocarem o desejo do homem branco. A inversão é total: o senhor é que aparece como objeto no qual se realiza a "superexcitação genética" da negra, que "torna inevitável o ataque sexual" (GIACOMINI, 1988, p.154).

O poema nos permite analisar, além da objetificação da mulher negra, o conflito entre a sinhá e a mulher negra escravizada, oriundo do ciúme, e a inveja se instala de sorte que:

[...] As mutilações, extirpações, deformações e outras atrocidades praticadas por senhoras no corpo das negras, das quais abundam exemplos na literatura da época, privilegiaram, não por acaso, as regiões corporais comumente identificadas a seu poder de sedução: nádegas, dentes, orelhas, faces, etc (GIACOMINI, 1988, p.160).

IRENE NO CÉU

Irene Preta
Irene boa
Irene sempre de bom humor.

Imagino Irene entrando no céu:
- Licença, meu branco!

E São Pedro bonachão:
 - Entra, Irene. Você não precisa
 pedir licença!⁴⁶

Irene humana? É humanamente, possível uma preta, por mais bondosa que seja, viver sempre de bom-humor no sistema escravocrata. Sinaliza o sentimento de dissimulação de alguém que não pode demonstrar seus reais sentimentos, e de tal modo torna-se ou é vista como submissa que o poeta, no caso um homem fenotipicamente branco, a retrata, a vê com alguém que pedirá licença até depois de morta, ao seu branco. E pedindo licença para entrar no céu, onde tem um branco bonachão que lhe oferece passe livre.

B - O imaginário infantil

▪ Histórias da MOURA TORTA.

Vamos contextualizar um pouco os mouros:

Mouro, também conhecidos como sarraceno, é o nome dado à população muçulmana do Norte da África, Oriente Médio e da Espanha.

Após a morte do profeta Maomé, que foi um grande responsável pela unificação da Península Arábica, deu-se uma vigorosa expansão em direção ao Oriente e Norte da África até a Península Ibérica, quando os árabes chegaram no século VIII, quando o Império Visigodo foi destruído. No entanto, não podemos dizer que os mesmos árabes que saíram da Península Arábica foram os que chegaram à Península Ibérica, mas uma mistura de povos conquistados e cooptados pela política de conversão dos muçulmanos em torno de uma tolerância religiosa e da partilha do butim: "O Islã é freqüentemente censurado por ter propagado sua fé pela espada. O que não é observado é que, em primeiro lugar, a persuasão teve um papel muito

⁴⁶ Manoel Bandeira (1886 1968).

maior que a guerra na expansão do Islã como um todo; em segundo lugar, que só os politeístas e idólatras poderiam ser coagidos a nova religião” (SHUON, 1990, p.39).

POMBINHA E A MOURA TORTA⁴⁷

Era uma vez um moço, afilhado da rainha das fadas.

– Vou visitar minha madrinha – disse um dia.

E foi. Esteve no reino encantado das fadas muito tempo, deleitado com tudo quanto via lá. Quando se despediu, a fada lhe deu três gamboas das grandes:

– Não abra esses frutos, enquanto não estiver perto de água – recomendou ela, sem explicar para que serviam, nem se continham alguma coisa boa.

Como não é fruta que presta para chupar, pois o caldo é azedo como o quê, o moço encolheu os ombros, meio desapontado com o presente da madrinha, e se foi.

"Podia me dar coisa melhor, mas assim como assim, passei um belo tempo em casa dela."

Foi andando para casa com as três gamboas no surrão, e pensando. Se a madrinha mandou que não abrisse é que era para abrir. "Quando chegasse perto da água."

Vou abrir aqui mesmo – resolveu. Estava numa planura pedrenta, empoeirada, sem uma árvore, sem um capim, sem uma poça onde um passarinho pudesse beber. Pegou o facão, zás. Cortou no meio a gamboa. De dentro dela saltou uma linda moça de compridos cabelos e pediu: "Água, água!" "Não tem" – disse o moço. "Espere até encontrarmos um riozinho." Mas a moça foi desfalecendo e suspirando e gemendo e morreu.

O moço foi andando, só com duas gamboas no surrão. "Assim que achar água, abro outra fruta." Andou e andou, e nada de encontrar rio, nem lagoa, nem poço, nem mina. Muito curioso, decidiu aventurar. "Na primeira estava a moça, nesta é capaz de estar outra coisa." Pegou o facão e abriu no meio a segunda gamboa e outra moça mais linda do que a primeira saltou, pedindo logo:

– Água.

– Não tenho, moça.

⁴⁷ <http://jangadabrasil.com.br/setembro/im10900b.htm>. Versão de 1980 (Extraído de GUIMARÃES, Ruth. *Lendas e fábulas do Brasil*)

– Água, pelo amor de Deus.

Muito triste, ele viu a moça definhando, ir se acabando como vela consumida, e gemendo, gemendo, morrer.

"Agora não abro outra sem ser perto de um rio."

Enfiou o pé no caminho e foi, foi, até encontrar um rio límpido, na entrada de uma cidade. Nas margens havia umas pedras redondas. Sentou-se numa delas, e com o facão, zás, cortou a última fruta. Saltou de dentro dela a moça mais linda que seus olhos já tinham visto. Parou de boca aberta, olhando para ela.

– Água! – pediu a moça.

Com a cuia formada pela metade do fruto, apanhou água do rio e deu à moça, que bebeu a grandes goles ávidos.

– Mais.

Depois de saciada a sede, quiseram ir para a cidade, mas a moça não tinha roupa. Estava coberta apenas pela abundante cabeleira que lhe descia pelos ombros, pelas costas, e a envolvia completamente, como uma cascata de ouro.

O moço olhou para todos os lados, procurando um esconderijo. Curvando a galhada para o rio, havia um viçoso ingazeiro, de folhagem cheia.

– Você sobe na árvore e fica lá em cima. Não desça, não fale com ninguém. Vou comprar vestidos para você e já volto.

Foi.

Nesse meio tempo chegou ao rio, com um pote na cabeça, a mouro torta. Tinha ido buscar água para a patroa. Era baixinha, corcunda, gorda, vesga, dentuça, tinha a pele escura e o cabelo encarapinhado. Chegou, pôs o pote em cima da pedra e se olhou na superfície da água, mansa e lisa como vidro. O que lá viu, tirou-lhe a respiração.

"Ah! E esse povo diz que eu sou feia! Com esse cabelo dourado e essa pele de leite. E esses olhos de conta. E essas faces de pétala. Não trabalho mais de empregada. Vou casar com o filho do senhor rei."

Agarrou o pote e *tan*, arrebitou com ele na pedra.

A moça, lá em cima, não se conteve, e uma risada argentina chegou aos ouvidos da mouro torta.

– Ahn! Então foi você que eu vi na água. Desça daí, minha pombinha branca. Vem que eu vou lhe fazer cafuné.

A moça desceu, sentou no chão, a negra se ajeitou na pedra, pôs a cabeça da moça no colo, e começou a mexer-lhe no cabelo, dando um estalinho com a unha, de vez em quando, como quem mata piolho em cima da unha. O calor era muito, o mormaço amolecia o corpo, a negra resmungava, resmungava, a moça foi contando a sua historiazinha tão curta, como nascera dentro de uma gamboa, como vira na mesma hora o moço bonito, e bebera água do rio, e estava ali esperando o noivo, para irem se casar.

– Só isso? – perguntava a moura torta, resmungona.

– Só isso. – E com pouco, a moça adormeceu. Vendo-a abandonada com a cabeça no seu colo, bela como uma flor, a moura torta tirou um alfinete comprido da carapinha, afastou os cabelos da moça, repartindo-os, enfiou-lhe no alto da cabeça o alfinete, resmungando, resmungando.

A moça se transformou imediatamente numa pombinha branca e voou para bem longe. A moura torta sentada estava, sentada ficou.

De tardezinha chegou o moço.

Olhou para a árvore, não viu ninguém. Só aquela feiúra da Moura Torta, em cima da pedra.

– Dona, – indagou aflito – não viu uma moça bonita, de longos cabelos, aqui perto do rio, ou então nesta árvore?

– Sou eu a moça. Sou a noiva que você deixou para ir buscar vestidos.

O moço se espantou: – Mas era tão linda, com pele de leite...

– Ah! Foi o sol que me queimou.

– E de cabelo tão liso e dourado...

– Foram a poeira e o calor que me estragaram os cabelos.

– E os olhos de conta.

– Foi de tanto espiar para o caminho, para ver se você vinha, que meus olhos avermelharam.

– E era desempenada, direita, reta como uma lança.

– Ah! Foi o cansaço que entortou meu corpo.

– E tinha as faces de pétalas.

– O vento crestou a minha pele. E piriricou o meu lábio.

O moço pensou e pensou. Devia ter cuidado mais da moça bonita. Devia tê-la levado consigo. Agora era tarde. A moça do encanto se transformara numa bruxa. Porém, como era moço de uma palavra só, deu-lhe os vestidos, levou-a para casa, casou-se com ela, e tratava-a com todo o carinho. A moura torta dormia em cama fofa, tinha aia, comia do bom e do melhor, banhava-se em banheira de mármore e se vestia de veludo e seda.

Um dia, o moço, chegando à janela, reparou numa pombinha branca, olhando curiosa para o lado dele. Muito tempo ficou a pombinha se balançando no galho. No outro dia, assim que chegou, foi à janela, e lá estava ela, branquinha, espiando. Agradado com seu arzinho petulante, deixava-se estar debruçado ao peitoril, contemplando-a. A moura torta nem dava pela coisa. Ocupava-se em devorar doces e confeitos, em experimentar vestidos bonitos, em alisar a gaforina com óleos caros e perfumes. Mas um dia, ela reparou.

– Que faz você tanto tempo na janela, todos os dias? – perguntou ao marido.

– É uma pombinha que fica na árvore olhando para cá – contou ele.

– Branquinha? – Ela perguntou.

– É.

– Todos os dias?

– Todos os dias.

– Então é essa mesma que estou com vontade de comer.

– Não diga isso – replicou o moço. – É tão bonita! Chega e fica balançando no galho, nunca faz mal a ninguém. Matá-la para quê?

E então a moura torta começou a chorar que tinha vontade de comer aquela pombinha com arroz. Que se não a comesse com certeza iria morrer. Que ele se incomodava mais com a pombinha branca, lá do galho do pau, do que com ela, que era sua esposa. E tanto falou, e aborreceu o coitado, que ele, enfadado, prometeu:

– Pois sim. Amanhã faço um laço para pegá-la.

No outro dia, colocou na árvore um laço de barbante e, com muita pena no coração, ficou observando os resultados.

A pombinha chegou, pousou no galho, espiou o laço, tocou-o com o biquinho cor-de-rosa, voou para o ramo mais alto e falou, numa vozinha argentina:

– Se quiser me pegar, só com um laço de prata.

E voou para bem longe.

O moço ficou admirado. Uma pombinha que falava! E aí foi ele que ficou com muita vontade de prendê-la. Mandou fazer o laço de prata e colocou-o no raminho onde ela pousava.

Durante muitos dias, a pombinha não apareceu. No seu posto na janela o moço esperava e esperava.

A moura torta se alegrou. Andava pelo meio da casa casquinando uns risos desafinados.

Mas um dia, a pombinha arisca apareceu novamente na árvore. Lá estava o laço de prata. O moço a viu. A avezinha pousou, longe do laço, deu uns passinhos no galho, parecia alegrinha, muito buliçosa e trêfega. E falou, falou assim, ele ouviu:

– Se quiser me pegar, ah! Só com um lacinho de ouro.

– Com que então, de ouro, preciosa pombinha? Volte amanhã.

Ela desferiu o vôo, alto, para bem longe. E passou muitos dias sem voltar.

Na tarde em que veio, estava o moço à janela, esperando, e um lacinho de ouro, no galho.

A pombinha bateu o biquinho cor-de-rosa no laço e falou:

– Se quiser me pegar, é só com um lacinho de brilhante.

E tornou a partir.

No lacinho de brilhante ela caiu. Parecia fascinada com o reluzir das pedras, e foi chegando, e foi chegando, e depois, deliberadamente, estendeu o pezinho e se deixou prender.

Correu o moço e segurou-a. A moura torta logo, com sua desafinada voz fanhosa queria agarrá-la e matá-la de uma vez.

– Deixe-a – disse o moço. – É tão bonita! É tão macia. Olhe. Parece que me ouve.

Vê os seus olhos. Que queria você comigo, pombinha, para assim procurar cair no laço?

A pombinha arrulhava, rumrrumrrum – no fundo da garganta, mas não respondia.

– E você fala – tornava o moço. – Eu ouvi que queria um laço de prata, depois um laço de ouro, depois um laço de brilhante.
E a pombinha:

– Rumrrumrrummmm.

– Ou sonhei? – perguntou o moço.

– Foi sonho – saltou a moura torta. – Dá-me a pombinha, quero comê-la.

O moço foi passando a mão pelo pescocinho de plumagem fofa, depois pela cabeça.

Parecia que a pombinha estava gostando. Fechava os olhinhos de conta, demorava com eles fechados, e o arrulho se fazia gentil e suave:
– rumrrumrrummmmm.

E então, de repente, os dedos do moço tocaram uma coisa dura.

– Que é isso? – Separou as peninhas. – Uma cabeça de alfinete – disse, muito admirado. – Ela faz você sofrer, pombinha? Quem foi o malvado que fez isso? Quem foi?

Arrancou o alfinete. Uma gotinha de sangue manchou a alvura da cabecinha da ave.

Parecia que ela começava a crescer. As plumas se douravam, se afinavam, se alongavam. Arredondava-se o colo. Estendia-se o corpo. E num instante, estava junto do moço, aquela bonita mulher que ele deixara à beira do rio.

A moura torta quis fugir, não deixaram. Puseram a malvada numa barrica cheia de navalhas abertas e fizeram-na rolar morro abaixo. Ela se cortou e morreu.

O moço casou com a moça, tiveram muitos filhos e felizes viveram muitos anos.

Existem, obviamente, muitas versões, no entanto o que parece ser comum é que a moura é negra, torta, má, feiticeira, e espeta um alfinete na cabeça da bela moça para transformá-la numa pombinha branca e depois se casar com o príncipe.

Na versão de Silvio Romero⁴⁸, de 1885, só há uma breve alusão à negritude da Moura: O moço, quando chegou, achou aquela mudança tamanha e estranhou; mas a moura torta lhe disse: "O que quer? Foi o sol que me queimou!... Você custou tanto a vir me buscar!"

Ana Maria Machado (2004, p.15) tem na sua versão a descrição da moura-torta, não deixando dúvidas a este respeito, como muitas vezes ocorre no que se refere à questão da mulher negra:

Era uma velha muito feia, que todo mundo chamava de moura Torta. Meio feiticeira, caolha e cheia de perebas. Não era dessas bruxas de nariz pontudo e cara de grão-de-bico. A cara dela parecia mais um grão de café – escura, achatada, dividida ao meio por um nariz comprido. Trabalhava para um senhor das redondezas e vinha com uma jarra de vidro buscar água na fonte [...].

Gilberto Freyre aborda esta questão:

O longo contato como os sarracenos deixara idealizada entre os portugueses a figura da moura-encantada, tipo delicioso de mulher morena e de olhos pretos, envolta em misticismo sexual – sempre de encarnado, sempre penteando os cabelos ou banhando-se nas águas das fontes mal-assombradas [...] (2004, p.71).

A Moura Torta, neste sentido, entra na história como uma oposição ao encanto da outra.

Ainda na história da Moura Torta, vazou-se porventura, o ciúme ou a inveja sexual da mulher loura contra a de cor. Ou repercutiu-se, talvez, o ódio religioso: o dos cristãos louros descidos do Norte contra os infiéis de pele escura. Ódio que resultaria mais tarde em toda a Europa na idealização do tipo louro, identificado com personagens angélicas e divinas em detrimento do moreno, identificado com os anjos maus, com os decaídos, os malvados, os traidores. O certo é que, no século XVI, os embaixadores mandados pela República de Veneza às Espanhas a fim de cumprimentarem o rei Felipe II, notaram que em Portugal algumas

⁴⁸ <http://jangadabrasil.com.br/setembro/cd10900a.htm#007>

mulheres das classes altas tingiam os cabelos de cor loura e lá na Espanha várias arrebitavam o rosto de branco e encarnado para tornarem a pele, que é algum tanto ou antes muito trigueira, mais alva e rosada, persuadidas de que todas as trigueiras são feias (op. cit., p. 71).

Esta história, embora não tão difundida nos dias atuais, povoa nosso imaginário e se a colocamos na íntegra, foi para que pudéssemos perceber o conflito constante entre a mulher branca e a negra. E o quanto o príncipe era ingênuo e suscetível aos ditames femininos, desde a sua fada-madrinha.

As ilustrações, outras imagens

1 - No livro *Histórias de Tia Anastácia*, de Monteiro Lobato, no final, o autor expressa o pensamento vigente de sua época, no que se refere à sabedoria popular, legado de tia Anastácia, uma mulher negra:

- E agora? – perguntou Pedrinho.
- Agora chega – disse Dona Benta. – Vocês já estão empanturrados de histórias.
- Eu confesso que estou – disse Emília. – Estou cheinha de reis e príncipes e princesas encantadas e velhas corocas e jabutis e veados e onças. Sinto até um gostinho de jardim na boca.
- Também estou farta – disse Narizinho. – Histórias do povo não quero mais. De hoje em diante, só as assinadas pelos grandes escritores. Essas é que são as artísticas.
- Bem – conclui dona Benta. – Da próxima vez contarei só histórias literárias, isto é, as escritas pelos tais grandes escritores [...] (1995, p.77).

Ilustrações dos anos 20, do século XX:



Figura 21



Figura 22

Ilustração da edição – 1995



Figura 23

2 - O livro *Casa Grande e Senzala*, em quadrinhos (2000)



Figura 24



Há muitos pontos de semelhança entre o Brasil das casas-grandes e senzalas e o Sul dos Estados Unidos com suas "mansions" e "big houses", hoje históricas e visitadas pelos turistas.



Figura 25



Figura 26

Trouxemos estas imagens para demonstrar como a mulher negra ainda é apresentada e representada nas ilustrações para jovens e crianças.

3 - *Banzo, tronco & Senzala*. Livro tirado de circulação pelos seus conteúdos racistas. Trazemos em função da sua atualidade, 1999.

Destacaremos, como exemplo, algumas imagens do livro:

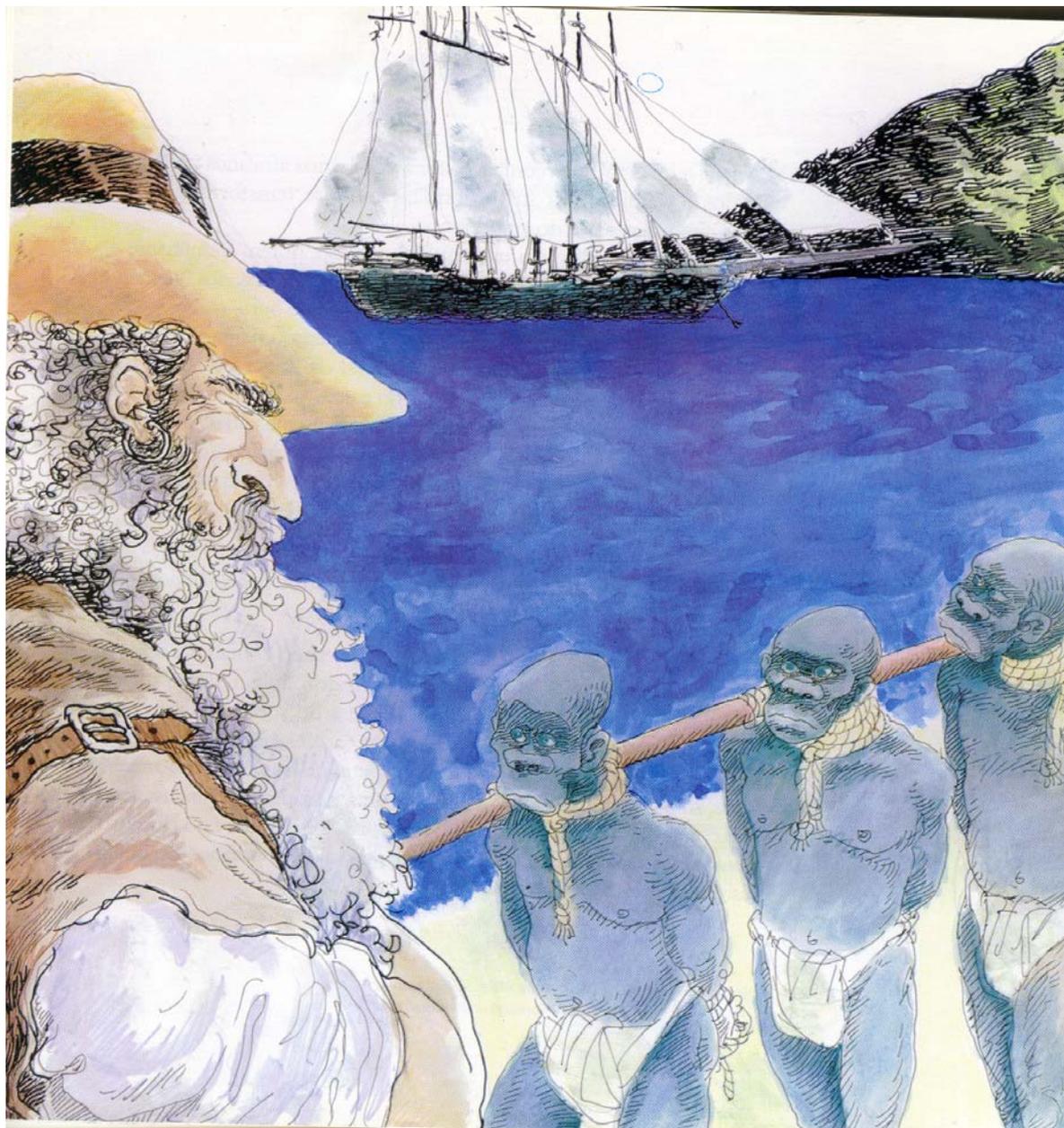


Figura 27



Figura 28

C - Música

Nas músicas estão presentes representações que os letristas e compositores, no caso homens, fazem das mulheres negras. Seu cabelo parece ser uma questão recorrente, e também “a cor que não pega”, portanto, pode haver aproximação, a mestiçagem, o sexo, a violência inclusive do homem negro.

O Teu Cabelo Não Nega

(Lamartine Babo e Irmãos Valença, 1931)

O teu cabelo não nega

Mulata

Porque és mulata na cor

Mas como a cor não pega

Mulata

Mulata quero o teu amor

Tens um sabor

Bem do Brasil

Tens a alma cor de anil

Mulata, mulatinha, meu amor

Fui nomeado teu tenente interventor

Quem te inventou

Meu pancadão

Teve uma consagração

A lua te invejando fez careta

Porque mulata, tu não és deste planeta

Quando meu bem

Vieste à terra

Portugal declarou guerra

A concorrência então foi colossal

Vasco da Gama contra um Batalhão Naval

Nega do cabelo duro – batucada/carnaval – 1942

(David Nasser e Rubens Soares)

Nega do cabelo duro

Qual é o pente que te penteia ?

Qual é o pente que te penteia ?

Qual é o pente que te penteia ?

Quando tu entras na roda

O teu corpo serpenteia

Teu cabelo está na moda:

Qual é o pente que te penteia ?

Misampli a ferro e fogo

Não desmancha nem na areia

Tomas banho em Botafogo

Qual é o pente que penteia ?

Fricote

(Composição: Luiz Caldas e Paulinho Camafeu – 1985)

Nega do cabelo duro
 Que não gosta de pentear
 Quando passa na baixa do tubo
 O negão começa a gritar

Pega ela aí
 pega ela aí

Pra que?
 Pra passar batom
 De que cor?
 De violeta
 Na boca e na bochecha

Pra que?
 Pra passar batom
 De que cor?
 De cor azul
 Na boca e na boca do céu

D – Novelas

- As novelas das redes de televisão são ricas em apresentar estereótipos da mulher negra:

As personagens negras, geralmente, não têm família, são solitárias, desenraizadas. Há um forte apelo à sua sexualidade, como no caso da *Xica da Silva*⁴⁹, ou representam um tipo de transgressão, como *Na cor do pecado*⁵⁰.

⁴⁹ Xica da Silva. Manchete – 21h30. de 17 de setembro de 1996 a 11 de agosto de 1997. 231 capítulos. Novela de Walcyr Carrasco (sob o pseudônimo de Adamo Angel), colaboração de José de Carvalho, baseada no romance Xica que manda de Agripa Vasconcellos. Direção de Walter Avancini, Jacques Lagoa, João Camargo, J. Alcântara e Lizâneas Azevedo. Direção geral de Walter Avancini.

⁵⁰ Da cor do pecado; Globo – 19h. de 26 de janeiro a 28 de agosto de 2004. 185 capítulos. Novela de João Emanuel Carneiro, escrita por Ângela Carneiro, Vicent Villari e Vinícius Vianna, supervisão de texto de Silvío de Abreu. Direção de Maria de Médicis e Paulo Silvestrini. Direção Geral de Denise Saraceni e Luiz Henrique Rios, núcleo Denise Saraceni.

E - Filmes

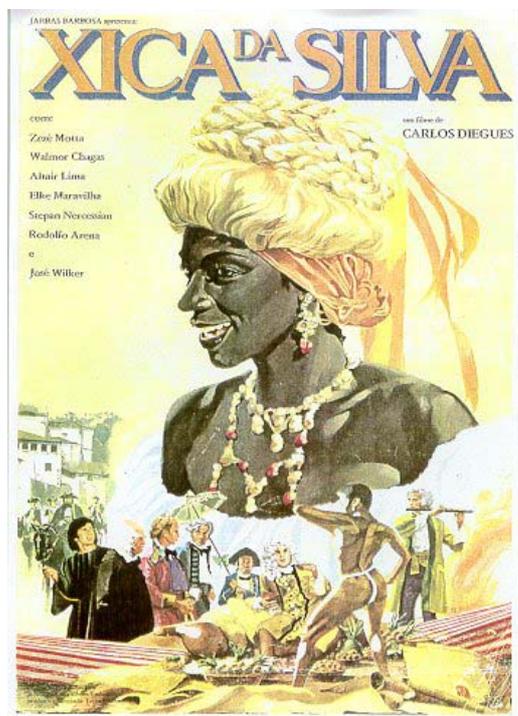


Figura 29

Ficha Técnica

Título Original: Xica da Silva

Gênero: Comédia

Tempo de Duração: 117 min.

Ano de Lançamento (Brasil): 1976

Distribuição: Embrafilme e Unifilms

Direção: [Carlos Diegues](#)

Roteiro: Carlos Diegues e João Felício dos Santos

Sinopse:

Escrava que, durante o ciclo de ouro, na atual e rica cidade de Diamantina, aproveitou-se de sua sensualidade para conquistar a alforria e se tornar a rainha do Diamante.

No caso do filme *Xica da Silva*, houve um forte apelo à sexualidade. Observamos, inclusive, na sinopse do filme, a omissão total de afetividade, de família. Xica da Silva personifica a mulher como promotora de prazer sexual. Há um convite a esta sexualidade, como fator de ascensão social, como podemos "ler" no cartaz do filme. A música de Jorge Benjor, composição de autor desconhecida, também vem fortalecer esta análise, sobretudo se observarmos o refrão:

Xica da Silva

Xica da
Xica da
Xica da
Xica da Silva
A negra
De escrava a amante
Mulher

Mulher do fidalgo contratador João Fernandes
 Xica da
 Xica da
 Xica da
 Xica da Silva
 A negra
 A imperatriz do Tijuco
 A dona de Diamantina
 Morava com a sua corte
 Cercada de belas mucamas
 Num castelo da Chácara da Palha
 De arquitetura sólida e requintada
 Onde tinha até um lago artificial
 E uma luxuosa galera
 Que seu amor, João Fernandes, o tratador
 Mandou fazer
 Só para ela
 Xica da
 Xica da
 Xica da Silva
 A negra
 Muito rica e invejada
 Temida e odiada
 Pois com as suas perucas
 Cada uma de uma cor,
 Jóias, roupas exóticas
 Das Índias, Lisboa e Paris
 A negra era obrigada a ser recebida
 Como uma grande senhora da corte
 Do Reis Luís
 Da corte do rei Luís
 Xica da
 Xica da
 Xica da Silva
 A negra

F - Vídeo-documentário

Na nossa pesquisa, percebemos que esta modalidade de expressão visual tem sido um significativo instrumento de informação, utilizado em outros espaços que não necessariamente nas grandes salas de projeção. Destacaremos o do Fernando Mozart, *Os Outros* (1997), que aborda a "civilização tropical" na ótica de um marciano que vem à Terra no intuito de descobrir o que é "A Coisinha do Pai".

Apresentaremos alguns fragmentos do roteiro, como demonstrativo da tensão que existe em relação à mulher negra.

Zoã - O Brasil é um dos lugares mais lindos e privilegiados do universo. A diversidade de riquezas nesta região é fabulosa.

PÉS DA MULATA SAMBANDO. RODA DE SAMBA. EXTERIOR. DIA.

Câmera subjetiva baixa movimenta-se, num bloco/escola de samba e se depara com os pés de uma mulata sambando.

Zoã - Mal cheguei, bastou seguir a riqueza sonora para encontrar o significado de... quase tudo. O código... a coisinha é... Impressionante! É uma das principais riquezas do país.

Um pouco acima dos pés, entra uma mão tocando um pandeiro. Depois, vemos o braço do pandeirista e logo após ele balbuciando a música "Coisinha do pai", olhando para a bunda da mulata.

Zoã - As batidas nesta forma arredondada comandam o balanço espalhafatoso da coisa, que tudo indica ser "a coisinha bonitinha do pai".

BUNDA MODELO

Desenhos de várias mulatas do desenhista Lan. Aparece uma que se movimenta em direção ao fundo da tela. Detalhe de sua bunda. Sobressai o contorno (as linhas), e some o resto. Suas linhas curvas se transformam, sucessivamente, nos seguintes desenhos. Os "pratos" do Congresso Nacional e, depois, no momento que fica sobre o Museu do Carnaval (Praça da Apoteose, Sambódromo). Fusão para foto de sambistas levantando o chapéu para este monumento, durante o Carnaval.

Zoã - Os terráqueos valorizam a das fêmeas. Algumas têm um design, uma aerodinâmica, e uma consistência, que não se encontra em nenhum outro lugar do universo. São feitas de curvas perfeitas, freqüentemente transferidas para monumentos criados por seu arquiteto maior.

Aqui observamos a associação samba-bunda-mulher negra (mulata).

CLÍNICA DE CIRURGIA PLÁSTICA

Fusão com outra cruz, que está na recepção de uma clinica de cirurgia plástica.

Outro aspecto, a ser analisado. No roteiro, não consta nenhuma mulher, mas na recepção tem uma atendente negra.

G - Revistas:

Destacaremos algumas revistas famosas, para apresentar a invisibilidade, o apagamento e a desvalorização da mulher negra no mundo mercadológico. Não se trata, contudo, de ser contra ou a favor destas revistas, mas de colocar sob suspeita a dita democracia racial. As mulheres negras não aparecem na sua proporcionalidade social. Com estas revistas se socializa um ideal de mulher, que mesmo tida como objeto de desejo, tem emprego, prestígio social, poder aquisitivo, são os "modelos desejados" de mulher brasileira.

Uma masculina:

Edições de 2004		
<p>Sabrina Dezembro</p> 	<p>Novembro</p> 	<p>Daniela Cecconello Outubro</p> 
<p>Setembro</p> 	<p>Agosto</p> 	<p>Julho</p> 
<p>Lorraine Junho</p> 	<p>Maio</p> 	<p>Abril</p> 
<p>Bananinha Março</p> 	<p>Fevereiro</p> 	<p>Dora Janeiro</p> 

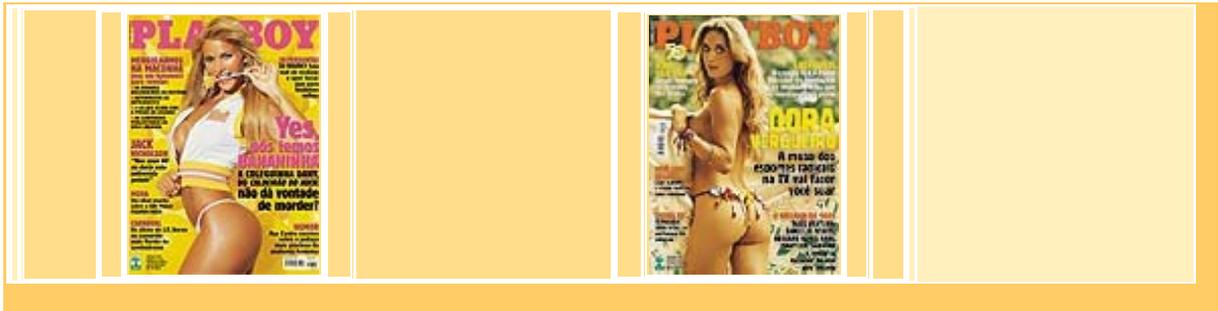


Figura 30

E uma feminina:



[Edição 169 - Abr/2005](#)

[Edição 168 - Mar/2005](#)

[Edição 167 - Fev/2005](#)

[Edição 166 - Jan/2005](#)

[Edição 165 - Dez/2004](#)

Figura 31

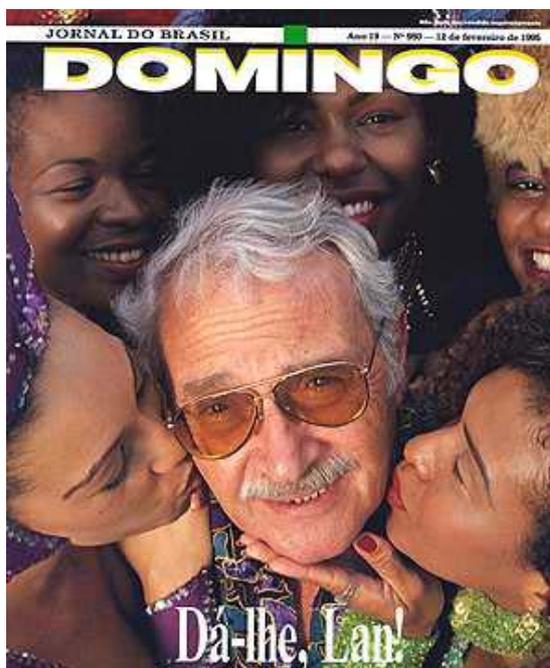
Variedades de Domingo:

Figura 32

Aqui elas são meras coadjuvantes, fragmentos, acessórios para valorização do artista plástico que tem nas "mulatas" sua maior inspiração.

Educativas:

A edição tinha como objetivo a valorização da cultura negra brasileira, no entanto, essa valorização nos aprisionou na cozinha e no preparo da feijoada. Não se trata de excluir a cozinha e a feijoada do repertório afro-brasileiro, se trata de não nos restringir a este lugar. Temos que refletir sobre o fato de que, num momento em que se produz uma revista de uma abrangência tão grande, para a maior rede de educação municipal da América Latina, são reproduzidos os estereótipos sociais da cultura afro-brasileira.



Figura 33

H - Pós-viajantes (Século XX):

A vitória da democracia racial. E as mulheres negras? Foram transformadas em...

Trouxemos alguns artistas famosos e venerados, inclusive um ainda vivo, como emblemáticos produtores e reprodutores de uma visão predominante da Mulher Negra. Negra?

Candido Portinari⁵¹
1903 – 1962



Figura 34 - Menina sentada

Óleo sobre tela, 71 x 58 cm. Coleção Yara e Roberto Baumgart



Figura 35 - Baianinha

Óleo sobre tela, 73,5 x 60 cm. Coleção particular.

⁵¹ <http://www.terra.com.br/diversao/portinari/>

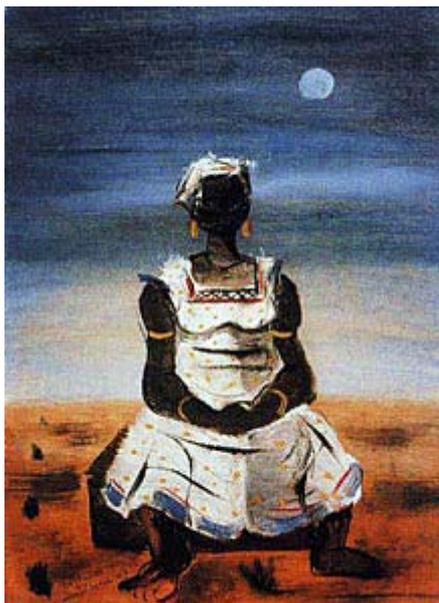


Figura 36 - Baiana

Óleo sobre cartão, 48,5 x 35 cm. Coleção particular.

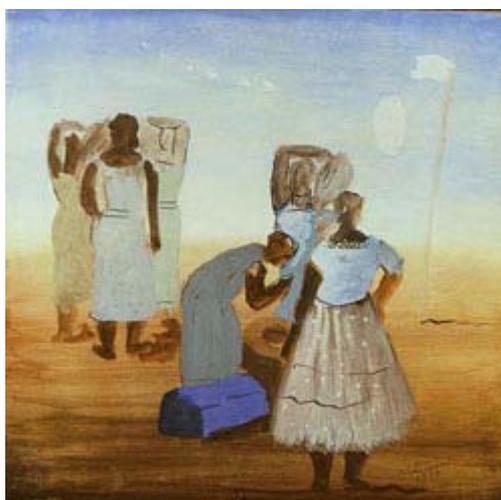


Figura 37 - Mulheres no Campo

1938

Pintura aquarela e guache/papel

36 x 36cm

Rio de Janeiro, RJ

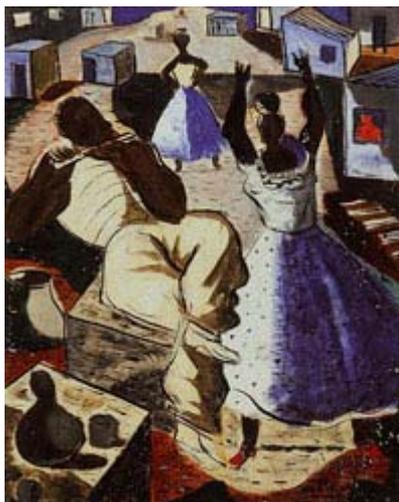


Figura 38 - Favela

1942
Pintura a têmpera/madeira compensada
44,5 x 35cm
Rio de Janeiro, RJ



Figura 39 - Baianas

1940
Pintura a óleo/tela
73,5 x 60cm
Rio de Janeiro, RJ



Figura 40 - CANDIDO PORTINARI, Grupo de meninas (Grupo de niñas), 1940

Óleo s/ tela, 100 x 80 cm.
Col. Museu Castro Maya, Brasil

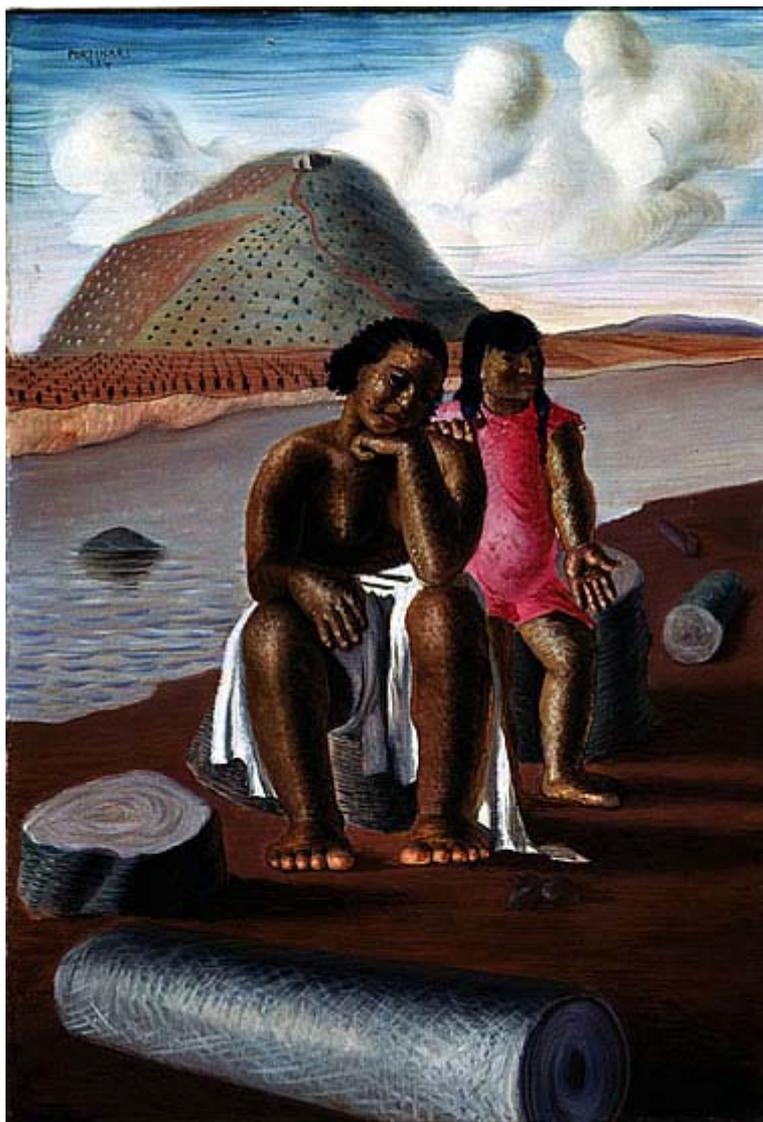


Figura 41 - CANDIDO PORTINARI - Índia e Mulata (India y Mulata), 1934

Óleo s/ tela, 72 x 50 cm.

Col. Particular, Brasil

É inegável o olhar que vê, admira, se encanta/admira do artista em relação às mulheres negras de todas as idades, no entanto... não há uma alusão ao termo mulher negra. Há uma tendência à valorização da mestiçagem e as imagens seguem este padrão. Quando, contudo, são nomeadas pela cor de pele, são chamadas de mulatas.

Di Cavalcanti (Rio de Janeiro, 1897 -1976)

" - A mulata, para mim, é um símbolo do Brasil.
Ela não é preta nem branca.
Nem rica nem pobre.
Gosta de música, gosta do futebol, como nosso povo. (...)"

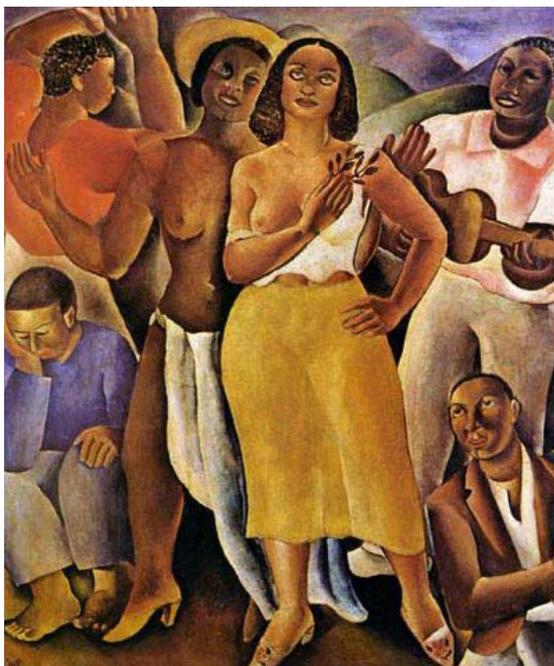


Figura 42 - Samba - óleo sobre tela - 177 x 154 cm.

- 1925 -

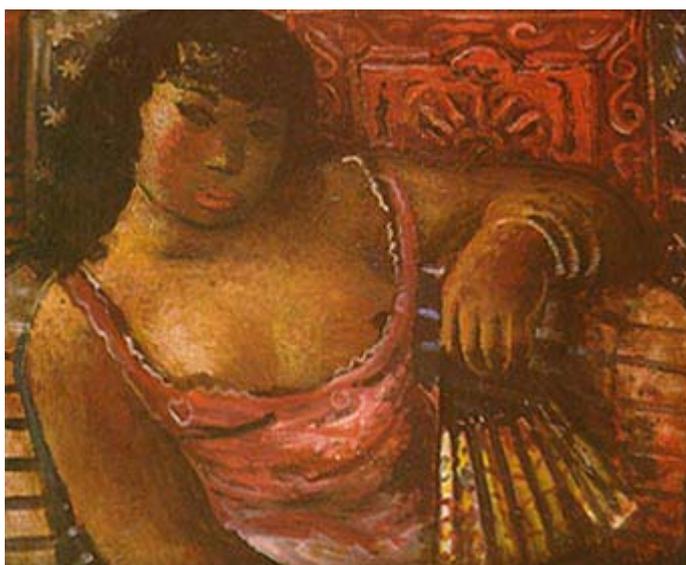


Figura 43 - Mulata com Leque

Óleo sobre tela - 38 x 46 -
- Paris, 1937 -



Figura 44 - Scene Bresilienne

Óleo sobre tela
- década de 40 -

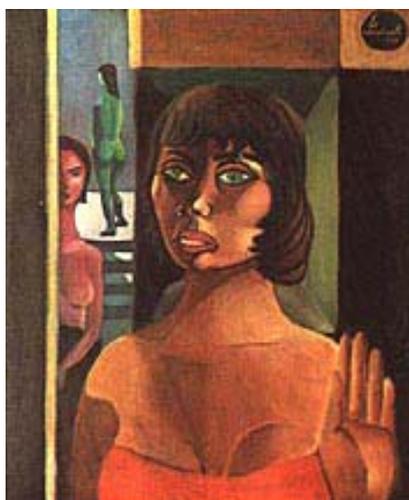


Figura 45 - Três Mulatas

Óleo sobre tela
- década de 40 -

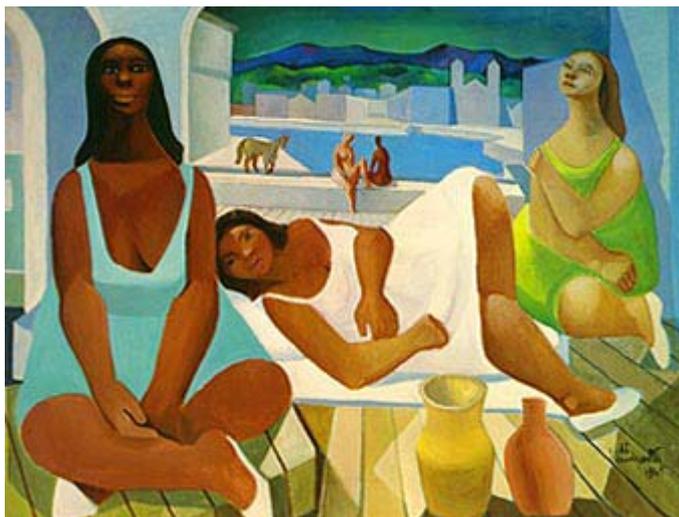


Figura 46 - Onde eu estaria feliz
Óleo sobre tela - 98 x 130 cm. - 1965



Figura 47 - Duas Mulatas
Óleo sobre tela - 72,5 x 150 cm. - 1962 -

Na obra de Di Cavalcanti, a mulher negra sai do cenário e há uma apologia da mulata, como o símbolo de sexualidade, de encantamento e como o símbolo do Brasil.

LAN...⁵²

Caricaturista, desenhista, pintor, poeta: maestro!

Olhando a mágica combinação de cores, que iam surgindo nas paletas antes de se transformarem em obra de arte, criei minha própria teoria genética. Se Deus criou as cores, e para se fazer uma obra de arte é preciso misturar essas cores, ao criar raças de cor diferente, é óbvio que o fez para elas se misturarem. Ao meu ver, essa é a razão pela qual a MULATA é uma obra-prima da Natureza, e o Rio, sua capital. Sim, porque se a Bahia é negra, o Rio é mulato, e quem não é, vai à praia se mulatar.

Depoimento:

"O gringo que casou com a mulata mais bonita e foi morar no morro mais bonito. O grande caricaturista que abriu as portas para os maiores caricaturistas do Brasil, por exemplo eu 1,87 m e Paulo Caruso com 1,85 m." CHICO CARUSO (Este depoimento é colocado para fortalecer nossa tese, com relação invisibilidade da mulher negra, que para casar com o Lan, no caso, teria que ser a mais bonita.)

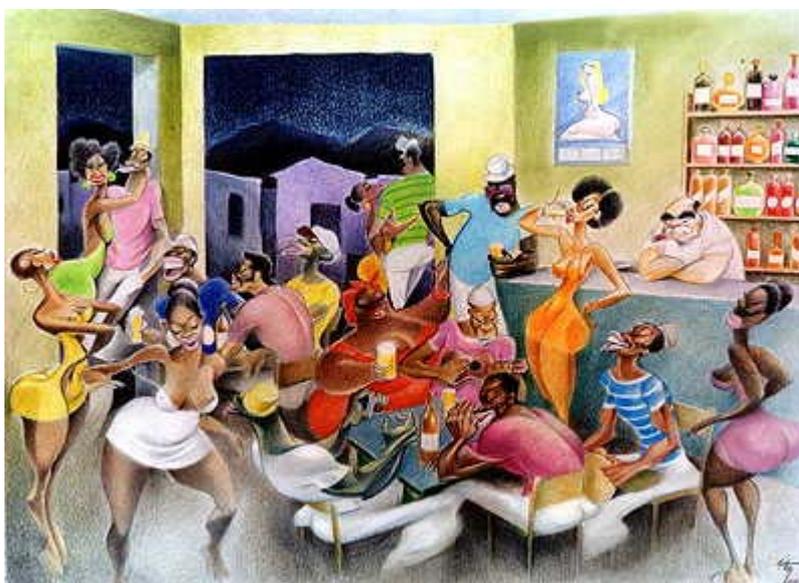


Figura 48

⁵² <http://www.artes.com/lan/>
<http://www.artes.com/lan/exposicao.htm>



Figura 49



Figura 50

Com este artista poderemos dizer que a imagem da mulata, como símbolo do imaginário brasileiro de sensualidade, foi consolidada, mas em lugar subalternizado, pois estas imagens nos aprisionam, aprisionam o olhar das pessoas com relação às mulheres negras, colando esta imagem ao samba, ao carnaval e ao sexo.

Se tomarmos as imagens dos viajantes do século XIX como comparação, poderemos observar que, de uma certa forma, as imagens adquiriam uma certa nacionalidade, cor, brilho, paixão explícita, mas continuam as mesmas: paradas, admiradas, encantadoras, mas ainda sob o olhar do europeu ou seus descendentes. O lugar da mulher negra (incluindo as mestiças, chamadas de mulatas) ficou aprisionado, se observarmos a fixação na figura da baiana, que quase adquire uma identidade específica, quase uma entidade nacional, vide as escolas de samba, e a encontramos tanto no século XIX como no XXI, a mulher negra com seios desnudos, a mulher negra nos espaços coletivos de manifestações culturais, como os batuques, há uma fixação neste lugar.

Nosso interesse em expor imagens das mulheres negras, em várias dimensões, sobretudo nos séculos XIX e XX, numa perspectiva de formação, ou seja de processo, de algo que se constitui, que é processual, teve dois propósitos:

a) A constatação do processo de exclusão, segregação em todos os âmbitos sociais por que vive a mulher negra

O sonho da igualdade *versus* a realidade das diferenças. As desigualdades sociais e econômicas existentes entre brancos e negros no Brasil, que se traduzem em um surpreendente quadro de desigualdade racial, seriam suficientes para intuir que as mulheres negras constituem o grupo mais frágil desta relação. No entanto, para além desta "inevitável", por que decorrente, situação de fragilidade, o quadro é extremamente agravado pela magnitude das diferenças existentes entre as mulheres negras, homens brancos, mulheres brancas e, também, homens negros. A magnitude das diferenças existentes entre mulheres negras e mulheres brancas é que nos exige cautela em ressaltar, por exemplo, apenas as desigualdades de gênero para caracterizar a situação social, política e econômica das mulheres brasileiras. Afinal, para as mulheres negras a dimensão racial constitui variável fundamental para a posição social, econômica e política que ocupam (SANT'ANNA, 2001, p.53).

Esta segregação racial se acirra, inclusive, no que se refere à expectativa de vida. Morremos mais e mais cedo que todos neste país.

As informações sobre esperança de vida das populações brancas e afro-descendentes no Brasil foram obtidas a partir da base de dados da

PNAD de 1997 e elaboradas por Juarez Oliveira, pesquisador do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A partir dessa elaboração, podemos verificar que: 1) os afro-descendentes têm uma expectativa de vida 6 anos menor que a população branca; 2) os homens afro-descendentes têm a mais baixa expectativa de vida, 62 anos; 3) as mulheres afro-descendentes têm expectativa de vida de 66 anos, 8 meses abaixo da média nacional, que é de 66,8 anos; 4) os homens brancos têm expectativa de vida de 69 anos, 1 ano a mais que a expectativa de vida da população afro-descendente em seu conjunto; e 5) as mulheres brancas com expectativa de vida de 71 anos estão acima de todos os grupos e média nacional de 70 anos (SANT'ANNA, op. Cit, p.56).

Esperança de Vida e Indicador de Longevidade no Brasil – Desagregada por Sexo e Grupo Étnico (Afro-descendentes e Brancos) – 1997.

Sexo/Grupo Étnico	Esperança de Vida (Anos)	Indicador de Longevidade (*)
Homens Brancos	69	0,775
Mulheres Brancas	71	0,725
Total Brancos	70	0,750
Homens Afro-descendentes	62	0,658
Mulheres Afro-descendentes	66	0,642
Total Afro-descendente	64	0,650
Total da População	66,8	0,700

Fonte: Base de Dados da PNAD 1997.

Dados elaborados por Juarez Oliveira (DEISO/IBGE)

(*) Para o cálculo do Indicador de Longevidade, o PNUD considera parâmetros diferenciados para homens e mulheres, respectivamente, 22,5 e 27,5 anos. Essas diferenças são assumidas pelo fato de as mulheres possuírem uma expectativa de vida superior à dos homens.

b) Ruptura desse quadro. Se há formação, significa que há um processo, que as coisas não são naturais. Ora, as mulheres negras estão aí, presentes, vivas, deixando seus legados para a humanidade, logo é possível se pensar em ações sociais e políticas para essa tão necessária transformação: REFERÊNCIAS POSITIVAS E PARA ALÉM DA SEXUALIDADE E TRABALHO DOMÉSTICO PARA A MULHER NEGRA.

CAPÍTULO III - COM A PALAVRA OS FORMADORES DE OPINIÃO

Nossa formação na área da educação – pautada na escuta, na observação e na tentativa de compreensão do Outro – influencia, sem dúvida, a escritura deste trabalho. Sendo que o sistema socioeconômico segue o modelo eurocêntrico, racista, burguês, tecnocrático e patrimonialista, a mídia, como uma instituição deste sistema, tem estas mesmas marcas, estas mesmas características. Portanto, sentimos ser fundamental ouvir os formadores de opinião ligados à mídia e às instituições sociais. Que seres humanos são esses? São maus? Perversos? São conservadores, reacionários? O que pensam?

Identificamos como formadores de opinião – no caso, homens – aquelas pessoas que têm visibilidade social, sobretudo na mídia. Mas também incluímos nesta categoria pessoas do cotidiano, como professores, médicos, advogados, economistas... Enfim, os especialistas de qualquer área que, justamente pelo lugar que ocupam, têm o direito de emitir opinião socialmente relevante.

Tendemos a achá-los, em sua grande maioria, conservadores e até reacionários, pois não concebemos por que não fazem nada, por que não utilizam o poder que têm para intervir nas transformações sociais, no sentido de dirimir as desigualdades e injustiças sociais. Muitas vezes, suas opiniões são ditas com o sabor do *achismo* e ganham conotação de verdade, de inquestionabilidade, de poder. São os possuidores do chamado discurso competente, que segundo Chauí (1989, p.7),

[...] é o discurso instituído. É aquele no qual a linguagem sofre uma restrição que poderia ser assim resumida: não é qualquer um que pode dizer a qualquer outro qualquer coisa em qualquer lugar e em qualquer circunstância. O discurso competente confunde-se, pois, com a linguagem institucionalmente permitida ou autorizada, isto é, com um discurso no qual os interlocutores já foram previamente reconhecidos

como tendo o direito de falar e ouvir, no qual os lugares e as circunstâncias já foram predeterminados para que seja permitido falar e ouvir e, enfim, no qual o conteúdo e a forma já foram autorizados segundo os cânones da esfera da própria competência.

A compreensão da dimensão do alcance social que têm OS FORMADORES DE OPINIÃO se fez evidente com dois acontecimentos, um no ano passado e outro bem recente:

1 - O episódio Daiane dos Santos e uma reportagem num site de comunicação⁵³

Scheidt sangue bom

Por que a campeã mundial, cujo nome batizou um salto que não existia antes dela, treme no momento mais importante de sua carreira? Ninguém pode ter dúvidas de que Daiane dos Santos estava emocionalmente derrotada na hora de buscar a medalha de ouro. Sua expressão de pânico, em close, segundos antes de se apresentar, e sua respiração brusca prenunciavam os erros grosseiros. Ninguém nunca vira Daiane terminar um salto quicando daquele jeito, tendo que puxar o freio de mão para não descarrilar de vez. Tecnicamente estava fora de si, e na hora da consagração – ao contrário do iatista Robert Scheidt – fez tudo errado.

[...]

Robert Scheidt já passou à história como um grande brasileiro, e além de tudo é um personagem simpático. Mas está na cara que o Brasil preferia ter sido feliz com Daiane, a gauchinha voadora. E nessas horas, aparece ali no fundo da alma nacional aquela pergunta incômoda: o que o lourão tem que a neguinha não tem? Nem vale a pena mobilizar psicanalistas e antropólogos em busca dessa resposta, mas é curioso observar o que passa na cabeça dos brasileiros, mesmo através dos atos falhos.

[...]

Foi nessa hora que o comentarista de iatismo da Globo, na sua difícil missão de traduzir as virtudes do herói e as características gerais da prova (“são quantas bóias mesmo?”, perguntava-lhe o locutor), proferiu seu comentário definitivo. O desafio era compreender algumas das qualidades, como regularidade e velocidade, que destacavam Scheidt dos demais, e aí veio o diagnóstico certo: “Nessas horas, o sangue alemão faz a diferença.

Ou seja: por muito pouco a felicidade verde-amarela não foi completa.

⁵³ por Guilherme Fiúza -25.08.2004

<http://nominimo.ibest.com.br/notitia/servlet/newstorm.notitia.presentation.NavigationServlet?publicationCode=1&pageCode=5&textCode=13087¤tDate=1093402860000>

Se a maior ginasta brasileira se chamasse Daiane Scheidt, ela haveria de saber triunfar também. Mais seguro mesmo seria se a grafia fosse “Diane”, deixando a Daiane, ou mesmo a Daieine, só para a pronúncia. Com um nome desses, dificilmente ela tremeria na hora decisiva.

Disparates à parte, Scheidt foi frio, calculista, olímpico, enquanto Dos Santos afundou sua técnica numa tempestade de emoção. Mas Dos Santos é para sempre o nome de uma manobra olímpica sobre-humana, enquanto Scheidt continuará sendo apenas um digno e honrado sobrenome humano.

[...]

2 - A publicação pela Secretaria Especial de Direitos Humanos do Governo Federal, da cartilha “Politicamente correto”, com o objetivo de colocar em pauta para uma reflexão sobre os preconceitos cotidianos. Houve, como pudemos ver, uma avassaladora reação da mídia e dos formadores de opinião, o que resultou no recolhimento do material.

A publicação reúne 96 palavras, expressões e piadas consideradas pejorativas e que revelam discriminações contra pessoas ou grupos sociais, como negros, mulheres, homossexuais, religiosos, pessoas portadoras de deficiência e prostitutas.

A cartilha foi distribuída esta semana a vereadores, deputados estaduais, militantes de organizações não-governamentais e pessoas envolvidas com políticas de direitos humanos, num seminário na Câmara.

Na cartilha, foram incluídas expressões como "a coisa ficou preta", "mulher no volante, perigo constante" e palavras como branquelo, burro, aidético, sapatão, veado, bêbado, ladrão e até comunista. [...]

A tiragem é de cinco mil exemplares e o público-alvo inclui ainda policiais, jornalistas e professores.

A cartilha condena:

A COISA FICOU PRETA: forte conotação racista contra os negros, pois associa o preto a uma situação ruim.

AIDÉTICO: termo discriminador, o correto é HIV positivo ou soropositivo, para quem não apresenta os sintomas, e pessoa com Aids ou doente de Aids, para quem apresenta os sintomas.

ANÃO: são vítimas de um preconceito peculiar: o de sempre serem considerados engraçados. Não há nada especialmente engraçado. O fato de ser anão não afeta a dignidade.

BAIANADA: atribui aos baianos inabilidade no trânsito. É um preconceito de caráter regional e racial, como os que imputam malandragem aos cariocas, esperteza aos mineiros, falta de inteligência aos goianos e orientação homossexual aos gaúchos.

BAITOLA: utilizada para depreciar os homossexuais, assim como bicha e boiola. Sugeridos como corretos: gay e entendido (a).

BARBEIRO: xingamento para motorista inábil. Ofensiva ao profissional especializado em cortar cabelo e aparar a barba.

BEATA: deprecia mulheres que vão com muita freqüência à missa.

CABEÇA-CHATA: termo insultuoso e racista dirigido aos nordestinos, cearenses em especial.

COMUNISTA: contra eles foram inventadas calúnias e insultos, para justificar campanhas de perseguição que resultaram em assassinatos em massa, de caráter genocida, como durante o regime nazista na Alemanha.

FARINHA DO MESMO SACO: junto com expressões como todo político é ladrão, todo jornalista é mentiroso, os muçulmanos são terroristas, ilustra a falsidade e leviandade das generalizações apressadas, base de todos os preconceitos. O fato de haver políticos corruptos, jornalistas imprecisos e muçulmanos extremistas não significa que a totalidade desses segmentos mereça aquelas respectivas acusações.

FUNCIONÁRIO PÚBLICO: depois de sistemáticas campanhas de desprestígio contra o serviço público, os trabalhadores dos órgãos e empresas públicas preferem ser chamados de servidores públicos, para enfatizar que servem ao público mais do que ao Estado.

GILETE: o termo adequado é bissexual.

HOMOSSEXUALISMO: é mais adequado usar homossexualidade. Homossexualismo tem carga pejorativa ligada à crença de que a orientação homossexual seria uma doença, uma ideologia ou movimento político.

LADRÃO: termo aplicado a indivíduos pobres. Os ricos são preferencialmente chamados de corruptos, o que demonstra que até xingamentos tem viés classista.

MULHER DA VIDA OU DE VIDA FÁCIL: eufemismos para caracterizar a profissional do sexo, prostituta.

MULHER NO VOLANTE, PERIGO CONSTANTE: frase preconceituosa contra as mulheres, a quem se atribui menos habilidade no trânsito em comparação com os homens, contrariando, aliás, os levantamentos estatísticos.

NEGRO: a maioria dos militantes do movimento negro prefere este termo a preto. Mas em certas situações as duas expressões podem ser ofensivas. Em outras, podem denotar carinho nos diminutivos neguinho ou minha preta.

PALHAÇO: o profissional que vive de fazer as pessoas rirem pode se ofender quando alguém chama de palhaço uma terceira pessoa a quem se atribui pouca seriedade.

PRETO DE ALMA BRANCA: um dos slogans mais terríveis da ideologia do branqueamento no país, que atribui valor máximo à raça branca e mínimo aos negros. Frase altamente racista e segregadora.

SAPATÃO: usada para discriminar lésbicas, mulheres homossexuais. Entendidas e lésbicas são termos mais adequados.

VEADO: uma das referências mais comuns e preconceituosas aos homossexuais masculinos. Expressões adequadas são gay, entendido e homossexual.

XIITA: um dos ramos do Islamismo se tornou no Brasil termo pejorativo que caracteriza militantes políticos radicais e inflexíveis.⁵⁴

Lamentavelmente, este último acontecimento ocorreu após as entrevistas, mas mostra como é difícil mexer em referenciais tão arraigados em nome de uma pretensa liberdade de expressão. Ora, quando o governo lança uma ação política e os formadores de opinião não aceitam e ele retira a ação, recua, é mais do que um dado significativo da importância destas pessoas no cenário social. A cartilha foi retirada e não houve a possibilidade de debatê-la, criticá-la, aprimorá-la coletivamente.

Os dois acontecimentos nos servem como exemplo da insensibilidade em relação à discriminação que sofrem tanto(a)s brasileiro(a)s e nos estimula a dar continuidade a esta investigação e as dela decorrentes, bem como lutar contra a impunidade de quem age no sentido de difundir e/ou reforçar as atitudes discriminatórias.

Durante as pesquisas, encontramos o livro Preto e Branco, do qual destacamos um trecho significativo e ilustrativo da percepção de como o homem branco vê a mulher negra. Apresentaremos este trecho, pois as nossas entrevistas não contemplam a abordagem deste autor:

A mulher negra ocupa um lugar de destaque no imaginário do homem branco. Ela é, ao mesmo tempo, um objeto de desejo e um ser que está

⁵⁴ *Por Evandro Éboli* - (O Globo, 30/4/05)

fora de seu campo de expectativas mais duradouras. O exotismo que a cerca e a carga histórica que pesa sob seus ombros limitam suas possibilidades de ação. Ao topar com um branco, poucas conseguem um relacionamento para além do sexo. Nossa cultura oferece uma overdose de informações sobre como a mulher negra é vista e tratada. Fazemos uma rápida e aleatória colagem. Em uma cena do filme *Cobra Verde*, de Werner Herzog, um traficante de escravos oferece ao seu convidado branco a oportunidade de saborear uma negra mal saída da infância. Este, após observá-la com um olhar de fastio, declina do convite, dando a entender que esse tipo de prazer já não lhe é novo, e que talvez, por isso, prefira ir direto para sua cama, sozinho dessa vez. Gilberto Freyre, em *Casa-Grande e Senzala*, ao falar da vida sexual dos senhores de engenho, conta de brancos que só gozavam com negras. E dá o exemplo de um jovem de importante família escravocrata do sul do Brasil, que nas primeiras noites de casado precisou levar para a cama a camisa úmida de suor de sua amante negra, para ver se finalmente alcançava o clímax na companhia da esposa branca. No filme *Tempo de Matar*, de Joel Shumacher, uma menina negra é estuprada e torturada por dois brancos. A menina sobrevive com o útero inutilizado para sempre. O pai, interpretado por Samuel Lee Jackson, faz justiça com as próprias mãos com o auxílio de um fuzil de assalto, enquanto imagina o tipo de mulher que sua filha se tornará. No século 19, um militar alemão chamado Carl Schlichthorst, ao descrever as coisas mais bonitas que viu no Rio de Janeiro, acabou fazendo uma ode à pedofilia racial: “Doze anos é a idade em flor das africanas. Nelas há, de quando em quando, um encanto tão grande que a gente esquece a cor: as negrinhas são geralmente fornidas e sólidas, com feições denotando agradável amabilidade, e todos os movimentos são cheios de graça natural, pés e mãos plasticamente belos. Lábios vermelho-escuros e dentes alvos e brilhantes convidam ao beijo. Dos olhos se irradia um fogo tão peculiar e o seio arfa em tão ansioso desejo, que é difícil resistir a tais tentações”. Numa das incontáveis novelas da Rede Globo, o ator Murilo Benício viveu o papel de um jovem advogado que se divertia com uma jovem e deliciosa empregada negra. Entre uma brincadeira e outra com a garota de cor, canalizou seu amor mais duradouro para uma mulher branca com quem vivia às turras. Num morro do Rio de Janeiro, em meados da década de 90, um alemão ficou caído por uma mulata escultural. Ao tentar comprá-la, descobriu que ela era companheira do chefe do tráfico local. Além de não conseguir levá-la para a cama, tomou alguns tiros de uma pistola calibre ponto 45. Recentemente, conversando com alguns suíços e alemães, escuto um deles dizer que já estava mesmo na hora de voltar ao Brasil, pois morria de saudades de “pegar novamente umas pretinhas”. Qualquer caleidoscópio sociocultural que se faça mostrará que a mulher negra, apesar de toda a sua graça e elegância, é considerada, tanto, pela maioria preta como pela maioria branca, mercadoria de valor inferior no mercado amoroso – para usar esta pertinente, porém horrorosa, expressão cunhada por Erich Fromm.

Por tudo isso, entre as inúmeras situações da vida que apontam para a existência de uma questão racial latente, o acesso do branco a um corpo negro é particularmente revelador. Na cama, a sensação que um branco tem ao tocar pela primeira vez uma pele negra vale por um orgasmo anunciado. O primeiro toque é um verdadeiro encontro com o inusitado: prenúncio de um novo mundo de formas e sensações. O que o branco toca não é apenas a diferença de cor cobrindo uma carne que ele tanto deseja; a sensação daquele noturno veludo ao alcance de suas mãos equivale à sagração da vitória do buana sobre a mulher negra. Esse primeiro toque vem acompanhado de um gemido ancestral que

não tem a ver apenas com desejo. O gemido que se ouve vem mais do inconfessável prazer de constatar que está prestes a provar de um fruto exótico e proibido. É um gemido que o gemedor não imaginava que fosse capaz de dar; e mais de um branco não-racista já se envergonhou desse som gutural e semiprimal, para imediatamente tomar consciência de que não é tão inocente quanto pensava dentro de um processo coletivo de discriminação racial. Mas daí o sexo começa a acontecer e, pela primeira vez, sua excitação tem a ver com raça; impressiona-se com a excelente ossatura da mulher negra; sente a especial doçura de uma raça forte e discriminada; sente o cheiro diferente exalado pela pele escura, e, pela primeira vez, tenta passear sua mão pelos cabelos da parceira, e sente que há ali um impedimento que exige mãos ágeis e delicadas ao mesmo tempo; é a dureza de um cabelo que não serve para anúncios de xampu, e que exige carinhos especiais. A partir daí, não tem mais o gemido inicial. O que fica é apenas a sensação desagradável de não saber lidar com uma selva de cabelos. Então, limitam-se os carinhos à nuca, enquanto se descortina na mulher que o recebe a alvura de um inesperado e doce sorriso. No desenrolar dessa singular relação, o que se fortalece é a impressão de que não está acontecendo uma troca de amor e prazer entre iguais: o branco sente como se estivesse numa aventura com um ser feminino de uma outra espécie. É como praticar zoofilia num grau mais elevado; ter uma relação extraterrestre; um contato íntimo com o imponderável. E, quando chega a hora da descarga orgástica, algo lá no fundo do inconsciente vence alguns níveis de repressão, atingindo a consciência daquele que se contorce em espasmos. É quando uma voz profunda e interior o faz repetir mentalmente uma frase tão triste quanto reveladora de um lamentável estado de coisas: “Meu Deus, estou transando com uma negra!”

Mundo estranho esse, onde uma consciência racional, fruto de uma iluminação tardia, pode chegar não através da leitura de um caudaloso livro sobre arte africana ou ao presenciar uma manifestação pública do movimento negro, mas, sim, através de formigamentos genitais que, reichianamente, denunciam a couraça muscular e as limitações de caráter.

Voltando aos nossos formadores entrevistados...

Nossa escolha dos entrevistados não foi aleatória, foi circunstancial, depois de alguns impedimentos, de recusas, de mudanças de dias... No entanto, foram todos encontros reveladores de humanidade e de encontro de diferenças.

Gostaríamos de explicar o motivo pelo qual introduziremos as entrevistas quase que na íntegra: pela qualidade do material, pelo conteúdo das falas, pela possibilidade que as entrevistas apresentam de exemplificação do caráter da complexidade da nossa condição humana. Pela coerência teórica, também, como

uma tentativa de romper com a dimensão do discurso sobre os formadores e garantir um momento do discurso da mídia, dos formadores de opinião (CHAUÍ, 1980, p.26). Colocar a dimensão profissional dita pelo próprio profissional, com a força, com a consciência, com a inquietação, é o discurso do; não estamos falando sobre, o que apresentamos é a fala, a visão, os olhares destes homens. Além de tudo, as falas são fundamentos teóricos acerca da mídia. Apresentamos seres humanos concretos, seres humanos que estão, digamos, atrás da câmera, da filmadora, do grafite, da lei, do texto escrito, do discurso... A apresentação de suas falas permite-nos garantir outras possibilidades de análise e interpretação desse sujeitos - "objetos" falantes desta pesquisa.

Numa certa dimensão, estes formadores, estas pessoas, estão gerenciando, contribuindo ou efetivamente apresentando, direta ou indiretamente, a mulher negra. Apresentar estas entrevistas praticamente na íntegra é importante, na medida em que revelam a visão de mundo de sete homens brancos, atuantes, formadores de opinião, todos de classe média, profissionalmente ativos. Ao apresentar um panorama de suas reflexões, aspectos de sua humanidade vêm à tona.

Por isso, não queremos que estas falas venham como anexo, como adendo, mas como corpo do texto principal. Esses formadores são "objetos" de nossa pesquisa, mas numa relação de fala-escuta, não se tratando "somente de dialogar com o informante, mas sim de estabelecer um profundo relacionamento de intercâmbio mútuo, de dons emotivos, de empatias cognitivas, de solidariedades divergentes" (CANEVACCI, 1993). Foi necessário dar a palavra aos homens brancos formadores de opinião, dar a palavra não foi numa dimensão de fragmentação, parcialidade, esse dar a palavra teve a intencionalidade de permitir, de garantir o acesso à palavra desses homens e, assim, de nos depararmos com a

complexidade humana, com homens brancos que são beneficiários de uma sociedade racista.

Temos como variável interveniente o fato de a entrevistadora e autora dessa pesquisa ser uma mulher negra. As respostas dos entrevistados foram influenciadas, certamente, por este fato.

Embora façamos uma separação temática das respostas, muitas são múltiplas, não são estanques, representam um fio de um diálogo que se estabeleceu entre entrevistadora e entrevistados. Temas como questão de gênero, questão econômica podem acontecer, uma vez que estamos falando sobre a diversidade da população, de uma realidade não tão classificável assim. Os limites temáticos e disciplinares foram estabelecidos por nós.

Obviamente, não vamos poder universalizar as idéias destes formadores, nem tomá-las como uma amostragem significativa. São sete pessoas, sete homens que nos apresentam sua humanidade, suas inquietações, suas críticas em relação à sociedade brasileira, sua condição em relação à sua própria profissão, sua história, suas implicações como sujeitos neste mundo... Com as respostas, poderemos perceber estas dimensões destes homens. Não é uma universalização, mas uma apresentação particular que nos possibilita compreender o processo de formação de imagens de mulheres negras, como esses homens pensam a mulher negra.

Ao todo são sete entrevistas:

Com o artista plástico – a entrevista foi realizada numa sala de aula, tranqüila, sem interrupções; havia duas outras colegas assistindo. Ele se mostrou fascinado, pela dimensão do olhar.

Fotógrafo – foi uma entrevista num hotel do Rio de Janeiro, onde o fotógrafo estava hospedado. A entrevista foi longa e algumas vezes interrompida, pois o entrevistado

teria um trabalho logo após a entrevista. Ele se revelou encantado com uma população excluída da mídia: os caboclos.

Político – houve um problema de agenda, pois a assessoria esqueceu de marcar a entrevista na agenda pessoal do político. Houve um atraso de uma hora e vinte minutos para o começo da entrevista, pois uma pessoa pediu para ser atendida antes de nós. A entrevista aconteceu no gabinete do político.

Professor de educação física e pesquisador. Aconteceu num restaurante com música ambiente, num clima agradável, tomamos café durante a entrevista.

Cineasta – houve um atraso de uma hora e quarenta minutos, por parte do entrevistado. Ocorreu no corredor de um prédio, onde ele teria uma reunião logo após a entrevista. Foi muito corrida, com um tom de pressa. Ele se mostrou fascinado pelo outro.

Tele-educador – foi no ambiente de trabalho do entrevistado, numa sala com tranquilidade; foi uma entrevista singular, pois o entrevistado, inclusive, se emocionou, chegando a lágrimas sutis durante o trabalho. Também implicado, envolvido e em tensão com a dimensão do seu trabalho e com a mídia.

Chargista – foi na casa do entrevistado, que se mostrou muito disponível e acolhedor.

O fotógrafo e o cineasta, especialmente, assim como os que estavam em viagem, foram pegos pelo outro, capturados por uma imagem do outro que não está na mídia oficial, por uma imagem de seres humanos que têm tido sua própria imagem excluída das suas condições de cidadania.

As entrevistas estão divididas em tópicos e são acompanhadas das considerações dos entrevistados que abordaram o tema. Nem todos responderam a todas as perguntas.

3.1 - Apresentações

Cada entrevistado foi convidado a se auto-apresentar, à exceção do artista plástico. Foi um momento muito importante, na medida em que cada um falou si, de sua história.

Artista plástico

Professor com formação em Artes Plásticas. Atua na Escola de Belas Artes da UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais e em várias escolas que incluem os conteúdos das artes em seus currículos. (Este é o único que não fez sua auto-apresentação.) Artista plástico e militante desta área, organiza eventos, encontros, seminários...

Fotógrafo

Eu, pessoalmente, eu sou o intermediário, vamos dizer, do caboclo. Que acredita nessa história, nesse tema e... eu estou aqui exatamente para isso, sou jornalista. Quer dizer, fazer as pessoas entenderem melhor, melhora a qualidade de informação das pessoas, sobre essa questão. Sem clichê exótico, sem esoterismo, sem artefatos. Com simplicidade, enfim, nada demais... Eu sou um documentarista, eu não sou um sensacionalista. O que a gente vê hoje é isso, pessoa... o sujeito quer fazer um documentário que deveria ser sério, mas não viram documentários, viram sensacionalismos.

Político

Minha formação profissional é de Engenharia. Eu sou Engenheiro Civil e milito, na política, praticamente desde os tempos, na época era ginásio. Então, sempre, fui um militante político. Aqui, participei do Sindicato dos Engenheiros, e que isso daí, me levou a postular, digamos assim, uma candidatura, apoiado e estimulado, por companheiros do próprio sindicato. De maneira que desde 87 que eu sou vereador da cidade do Rio de Janeiro, e tenho trabalhado durante esse tempo todo, de forma prioritária as duas políticas: a política urbana e a política cultural. Sou formado pela Universidade de Brasília, a UnB, sou inclusive da 1ª turma de engenharia da UnB. A minha origem é da Paraíba e há uma certa confusão porque, ao mesmo tempo, eu só fiz nascer na Paraíba, não tem ninguém da minha família na Paraíba e, fui criado, desde pequenininho mesmo, no Ceará. Então, eu sou um nordestino. É isso aí. Morei em São Paulo, trabalhei como engenheiro em São Paulo. Trabalhei na Vale do Rio Doce durante 20 anos como engenheiro.

Professor de Educação Física

Sou professor da UFRJ. Trabalho na Escola de Educação Física, com algumas disciplinas ligadas à cultura. Notadamente com duas disciplinas. Uma que é Teoria do Lazer, que trata-se da tentativa de formar um animador cultural, no âmbito de uma escola de educação física, e, trabalho também com a disciplina chamada Esporte e Arte. E, coordeno um grupo de pesquisa. Na verdade eu coordeno 3 grupos de pesquisa. Um grupo de pesquisa na área de lazer, que se chama...que está organizando esse ciclo aqui de cinema. Um outro grupo de

pesquisa que é o Centro [...], que é uma das minhas áreas é resgate da memória do esporte na cidade do Rio de Janeiro. E, um outro grupo que um projeto da FAPERJ, que chama-se [...], que é a tentativa de construção de uma rede de pesquisadores, uma rede multidisciplinar – gente da história, da economia, de geografia, de educação física – então, uma rede para estudar o esporte enquanto fenômeno social, de grande importância na contemporaneidade.

Cineasta

Eu sou de 1946. começo no ciclo do cinema por volta de 1967, com o privilégio de poder trabalhar com o Nelson Pereira dos Santos, e a partir daí trabalhei como técnico em diversas produções – nacionais e estrangeiras – em todas as etapas do fazer o cinema – produção, montagem, fotografia – e fui dirigir meu primeiro filme, já em 1971, curta-metragem. E daí em diante, é que pouco a pouco foi me afirmando na profissão, como diretor de cinema, graças a um filme idealizado na Bahia, chamado [...], que é um mega-metragem de 32mm, feito em Salvador no ano de 1985. Que me abriu, via prêmios internacionais, pro mercado internacional. Sou um cineasta independente, os meus filmes têm quase nenhum, ou nada, praticamente dinheiro do Estado brasileiro. Na verdade, via Embrafilme, que na época que existia. Eu tinha efetivamente um filme [...], sobre Aloysio Magalhães, 10% da produção feita pela Embrafilme, na época Departamento Cultural. E o outro filme [...], nós fizemos R\$ 38.000,00 mil reais, na época que eram U\$ 39.000,00 mil dólares. Daí em diante, só consegui realizar um filme, que estamos parado, chamado [...], musical afro-brasileiro, e esse filme entrou na lei do audiovisual, para conseguir recursos públicos, e efetivamente, isso já, agora nesse momento. Mas até esse filme, toda a minha produção, que é pequena, como independente a gente não tem condições financeiras, apesar de entrar em todos os editais, essas coisas todas, nós não somos... sorteados, por assim dizer, pelas pessoas que dão, e não dão, as verbas para se fazer filme nesse país.

Tele-educador

Eu era estudante, no fim do colegial eu estava me orientando para fazer Engenharia. Era naqueles anos de 67, 66; aí, eu fui muito despertado para as questões sociais, jornalismo, questões sociais, queria fazer alguma coisa por aí. Aí, deixei aquele caminho de fazer vestibular de Engenharia e fui fazer Ciências Sociais; muita movimentação política, quer dizer, num tempo vibrante, e eu acabei 72 indo trabalhar na Abril Cultural. Eu tive uma época boa na faculdade, com muito movimento estudantil, muita reflexão, muita discussão, muita ação política. Naquele tempo, grande parte dos estudantes participavam, e em 72 fui trabalhar na Abril. Aí, na Abril em fascículos, Abril Cultural, eu pude, digamos, conjugar essas preocupações com a expressão, trabalhando com o texto, com redação, com fascículo, e tal. E sempre foi um tempo muito rico, mas a inquietação não me deixava muito quieto no lugar. Eu peguei e sai com família, filho, crianças e tudo. Sai para fazer pós-graduação na UNICAMP e depois voltei para Abril, e quando foi em 80, àquela experiência da década toda, acabou me encaminhando a começar a participar do (Curso a distância), que começou a ser feito em 2000. Aí, de certa forma, eu realmente me encontrei profissionalmente, porque as preocupações com o país, que sempre faziam parte de mim, tanto na academia, quanto profissionalmente, acabaram encontrando um campo de trabalho. Porque com o (Curso a distância), a proposta dele era atingir milhões de pessoas, mas principalmente pessoas de baixa renda,

adultos, pais de famílias, trabalhadores, operários. Então, eu pude canalizar, a partir dali digamos, um grande conjunto de preocupações sociais, com a perspectiva profissional fazendo algo que eu achava que podia acreditar na melhoria de qualidade de vida para milhões e milhões de pessoas. Uma camada que não tinha acesso à educação, aos bens, ao emprego, a tudo isso. Então foi isso, de 80, eu depois até 85 trabalhei com a Tele-Educação, e depois fiquei de 85 até 95 trabalhando como autônomo, sempre em projetos de educação, treinamento institucional de empresas. Em 95 eu voltei para o (Curso a distância), aí para fazer o (Curso a distância) 2000, ainda em São Paulo, e em 99 vim para cá, para a Fundação [...], digamos trabalhando com projetos, que eu vejo, que possam ter um alcance social. Isso realmente me motiva muito pro trabalho.

Eu fiz Ciências Sociais na USP, e depois eu fiz pós-graduação em História Política na UNICAMP, mas não defendi tese. Não porque não deu tempo, tinha que trabalhar, sustentar família...

Eu entrei na USP, na faculdade em 68, e sai em 73. quer dizer, peguei assim, o movimento de 68, o AI-5 no final de 68, aí 69 realmente começou toda uma fase de... com o AI-5, começou uma fase de fechamento muito forte, né, o movimento estudantil se partiu para organizações de luta armada mesmo, até que, bom, aí até o restante da história a gente já conhece.

É, eu sou um paulistano típico. Me considero, né. Porque todos os meus familiares, eu sou descendente de imigrantes mesmo. Essa história de imigrante é um pouco romantizada, mas na verdade, a gente sabe que eles eram todos muito pobres, embora da Europa, italianos de certa forma, expulsos também da Europa para América. Aí, o meu... eu tive um avô ferroviário, o outro casou com uma avó que era, digamos, camponesa, e eu tive uma avó húngara também. Que chegou assim, meio que perdida. Os húngaros vieram para o Brasil e se instalaram muito ali em São Paulo, mas eles eram uma camada de população meio expulsa daquele império austro-húngaro, depois do fim da 1ª guerra, trabalhavam muito como operários de frigoríficos e tal, e a minha avó era dessa camada. Minha família toda de, digamos assim, de operários. E a 1ª pessoa da família que estudou, assim, até a universidade e tal, fui eu. Todas pessoas muito simples.

Cartunista

Eu tenho 55 anos, trabalho em jornal, mais ou menos 28 anos, 30 anos de jornal, estou há mais ou menos 28 anos no Jornal [...]. A minha função é de Ilustrador, que engloba nessa função de Ilustrador a função de Cartunista, que trabalho com cartoons, que são mais ou menos piadas gráficas, esta incluída também a função de Chargista, isto é, que faz a charge política, a crítica política em forma de desenho, que entra na parte de opinião, e basicamente tem a ilustração, que dá conta de toda e qualquer ilustração de matéria, que implica em desenhos que são feitos especificamente para ilustrar uma determinada matéria. Então, tem que ter uma relação com a matéria. A matéria escrita, e também, está englobada na função de Ilustrador também a função de Caricaturista, alguns Ilustradores não são Caricaturistas, alguns Ilustradores não são Chargistas, e também não são Cartunistas, fazem apenas o trabalho de Ilustração. No meu caso não, eu faço o trabalho de Ilustração e mais essas outras funções. E recentemente, dentro do jornal, eu comecei a fazer um trabalho de cronista, seria um trabalho de

escrever crônicas, são só crônicas semanais, ou que saem aos sábados no Caderno [...], e são crônicas que falam de tudo, a tendência delas e que é mais ou menos a minha tendência de trabalho, é ir para a área do humor, então é na qual eu estou engatilhando, tentando ser um humorista, então, humorista gráfico e humorista de texto também. Então, basicamente é isto, tenho dois filhos e dois ex-casamentos em síntese, o meu trabalho é esse. Também elaboro capas de CD, capas de Livros, capas de Revista, isso fora do trabalho que eu tenho de Jornal.

Eu tenho um livro publicado também, que é o meu livro de história do Brasil, uma história feita com humor e toda desenhada. O nome é, sabe que eu esqueci o nome do livro.

É muito engraçado você esquecer o nome do próprio livro. Eu acho que estou nervoso. Já me lembrei, o nome do livro é [...]. Eu me formei em Sociologia e Política na Escola de Sociologia de São Paulo. Formei-me em 1963. Estou tentando até hoje fazer Mestrado.

Sou de São Paulo, Capital.

Nasci por acaso, na Mooca. Minha mãe está na Mooca, e por acaso eu nasci na Mooca. Mas, me criei em um bairro chamado Água Fria, que é no Alto de Santana, que é um bairro grande da zona norte de São Paulo. Mas Água Fria é um sub-distrito de Santana, que fica perto da Serra da Cantareira, no caminho de Vila Aurora, Vila Albertina, Horto Florestal, fica no meio do caminho entre Santana e o Horto. Era um bairro de formação basicamente operária, e que hoje, com todas as mudanças de São Paulo, e aí a gente vê a mudança social realmente de São Paulo é muito grande, se transformou em um bairro de classe média, classe média, média. Mas quando eu fui morar lá, me criei lá, era um bairro que tinha muito mato, um bairro de povoação recente, as casas estavam sendo construídas, as ruas eram de terra batida, de terra, não tinha iluminação, então era realmente um bairro "povero" como se fala em Italiano. Bem pobre mesmo que eu me lembro. E até me recordo uma situação engraçada que me pediram uma descrição do bairro na escola, aí eu escrevi dizendo, eu era garoto, escrevi como um bairro pobre. Aí, quando chegou na escola a professora disse: "Não, eu não queria que você dissesse que era um bairro pobre, queria saber como era o bairro fisicamente." Ela queria uma descrição física do bairro e eu dei uma descrição social do bairro, naquele momento ainda não tinha idéia de ser, eu era muito pequeno, não tinha mínima, mínima idéia que futuramente entrasse para a área de sociologia. Mas já exercia de certa forma o pensamento sociológico.

Com as apresentações, temos um panorama dos nossos entrevistados, formação, origem e auto-imagem, por eles mesmos. Ou seja, ainda que parcialmente, face ao limite de uma entrevista, saber um pouco a respeito de quem é a pessoa entrevistada, de sua disponibilidade para a entrevista, de seu grau de exposição....

3.2 - O Trabalho: Importância e Sentido. O Papel do Formador de Opinião

Neste bloco, temos informações acerca da profissão e da importância da mesma tanto para o próprio entrevistado quanto para a sociedade. Alguns fizeram a relação entre a importância da profissão e seu papel como formador de opinião. É bom destacar, mais uma vez, que são homens de idéias e de opiniões, logo têm muito o que dizer.

Artista plástico e professor

Meu trabalho, em primeiro lugar, é uma fonte de produção da minha felicidade, da minha realização profissional. E a minha felicidade e realização pessoal, desde muito cedo, se manifestou muito através do prazer que eu tinha em olhar as coisas. Nos livros, o que eu buscava eram as figurinhas, eram as imagens e não o texto, eu sempre tive um pouco de preguiça de ler palavras. Eu sempre fui fascinado pela leitura das imagens.

Então eu acho que essas duas situações colocadas definem muito minha atuação profissional, o fato de eu ser apaixonado pelas imagens e o fato de eu sempre querer uma atividade profissional que me garantisse felicidade e realização pessoal.

Minha felicidade é obrigatoriamente, composta por uma dimensão do compartilhamento. Até mesmo, porque eu tinha refletido muito sobre essa situação do ser humano só poder ser reconhecido no olhar do outro. Então, o outro para mim é de fundamental importância, eu tinha um amor muito profundo e um respeito muito grande pelo humano. A partir até mesmo dessa consciência que aos poucos venho desenvolvendo com relação ao meu olhar, ao meu corpo, aos meus desejos, em relação às minhas necessidades.

Fotógrafo

Eu estou recordando a minha história, as coisas... a minha cultura, da minha existência, da minha casa, da minha família. Isso é reflexo da minha, da minha infância, de onde eu fui criado, dos meus valores. Os meus valores pessoais, de família, da minha criação. Eu sou mateiro antes de ser fotógrafo. Eu já vivia no mato com meu pai, minha família é de caçadores. Eles caçavam na época. Isso é uma coisa por exemplo, que assusta qualquer pessoa, quando eu digo que eu cacei. Mas eu cacei, com meu pai. Eu morava do lado da mata atlântica, em Santo André. A deslumbrante Mata Atlântica. Meu pai tinha um açougue, ele fechava o açougue às 3 horas da tarde, que não tinha geladeira, quando a carne acabava ele fechava o açougue, e nós pegávamos os cachorros, e íamos treinar os cachorros, porque meu pai caçava veado. E eu desde menininho andava no mato com meu pai já via os veados, só treinávamos, não caçávamos. E todo domingo, sábado e domingo, meu pai caçava com a turma dele. E, inegavelmente todo domingo, eles matavam veado, e esse veado era repartido na minha casa. Meu universo, de compartilhar a caça, de ouvir, de ouvir histórias da caça, da

corrida dos cachorros, do tiro, quem atirou, aonde pegou o tiro, de abrir o veado, tirar o couro, quem vai ficar com a dianteira, quem vai ficar com o traseiro, quem vai [corte]. Minha vida é uma vida de caboclo, quer dizer, meu pai é um sujeito simples, mateiro; e aí, o mato foi ficando cada vez mais distante da minha casa, como é o processo hoje na Amazônia. Quer dizer, Santo André é uma cidade hoje que tem 1.000 indústrias. Um dos maiores centros industriais do Brasil, o ABC Paulista. Tudo ali era Mata Atlântica. Essa mata atlântica foi indo embora, indo embora, indo embora, e foi embora. Então, a minha conta de acabar com o Brasil, é a minha conta pessoal, não é a conta do satélite. Ninguém precisa fazer conta pra mim dizendo que derrubaram duas Portugal... eu sei. Eu estou vendo isso desde a minha infância. E aí, é uma questão de valores, quer dizer, valorizar, por exemplo, a cultura brasileira, é valorizar a cozinha do chão batido, do fogão a lenha, da comida, da culinária, dos personagens, das histórias, o cotidiano. E com 20 anos, eu fui trabalhar na Amazônia com os irmãos Villas-Boas. Aí, eu fiz, vamos dizer, o minha pós-graduação de mato. Com duas figuras, que são meus pais, vamos dizer, não é meu pai de mato porque meu pai de mato é meu pai mesmo, meu pai que foi o primeiro que me ensinou a andar no mato. Mas, eu fui trabalhar com dois intelectuais de ambiente. Que era o Cláudio e Orlando, que trabalhavam com índio, já tinham fundado o Xingu e nós fomos fazer um contato com os índios gigantes. Aqueles, **os kaiakan**, que hoje são chamados de **parara**. A trajetória desses índios, eu acompanho desde 70 até hoje, são quase 35 anos acompanhando o que está acontecendo com esses caras. Aonde eu andei a pé um ano atrás, a um ano que era a Cuiabá-Santarém, hoje asfaltada, tem cidade do lado. Essa estrada, é a trajetória da minha vida. É emblemático, porque Cláudio, Orlando, contato com índio, e construção dessa estrada, que a Cuiabá-Santarém ou a 163, isso é emblema da minha vida. Aí que eu aprendi em caráter, princípios, conduta, linha de conduta pro trabalho, é... Cláudio e Orlando Villas-Boas. Eu tive o privilégio, de ouvir o Cláudio Villas-Boas durante 3 anos. Essa é a minha grande escola de vida, de mato. Vida de, de, vamos dizer, de decência, de caráter, de relação às questões ambientais, aos índios. O Cláudio durante 3 anos fazendo discurso pra mim, eu sentado na frente da rede dele. Tanto que até hoje eu me encontro falando frases, eu tenho a impressão que o Cláudio de vez em quando comparece e ele me fala, e eu saio falando coisas com o jeito do Cláudio, a entonação do Cláudio, é uma coisa muito interessante, o tanto que eu absorvi desse, dessas duas figuras. E aí fui construindo essa relação, fui vendo, quer dizer, construindo não, fui constatando ao longo de ano após ano, o tamanho da desgraça que nós estávamos cometendo, e que nós continuamos cometendo. Eu resolvi usar minha arma, que é a fotografia, para poder tocar de forma sutil, e ao mesmo tempo com muita sensibilidade, para ver se eu consigo sensibilizar as pessoas, do tamanho da encrenca que nós estamos fazendo.(O grifo é nosso para dar ênfase ao item)

Eu sou fotojornalista, eu trabalhei em revista e jornal, e a minha função principal como jornalista é formar opinião. Eu enxergo jornalismo dessa forma. Nós somos formadores de opiniões. E eu acho que o grande erro, hoje, do jornalismo, em relação a essas questões, é exatamente essa preocupação em formar opinião. Então, eu vou te dar exemplos técnicos de porque que o jornalismo brasileiro não forma opinião. Não forma opinião. É burocrático, e não faz nenhum serviço. Acha que faz o serviço, mas não faz o serviço. Ele... a prova disso maior é que você vê um país de 170 milhões de habitantes, ou mais, e se você somar todas as comunicações do país inteiro, de jornais e revistas, do país inteiro,

não dá a tiragem do terceiro colocado na Coréia. O jornal que vende menos na Coréia, vende 3 milhões de exemplares por dia. 3 milhões de exemplares por dia. Então se você somar a tiragem da Veja, com a Istoé, da Época, Jornal do Brasil, O Globo... do Brasil inteiro, não vai dar 3 milhões. Eles tiram 3 milhões por dia. Quer dizer, 1º - não estamos formando opinião pro hábito de leitura; 2º - não estamos abordando, não estamos formando opinião, porque não tratamos da diversidade do país; 3º - não forma opinião porque você não respeita a cultura do país. Esse país não tem uma revista de negros, se tiver tem uma. Esse país não tem revista de... o país, a mídia do país, a mídia impressa do país, é feita pra 1% do PIB. 1% do PIB é quem pode comprar revista, quem tem acesso à mídia impressa. Então eles fazem, eles fazem revista para esse 1%. Quer dizer, então você não faz revista especializada, você não faz revista que forme opinião. Se você pega uma revista de decoração da Editora Abril, por exemplo, que é a minha questão, essa é a minha questão com eles. eles só fazem decoração, vamos dizer, matéria sobre quarto de bebê. Eles só fazem matéria de quarto de bebê para 1% do PIB. Aquele quarto que custa uma fortuna, aquela cama de custa mil dólares, a cortina bacana, chique que só tem lojas maravilhosas. Nunca fizeram uma matéria, nunca, nunca fizeram uma matéria sobre o que fazer um quarto de bebê na favela, no Morro do Vidigal. E eu já propus isso várias vezes, e eles não querem fazer porque eles acham que isso é brega, que isso é de quinta. É assim que eles tratam. Eles têm que ser penalizados mesmo, com essa tiragem medíocre que eles tem. Já cansei de propor matéria, por exemplo, sobre a mulher da Amazônia. Já cansei de propor moda na Amazônia, beleza na Amazônia. Não dá, moda... se não for a moda de Paris, com estilista chique em São Paulo, ou do Rio, não é chique. Assim, 1% do PIB, do PIB é chique o resto é brega. Em revista de moda, eles acham que nós somos brega.

Político

Eu sou um político de esquerda. Todo o meu trabalho é um trabalho voltado para a transformação desta sociedade que aí está. Que eu acho que é uma sociedade perversa. Então, é um trabalho voltado, e é claro, que na medida que você quer neutralizar essa perversidade, isso significa a gente buscar o tempo todo, construir condições para que existam um mundo, onde haja realmente justiça social, democracia e fraternidade entre as pessoas. Então, esta é a nossa grande briga aqui na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, na parte de política urbana – que a gente trabalha de forma prioritária – a gente tem que fazer valer, de todas as formas aqui, através da nossa elaboração legislativa, e através da fiscalização do executivo que são as sanções principais de um vereador, garantir ao morador da cidade do Rio de Janeiro, o acesso à cidade. O acesso como direito pleno. Tudo aquilo que a cidade produz. Se os equipamentos sociais, se os equipamentos urbanos, se os equipamentos de lazer; quer dizer, tudo isto, a terra pra você morar, o teto é direito sagrado e elementar do homem. E quando nós falamos assim, teto, quando nós falamos em moradia, não significa só o teto. Quer dizer, tá implícito aí as condições de habitabilidade. Você tem que ter direito à educação, você tem que ter direito à saúde, você tem que ter direito a [corte], você tem que ter direito a essas coisas todas.

A minha profissão mesmo é engenharia. Ela, por exemplo, contribui para a minha atividade política, eu... promover as ações ou realizar as ações de mandato, de forma planejada. Aonde a gente vai fazendo seminários, nós procuramos fazer análise do que aconteceu, e ao mesmo tempo,

fazer uma previsão de ações, com objetivos bem definidos, onde através do objetivo a gente determina digamos, as metas, a serem atingidas. Agora, veja bem, o trabalho que eu faço aqui... quem diz, que ele é importante é quem... é o eleitor. Eu sou um político, por exemplo: que não faço a política, com fisiologismo e nem com o clientelismo. Mas eu faço a política por política mesmo. Quer dizer, com ideologia. Isso daí o que conduz é, me norteia, as ações do mandato. Realmente a democracia aqui ela existe, toda semana fazemos uma reunião com toda a equipe, para discutir como está o mandato, o que deve ser feito na semana seguinte, e se eu já estou aqui desde 87, é o 5º mandato este, então significa que, pelo menos o pessoal tem que saber o que importa.

Olha, isso daí, veja bem. Nós temos um acúmulo muito grande, principalmente em relação as duas políticas que nós trabalhamos – política urbana e política pública – por conta disso daí, automaticamente há um reconhecimento, reconhecimento este por exemplo, por parte da mídia – aí, acontece qualquer coisa na cidade, se tem que ter algum vereador para ser ouvido, sobre questões de caráter urbano, automaticamente eles recorrem ao nosso mandato. Então, na medida que a gente faz a entrevista, automaticamente a gente está expondo a nossa opinião. Participamos de vários debates, participamos desses seminários. Agora mesmo, amanhã, eu vou participar de um seminário lá na SEAERJ (Sociedade dos Engenheiros e Arquitetos do Estado do Rio de Janeiro) exatamente falando sobre isso. Quer dizer, a cidade e a região metropolitana. Isso aí a gente está exatamente emitindo a nossa opinião. Nós temos o hábito, há cerca de 6 anos, que todas as sextas-feiras, nós prestamos contas das nossas ações. Como mandato, ali no [...]. Não só eu, como também o Deputado Federal (...), e o Deputado Estadual [...]. Então, a gente ali, prestamos não só contas como também ouvimos. É como se fosse uma ouvidoria a céu aberto. E além disso, você aproveita a oportunidade, para fazer as denúncias daquilo que realmente a gente entende que seja importante dar conhecimento para a população da cidade do Rio de Janeiro, pro cidadão carioca. Então, eu acho que por aí, a gente está... através de uma capilaridade natural de um mandato, automaticamente você emite a sua opinião, e é claro que aí vem o trabalho de formação.

Professor de educação física e pesquisador

Eu, ainda, sou daqueles que acreditam que os professores têm uma função primordial no formar de opinião de seus alunos. É, notadamente em função da minha disciplina, que é Teoria do Lazer e da Animação Cultural, é, o que nós, o que eu procuro fazer em sala de aula é demonstrar pros alunos que eles ocupam um pa... podem ocupar, futuramente, um papel estratégico, enquanto mediadores entre diversos arranjos culturais, que existem na sociedade – cultura de massa, cultura popular, cultura erudita – se é que a gente pode dividir isso de forma tão estanque. É possível dividir mais por uma questão didática, do que na ocorrência concreta. Então, eu acho que os professores têm uma, uma função primordial, não só em formar opinião de seus alunos, como, despertar o senso crítico desses alunos, pra que eles dialoguem de forma mais consciente com as outras agências formadoras de opinião, que existem na sociedade. O próprio professor tem que, no meu modo de entender, tomar cuidado, para que ele... esse exercício de formar opinião, seja um exercício de mediação. Não um exercício, de, manipulação da opinião dos alunos. Despertada a possibilidade de

tomada de posição dos alunos.

Cineasta

Olha, eu acho o seguinte: eu acho que na verdade, formador de opinião mesmo, são pessoas de um padrão muito mais elevado do que o meu. Pessoas como, o Darcy Ribeiro, o professor João Alvino XXXXX, Muniz Sodré, Caio Prado Junior, que foi preso durante 1 ano e meio pela ditadura militar; eu acho que essas pessoas, e o Florestan Fernandes, são essas pessoas e que mais outros alguns brasileiros excepcionais, que são, efetivamente formadores de opinião. Eu na verdade sou apenas um operário do cinema, um cineasta, e faço, procuro dentro do meu trabalho, passar uma visão, de certa forma é a minha visão, talvez uma coisa poética também, mas também é... vinculada a essas questões sociais, mas um ponto de vista, que é um pouco, sem dúvida, diferente do ponto de vista oficial da cultura, da... dessa, eu não digo cultura, mas dessa... da mídia brasileira na verdade. Quer dizer, não é só ter uma idéia, eu não tenho esse poder tão, porque numa "Uma Avenida chamada Brasil" é um filme que passou no mundo inteiro, é sucesso no mundo inteiro, em cinemas, em televisões, nessa coisa toda, e ele só veio a ser passado na televisão aberta brasileira, o ano passado. É um filme de 1990, quer dizer, 15 anos depois. 14 anos depois. Então olha, não a mais independente. Isso as pessoas conheciam o filme, foi pro cinema, foi tirado de cartaz, essa coisa toda. Mas existe uma... tendência, eu percebo, na questão do audiovisual, de... tem determinados produtos que não são bem de acordo com a mídia exigente, e esses são renegados a um certo ostracismo na verdade.

Então, eu sinto que é uma luta muito grande, essa profissão, as pessoas independentes conseguirem, conseguirem transformar seus anseios, seus conhecimentos, suas coisas, nessa, nessa... acho que para formar efetivamente opinião de pessoas. [corte] Então é difícil. Você na verdade, quer dizer, uma cultura alternativa, a cultura brasileira. A gente vê, não só na música, não só no cinema, como na música, na poesia, a gente vê uma imagem muito, muito, muito dramática no Brasil. Você vê esses poetas, esses músicos, como Sinhô, como Cartola, como Nelson, Ismael Silva, assim como tantos, no cinema também, quer dizer, que efetivamente não são... apesar de serem pessoas que dão a nossa identidade, a nossa formação de brasileiro, elas vivem numa situação, sempre muito dramática. Quer dizer, economicamente, não só os... como também os técnicos na minha profissão como: Helio Silva, como vários que eu conheço, eu posso citar uma quantidade enorme de exemplos. Isso me faz parecer, que o Brasil é um país tão rico, tão rico, que consegue é... não dá bola para os seus talentos, para as suas pessoas importantes, que formam a sua identidade, que formam a sua cultura. E ficamos presos numa certa invasão cultural, poderosa que vem de fora, e pros que estão, efetivamente, até a partir dos nossos meios de comunicação televisivos, como as pessoas devem se portar, como elas devem fazer, o que elas devem fazer. Então, isso cai em detrimento, obviamente, de uma poderosa cultura brasileira, que é esquecida, que é jogada nesse mundo cão.

O meu trabalho, de certa forma, é... como é que eu diria... no sentido de que, o que vale do meu trabalho, são as pessoas que falam. Eu faço filme documentário, e é um filme de ficção, quer dizer, o que vale são as pessoas, não são... eu apenas organizo essas coisas todas. Na verdade

são as pessoas, são elas é que, é que são importantes nos seus depoimentos, na sua vida, na sua maneira de ser.

Tele-educador e sociólogo

Uma coisa que muito me animou sempre muito no Tele-curso, e que eu achava que independente de ele dar certificação para as pessoas, ele resgatava, ele tirava da marginalidade. Ou era um caminho para tirar da marginalidade educacional, digamos assim, e aí, social também, um grande número de pessoas que não teriam acesso de outra forma, porque a gente acredita muito, acredito muito na educação. fala o espírito das pessoas, falar ao coração das pessoas, e para mim, a educação é isso. É comunicação, é mudar, é dar recurso para mudar. É aquele caso típico mesmo, de você dar recurso para as pessoas transformarem as suas vidas. Agora, a gente sabe que, sei lá, isso faz parte de um movimento que vai esbarrar em outros múltiplos aspectos, porque as necessidades de transformações muito grandes, em termos de renda, emprego, habitação. Eu acho que a gente vive nesse campo, como em qualquer outro campo, a gente vê uma contradição, porque ao mesmo tempo em que você dá recursos para as pessoas se instrumentalizarem mais, e buscarem uma melhoria de vida. Ao mesmo tempo, você, digamos, colabora para um modo de vida, para um pensamento que é majoritário na sociedade, e que está presente. Mas nos meus tempos de ciências sociais, eu acho que eu aprendi muito com certos pensadores, principalmente aqueles que dizem, que a sociedade se move por contradições. Então, não tem jeito, você força algo aqui, acaba desequilibrando do outro lado, e essa busca de equilíbrio, isso é parte da natureza humana da gente. Nunca tive a ilusão, por exemplo, que a técnica e a tecnologia por si, pudesse melhorar a vida das pessoas. Essas noções de progresso em si, e desenvolvimento em si, você acentua, talvez, na acumulação de riqueza, produção, acumulação de riquezas, mas no entanto, também acaba despejando coisas na lagoa que as pessoas usam para beber, e poluindo. Enfim, é o drama que a gente vive, né. Então, acho que se fica no fio da navalha, ao mesmo tempo em que voe colabora para educar as pessoas etc. acho que o principal, é tentar contribuir por uma consciência crítica, para fazer das pessoas, pessoas mesmo, que consigam pensar, que sejam críticas. O resto é com elas.

Cartunista

Eu acho uma pergunta difícil de responder, primeiro pela caracterização do formador de opinião, na verdade assim com as charges, com as crônicas, ou com a Ilustração, a gente está contribuindo de certa forma para a informação, a informação primeiro basicamente a formação do leitor e o leitor, eu acho, é uma teoria particular, eu acho que toda teoria é furada, a princípio tem que partir desse princípio, é que o leitor de certa forma, já vem formado. Na verdade o que a gente faz em relação ao leitor, a gente não sabe muito bem quem é esse leitor, que ele pode ser desde um jovem, desde um senhor de 80 anos ou desde um senhor de 60 anos. Um aposentado da Vieira Souto ou um aposentado que mora em Queimados, a gente não tem a idéia de quem é esse leitor, mas de qualquer maneira a experiência que eu tenho de resposta aos trabalhos que eu faço, é que o leitor já é formado. Ele apenas discorda ou concorda com aquilo que você elabora, ele dialoga de certa forma, com aquela, com a sua opinião. De qualquer maneira a Ilustração, não existe Ilustração neutra, como não existe também formação neutra. A

informação de certa forma, quando você já escolhe o objeto que você vai tratar, você já está fazendo uma seleção das outras coisas que você não vai tratar. Nesse sentido você já não é mais neutro, tem uma certa opinião sobre aquele objeto que você vai tratar, aquela matéria. De qualquer maneira tenta ser isento no sentido de contemplar, no caso de uma matéria, de uma reportagem, os lados, se tem três lados, da questão, se tem três opiniões ou duas opiniões, tenta-se ver essas opiniões. Mas quando esta se trabalhando com opinião, basicamente uma charge política, um cartoon, o cartoon assim é mais universal. Mas a charge ou a crônica, a gente esta emitindo uma visão pessoal, isso é, não existe uma separação muito métrica, você e o seu trabalho, você é o seu trabalho. Esta dentro daquele desenho o que você pensa, de alguma maneira. A idéia que eu tenho é que você trabalha quase que às cegas, você joga a sua opinião, e ai vem às respostas. Vem e-mail te gozando, e-mail te xingando, vem e-mail te elogiando, então às vezes é muito interessante, porque existem momentos em que a ironia é muito mal, não é recebida, seria interpretada a palavra, a ironia às vezes é muito mal interpretada. Tem gente que não tem a capacidade de captar a ironia. Até o Millor Fernandes tinha um conselho, para alguém que trabalhe com a ironia, que às vezes coloque na matéria, no começo do seu trabalho, do seu desenho ou do seu texto, "esta matéria contém ironia". É uma maneira de se prevenir da interpretação errada que as pessoas fazem quando você esta fazendo ironia. Porque ironia deixa ver uma coisa e não deixa ver a outra. Ela brinca com uma realidade, e às vezes tem gente que não tem uma percepção para isso. E tem leitor que tem uma percepção demasiadamente irônica ou demasiadamente a mais, que interpreta mais do o que você esta querendo dizer, e às vezes você não esta querendo dizer tudo, você não teve percepção da abrangência daquela charge, ou daquele trabalho que você fez, ai é o leitor é que te da à resposta. Então é interessante essa comunicação. Que atualmente é mais fácil de fazer, porque tem o e-mail, com esse meio... Antigamente você tinha que esperar, tinha o trabalho do leitor botar no correio, uma coisa muito mais complicada. Hoje em dia não, ele manda o e-mail, e já te da uma resposta imediata ao seu trabalho, e isso é muito bom, no sentido construtivo de melhorar até o trabalho da gente, que às vezes a gente da bola fora, como por exemplo aconteceu, com o J Carlos. O J Carlos, que é um dos maiores caricaturistas, um dos maiores artistas brasileiros, ele teve uma infelicidade, na época do Dutra, parece que ele interpretou o Dutra, como se o Dutra fosse um comunista e justamente o Dutra era o contrario. Ele colocou o partido comunista na ilegalidade. Mas, isso é o chargista também erra, né.. E às vezes como J Carlos era uma grande cabeça, naquele momento ele não soube distinguir direito o que estava acontecendo no País.

De alguma forma, eu acho que ao trazer os temas, eu acho que ele influencia né? Agora, que ele faz a cabeça, isso ai... é uma coisa muito mais complicada para discutir, porque eu acho que não faz a cabeça. A cabeça do leitor, leitor de jornal, não sei em relação à TV, porque a TV é uma coisa assim, a coisa não é muito aprofundada, na TV você tem assim, por exemplo: você desencadeia uma campanha de que existe uma violência, não digo que não existe uma violência no Rio de Janeiro, porque existe uma violência no Rio de Janeiro, mas se você cria uma paranóia, por exemplo assim, como foi criada em relação ao 11 de setembro. Criou-se uma paranóia a partir daí, é claro uma paranóia justificada, destruir o principal prédio de Nova York, uma coisa totalmente absurda. A partir daí se criou, uma... se alimentou uma paranóia, interessou ao governo, no caso do Bush, no momento em que ele entrou desacreditado, vindo de uma eleição com suspeita de fraudes

na Florida, com suspeitas graves de fraude, com o comprometimento do sistema Judiciário Americano, que nunca se viu, e também ajudado pela imprensa, nesse caso a imprensa foi formadora de opinião, se desencadeou toda uma reação patriótica, vamos dizer assim, e também paranóica, no sentido de que estavam invadindo os Estados Unidos, e tinham que eliminar alguém, que era um inimigo que não se sabia muito bem, e acabou nessa guerra do Iraque, essa guerra absurda, na qual foi.... mentiram o tempo todo, o New York Times fez um “meã culpa” de que ajudou a mentir, mas isso não adianta na medida em que você já criou, já desencadeou, uma... uma.... era como se fosse uma bola de neve. Hoje é muito mais difícil, talvez com os cadáveres chegando, é que comecem a mostrar que aquilo era uma empreitada totalmente errada, que essa guerra era uma guerra absurda. Tá ai o Michael Moore, que é um formador de opinião também, vamos dizer, talvez um dos maiores... Ele fez um filme espetacular, que é o Fahrenheit, que ele desmonta toda estratégia de paranóia, paranóica do Bush, no entanto, ela não foi o suficiente para que ele perdesse a eleição, né? No entanto, a campanha dele foi muito maior nesse sentido, e o sentimento americano, apesar de que não foi uma eleição majoritária, Eu acho que ali foi rachado: 50/50/50/50... mas de qualquer maneira era.... numa campanha assim.... que você bate, bate, bate, aquela coisa do.... acho que é uma lição ai, é uma lição do nazismo, da propaganda nazista, que era de que: uma verdade, se torna uma verdade, a medida em que você repete ela todos os dias. Você repete.... repete... repete.... que ela acabe se transformando em verdade. Quer dizer.... é.... nesse sentido eu acho que o.... pode existir o que se chama de “formação de opinião”, mas na imprensa liberal ela... ela para admitir a contradição, é possível, ter outras opiniões... no jornal... em um jornal... em geral, procura contemplar o leitor com outras opiniões, sobre o mesmo assunto, e no jornal eu acho que o leitor ele já vem mais ou menos formado, ele já se informa de outras maneiras e tal, e quando ele vê.... ele seleciona, né... ele seleciona o que ele vai ler, ele discute com quem ele ta lendo, então há um certo limite na... na... na formação de opinião, e quando se trata de uma campanha publicitária e quem, a imprensa... no caso a imprensa americana, encampou.. ela encampou esse programa bélico americano. Depois voltou atrás, mas é.... é preciso, era preciso que se tivesse discernimento e falar “não!”. A imprensa é um poder, nesse sentido ela é um poder, e o poder executivo político americano, ele esta levando o país pra um caminho insensato. Então, a imprensa americana deveria ser, fazer como fez, tardiamente, na guerra do Vietnã, se colocar contraria... como se fosse, aí se formou, realmente, uma opinião contraria, mas não foi so a imprensa que formou. Foi basicamente a televisão mostrando os filmes diretos, eles mostravam a guerra acontecendo diretamente no front, gente morrendo ali, na frente da câmara, isso aí entrava na hora do jantar dos americanos. Isso produziu uma imensa reação, e a reação também das ruas. Foi muito importante. muita gente saindo pra rua, fazendo passeata, indo em universidade, tendo conferencias – soldado voltando da guerra, falando da guerra em universidades, em escolas, falando contra – isso de certa forma, criou uma crença e uma cultura. Hoje em dia nós temos uma cultura criada.

É interessante, até foi um amigo meu, queria dar o crédito a ele. Marco Aurélio Nogueira, escreveu um artigo brilhante no Jornal da Tarde, onde ele falava que o neoliberalismo, não é um sistema econômico, não é um sistema político-econômico, não é uma política mas, o neoliberalismo hoje, é uma cultura. Quer dizer, nós estamos assim, de todos os lados, cercados por uma idéia de que, tudo é mercado, a idéia do neoliberalismo é essa, tudo é mercado, tudo é mercado, tudo é

mercadoria, tudo tem preço, tudo é vendado, tem que se flexibilizar as coisas para que as coisas circulem, e... mas não é a única saída, quer dizer, não é o único meio, modo de vida, vamos dizer assim; o neoliberalismo não é a última, vamos dizer assim, o último lugar onde que o homem chegou. Olha, é tem muito mais a avançar, e tem muita coisa que não é, não porque não é neoliberalismo, nessa sociedade, nessa cultura que foi criado. A outras possibilidades, existem outras possibilidades. O ser humano é sempre surpreendente, ele cria novas saídas, ele cria novas potencialidades, ele é uma potencia de... cria isso.

Eu a princípio não queria parecer assim, uma... estou sendo muito modesto. Mas na verdade eu acho que, no meu caso específico assim, eu acho que, eu não sei como avaliar essa questão. eu não sei até que ponto que eu influencio alguma coisa, ou influencio alguma consciência, ou a minha... eu parto sempre de uma idéia assim, mais ou mesmo, assim, básica pra mim, que é fruto de um certo raciocínio, principalmente agora que a gente... pessoal experimentando aí, quantos anos de democracia? Democracia depois da, dos... sem ter fechado o ciclo autoritário de 85 para cá, são 20 anos. Esses 20 anos, a gente de certa forma pode considerar que a gente viveu, vive numa democracia política. E que é muito bom, quer dizer, é uma sensação boa de se viver, num país onde você não sai correndo, de que você não pode voltar... hoje o medo é mais... a paranóia da violência de você ser assaltado, de ser morto por um bandido, qualquer coisa assim. Isso é um problema, isso é um outro problema. Mas é um problema sério, assim, que eu acho que deveria ter um outro tratamento, não o tratamento que está se tendo agora, mas, existe esse medo, concreto. Mas antigamente o medo era um medo político, era um medo que, por uma diferença de opinião, você ser suprimido. Ser suprimido da terra, ser morto, ser exilado, ser... então, viver numa democracia, ter a democracia é um bem, assim, que não tem comparação, é uma dádiva você ter uma democracia, você viver... com todas as imperfeições, todos os problemas e distorções que ela tem, que são visíveis a sociedade brasileira, em todo lugar também, se tem na Itália, você tem nos EUA, acabamos de falar. A democracia americana acabou com a imprensa, acabou sendo embrulhada por um, por um grupo que se apossou do aparelho do estado. Agora, no caso da, da... que eu estava pensando, que é básico pra mim, é você hoje em dia, é necessário, porque nós estamos com muitas gerações jovens, que estão chegando. Quem viveu aqueles 20 anos de regime autoritário, ditatorial, que se trabalhe mostrando os valores da democracia, a importância do pensar democrático, do agir democraticamente.

De certa forma o trabalho da mídia, eu acho, e do “formador de opinião” seria ele, de certa forma, ser um pouco didático. Porque, ser didático, basicamente não é pouco, desculpe. Porque, ser didático sem ser chato, isto é, você ser didático sem ser sacal, sem ser demasiadamente formal no seu didatismo. Mas procurar, ser didático no sentido de trazer um pouco da, um pouco da cultura humanista, que esta sendo renegada por essa, por esse neoliberalismo, essa idéia de que a tecnologia é tudo, e não apenas um meio. A imprensa tem um papel importantíssimo na consolidação da democracia, essa democracia ela não está consolidada, ela está... eu acho que nós temos uma democracia de risco, é uma idéia que... porque democracia você pode mantê-la e tal, e você pode envelhecer, quer dizer, ela pode se transformar. Voe tem vários grupos tentando se apossar do poder. Do poder, tomar o poder do Estado. Então, é importante a... e o que eu diria assim, a condição de sobrevivência da mídia, do jornal e televisão, a condição de sobrevivência é a democracia. Sem a democracia eles vão só ter a

televisão estatal, você só vai ter... assim, se a televisão estatal entra num determinado tipo de religião, ou ligado a alguma religião, você vai escutar cânticos religiosos o dia inteiro, daquele tipo de religião. Eu não estou falando nenhuma especificamente, mas, você vai viver só um tipo de informação. Realmente, sem democracia não há uma imprensa. A imprensa precisa da liberdade e qualquer maneira. E o formador de opinião também. Uma opinião única não existe. Ele não vai se ofender... pode ser o técnico de opinião, vai ser um técnico a favor do Big Brother, do Jorge Wahrol, não do Pedro Bial. Então, nesse sentido que acho que, o que me, uma coisa que me orienta para trabalhar, é tentar exercer de alguma forma esse didatismo. Você sempre tem alguma coisa para ensinar. Talvez seja essa parte, assim, de... trazer os valores humanos, os valores humanistas, sempre que possível... levar estado e... porque a direita não é humanista, vamos dizer assim, nesse sentido. E existe o pensamento totalmente tecnocrata, que também não é humanista. Então, você tem que combater esses pensamentos, e trazer um pouco da cultura, quer dizer, tem que se... a imprensa tem que, de certa forma, ensinar o povo. Aí, que quero voltar assim, a questão: o homem era muito modesto, entendeu? Você tenta trazer o que você tem, ou trazer...

Então eu acho que a imprensa nem pode trazer... o grande produto, contribuição dela também e ajudando a pensar, e trazer informações, trazer cultura, de certa forma combater essa, essa coisa só de entretenimento, sem nenhuma base, sem nenhuma... sem nenhum conteúdo. Enfim, abrir os caminhos. O Paul Klee tinha uma pretensão muito interessante – Paul Klee, o pintor – ele dizia que: “uma das funções do artista ao pintar era, era... não era só mostrar as coisas, mas era ensinar a ver”.

De certa forma, eu acho que, a imprensa, hoje, em relação, eu digo em relação aos jovens, de certa forma ela tem que ensinar a ler também. Ainda mais num país como o nosso, que é um país de analfabetos, de recém-alfabetizados, é muito importante esse trabalho, e eu acho que é trabalho imenso, porque é de conquista de público. O hábito, leitura é hábito, leitura é hábito e, e a leitura, ela... apesar do valor dos meios audiovisuais e tal, a leitura ela é importantíssima, quer dizer, sem a leitura, eu acho, que a pessoa é meia pessoa. Os meios audiovisuais eles trazem muito de informação, te joga imagens o tempo todo, várias fórmulas, várias mensagens, as vezes contraditórias, e, mas ela, te forma uma cabeça caótica, ou no caso assim: ela pode estimular essa coisa paranóica, divulgar um determinado tipo de informação que cause medo o tempo todo, ela pode despertar vários... ou a campanha cívica, campanhas cívicas de grande, de mostra como o brasileiro é bonzinho, com as grandes campanhas pra, com relação a... não que seja, que isso seja uma coisa positiva, é positivo você despertar a abordagem das pessoas... ou contribuir com o povo lá, atingindo pelas Tsunamis. Mas, é que o povo brasileiro sofrido, que também tem que ser visto, quer dizer, isso não é muito visto pela, por essa mídia. Essa mídia... você vê como é que essa mídia... isso é um estudo interessante... como a mídia trata o pobre, como é que a mídia vê o pobre. Como que ela usa o pobre, também. No Brasil. Eu acho que seria um estudo interessantíssimo de sociologia da mídia.

Os grupos que trabalham, que eu vejo trabalhar, com a questão, eles tem uma preocupação muito grande com a qualidade de informação que eles estão trazendo, e com a qualidade de dedução, dentro das possibilidades de tempo que eles tem. É uma coisa... tem que tomar decisões muito rápidas, em tempos muito curtos, para produzir um

jornal, porque jornal logo... você tá fazendo e você tá quase sendo impresso. Eu vejo, em todos, uma grande, uma grande... uma certa missão, uma grande boa vontade de querer fazer o melhor de si. Porque as pessoas assinam também suas matérias, então também querem fazer o melhor, mostrar o seu melhor trabalho. Existe uma coisa pessoal, empenho pessoal, que seria uma coisa egocêntrica, nesse sentido, do sujeito querer fazer um bom trabalho para ter um bom currículo. Mas, não é só isso, quer dizer, existe uma... quando o camarada escolhe o tipo de profissão ligada a mídia, eu acho que já tem, assim, aquele germe de querer se comunicar, trazer coisas, de levar conteúdos a... os grupos que eu tenho trabalhado, eu tenho sido até contemplado por uma sorte, vamos dizer assim, por trabalhar com pessoas excepcionais, e que me ajudaram muito a formar meu pensamento, me oriento até hoje, enfim... esses grupos que trabalham em vários jornais... eu vejo até na tv, tentando levar... eu lembro do Ferreira Gullar falando uma coisa interessante. O Ferreira Gullar num dos artigos desse sobre cultura popular, tv e tal, "tá bom, a televisão, mas a televisão é um meio, a televisão é um meio". Se você tem pessoas interessantes fazendo, pessoas interessadas também fazendo televisão, ela pode ser uma coisa interessantíssima, ela pode trazer coisas espetaculares. Como é o caso da TVE, por exemplo, tem programas interessantíssimos que ela apresenta. Eu estou falando da Tv que o pobre vê. Não estou falando da NET. Mas a NET tem coisas espetaculares. Outro dia eu vi uma aula de sociologia com o Gabriel (...), um negócio raro, uma coisa assim... você tem que dar uma luz para ter uma aula com ele. Estava dando uma aula sobre Weber, aula claríssima, uma coisa... eu me lembro da TVE, a TVE apresentou um programa na subaqui moderna, que era um dos melhores programas que eu já vi, e outras pessoas também concordaram comigo. Chamava-se O Choque do Novo, era narrado pelo Cláudio Bujunga, era um programa em inglês, ele fez a... ele traduziu, ele que fez a locução, e era espetacular, era o choque do novo que vinha lá do começo da modernidade, e terminava em Brasília. O último programa era sobre Brasília. Fazia um arco que vinha lá do começo, do dadaísmo, vinha lá dos princípios da modernidade, e com os artistas, vários artistas, aparecendo Picasso pintando... muito inteligente, um programa interessantíssimo, uma pena que não foi reprisado. Eu gravei, e meu filho, inadvertidamente, sem querer ele foi, botou a fita e gravou alguma coisa em cima. Acabou com o meu programa. Era para guardar mesmo, para ter como referência, como acervo para dar aula, ou coisa parecida. Mas, a Tv também, porque tem até esse preconceito contra, Tv é uma coisa que emburrece, não. A Tv emburrece porque tem gente ali, interessada em fazer programa que emburrece, ou programas idiotas, ou de pura perda de tempo, os sensacionalistas. A Tv depende de quem faz, agora, pode ser também uma Tv burocrática e chata pra caramba, como determinadas TVs estatais. Quer dizer, então, o sucesso do Castelo Rá Tim Bum, outros programas da Tv Cultura de São Paulo, mostra que a televisão pode ser extremamente criativa, e dar um show, sendo uma Tv estatal, sendo uma Tv que pertence ao governo. Então, necessariamente Tv estatal não significa que ela seja burocrática, nem chata, desinteressante.

As falas dos entrevistados acerca de suas profissões nos permitem perceber trajetórias de vida, desejos, sonhos, contradições, é como conhecer a mídia, os formadores de opinião de dentro do seu próprio discurso, de sua própria, digamos, lógica. Modéstia, angústia, arrogância, poesia, confiança, esperança... Tantas idéias surgem e se apresentam como idéias dos formadores entrevistados. Nós nos deparamos com possibilidades de entendimento do papel do formador, pelo formador. Podemos perceber que todos exaltam sua prática profissional, estão realizados com o que fazem, embora tenham tensões e conflitos. Se só tivéssemos a fala do cartunista, tenderíamos a ter uma visão apaziguadora da mídia: os profissionais estão preocupados com a qualidade. Embora existam os que não têm essa preocupação com a qualidade da informação, não teríamos, com seu depoimento, uma visão crítica, nem pessimista. Porém, vem a visão do fotógrafo que denuncia, que tem um discurso crítico radical de denúncia à mídia, ao descompromisso desta com o país, visão fortalecida com o discurso do cineasta.

Categorizaríamos as falas em três grupos:

- a) Valorização do papel da própria ação profissional como importante para a superação das desigualdades e injustiças, como potentes formadores de opinião. Uma postura até pessoal e individual (é o caso do professor de Educação Física, do artista plástico, embora em outros termos, do cineasta e do fotógrafo);
- b) Valorização crítica da função do formador e da mídia. Uma crítica dura, radical, como produtora e reprodutora de estereótipos e exclusão social. Discurso presente na fala do cineasta e do fotógrafo, coincidentemente profissionais autônomos, não estão empregados em nenhuma empresa;

- c) Valorização do papel da mídia e, conseqüentemente, da abrangência dos seus trabalhos, ainda que admitam tensões, mas há uma crença no papel e na ação desenvolvida. São os dois profissionais envolvidos com a grande mídia, o tele-educador e o cartunista.

3.3 - Diversidade da População

Fotógrafo

Eu fiz uma matéria pro Ela uma vez, que foi uma única, que foi sobre bóias-frias. A moda do bóia-fria, da mulher que vai pro campo, que ela se sobrepõe, com saco de pão, lenço por baixo, outro por cima.

Eu fiz uma matéria dessa maravilhosa. Depois dessa... ficou tão linda, essa que é uma moda brasileira autentica. Vamos fazer, vamos fazer, mas não vamos fazer a moda brasileira todos os meses. Mas vamos fazer duas por ano!, pra gente in... formar opinião é isso. Você faz uma, depois de seis meses se faz outra, depois se faz outra. Você está formando opinião, você está contando a história. Vamos fazer sobre as baianas do Rio, vamos fazer sobre a Bahia, vamos fazer uma sobre a cabocla e por aí vai. Mas ninguém... nós nos odiamos, não nos gostamos. A gente gosta, o que a gente gosta, é de um belo de um clichê exótico. A gente gosta é de uma fantasia. Ninguém quer ver o índio, todo mundo quer ver o índio fantasiado de índio, FANTASIADO de índio, sem fantasia, a gente faz cara de nojo pra ele. Quando a gente vê ele de short adidas, com aquelas três listas aqui do lado, e uma sandália havaiana, a gente olha pra ele com cara de nojo. É igual o carnaval do Rio de Janeiro. Na avenida é lindo, agora, passa na frente do morro, passa na frente do morro. Aquele é o personagem do desfile.

Não, não precisa nem entrar. Passa na frente do morro, que você vai ver se acha legal. A gente gosta é da fantasia. Esse é o clichê exótico que eu te falo. Então, em relação a formar opinião, é uma coisa muito, muito complicada. Porque eu sou crítico. Eles não formam opinião, eles só vão – a mídia to falando – só vai formar opinião, quando inventar... descobrir na favela, o cara que mora direito, que é criativo, que é digno, que fez uma casa inusitada, e valorizar, e sinalizar que isso é legal. Acreditam, adoram shopping.

A mediocridade esta imperando, é a mediocridade. Enquanto tiver o BBB, sei lá como chama essa merda aí do Big Brother, essa coisa aí que paralisa o país, você vê como nós estamos ficando menor, pequeno. É tudo... é tudo muito imbecilizado. Então, a televisão brasileira não tem um documentário, como tem a BBC de Londres, documentário diariamente, cada um sobre cada país. Nós estamos acabando com a reportagem, acabou a reportagem. Ninguém manda mais ninguém para lugar nenhum. Para voltar com uma história e publicar no jornal. Hoje com a Internet então, essa coisa encurtou caminho. Quer dizer, vai ficar pior ainda. Porque, o formador de opinião, tem que tirar a bunda da cadeira. Formador de opinião tem que andar, formador de opinião tem que rodar. Principalmente fotógrafo quem nem

eu, tem que rolar na vida, na noite, na madrugada, na boca, no boteco, no cinema, no teatro, na rua, no botequim. Aí que você entende o que é isso, o que é vida. Agora, o sujeito fica na frente da Internet 12 horas por dia, com aquela cor de luz fluorescente, porque eles ficam a mesma cor de luz fluorescente. É uma cor de doente. Pesquisando, é o intelectual de computador. E ele nunca deu um passo pro lado de lá da avenida. Aí, fica tendo visão errada, do asfalto e da favela. Como diz o Ricardo Mouro “o pessoal lá do asfalto, acha que nós somos isso”.

O pessoal lá do asfalto, vocês lá do asfalto, acham que nós somos isso. Mas não é bem assim. Então, a diferença que nós temos, é o olhar do asfalto pra lá. Quando você navega lá dentro, e você vai ver que um berço de nenê, maravilhoso, feito com pau de obra, e uma cortininha, e... é tão maravilhoso, quanto você comprar um berço na Toque Estoque, que uma porra de uma revista de decoração manda você comprar. Quer dizer, criatividade, idéia, e tudo, é o berço da favela. Agora, quem é que conta isso pra população?

Que tem que prestar atenção naquele bercinho, que aquele bercinho, tem idéia, é digno, tal. E a criança não vai ficar mais bonitinha, nem mais saudável, no berço da Toque Estoque.

Ninguém vai ficar mais inteligente, ao contrário, vai ficar mais burra. Isso eu não tenho dúvida. Enfim, eu fico puto com essas porras.

Bom, eu tenho uma linha de conduta em relação a isso, ao olhar. Eu acho, assim, pra te dar um exemplo assim: eu não entro nessas comunidades, nesses lugares, pra afundá-los mais ainda do que eles já estão. Eu sou o anti, e eu detesto clichê exótico. Eu não fotografo o individuo na Amazônia, meu livro não tem arara, nem papagaio, nem vitória-régia, nem jacaré, e nem prostituta, nada. Não tem, porque eu não fotografo. Que para fazer tudo isso, eu não precisava ir até lá. Eu vou lá para buscar uma relação pessoal. Eu não posso ir lá para fotografar um bêbado jogado na rua, ou uma prostituta na porta do bordel. Então assim, eu... a câmera, o meu olhar lá é para valorizá-los, ou para deixá-los, ou para que eles... que eles são dignos. Então, o mínimo que eu posso fazer, é fazer uma fotografia que mantenha a dignidade deles. Então, assim, eu acho que eles são vistos, no meu ponto de vista, eu acho, eu tenho certeza, que o lado de cá, enxerga eles como sub-raça, como gente de segunda categoria. Não só eles, como negros, você sabe disso bem, como pobre, como favelado, como camponês, como o agricultor, é sub-raça. Na minha forma de ver é ao contrário. Sub-raça é quem habita isso aqui, e os heróis são esses exatamente que eu falei. Bom, a partir do momento que você não quer contato como sub-raça, se para minha relação de valores, eles são os meus heróis, eu prefiro conversar com o caboclo dentro do mato, analfabeto, tal, mas é o meu herói. Meu herói como figura humana. Eu sou admirador desses caras. Como admirador, eu não quero deixar eles menos do que eu posso. Fotografia eu posso manipular. Eu posso deixar um sujeito, mais pobre do que ele é, posso fazer qualquer coisa. Não é meu caso. Eu vou lá, pra, no mínimo, fazer com que as pessoas mudem de idéia em relação a essa pessoa. Em qualquer lugar, tem o fudido, e tem os que valores estão na frente da casa, e o que tem a casa asseadinha. Eu vou no que tem a casa asseada. O que tem idéia, o que monta uma casa, o que trabalha entendeu? E não vou na casa do fudido para mostrar ele no meio do lixo, porque eu acho que essa foto é a que todo mundo quer ver. Que é o índio fantasiado, seria o índio fantasiado.

Na verdade é desconstrução mesmo do estereotipo. Quer dizer, o que a gente quer é o estereotipo, eu vou lá para abordar a vida real. Sem estereotipo. Se o cara tiver... eu não estou fotografando o sujeito porque ele tem um macaco no ombro, e nem uma arara, e nem um papagaio. Não, é ele mesmo. É ele mesmo. Bom, o meu arredondamento dessa história chamasse Darcy Ribeiro. O povo brasileiro é a bíblia do hoje. Na verdade, eu releio aquilo milhares de vezes. Quer dizer, para você entender porque... que é aquele sujeito que está diante de você. eu sou muito amargo.

Complicado, ninguém nasceu assim. Eu acho que, eu acho que, eu acho que...

Professor de educação física e pesquisador

Eu tento trabalhar a idéia de que a formação cultural brasileira, ela é eclética, e sincrética desde, enfim, desde as suas origens. O que dá uma constituição bastante original no quadro internacional. Com tudo, o que eu procuro discutir com os alunos, são as representações dos diversos traços da nossa sociedade nos meios de comunicação. Então, no âmbito da minha disciplina, e no âmbito do grupo de pesquisa que eu coordeno, isso tem muita preocupação, com as – que a gente chama de minorias sociais – são as representações da mulher, representações do negro, representações dos homossexuais, representações das camadas populares. Então, nós temos muita preocupação de que, os meios de comunicação, não conseguem dar uma representação adequada, ainda não consegue, embora possa se observar alguns avanços recentes, nós ainda estamos longe de ter, nos meios de comunicação, uma representação adequada, dos diversos traços que compõem a nossa cultura. E aí nesse sentido, as diversas manifestações da nossa cultura, também não encontram tratamento igualitário dos meios de comunicação. Embora consigam também em seu espaço, ficam ainda, menos valorizadas, perante outro conjunto de manifestações. Então, a nossa idéia na disciplina, é tentar identificar, tentar estimular os alunos para que eles identifiquem essas diferenças, essas desigualdades, que entendam o porque dessas diferenças, e o porquê dessas desigualdades, e percebam que papel podem ocupar, enquanto profissionais de cultura, profissionais de lazer. Estabelecer um contraponto no processo que está construído.

Político

multiculturalismo na cidade pra mim, é a coisa mais enriquecedora que possa existir na cidade. Quer dizer, são essas experiências, são essas vivências, que faz com que o grau de compreensão, o grau de fraternidade, o grau de solidariedade, prevaleça sobre determinados valores, que por conta dessa globalização que existe aí no mundo, tenta impor é... trabalhando o imaginário das pessoas, e desfazendo ao mesmo tempo. Isso que para nós é considerado, são considerados valores nobres. E os valores nobres, eles são resultados exatamente da existência do multiculturalismo.

Cineasta

A população brasileira, infelizmente, ela sofre muito. Porque ela, primeiro ela não tem acesso a essa cultura. A cultura a que a pessoa

tem acesso, de uma forma geral, é a cultura estrangeira. A cultura brasileira, a pessoa mesmo, mesmo a população com mais poder aquisitivo, ela tem que garimpar para encontrar. Olha, a população mais pobre, que sofre com o problema de educação, que sofre com o problema de cultura, ela efetivamente não tem acesso a essa cultura. Ela não pode efetivamente escolher. A não ser que ela viva dentro de um centro cultural, e ela viva sempre com uma certa, com um certo... problemas econômicos, e culturais importantes, e que não te permite, obviamente, ter acesso a literatura, poesia, artes plásticas, balé, a tudo isso na verdade, a música. Então eu acho, que a população brasileira fica muito... ela sofre muito, ela não tem acesso a sua própria cultura. E aí, isso que está no brasileiro é uma péssima auto-estima. Quer dizer, a pessoa não se acredita, tem vergonha de ser brasileiro. O que vale durante muitos anos, o que valia aqui, sempre, era a cultura estrangeira. Esse era aquela... isso faz parte até do, da formação brasileira. Então eu acho isso uma coisa muito grave que acontece. Quer dizer, eu acho que isso é uma coisa que está na construção, quer dizer, é uma coisa que devia a pessoa ter acesso a essa cultura, eu acho que as televisões públicas têm essa função. As televisões privadas, que são concessões do governo, podiam ser como são as televisões na Europa, onde elas têm que cobrar os seus produtos, de produções independentes, e regionais. No sentido de haver uma des-centralização desse eixo Rio – São Paulo, para que, efetivamente, esse processo cultural possa, possa, possa dar força, e a gente reconhecer as nossas raízes, e a pujança que tem o povo brasileiro. Isso é uma coisa também interessante. Você tem o povo brasileiro de um lado, um povo extraordinário, com uma cultura, com uma paciência, com a criatividade, com uma resistência, tantos e tantos desacertos que são feitos nesse país, durante todos esses 500 anos de colonização, de européia, não é? E no entanto, você tem do outro lado, também, uma, uma, uma coisa assim meia... a lei do Gerson, a lei da esperteza, da corrupção, das religiões, tipo evangélicos, que querem, sabe às vezes, **denegrir**⁵⁵ outras religiões, como a própria cultura afro-brasileira, como o candomblé, ou a questão racista da própria... é como se o Brasil vivesse nessa contradição. De um lado, essa coisa de esperta, malandra, que é pseudomalandra na verdade, corrupta, que é capaz de fazer as coisas mais loucas e vingativas, e acho que de certa forma a formação também da sua história, quer dizer, as questões hereditárias, a questão da escravidão dos índios, dos negros, enfim, da colonização européia; toda essa história na verdade, e de outro lado um povo extraordinário. Então, eu acho que tem momentos, que o que pega mais é esse povo extraordinário, que tem uma cultura só, a presença de pessoas como: Carlinhos Brown, Chico Buarque, Cartola e tal, e de outro lado tem aquelas coisas que, um que manda cortar o braço com moto-serra do outro, que é ligado ao narcotráfico, que rouba o fiscal do INSS. Então, esse Brasil, esses dois Brasis, eles convivem de uma forma doida. Eu não sei, efetivamente, quer dizer, na medida que o que se dá força é uma cultura que é de fora, a tendência é que essa cultura de fora, que é vinculada a essa confusão, seja a que vigore em detrimento dessa cultura, desse sonho, desse Brasil que eu sonho de Darcy, de Glauber Rocha, de todos esses grandes intelectuais, esses verdadeiros formadores de opinião.

Porque na verdade, a mídia na verdade, ela é muito vinculada a

⁵⁵ As palavras são traidoras, observamos que ele é altamente crítico e comprometido com as questões étnico-raciais no sentido de respeito e valorização da população negra, mas num determinado momento usa a palavra denegrir como algo ruim em relação, inclusive, às religiões negras, ou afro-brasileiras. Mais uma vez, percebemos a riqueza dos depoimentos, de uma entrevista não tão informal.

determinados interesses econômicos específicos. Então, ela vai de acordo com os seus interesses econômicos. Ela pode pegar uma menina negra e transformar essa menina numa grande atriz. Pela mídia vai repetindo a XXXXX, mesmo que ela não seja, na verdade ela é uma grande cantora, mesmo que ela não seja, ela vai repetindo... e aquela coisa daquele senhor fascista, da Alemanha nazista, que a mentira vai sendo repetida e acaba virando verdade. Mas isso é um caso único, ou um ou dois assim. Mas, como nós temos, uma população com 40% da população é basicamente uma população é... afro-descendentes na verdade, as medidas têm que ser medidas muito poderosas de Estado, para que isto efetivamente possa acontecer. E o Estado, muitas vezes, ele não consegue fazer frente, porque tem outros interesses maiores que... controlam as suas, as suas ações de, digamos, as suas ações que até que ele ache... razoáveis e que devem ser implementadas, entendeu? E essa mídia não é dele, é uma mídia, é uma mídia... apesar do chegar ao povo brasileiro, a televisão por exemplo, o sinal é do povo brasileiro, mas a mídia não é. Ele não tem acesso, ele não pode dizer para essas televisões o que elas fazer, ou pelo menos uma parte do que deveria fazer. Como acontece isso na França, acontece isso na Alemanha, acontece isso na Inglaterra. Aqui no Brasil é como se essas pessoas tivessem tomado conta de determinados aspectos, de determinados pedaços, da sociedade, como se fosse latifúndio da sociedade brasileira, onde a mídia esta incluída no quadro dos sinais da televisão, e as pessoas não querem abrir mão disso, por nada desse mundo. Não é só isso, nos cartórios, enfim, uma série de, uma série de outras coisas, e como se tomaram o Estado, privatizaram o Estado e não querem abrir mão destes privilégios. O que é muito doido, é que esse... essas pessoas têm esses privilégios há muitos anos na verdade. Então, mas elas não querem abrir nem um pedacinho, elas querem tudo. Isso é uma coisa meia doida, nessa realidade brasileira. Tipo, que vai refletir, nesse estado caótico que a gente vive. Uma violência enorme, as pessoas, os cidadãos, uma situação financeira complicada, as universidades públicas, também escolas com problemas, a saúde é essa vergonha que é, enfim, quer dizer, isso... o resultado é esse. Ninguém faz milagre. Não que não tenham pessoas competentes nesse país, tem sim, mas essas pessoas, talvez, elas não tem acesso, efetivamente, para conseguir promover essas mudanças tão necessárias. Não só para as questões do afro-descendentes, mas também para a população branca, e parda, e índia, e tudo, porque pobre é pobre.

Tele-educador e sociólogo

A gente sempre procurou levar em consideração, mas até, eu acho que, durante muito tempo, mesmo dos movimentos etc, os das pessoas mais críticas não estava assim em 1º ponto da pauta, essa questão da diversidade. Eu acho que primeiro a gente... nós temos uma cultura, que é muito... é incrível. Ela é riquíssima, então eu acho que sempre falando das contradições, a gente é pego pelo coração. A gente pega, a gente cresce convivendo com negros, japoneses, protestantes, católicos etc, e aquele discurso da cordialidade. No Brasil, eu acho que pega muito pelo lado afetivo. Você vai crescendo, você vai indo, né. Depois, eu acho que vivi uma fase, por exemplo, em que a gente achava que o movimento de libertação, libertava a todos ao mesmo tempo, ora que você libertava, você liberava mulheres, negros e tal, indígenas, pobres... todos se libertavam. Não foi fácil aceitar que não era isso. Até me emociono um pouco, vê que aquilo era tudo sonho realmente.(Lacremeja) Ontem, sem

querer, minha filha pegou Fahrenheit, 11 de setembro, que ela não tinha assistido e nem eu. Aí, eu olhei aquele filme e falei assim: “meu Deus, é da nossa espécie, não tem jeito, porque aquilo que a gente via no Vietnã, e a gente combatia e está igual; a mesma, a mesma quadrilha, né, fazendo e tudo, nossa!” então, eu acho, como aquela estratégia não se efetivou, por outro lado, o desenvolvimento, a evolução depois na sociedade, levou a questão da diversidade, da identidade chegasse ao ponto que chegaram hoje, em que eles foram para os primeiros pontos na pauta. e, simplesmente no meu trabalho, não dá para trabalhar sem essas questões estarem colocadas como prioridades de pensamento, de trabalho. Agora, ironicamente, me preocupa sempre o seguinte: ao mesmo tempo em que é, venha a ser uma questão de libertação, são conceitos de incorporação também. Porque realmente o sistema, sei lá, capitalista, a globalização, parece que tem 1 milhão de fôlegos, o infinito fôlego. Então você desenvolve uma frente de trabalho, de batalha, de trabalho, e de batalha, quando você vê, dali um tempo, tá na Tv, tá embalado para presente, tá sabe? Então, surgiu Hip Hop, Rap, como luta por reconhecimento por uma série de questões. Daqui a pouco tá Faustão, sabe. É uma coisa.

Os mais radicais acabam indo. Então, o jogo é complicado, o jogo é complicado. Agora né, ontem, vendo o Fahrenheit, é como aquela questão que a gente fala no Brasil, que as vezes fala assim: ah, o Brasil precisa ser mais rico etc. não precisa, isso é uma questão de distribuição de riqueza, é modo de distribuir a riqueza, de se apropriar dela. Agora, me preocupa muito, porque o mundo eu não sei. Certas coisas eu acho muito difícil, quer dizer, ver a marginalidade aumentar, não estou falando nem em quantidade, mas em qualidade. É uma coisa que me dói muito, que eu vejo, e você vê, a marginalização aumentar. Quer dizer, hoje, marginal é nome, tem um nome excluído, marginalizado, eu não sei. Eu sei que quanto mais a técnica avança, e é poderosa, mais dolorosos é o crescimento da miséria e tal. O Marx falava isso. Pior que o crescimento da miséria é relativa. É muito mais profundo, né. Por exemplo: a África hoje. Eu acho, muito mais marginalizada do que sempre, do que sempre foi, quer dizer, o continente marginalizado. Eu olho o Brasil, as grandes cidades, né, nossa, procuro pensar em como colaborar, e acho cada vez mais difícil, porque é quantitativo e qualitativamente, cada vez mais fosso, o fosso parece cada vez maior, enfim. Essas coisas me preocupam muito, eu não sei. Tem uma grande interrogação hoje.

A falas dos entrevistados são muito fortes e enriquecedoras na compreensão do caráter machista, racista e elitista da mídia. Todos percebem a dimensão da diversidade da população como um valor positivo, no entanto perspectivas diferenciadas se colocam:

O fotógrafo com uma visão radical, crítica, uma crítica de dentro, reveladora, desveladora e, conseqüentemente, acompanhada de uma certa amargura diante do

quadro de desvalorização em que a mídia coloca a população brasileira, que não se confunde com o estereótipo euronorteamericano branco.

Ele e o cineasta, coincidentemente, têm como referência Darcy Ribeiro e carregam uma tensão entre a positividade da população brasileira e a negatividade da elite e seus discípulos. Um viés de pessimismo perpassa seus discursos.

O professor e pesquisador, também crítico, investe na consciência, no caminho de formação de consciência crítica dos alunos e alunas, na compreensão, na mudança de mentalidades.

O tele-educador apresenta-nos a desilusão frente aos sonhos de transformação e mudança social e a realidade atual.

O político, por sua vez, vê a multiculturalidade como um valor nobre, com uma positividade quase acrítica, vê a multiculturalidade como a frente de oposição, enfrentamento dos valores da globalização.

Observamos, com os depoimentos, o quanto a história de pessoas, a memória, as leituras, os encontros e as parcerias são constitutivos de processos de construção de opinião. As opiniões expressas nas entrevistas não são isoladas ou desconectadas do seu tempo histórico social, são expressões de visão de mundo construídas.

3.4 – Questão de Gênero

Artista plástico e professor

É uma questão muito vasta que não dá pra você abarcar de uma maneira tão geral. Você obrigatoriamente é obrigado a escolher algum tipo..., um recorte. Nós sabemos muito bem que o século XX é o século da conquista, da emancipação do feminino. Essa emancipação em parte, se configura com um desejo, até muito justo e necessário da mulher ser considerada pelo menos na cultura ocidental, com os mesmos direitos, já que essa cultura ocidental foi fundamentada eticamente pela defesa dos direitos, de liberdade, de igualdade, de fraternidade, e por outro lado, também, por uma necessidade externa gerada por dois horríveis guerras mundiais, que eliminaram...A 1ª guerra

mundial vai eliminar mais de 60% da população masculina, o que obriga, efetivamente, a mulher a tomar atitudes, e muitos desses homens eliminados na 1ª guerra, eram pais de família que deixaram uma prole para ser criada, protegida, educada. Então, desse contexto das guerras, a mulher é obrigada mesmo a regaçar as mangas, sair para as ruas e assumir a responsabilidade da sobrevivência familiar.

Eu acho que há mulheres e homens, assim como há mulheres e homens. Eu acho que sim, a questão do feminino pode e deve ser um viés sempre permanente nas reflexões, até mesmo porque o masculino inventou essa situação hierárquica tão injusta e inaceitável de direitos diferentes oculta sob o mito do sexo frágil. Eu acho que isso não existe, isso foi criado muito em função de uma certa incompetência no reconhecimento da diferença. Eu acho que talvez, antes de qualquer outro tipo de diferença, racial, de cor, existe uma diferença fundamental que se estabelece no mundo, que é a diferença entre masculino e o feminino. São duas formas muito diferentes de enxergar as coisas, são sensibilidades diferentes, até porque são organismos constituídos de formas diferentes, com funções diferentes e eu acho cada vez mais importante, mais fundamental, que essa diferença entre o masculino e o feminino seja refletida, seja aprofundada e que em torno disso se crie uma sensibilidade, coisa que de fato nem sempre acontece, pelo menos no nosso contexto cultural brasileiro. No contexto cultural brasileiro, existe uma situação atávica e arcaica de tentar manter a mulher nessa situação de subjugo perante a presença do masculino. Eu acho que essas questões se tornam mais complexas quando entra então o fator racial. Se a mulher branca que é a mulher do dominador já não é respeitada, que dirá mulheres de outros segmentos raciais. Como a mulher negra, que até inclusive no Brasil fica muito marcada dentro de uma certa função social da escrava, da servidora, da ama seca, da mãe que tem só deveres e nenhum direito. Essas questões, eu acho que são muito interessantes, importantes e vastas num processo de reflexão. Por outro lado, eu lamento muito certos comportamentos femininos que tentam, não tendo uma sensibilidade com relação as diferenças, adotarem as mesmas táticas, as mesmas estratégias de dominação, do masculino. Se impondo quase que num processo de superação do masculino e incorporando uma situação que eu acho muito triste, que é a competitividade no campo do trabalho e aí eu acho muito lamentável mesmo, porque uma característica que acho maravilhosa da mulher é a característica da maternidade, a capacidade de gerar uma vida dentro do corpo. E quando eu vejo mulheres negando, traindo essa dimensão tão bela, tão preciosa, em função até mesmo de um discurso de poder imposto pelo masculino, é lamentável. Eu acho que atualmente, tanto o homem quanto a mulher são muito mal educados para vivenciar essa diferença. E essa falta de educação com relação (...) da diferença sexual, leva a aberrações horrorosas nos dois sentidos. Eu acho que atualmente, tanto no campo do masculino quanto do feminino essas aberrações ocorrem e elas são lastimáveis, pois muitas são aberrações que se fixam como modelo, modelos, até que passam a ser reproduzidos por jovens dos dois sexos. Que querendo ou achando de uma maneira equivocada que aquele modelo é o melhor, acabam reproduzindo, perpetuando certos comportamentos que eu acho bastante destrutivos.

Fotógrafo

A mulher da Amazônia, [...] é uma terapia para a mulher urbana.

É terapia para a mulher urbana. Por quê? A mulher urbana fez a revolução, já virou piloto de avião, já virou motorista de táxi, de ônibus, já fez o diabo, aí não precisa provar... empresária, presidente de empresa, ganha igual a homem, tá tudo certo. A minha questão é daqui pra frente. Qual é o projeto de vida dessas mulheres hoje? Eu não enxergo nada mais além do que shopping center. Consumo, consumo, consumo e consumo. Será que consumo é projeto de vida? Não.

Consumo é projeto de alma. Estou falando de alma, estou falando espírito.

De vida. A mulher da Amazônia tem um projeto de vida hoje. Apesar dela estar mais defasada, ela estar mais ultrapassada em relação à urbana, porque ela ainda está... agora que ela tá trabalhando em obra, agora que ela está sendo carpinteira, soldadora, piloto. Mas, a do mato, tem um projeto de vida muito mais maravilhoso que a mulher urbana. Ela descobriu que para criar os filhos, e para viver com dignidade, precisa ter selva, precisa ter mato. Sem mato não há vida. Então, ela, o projeto de vida dela hoje, é deixar a mata em pé, é preservar a floresta. Agora, nós estamos nessa aqui, porque a mediocridade está imperando, é a mediocridade. Enquanto tiver o BBB, sei lá como chama essa merda aí do Big Brother, essa coisa aí que paralisa o país, você vê como nós estamos ficando menor, pequeno. É tudo... é tudo muito imbecilizado.

Professor de educação física e pesquisador

É, pra nós, pra mim que trabalho na escola de educação física, isso é um motivo de grande preocupação, e um o tema das nossas disciplinas. Porque, a uma representação, de beleza; primeiro há uma superexposição corporal feminina, e também há uma superexposição corporal masculina, isso já não é mais uma coisa que a gente só observe em relação as mulheres. Os homens também, o corpo é um produto de consumo, de venda, de venda de produtos associados, todos eles associados a um conceito de beleza grega – harmonia das formas – isso tem um impacto, significativo na prática profissional dos nossos alunos. Vão trabalhar em academia de ginástica, em clubes, em aulas de natação, e provavelmente serão muito procurados pelo público alvo, para que, possam esculpir esses corpos da forma que está prioritariamente propagada. Então, eu tenho uma grande preocupação com isso. Como é que, em geral, os artistas, os personagens, não bonitos, são personagens cômicos, são personagens ridicularizados ou constituídos de forma ridícula, e como a gente vende um modelo de corpo, é que inclusive fisiologicamente, é um “privilegio” de uma minoria, uma parte muito pequena da população. E como é que a gente associa, então, valores ligados a sexualidade, ligados a riqueza, ligado a prosperidade, a esse conceito de beleza corporal aí, e uniforme estéril etc, etc. Tem uma outra preocupação, que é uma própria preocupação de saúde pública nos nossos espaços. Então, são jovens que, tomam anabolizantes, mulheres que tem problemas sérios com anorexia ou com uso de remédios com anfetaminas, tudo porque a gente, vive nessa, a gente, a sociedade vive nessa corrida louca para se enquadrar corporalmente no modelo aí, que é completamente externo a nossa subjetividade. Então, nós procuramos, no âmbito das minhas disciplinas, trabalhar com os alunos, que eles também tem uma responsabilidade social de dialogar com o seu público alvo, no sentido de problematizar esses desejos de corpos. Se esses corpos são efetivamente desejo dos indivíduos, desejo consciente, ou trata-se de, tentar adquirir o padrão

que está externo a sua necessidade, a sua vontade. Nós procuramos, muito discutir isso, dentro – lógico, sempre situando na discussão da sociedade de consumo – uma sociedade que vai vender o modelo de corpo, que vai vender o modelo de roupa, que vai vender o modelo de perfume, que vai vender o modelo de... e obviamente um modelo de valores, que não nos interessa se quisermos construir um outro modelo de sociedade. Então é dessa forma que nós trabalhamos o âmbito, que eu trabalho no âmbito das minhas disciplinas.

Político

Veja bem, quando eu abordo essa questão da mulher, pra mim, não tem nada diferente em relação a mim, a não ser a questão do sexo. Pelo menos, na minha convivência nas coisas que eu tenho feito, realizado, participado, a mulher tem desempenhado um papel importantíssimo. E o que acontece é o seguinte: é que a mulher... nós temos uma, digamos, a nossa cultura é uma cultura machista, uma cultura, digamos assim, ainda atrasada, antiga. Mas, que está mudando. Agora, está mudando por conta da própria mulher. Quer dizer, a mulher começando a entender o seu papel, a sua importância de participar de fato da vida, de participar de fato dos processos decisórios que diz respeito aos seus interesses, entendeu? Então, isto daí tem crescido. E é claro que também, aí vem a questão da raça. Eu acho que, talvez, até em menor grau, mas também há avanços expressivos na... em relação a raça negra. E é claro que aí se enquadra a mulher negra. Quer dizer, todo... digamos essa cultura antiga, atrasada é uma cultura preconceituosa, quer dizer, por conta disso existe o preconceito. Então, existe muito preconceito. Que hoje está muito diminuído em relação a mulher, e também, em relação ao negro.

Tele-educador e sociólogo

Eu não sei, eu levo muito a sério a questão de direitos iguais, né, direitos iguais, mas aquela contradição sempre com realmente os recursos, as possibilidades econômicas. Eu digo na esfera da economia, emprego, trabalho. Então, eu acho que a gente tem um caminho inevitável de ascensão da mulher, nos últimos... sei lá, 30, 40 anos. Essa ascensão é inevitável, mas de novo, sempre fico me perguntando, a que ponto é LIBERAÇÃO, LIBERTAÇÃO, e que ponto é incorporação no mercado.

Eu acho que as mulheres têm e terão, cada vez mais, um papel decisivo em termos políticos, quer dizer, mas não porque elas tenham que assumir cargos exatamente, ou também que ser executivas, porque também, eu acho, que se tem um perigo muito grande de isto estar sendo assumido de forma muito masculina, em termos de destrói. Ela se torna uma grande executiva de uma companhia, e é mais feroz como executiva do que foi, as vezes foi o executivo anterior. Eu acho que tem um caminho aí de libertação, em que ela precisa ousar, cada vez esse papel que vai ser cada vez mais crescente, é muito grande, vai ser crescente para mudar a política. Não dá para mulher assumir essa ascensão, como se fosse uma simples ocupação de espaço. Ela tem que mudar o espaço, mudar as coordenadas, entendeu? Tem que mudar isso, porque se não é uma simples reprodução, sabe? Falsividade.

Tem um pensador americano, [...], que fala muito do pós, do pós-

modernismo e tal, e ele fala que uma grande fronteira do capitalismo agora, são duas: uma é a natureza e outra é a colonização do inconsciente. Enfim, é isso. Eu acho que se a mulher, e o homem também, se eles não assumirem uma... uma frente contra essa colonização do inconsciente, sei lá, acho que a gente vai chegar... A contradição permanente.

O mundo, nossa, mudou muito, né? Mudou muito. A família, a criação dos filhos, tudo isso é uma outra coisa. Não é também falar, a ascensão da mulher, como se a gente tivesse falando, de quando eu era criança, né. Que meu pai, por exemplo, não deitava... não deitava, se a minha mãe não tirasse, e dobrasse a colcha. Eu sempre olhei aquilo e falei: meu pai não sabe tirar uma colcha? Não, ele sabia.

Mas eram os valores né? Então, agora, com relação a etnia, não tem muito o que... que esconder. Acho que a gente tem uma escala, histórica, de exploração, que foi se cristalizando... Jonh Lennon, logo depois que se separou dos Beatles, ele lançou um LP branco, que era todo branco, ele e a Yoko, e tem um, uma faixa que ele diz: o título é "a mulher é o negro do mundo". Quer dizer, que as populações negras foram exploradas, escravizadas e etc. e a baixo de imperializar ainda a mulher, em todas as culturas, que são exploradas, escravizadas. Bom, isso ele falou, sei lá, em 72, setenta e pouco. E, eu estou muito pessimista.eu estou muito pessimista mas, bom, enfim, não sei.

Cartunista

Eu acho que nunca se importou tanto essa questão de gênero, como atualmente. Eu acho assim, todo lugar que você vai está se falando, eu acho que é um BUM, existe um BUM na questão de gênero. Agora recentemente a televisão com o Big Brother, com a questão de o Jean ser um homossexual, e uma votação expressiva e tal, então, essa questão de gênero até se ampliou. Não ficou só uma questão do homem e mulher, também os homossexuais. Nas novelas a um certo tratamento da questão. mas a mídia hoje em dia, a mídia tem feito...até conversei com ela, Camile XXXXX voltou com um outro livro, foi lançado, e ela é muito polemica. Se discute muito, eu acho que a mídia tá vivendo esse BUM da questão de gênero. Eu acho que, eu respondo tão abertamente sobre essas questões. Mas eu acho que isso faz parte da... do avanço mesmo da... precisa saber o que é avanço da sociedade, e o que é realmente uma mudança estrutural dessa sociedade. Pode ser que você vá ver em moda, pode-se estar se discutindo superficialmente isso, ou isso estar sendo levado mais... que por exemplo: hoje nos temos delegacias da mulher, que são... onde se discute a violência doméstica, na televisão... eu acho que isso são só avanços. Agora, necessariamente uma mudança de consciência, uma mudança estrutural, eu acho que isso demora. É uma questão que demora, é uma questão que tem que ser... e eu acho que a mídia está fazendo o trabalho dela, tá divulgando, tá entrando, tá debatendo. Agora, é claro que, existe uma briga, por o que se chama circulação e ibope, então, se trata de assuntos também que bem mais resposta do público. Então, isso é um problema, isso é um problema do neoliberalismo, você tem que ter mercado, você tem que vender o seu produto, então, esse link tem que existir, o link com o que está mobilizando... então a mídia também se orienta um pouco também, com essa questão de mercado. Porque não adiante você escrever ótimos textos, ter uma ótima opinião, ter uma coisa do caramba, se você não tem o pra revender. Você bota

na banca e o pessoal passa batido. Eu acho que uma questão fundamental hoje, que é uma questão prática, é o ter que baratear o preço do livro; o livro é uma coisa, um instrumento fundamental, e não está sendo... e tem o preço, assim, abusivo, é um preço abusivo. Dizem aí, os que produzem livros, livreiros, que logo XXXXX o livro é muito encaixado. Quase que o governo do PT tirou as taxas dos livros. Espero que se produzam livros a R\$ 8,00 reais, a R\$ 7,00, a R\$ 5,00, para que as pessoas se interessem por livro. Tenho visto nas feiras, as pessoas lêem as coisas mais malucas do mundo, e lêem, procuram saber se tem mais... essas feiras... feira de sebo de livro, que tem na Carioca, no Largo do Machado, eu vejo gente procurando livros, eu encosto ali e fico só ouvindo, procurando vê um livro ou outro, mas ouvindo, e as pessoas compram os livros mais assim, que você nunca imaginaria que alguém compraria o livro, e as pessoas compram, procuram saber se aquele autor tem mais outros para comprar. Então, existe um interesse grande. Agora, tem que se alfabetizar, e ter e manter, e criar o hábito da leitura. A leitura é uma coisa difícil. Quem é que chega em casa depois de cansado e vai ler um livro? É muito difícil, mais fácil ele ligar a televisão. Ele vai ligar a televisão, hipnótico, daqui a pouco ele tá dormindo. Como fazer isso, eu não sei. é um problema. Mas tem que ter um programa de leitura, tem que ter um programa que estimule, tem que ter um programa que distribua livros de graça. Porque, se a criança tem um livro de graça ali, ela vai se interessar.

Eu digo que não. Eu faço meu trabalho sem ser nessa questão de gênero. Eu não tenho pensado essa questão quando estou no trabalho.

Temos dois grupos de análise, o grupo que circunscreve a questão de gênero à questão da mulher, fato inclusive suscitado pela pergunta, e o grupo que amplia a discussão.

O grupo formado pelo político, pelo fotógrafo e, parcialmente, pois abordam o masculino, pelo artista plástico e pelo tele-educador, associou a questão de gênero à questão da mulher e nos apresentou reflexões que nos levam a pensar sobre o significado dos avanços sociais das mulheres, sobre a nossa postura. É como se houvesse uma cobrança de que, ao assumirmos posições de poder, tenhamos uma postura feminina, de mulher, e não dentro dos paradigmas masculinos. É uma reflexão interessante de ser feita em outro momento. O fotógrafo coloca o dedo numa *ferida*: qual o projeto de vida da mulher urbana, para além de algo que é urbano: o consumo.

A necessidade de descolonizar o inconsciente é um ponto chave para se pensar em mudanças, de homens e mulheres, como sinalizou o tele-educador. Um ponto de análise é o que é colocado pelo político de a mulher estar começando a ocupar seu lugar, por entender esta importância. Fica parecendo que o fato de a mulher estar fora dos espaços decisórios cabe apenas à sua consciência a respeito da importância disso, como se fosse uma relação simples, ter consciência – assumir o lugar de decisão.

O artista plástico nos surpreende dizendo que a mulher branca é a mulher do dominador. É muito significativo, pois acaba por colocar a mulher como propriedade do outro, como predeterminada a parir, sendo uma lástima que ela abdique, em função do poder desta dimensão.

Já o grupo que amplia a questão de gênero para a questão das relações masculino-feminino, coloca pontos significativos a serem pensados, como a questão do corpo, seus ideais e representações

O cartunista sinaliza, inclusive, a questão da orientação sexual, analisando de forma positiva o programa de televisão Big Brother Brasil, pois possibilitou a participação do grande público na escolha de um homossexual. É claro que ele assume não ter reflexão acerca deste tema, mas o destaque para a questão da homossexualidade parece-nos profícuo. Este grupo permite-nos assumir que esta questão é uma questão para todos e todas, homens e mulheres, uma vez que todos e todas somos afetados pelo machismo, pelo racismo e pelas questões dos modelos sociais que nos aprisionam de uma forma ou de outra, fazendo com que a crítica e a vigilância sejam uma constante.

3.5 – Questão Racial

Artista plástico e professor

Eu reconheço que a sociedade brasileira ainda preserva esse sentimento de racismo, eu vejo isso fortemente manifestado em regiões do país onde a economia se consolidou através da prática agrícola explorando a força escrava. Por exemplo, Minas Gerais é um reduto hiper, hiper racista, por incrível que pareça. Assim, também como na Bahia, por mais que a Bahia tenha esse refluxo e por mais que o negro baiano seja o negro que melhor conquistou essa dimensão da consciência da sua própria dignidade, eu vejo a sociedade baiana, que é uma sociedade de latifundiários, uma sociedade super racista. Eu vejo, também, que no caso mineiro existe uma profunda infelicidade, porque eu já conheci casos de homens e de mulheres negras racistas, com relação ao negro. É... alisando o cabelo e com um discurso a partir até mesmo de uma certa aquisição intelectual surpreendente. Infelizmente, o negro mineiro não teve o mesmo destino, ou não soube resgatar da mesma maneira que o negro baiano, esse lugar da dignidade, da alegria. O negro mineiro é um negro muito sofrido, muito complexado e essa situação de escravo e essa situação hierárquica, eu vejo marcado na alma do mineiro, ele é mesmo tristonho, cabreiro, ele é desconfiado. Ele tem um problema imenso, como se manifestasse uma dor existencial, porque ele não tem essa questão resolvida para ele mesmo. Muitas vezes eu até vejo, lamentavelmente, novamente surgem os equívocos em Minas Gerais, levantando a bandeira dessa conquista, mas usando o discurso tão equivocado, tão autoritário, tão sectarista que é a mesma coisa que eu considero uma falência humana, um homossexual que assume o papel da mulher oprimida e traída. Então gente, pra que? Pra que tanto esforço para se colocar num grupo de minoria, para se colocar num grupo de confronto com o status quo da sociedade, se você não aproveita a oportunidade pra criar um sentido novo. Então, dentro do seio da minoria, enquanto gay, enquanto lésbica, enquanto homem ou mulher negra, você vai reproduzir o discurso que te oprime? Eu acho isso de uma infelicidade brutal, de um equívoco muito grande.

Eu acho que o homem e a mulher negra tem que arregaçar as mangas, tem que trabalhar, tem que batalhar muito por essas conquistas, mas sem perder a ternura. E saiba que eu estou dentro nessa luta.

Fotógrafo

Deixa eu te falar uma coisa. Você não vai fazer eles perceberem, com uma revista em publicação. O mal deles, é que eles precisam formar opinião, significa ir sinalizando pras pessoas, aos poucos. Que é um tabu hoje. Um país de negro como esse, ter uma revista de negro, eu não sei se tem, acabou, fechou.

Você... é a coisa comercial, precisa dar dinheiro. Se ela não der dinheiro, eles fecham, estão pouco ligando. Não existe uma preocupação social, não existe uma preocupação de formadores de opinião.

Então assim, formar opinião significa você contar a história de um... povo, de uma gente. No cotidiano, no dia-a-dia. Eles colocam... criam

pauta para fazer a edição, da próxima edição, é uma reunião de pauta com todos os editores, e daí que saem as propostas, ali tem que nascer a proposta do seguinte: todo mês nós vamos dar uma matéria sobre negro. Nós vamos falar sobre... que quando usa, usa como clichê exótico, isso que eu te falei. Eu faço propaganda, sabe o que o Diretor de arte, falou para mim: eu quero pretinha, japonesinha, ou lourinha. Essa coisa fácil, de contar a história do Brasil. Precisa de um pretinho, um lourinho, um japonesinho, um orientalsinho, e um com carinha, assim, de pobre. É o que eles me falam. Eu ouço estarrecido, fico na minha. Mas esse é o 1% do PIB. Enquanto for tratado assim, não tem jeito, você entendeu? Esse é o estereotipo, esse é o clichê exótico clássico. Você vai fazer uma campanha de cerveja de massa, tem que ter um neguinho. Para atingir o público negro. Tem que ter o negro para vender pros negros.

Mas, difícil esse olhar. Você treinar esse olhar pro Brasil, é complicado. Isso é um exercício de auto-crítica 24 horas por dia. Porque que eu estou fazendo essa foto? Só porque ele é negro. Só porque ele é índio. Essa é a minha autocrítica. Não é fácil você formar profissional com essa visão, com essa ótica. É difícil, porque inevitavelmente, o cara vai no deslumbramento do clichê exótico. Cidade de Deus, muito fácil fazer um filme na favela. Por uma 45 na mão de um moleque, e mandar ele falar: "eu te mato filho da puta". Isso é impressionante, o cinema adora, a platéia vai ficar chocada. Porque é uma imagem que choca. Agora, esse filme, não tem nenhum, nenhum é... nenhum benefício sério, de formação de opinião, a não ser massagear o ego do diretor do filme. Que tem uma visão do asfalto para o morro. Esse é o problema dele com o morro, ele acha que o morro é daquele jeito, ele acha que o morro... o morro não acha que ele é daquele jeito. Ele acha que lá só tem bandido. Ele não sabe que lá tem 99,9% de trabalhadores normais, com vida, com casa, com banana na frente, com almoço, com jantar, com filho que vai na escola etc, etc, etc. esse filme é que não vai existir, esse filme não vende, esse filme não tem apelo, deu para você entender?

Esse filme não tem apelo comercial. Essa é que é a questão. então é o seguinte: hoje se você pegar um fotógrafo e levar para a Amazônia, a primeira arara que ele vê, ele vai gastar 10 rolos de filme. De novo. Quer dizer, nós vamos passar a vida inteira fotografando arara, jacaré, vitória-régia e bicho? E as pessoas? O bicho, a abrangência da fauna e da flora é finita, finita. Morre ali. No nome científico, na cor, na beleza natural dela; gente não, gente é infinito. Cultura, cultural. Agora, enquanto a gente achar que cultura é ficar a vida inteira falando da Amazônia com foto aérea, e de arara, nós não vamos a lugar nenhum, você não forma opinião. Você forma opinião errada, achando que aquilo é o paraíso e vai deixar de ser. Porque as madeiras estão comendo mato, e os plantadores de soja estão acabando com a Amazônia. E a mesma coisa no Rio, e em São Paulo, com o negro. Enquanto você pegar o negro, e continuar fotografando o negro, com a língua pra fora, abaixado com o pandeiro na mão rodando – quantas vezes você já viu essa foto na sua vida, no jornal? As baianas de cima, negras, rodando assim - quantas vezes você já viu essa foto na 1ª página? nós vamos continuar, milênios, fazendo essa foto. Agora, nós não vamos contar a história da porta-bandeira, do cotidiano dela. Onde a senhora mora? Como é a sua casa? Como é o seu filho? Quem é você? Ela só sai no jornal porque ela está fantasiada de porta-bandeira. Sem aquela fantasia, ela não é nada, ela não é reconhecida pela sociedade. Deu para você entender isso?

É o problema do índio. O índio só é reconhecido, na festa do boi - que eu não sei para que existe – aquela festa é em homenagem ao quê? Ao índio que foi trucidado, explorado, morto ao longo da história desse país inteiro. Agora vocês ficam homenageando. Festa de branco, fantasiado de índio.

Exatamente. então a questão é a seguinte: como apontar a câmera para esse indivíduo, com dignidade, sem usar o clichê exótico? Linguagem normal da vida. Olha como é a dona Maria Chiquinha, porta-bandeira. Olha como é a filhinha dela, olha como é a casa dela, olha como é a mesinha dela arrumadinha, essa é a Dona Maria. Onde ela mora, o ambiente, a arquitetura, de coração. E aí, você faz uma matéria, você pode até botar uma foto dela, no carnaval, como porta-bandeira, mas depois tem que ter 8 páginas contando a história dela. Meu negócio esse aí. Contar história de pessoas, através assim, de você entender. Quer dizer, eu acho assim, a leitura... a diferença de você ler uma matéria dessa, para uma que só trata do clichê exótico, é que você, você humaniza o personagem. Aquilo não foi construído só pro carnaval, pra carregar uma bandeira. Aquilo tem casa, tem vida, tem filhos, tem suor, tem trabalho, tem lavar roupa, tem problema etc. isso a gente não quer, isso agente não quer, porque deixa a revista feia. A revista fica feia, a casa dela não é legal... aí precisa ter habilidade. Isso é o que nós estamos falando, você arrumar um fotógrafo, que tenha habilidade, que entra num rancho – porque ela pode morar num rancho – mas se você tiver habilidade, e você não tiver na sua alma, que você não vai afundar esse personagem, mais do que ela já está afundada...

Eu estava te falando o seguinte: se você for para o morro, ou para Amazônia, ou qualquer lugar, e não se despir dessa, desses preconceitos todos, dessa coisa horrorosa que nós somos, no fundo a gente é super preconceituoso, cada vez mais eu acho; mas tem que fazer um trabalho de se despir, de se isentar dessa carcaça, ir pra lá, pensando nas pessoas que você vai encontrar, e não no seu ego, e não na academia fotográfica, a minha academia, o quê que os fotógrafos vão achar de mim? Se eu sou artista, se eu sou... eu estou pouco me lixando para o que esses caras pensam.

E aí sim, eu aprendi que o meu compromisso é com os meus personagens, é com as histórias que eu acredito, e não com a academia, academia entre aspas, entendeu? Então é assim, entrar lá com preconceito é chegar lá e fazer uma foto, que faz bem para o autor da foto, mas não faz nem um pouco de bem para o personagem fotografado. Ou para formação de opinião, ou para uma compreensão melhor das coisas. Então nessas coisas é que me levaram a ter esse olhar. É montar a câmera – um trabalho pessoal, eu estou falando do meu trabalho pessoal. Eu não estou falando que agora eu só faço assim...

Professor de educação física e pesquisador

Pois é, o que a gente procura, também, discutir, em relação, o caso do corpo da mulher negra ou do homem negro, é muito interessante pra mim, porque ao mesmo tempo que a gente vê, um aumento, no meu modo de entender, a gente vê um aumento saudável da exposição de negros enquanto personagens, na televisão, no cinema... no mesmo momento que a gente vê, até por pressões das... pressões sociais dos movimentos negros, a gente vê o negro ser o menos retratado como, posições subalternas né? A gente vê o negro começando a ser retratado

como, enfim, classe média, alguma coisa assim, não mais só o negro... a gente também vê gerar um mercado de consumo ao redor do corpo negro. Que, se trás um elemento aí, que é interessante em termos de democratização, também trás um elemento de preocupação. Então revistas como Beleza Negra, Raça Negra, e aí a gente vê também xampus para cabelos negros, e perfumes específicos para negros, e desodorante. Quer dizer, ao mesmo tempo que isso traz uma, uma questão interessante, que a possibilidade de estabelecer consumos diversos, o consumo sempre tem algo de democratizante no seu interior, por mais paradoxal que isso pareça, isso também trás uma preocupação, na medida que a gente também modula o modelo de corpo negro a ser consumido. O modelo de corpo negro, é, que também está presente nos personagens que ocupam os espaços nos meios de comunicação. Então, quando a gente trabalha essa questão do corpo, tanto da mulher negra, da mulher nordestina, como que há uma representação exacerbada da sua sexualidade. Parece que construíram um imaginário que as mulheres nordestinas são sempre muito quentes, e muito... então, quer dizer, a gente vai criando esses estereótipos, e enquadrando, ao mesmo tempo que é interessante ver a entrada desses novos corpos na televisão, no cinema, é importante que a gente veja aqueles corpos também estão entrando segundo modelo estereotipados, enquadrados. Diria, que até mesmo, embranquecidos. Quer dizer assim, é uma mediação do mercado em relação a isso. O que a gente está procurando sempre discutir, é como é que, a cultura de massa estabelece uma relação de tensão e diálogo constante com as reivindicações sociais. Quer dizer, de forma alguma a gente vê a cultura de massa como, absolutamente hegemônica, não deixa espaço pra nada. É lógico que a cultura de massa tem um enorme poder, mas, a população também – os grupos sociais – também fazem, com que a cultura de massa tenha que, readequar os seus projetos, em função das reivindicações que surgem. Obviamente que a cultura de massa vai readequar segundo os seus parâmetros. Então, a gente um processo aí, tenso, de constituição de valores, de representações culturais. Então é isso que a gente tenta discutir na nossa... em sala de aula. trabalho com um documentário muito legal, assim, com os alunos, chamado “Olhos Azuis”. Eu não sei se você...

E, não teve turma que esse documentário não foi um sucesso, assim com alunos. Porque, depois disso a gente acaba discutindo e os alunos acabam percebendo como é que, mesmo de forma não consciente, acabam reproduzindo determinados esquemas, de uma sociedade que é montada na base do preconceito, na base da desigualdade, como é que a gente reproduz isso e, esse documentário é ótimo pros alunos perceberem assim, como é que a sua função profissional tem uma importância social, na medida de, desarmar esse tipo de ação.

Político

O negro está começando a dizer: eu sou cidadão como qualquer um outro. E como tal, eu tenho que ser tratado, respeitado, como um cidadão. Pelo simples fato de eu ter a pele escura, eu pertencer a raça negra, eu não posso de forma alguma, não admito de forma alguma, ser tratado de forma diferente. Então, isso daí é um movimento que a gente vê que está crescendo. E eu, por exemplo, o nosso Brasil, deve muito a raça negra. Quer dizer, a história do Brasil, ou o que este Brasil é hoje, a história dele não pode ser contada sem a participação efetiva, contribuição riquíssima, exatamente da raça negra.

Tele-educador e sociólogo

Eu acho, que depois daquela, enormidade que foi a escravidão, a abolição ao invés de ser uma revolução, foi de novo um transformismo. Teve aquele impacto. E o Brasil tem esse problema, ele se transforma sempre pelo transformismo, e nunca pela revolução. Assim foi com, a independência, com a abolição, com a República. Então, se você não muda essa estrutura, não tem jeito.

Olha, eu acho que tem que trabalhar com os critérios básicos de... respeito à diferença, à diversidade, acho que principalmente dar espaço, né, principalmente dar espaço, deixar... ouvir, dar oportunidade para as... agora não sei [risos]. Os órgãos têm dono né. Tem o dono, tem a voz do dono... eu não sei como quebrar um... eu acho que muito foi quebrado já, muito foi quebrado, quer dizer, mas porque, a própria sociedade, os próprios movimentos né, ou de mulheres, negros e tudo, assumiram. Assumiram os caminhos né. Então por exemplo, o movimento feminista etc, veio resultar numa série de, de órgãos de imprensa, de luta etc, que vingaram. Acho que os movimentos, o movimento negro também, consciência negra também. Eu acho que é por aí. Agora, a gente tem que dar voz a essa, a esses movimentos. Aqui na... principalmente no canal [...], se dá muito, se leva muito em conta a isso. Então por exemplo: programas que são feitos... programas que são feitos pela comunidade, programas que são feitos na comunidade pela comunidade, entendeu? Parcerias com movimentos espontâneos da sociedade. Por exemplo, agora tem um projeto sendo feito do [...], com o Afroreggae, que vai ser um modelo para outros estados, para passar... então eu acho que é isso, entendeu. No nosso trabalho, abri o Máximo possível, o espaço, para que esses movimentos e essa população, se expresse. Ensinando, criticamente, a trabalhar com a mídia. Para que ela se aproprie dos recursos, para que esses movimentos se apropriem dos recursos. Eu acho que é basicamente isso, basicamente. Porque também, o equilíbrio é muito difícil, o equilíbrio é muito difícil. Às vezes tem gente... aquela coisa, serve de cartaz, de propaganda, né. Porque diretor vai mostrar várias crianças, e aí o diretor pergunta: colocou o loiro, colocou o moreno, colocou o menino negro, colocou o japonês? Porque claro, imagina, vai deixar o japonês fora do mercado, não. A população negra também. Vai deixar ela fora do mercado hoje, que ela é cada vez mais importante. Ela já tá nas novelas – novelas das 6, das 7 – pelo menos já tem, famílias e núcleos. Olha, é... é de rachar a gente viu.

Cartunista

Eu acho o seguinte: a gente não nasce racista, a gente nasce, dentro de uma cultura, e a cultura, ela pode ser racista ou não racista. Eu acho que em geral, no mundo todo, eu acho que se vive dentro de uma cultura racista. Recentemente que se derrubou... era até uma coisa assim dada como certa, que existiam raças. E atualmente, caiu isso por terra, se provou, biologicamente, que não existe raça. Na verdade, isso é a maior demonstração, demonstração clara de que o racismo não tem nenhuma base. A não ser uma base ideológica, uma base de segregação, uma base histórica na qual ela se formou. Se formou porque, certos povos dominavam outros povos - poderíamos ser racista como os gregos, por exemplo. Se fossemos os romanos. Ou poderíamos ser racistas com os espanhóis – no entanto, num país de formação escravista, se criou o racismo, aqui no Brasil, eu acho meio...

é um racismo mais assim, vamos dizer, oculto, mais malandro, mais... mas existe uma cultura racista. Eu acho que a mídia, a tendência da mídia, é tentar trabalhar dentro de um modo a ser pluralista, no sentido também, de botar há discussão a questão do racismo. Ela não é racista é... em alguns momentos ela, assim do passado, eu acho que ela foi racista. Mas, na medida que se avança, e existe uma... e começa a discutir, as varias opiniões sobre... até vi um artigo do, agora recentemente, do... que discutia a XXXXX do negro. Uma discussão sobre a questão do racismo e a questão de se o índio era o primeiro brasileiro. Era o caso do nosso escritor o João Ubaldo Ribeiro. Ele falou assim: "o primeiro brasileiro não foi o índio". Até achei interessante porque eu falei, não! o primeiro brasileiro foi o que nasceu depois que isso aqui virou Brasil. Porque o que era antes não era nem a Pindorama, que os camaradas falavam que existia, existia uma tal de Pindorama. Porque o índio ele vive tribalmente, a pátria dele é a tribo. Não existe, o território dele é o território que ele tem ali, não é todo território mas ele tem uma idéia de nação. O importante não é ele é brasileiro, ele é Tupi, ele é Guarani. Ele vinha discutindo, discutindo também essa questão do escravismo. Não, quem escravizava na África, e quem vendia o escravo para o branco escravizar aqui, eram as próprias tribos negras lutando na África. Então vamos para com essa história, de que era o branco que ia lá buscar. Não, o branco se aproveitava porque eles tinham já uma briga entre os negros dentro da... e uma tribo escravizava a outra. Então, ele era escravo daquela tribo. E esse escravo era vendido, porque ele era considerado um inimigo, e o inimigo era desconsiderado como pessoa, eles nem tinham a noção de... a noção era de inimigo, não tinha essa noção de pessoa. Inimigo, inimigo não serve para nada, vai fazer qualquer tipo de atividade, vai junto com os animais. O inimigo, no geral, é tudo aquilo que você não quer ser. Então, essa discussão, que nós estamos tendo, está nesse domingo, domingo passado, tá na mídia, tá no jornal. Claro que ele escreveu, e deve ter um monte de gente escrevendo de volta para ele. Desde os que apóiam, até os que... aí você tem também um outro artigo, por exemplo: tem um artigo lá que é muito engraçado, que é no Globo, que na verdade eu acho a página de humor mais interessante, mais engraçada, não digo interessante, mas a mais engraçada, que é Lauro de Carvalho com as suas opiniões, de um autor direito assim, que ele... e ultra-paranóica, inclusive dizendo que Frei Beto tinha um site pornográfico, por exemplo. Umas coisas assim... é plural, quer dizer, você dá uma opinião de ultradireita, e você tem uma opinião, como Emir Sader, que escreveu um belo artigo no domingo, no Jornal do Brasil, falando sobre essas questões da América. Você tem várias opiniões, então, essa coisa de formar opinião, formar opinião seria essa possibilidade de contraste, né, de vários... você tem pessoas que são mais moderadas, mais certo, vamos dizer assim. Então, o que de certa forma batem no leitor. O leitor lê aquilo, ou nem lê, tem leitor que passa... eu não li o Lauro de Carvalho, comecei a ler como uma página humorística, aí é muito engraçado, porque é visível, são coisas visíveis. Agora, você vê um Leandro Konder escrevendo por exemplo, esses seis XXXXX de XXXXX que você tem com o Leandro Konder escrevendo; sábado que vem, agora, dia 16, tem o artigo do Leandro Konder, quer dizer, o jornal ele tem... ele fornece a possibilidade de você trazer para a, para a discussão, para a consciência, temas, opiniões, e o racismo é uma das questões que estão sendo... eu acho que o racismo, hoje, é uma das questões mais discutidas. Por exemplo: essas questões das cotas, é uma questão muito discutida. Agora, o que eu acho que se discute muito pouco ainda, é a questão, eu acho, vou voltar a falar, é a visão do pobre. O pobre no Brasil. Essa questão, que passa pelo

racismo, passa por todo o hábito, é como o pobre é tratado. Eu me lembro de um livro, da Maria Silva de Carvalho que chama "Homens livres na ordem escravocrata". Ela tratava de brancos, que viviam a margem da ordem escravocrata, pela ordem escravocrata, onde o escravo era a mão de obra utilizada, extensivamente os latifúndios, produzindo cana, produzindo café e tal, e, tinha uma grande parcela da população que era de brancos, que viviam a margem e com uma escassez de vida, extremamente, uma vida muito rústica e extremamente pobre. E independente, na dependência, dos grandes senhores também. Senhores de escravo, senhores de terra que concediam a eles favores. Então eles viviam de favores, desses grandes senhores. E, engraçado, ela estuda, por exemplo, a incidência de crimes, de crimes por motivos fúteis, entre eles. Então ela pega vários prontuários de delegacia, e vê que eles se matavam por qualquer coisa. Mas ela atribui isso, a total ociosidade. Eles não tinham lugar na sociedade. O lugar deles era a margem, e eles eram brancos, e eram tratados como o nada na sociedade. Eles não tinham função, porque a função era ocupada pela mão-obra escrava. Então, esse, essa... depois da libertação dos escravos, essa massa de brancos pobres, vão se unir, vamos supor, vão formar a base da sociedade brasileira. Essa base XXXXX de pobre, porque todos eram muito... era uma desgraça, toda vida era baseada num... poucos tinham como sobreviver nessa sociedade. Uma sociedade de oligarquias, de uma aristocracia muito forte, que nem briga para tirar a burguesia, porque na verdade a burguesia não veio para derrubar a aristocracia, e sim a aristocracia que foi se transformando em burguesia, como se fosse um grande clube de ricos, num fazendão, e esse pobres foram consequência do que eles chamam de sociedade brasileira. Foram crescendo, foram estabelecendo uma classe média, foi havendo uma mudança social, mas de nenhuma maneira, o pobre no Brasil ainda carece, eu acho, de alguns estudos. Eu tenho procurado ver...

Mas, eu acho que seria, nesses últimos anos, vendo, conhecendo as redações, conheci varias redações, eu vi que ouve uma melhora, uma ascensão do homem e de mulheres negras, dentro das redações. Quer dizer, antigamente a redação era praticamente toda branca. Uma redação era quase só de gente branca. Hoje não, já começa – você conta nos dedos – mas já tem chegando dentro das redações. Eu acho pô... o Rio de Janeiro, uma cidade que, basicamente, é a segunda cidade de população negra do Brasil, tinha que ter uma maior inserção dos negros nas redações... e você vê agora, na televisão também. Na televisão você já tem uma maior participação das pessoas negras. Mas, eu acho que ainda tem que se caminha muito para a valorização do negro no Brasil. Fora desses estereotipo, fora dessa área somente ligada a cultura.

Eu estava falando aqui da inserção de pessoas negras.... e o que eu vi... o que eu vi foi a relação de brancos se chegando a pouco relação aos negros e... inclusive algumas pessoas negras chegando ao cargo de chefia, e é uma coisa que você vê realmente em ascensão... que é uma exceção.. eu acho que a coisa tem que ser bem concreta....tem que ter ascensão no mercado de trabalho... não adianta: "negro é bonito, negro é legal", mas tem que ter isenção no mercado de trabalho.

Eu acho que tem que avançar mais na valorização do negro no Brasil. A cultura negra no Brasil já é realmente bem avaliada.... bem, bem estimulada. Eu acho muito ligada a música, agora talvez um pouco ao teatro negro, ne? E a cultura que cria, eu acho que essa influência sem

dúvida, ela é... vamos dizer assim... aceita e valorizada. Eu acho que isso no Brasil é..... quando se fala em música brasileira, só se fala em música negra brasileira Lá fora.... Gilberto Gil em Roma.... Eu estive em Roma e só via cartazes do show de Gilberto Gil, e isso foi antes desse ser Ministro, então se não Olodum.... o caso dos americanos... vivem aqui... O Paul Simon, vem ver... Teve o Paul Simon, o David B [...]. ver o samba brasileiro, ver... Conhecer essa cultura... eu acho que para o mundo ainda... aqui tem que ser mais valorizado...e para o mundo tem que se levar mais dessa cultura, que é ainda muito restrito. O samba, por exemplo, é uma coisa que é uma parte da cultura... uma parte da cultura muito pouco conhecida lá fora... se conhece a Bossa Nova, mas não se conhece o samba.... se conhece o carnaval, que é um grande espetáculo, mas não se conhece o trabalho que é feito. A Portela, o pessoal, compositores da Portela, esse pessoal ainda está meio escondido. E o mundo ainda tem um certo preconceito. Coloca-nos como Latinos americanos e tal, somos colocados como World Music, no grande mosaico que é a World Music, que comporta música de vários tipos e povos, eu acho que tem que se ver o valor do samba. O samba tem o mistério dele. O samba tem o mistério dele. O samba é o grande ritmo brasileiro.... é a nossa expressão da nossa alma... ainda é pouco conhecido lá fora... tem assim, alguma coisa que é conhecida, mas eles ainda não descobriram... Eles descobrem aqui... ai, ficam fascinados, querem morar aqui, querem...

Todos os depoimentos são depoimentos dignos de estarem no corpo do texto pelas suas possibilidades de compreensão, de interpretação e de análise do fenômeno. No caso deste item, a questão racial. Todos expressam, ainda que em níveis diferenciados de reflexão e compreensão, uma opinião significativa a respeito do tema.

Algo que vale sinalizar em relação a cada um:

O artista plástico, além de reconhecer a existência do racismo em linhas gerais, atribuiu ao negro um sentimento de sofrimento, de complexo, de desconfiança, como alguém tristonho. E vem a nossa indagação; como não sê-lo diante de uma situação cotidiana de racismo?

Com relação à crítica que faz com relação aos negros discriminarem o próprio negro e a si mesmos, como por exemplo negar o próprio cabelo, esse é um ponto forte e significativo. Contudo, a questão é que a mídia que está ao alcance do negro

é a mesma que existe para todos, e ela produz outros referenciais humanos. Os negros, que são/somos humanos, são também suscetíveis a essa influência da mídia, e acabam por desencadear um processo de auto-negação. A mídia é produtora e reprodutora do racismo e os negros não estão à margem deste processo. Claro que, como discutimos com relação à ideologia, é muito bom para o sistema que isto aconteça, que o próprio negro se reconheça no lugar que a sociedade racista e excludente quer que ele fique. Isto legitima o sistema. Contudo, a abordagem é digna de destaque.

O fotógrafo vem com o seu tom de força, explicita o processo de elaboração de pauta das edições, apresenta os bastidores, o como é feita, produzida a exclusão. Sinaliza o cuidado e o compromisso (ou o descompromisso) com a obra, com a produção. A abordagem que apresenta o discurso do fotógrafo, da mídia, do formador, vem no caso endossar a nossa tese de que a mídia e os formadores de opinião produzem e reproduzem o racismo e, ao mesmo tempo, como vimos em seu depoimento, isto não é necessariamente uma regra. Existe a possibilidade de ser diferente, como é o caso do fotógrafo, um exemplo vivo desta outra possibilidade, carregada, obviamente de contradições, também.

Também o professor de Educação Física fortalece esta dimensão e faz a abordagem de que, travestido como um discurso de inclusão do negro, muitas vezes se está retratando uma classe média emergente, e um padrão de negro e negra de classe média, ou seja, se está valorizando o mercado, o consumo, a geração de mercado. Nesse caso, o formador vem fortalecer o mercado, não a inclusão das diversas manifestações do humano na mídia.

O político mostra-se, também, com uma perspectiva menos reflexiva, mais conservadora em relação ao negro. Ele, assim como o artista plástico, coloca a

responsabilidade de superação do racismo no(a) negro(a). O artista plástico diz que está dentro desta luta. O político reproduz alguns clichês, dizendo que o negro está começando a dizer “eu sou um cidadão como qualquer outro”. Há a necessidade de que o negro primeiro se reconheça como cidadão para que as mudanças ocorram? É uma questão. Cremos que há a necessidade de a população negra lutar pelos seus direitos. Não acreditamos, contudo, que para que um político assuma seu compromisso com a cidadania de toda a população seja necessário, primeiro, que os negros e negras se reconheçam como tal. Ele, assim, nos traz um ponto de tensão. A luta contra o racismo não pode ser um compromisso só dos negros e sim de toda a população, que questiona, que se inquieta, que se sente indignada com as injustiças sociais.

O tele-educador coloca a dimensão do formador de opinião *versus* o patrão. É um dado importante de se pensar, não como um fator de acomodação à situação, mas de se pensar que o patrão, o hierarquicamente acima, na escala de poder empresarial, é quem dá a palavra final e, neste momento, a decisão pode ser – e parece que vem sendo – de um sim ao racismo e à exclusão. O profissional é um trabalhador, e como tal vive, ou pode viver, esse e outros conflitos frente a esta temática.

A visão do fotógrafo e a do tele-educador sinalizam que o fato de o negro/a estar na mídia se deve muito mais ao fator mercadológico do que pela percepção e reconhecimento do seu valor, da sua importância, da sua humanidade. O que está sendo levado em conta é o valor do negro enquanto consumidor.

O cartunista defende, na sua fala, a questão da mídia. Ele inclusive submete, reproduz as questões de “raça” à classe social. A mídia, segundo ele, não é racista. O problema é com a pobreza. Vamos alfabetizar, promover a leitura, ter programas

didáticos que esta coisa muda. Percebe, contudo, que há mudanças em relação à questão racial e aos negros, na dimensão da valorização desta população. Só que, no seu discurso, a força de análise está na questão da pobreza. Em todos os momentos, não só nos comentários dele, há uma valorização do negro-samba, do negro-música como se esta fosse a verdadeira força da cultura negra brasileira.

O cartunista submete a questão das desigualdades mais à questão de classe, à questão da pobreza, do que à questão étnico-racial. Ele mexe, inclusive, em pontos nevrálgicos quando traz o escritor João Ubaldo dizendo que o primeiro brasileiro não é o índio, mas sim a pessoa que nasceu depois que o colonizador institui o Brasil como Brasil. Uma postura assim institucionalista, formalista. Acaba por uma defesa da mídia, dizendo que a tendência da mídia é trabalhar na dimensão do pluralismo. Ele é um defensor da mídia, embora a critique com certa parcimônia. Sinaliza uma prática africana de escravizar seus grupos, como uma justificativa para a escravização do negro no Brasil, comentário que está na mesma linha do artista plástico, que faz uma crítica aos negros que se auto-discriminam. Será que um erro justifica o outro?

3.6 – Mulher Negra

Artista plástico e professor

Infelizmente, no Brasil, ainda é a permanência de mentalidade colonial onde a mulher negra é apenas reprodutora e servidora do senhor branco, então... bom, não sei...é...viva a diferença. Eu quero poder me reconhecer no maior número de olhos, de todas as cores, de todos os formatos pois isso me ajuda a cada vez mais construir uma imagem de mim mesmo.

Com relação a mulher negra, eu pessoalmente tenho um carinho muito especial, até mesmo por ser de uma família branca...é...Quando você fala em mulher negra, talvez seja até uma questão psicanalítica, eu me remeto imediatamente as histórias que minha avô contava. Minha avô, ela pertenceu a uma família do século XIX, que teve muita riqueza e muito poder no Rio de Janeiro, mas que teve, por exemplo, que vivera a situação de aceitar um homem negro se casando com uma das filhas. A

tia da minha avó, ou seja, a irmã do pai da minha avó, se casou com José do [...]. Então, essa já é uma situação que define um diferencial nessa família. O pai da menina contrata José do [...] para dar aula e para ser preceptor das filhas. Justamente isso já é uma situação diferenciada. José do [...], por ter sido filho de um padre com uma escrava acabou recebendo uma educação privilegiada, se formou em farmacêutico e na escola de farmácia foi colega de um irmão dessas meninas. Esse irmão introduz o José do [...] na família e o patronato desse rapaz convida então José do [...] para ser preceptor dessas meninas, numa época em que as meninas não freqüentavam escola. E daí nasce uma grande paixão. Essa paixão vai ser super reprimida pelo pai e super apoiada pela mãe. Talvez uma questão da cumplicidade do feminino. Isso acaba se transformando num casamento efetivo e a própria chácara onde a família vivia acaba se transformando numa espécie de clube republicano. E dentro da republica havia evidentemente o projeto de abolição da escravidão e até de considerar o homem negro no mesmo patamar que o homem branco e vice-versa, no caso da própria mulher.

E eu lembro, que minha trisavó, avó da minha avó, ela teve sempre uma relação especial e muito diferenciada com as escravas, que mesmo depois da abolição quiseram se manter na casa, pelo tipo de relação e de afeto que foi estabelecido com esta senhora. Minha avó, por exemplo, foi educada, criada num primeiro momento por várias dessas escravas e minha avó, foi quem me ensinou a comer com a mão fazendo “capitão de feijão”, e ela conta que não havia mamadeira, não

Havia chupeta que a fizesse parar de chorar, só quando a ama negra vinha e batia palmas e dava o “capitão de feijão” lambuzado para ela e que ela ficava feliz e sossegava, ficava tranqüila.

A minha trisavó, no caso, acolheu no leito de morte muitas dessas mulheres. Também, tem outra história bem impressionante que minha avó contava, que minha bisavó, na época estava amamentando (e contam os antigos que o melhor remédio para a agonia da morte é um leite de peito). Então, assistindo uma dessas senhoras negras no leito de morte, minha trisavó pede imediatamente que a minha bisavó encha uma colher de leite do próprio peito e depois que a senhora negra tomou essa colher consegue desencarnar com paz e com tranqüilidade. Acho que as primeiras referências que eu tive das relações das mulheres que são muito fortes na minha família. A primeira referência que eu tive da diluição de qualquer tipo de diferença e de racismo em função desse aspecto, dessa vinculação afetiva foi exatamente a partir das histórias que minha avó contava. Isso ficou como uma matriz no meu coração, no meu pensamento e isso também evidentemente foi continuado pela educação que eu recebi dos meus pais onde a questão do racismo nunca, absolutamente nunca ocorreu, até mesmo por eles serem intelectuais, formadores de opinião. Eu nasci e fui educado dentro dessa atmosfera.

A mulher negra para mim, dentro da cultura brasileira, dentro dessa dimensão mais universal e simbólica do arquétipo, ela representa a Grande Mãe, a relação que eu faço da mulher negra é com a Terra, com todas essa capacidade, até mesmo que o negro desenvolveu, talvez por questões culturais, de perdoar, de aceitar, de acolher, de assumir o filho do homem branco ou da mulher branca e de quase incorporar dentro dessa dimensão afetiva, dessa qualidade afetiva o filho do homem branco e da mulher branca como seu próprio filho. Então, eu para abrir

a boça e para falar subjetivamente da mulher negra, o que me invade é um sentimento de ternura, de gratidão que foi sendo passada através das gerações da minha família. E de muito respeito e de muito carinho, o que é na verdade o que a própria figura feminina me suscita.

Voltando a história do José do [...], era um mulato abolicionista que conseguiu uma projeção na sociedade escravocrata por intermédio do tipo de formação que ele recebeu, por ter sido filho de um padre e por este padre ter de alguma maneira assumido a paternidade e que levou ele a todos esses caminhos, que fez dele realmente um símbolo, uma personalidade muito importante.

Ele e a tia B..., é o nome da esposa foram padrinhos de batismo do meu bisavó que foi filho temporão, C., e foram padrinhos de casamento dos meus bisavós, que são pais da minha avó.

Fotógrafo

Como mulher eu vejo como qualquer outra mulher. Nenhuma restrição. Agora, em função de como são tratadas pela mídia, eu acho um desastre.

É igual à índia, igual à índia. Eu acho que assim, a cultura que botaram nas nossas cabeças é assim: toda vez que me perguntam, você já comeu as índias? E as índias?, coisa de machista. Eu acho que tem, tirando essa coisa do fetiche, que são, vamos dizer, essas “minorias”, que não são minorias. Existe uma minoria hoje, mas é pouco, eles sempre foram maioria. Eu acho essa relação carregada. Eu acho que, precisava, eu acho que precisa, e merece um trabalho. Eu acho que poderia ser recontada essa história, do negro. Um trabalho maravilhoso. Até porque está aí. Eu acho que, vamos dizer assim, não dá para eu fazer porque meu negócio é na Amazônia, mas eu acho que hoje ainda tem que fazer um trabalho, teria, seria um grande livro, nesse mesmo estilo que eu estou fazendo, esse mesmo tipo de trabalho, da negra no Brasil. Que é Rio de Janeiro, Bahia, São Paulo, você tem os quilombos que estão ainda na Amazônia, os dramas. Eu acho que inclusive, seria importantíssimo pra resgatar a auto-estima do negro, quando você rever a história.

Eu acho que assim, no dia-a-dia é sofrido essa questão. Eu acho que isso é uma mexida. Eu não vejo diferença nenhuma, e nem quero... só pelo fato de falar em diferença você já está sendo preconceituoso do que qualquer outra coisa. Mas, pra evitar dúvida, vamos colocar o índio e a índia no meio, que é outro emblema. Os emblemas da vida: índio e negro. Então, é, mulher, caboclo, mulher, mulher.

Olha, eu não tenho assim, eu acho que eu sou... não consigo ter uma abrangência. Não tenho opinião formada.

Absolutamente nesse aspecto eu não tenho uma coisa formada. Agora, dentro da minha, é, cabeça anárquica revolucionária, não existe preconceito, eu não enxergo... não existe preconceito, não existe ressentimento, não existe nada. Apesar de que a sociedade, católica, a cultura católica imprimiu na gente padrões da sociedade, que são terríveis. A culpa, a vergonha, tem a vergonha de casar com negro, a sociedade, a cultura católica, essa estrutura é que criou isso. O baixinho com o alto, a loira com o negro – que é uma coisa que está na moda – acho que... você vê, a loira com o negro, nos Estados Unidos é moda,

porra. Eu não tenho opinião formada, e principalmente com relação a essa questão da sexualidade, dessas coisas. Eu acho...

Eu acho que pode tudo. Eu sou a favor de que pode tudo. Agora, eu posso te falar pessoalmente, eu, é, eu não tenho diferenças, quer dizer, eu me casaria com uma cabocla, se fosse o caso. Mas não casaria com uma índia. Engraçado isso. Eu aqui, eu, entendeu? Acho que não caberia. Exatamente porque a sociedade impõe isso. Engraçado. Só não saberia te responder porquê. [corte para atender ao telefone]. ...da minha coisa, mas eu acho, que por exemplo, isso é um preconceito.

Eu sei. Eu não me vejo, isso é pessoal, assim, eu me vejo casado com caboclo, com negro, qualquer... mas eu não me vejo casado com uma índia. Talvez, seja, pela minha formação cultural com Cláudio e Orlando, que isso não é permitido, relacionamento de branco com índio. É eu, eu não saberia explicar para você...

É. Porque eu não me veria casado com uma índia, ou, mantendo uma relação, namorando. Eu acho que pelo sentimento que, de que, é uma coisa, de que, é, todo mundo se vê como se aproveitando; mas, não deveria, porque qual é a diferença do negro pro índio. Acabei de te falar isso, isso é uma puta contradição. Mas porque a minha cabeça funciona assim? Eu não sei. Preconceito também. É cultural, sei lá. Mas eu não me enxergo casado com uma índia, entendeu? É engraçado isso. Isso é preconceito, isso é complicado.

Isso é coisa pra terapeuta explicar e não pra mim.

Eu diria pra ele o seguinte... então é isso, quer dizer, todos nós temos as nossas diferenças, os nossos problemas, as nossas questões. A minha questão é essa.

A minha questão é essa. Quer dizer, eu se eu tivesse que me colocar diante de um relacionamento com o índio, ia ser uma coisa muito complicada pra mim. Não sei porquê, mas, eu sei que complicado. Quer dizer, nem penso nisso, nunca me passou pela cabeça, mas, enfim. Por que? Por que quê chega nessa hora aí, você afina? Você balança. Se você acabou de dizer que é tudo igual, é mulher. Acabei de falar para você, mulher, não tem negra, não tem nada, nada, mulher, mulher. Pra mim é tudo igual. Agora, porque que é mulher então, e, mulher você não casaria com índia. Não casaria [risos]. Complicado.

Aí a pergunta: mas uma índia isolada, uma índia de aldeia? Pior ainda. Na medida que ela vai sendo aculturada, vai melhorando. A cabocla, nada mais é, do que, a descendente mais índia depois da índia. O que é a cabocla? A cabocla é o cruzamento do português com o índio, nasceu a cabocla, ou seja, eles renegam, os próprios caboclos; porque se você chegar pra uma família de caboclos, tiver um nenezinho, você dizer assim: aí que lindo, parece um indiozinho. Eles te matam. Eles são uns puta preconceituosos, em relação a índio. Talvez aí tenha a explicação minha também. Eles detestam índio. Não chame, não faça comparações dele com índio porque não vai dar certo. Ele não gosta.

Que é o que nós fazemos, a negação. Eles, pra nós, índio é vagabundo, índio não trabalha, índio é pilantra, índio é bêbado. O caboclo é igualzinho, igual a nós. Eles enxergam assim. Agora, a medida que o índio vai ficando aculturado, estou dando o depoimento de homem, ele vai ficando mais interessante – no meu caso – como mulher, como provável namorada. Mesmo assim tem uma rejeição muito grande.

Tenho varias amigas aculturadas, moram em cidade, várias conhecidas, que eu olho assim e falo: pô, que interessante. Mas não passa disso. Agora, a medida que sobe, a pontuação pra índio mais bicho do mato, vai ficando complicado. E à medida que vai virando mais pro lado civilizado, vai ficando mais aceitável. Vamos parar por aí, não me pergunta não, porque eu não sei também.

Professor de educação física e pesquisador

eu acho que... bom, quando a gente fala de representação estamos falando de um público médio. Logicamente reconhecendo que tem exceções, para menos ou para mais.

Agora, eu acho que o homem branco vê, o corpo da mulher negra, como extremamente sexualizada, pejorativa e subalterna. Acho que é essa a representação, que é alguma coisa que é construída historicamente. Então, eu acho que essa é a representação que o homem branco médio tem, do corpo da mulher negra. Exacerbando sensualidade e sexualidade, e como objeto, e subalterna.

Bom, é difícil dizer que a gente... eu tenho um texto do, do Pierre Bourdieu que é lindo, que ele vai falar sobre dominação masculina, ele vai me dizer assim: “o difícil de falar da dominação masculina é saber, que a gente já tem categorias masculinas estabelecidas a priori”. Então, por mais critica que a gente faça a dominação masculina, a gente já utiliza as mesmas categorias que estabelecem a dominação masculina. Então, se eu fosse dizer pra você, que eu não tenho nenhum tipo de, de preconceito, nenhum tipo de representação dessa, seria absolutamente mentira. Porque eu sou um homem branco, criado numa sociedade que me criou para ser racista. Eu acho que a única diferença, minha e de alguns homens brancos, é a tentativa de lutar, contra esse processo histórico que também nos incomoda. É que é um processo que, quer dizer, que nós, homens brancos, que tentamos ter consciência disso, também temos que lutar contra. Porque somos criados em categorias que colocam as mulheres negras nisso aí. Então, eu conscientemente diria pra você que não é essa a minha representação. Agora, não, não diria pra você, que eu não cai na minha vida, em alguns momentos, em armadilhas dessa representação. O que eu podia dizer pra você é que eu luto, para compreender que isso é um equivoco. E tentar me desvencilhar desse processo histórico, também me colocando ao lado dos negros dessa luta histórica, para que tenha um processo de igualdade social. Processo de respeito, de legitimidade. Agora, com certeza, como homem branco, inconscientemente essas categorias permanecem, no meu corpo, no meu olhar, na minha forma de agir, e eu preciso me policiar. Preciso o tempo inteiro ter clareza disso, consciência disso. Sem dúvida.

É muito forte. Na minha relação com a minha companheira, na questão da mulher, quantas vezes ela aponta isso pra mim. Porra isso é machismo. De coisas que as vezes eu não me dou conta. Só vou me dar conta, porque ela que é mulher, sabe. E ela está me sinalizando. Falou: “cara, espera aí”. E aí, eu... até me surpreendo. Eu falo: cara, como eu caí nessa armadilha. Tem jeito criado pra isso. Então, o que eu tenho que fazer é lutar, para que eu compreenda melhor a posição da mulher, a mesma coisa com os homossexuais. Eu fui criado para ser homofóbico. Não fui criado pra... e eu descobrir, eu fiz um trabalho de

alguns anos com homossexuais, um grupo de homossexuais. Para tentar identificar preconceitos contra os homossexuais na prática esportiva das aulas de Educação Física.

E aí, é melhor pra mim quando identificar, como eu que me julgava tão consciente, tinha uma série de preconceitos que eu não sabia, coexistiam dentro de mim. Então, também é uma luta... tanto falo para minha companheira assim: “olha Inês, tá difícil ser homem”. Também não é fácil ser homem. Porque no tempo do meu pai, do meu avô, era aquilo. Agora, eu não. Eu estou em crise, porque estou querendo reconstruir a minha masculinidade, de forma relacional, e a gente... eu acho que todos os homens que querem reconstruir sua masculinidade, estão encontrando dificuldades de construir um novo parâmetro, um novo pressuposto. A gente está nessa luta diária por isso. É ao mesmo tempo fascinante. Quer dizer, e ao mesmo tempo libertador, porque eu adoro ser homem e poder, ter certas atitudes que outrora eram chamadas de femininas. Quer dizer, a quebra desse padrão masculinizado também me liberta. Me permite usar brinco, me permite dançar, me permite, enfim, ser mais feminino.

Político

Veja bem, é isso que eu estou falando. Eu acho que, a mulher negra, ela tem se colocado, na sociedade, exigindo o reconhecimento do seu papel como mulher, e como negra. Isto daí, ela tem conquistado espaços por conta dessa ação dela. Porque tem aquele velho ditado popular “ninguém põe azeitona na empada dos outros”. Quem tem que garantir isso, o lugar que tem que ser para a mulher, e para a mulher negra, quem tem que garantir isto, quem tem que conquistar isso são as mulheres negras.

Eu tenho pessoas amigas, de minha relação pessoal, de amizades, pessoas que [corte] casos assim, nunca tive. Também, eu nunca tive muitos casos. Agora, por exemplo: a mulher negra, ela tem uma beleza, ela tem uma sensualidade, ela olha, e não se encontra, provavelmente, com a mesma facilidade nas outras mulheres da raça branca, amarela, sei lá. De que cor for.

É, por exemplo: nós que temos... nós somos um povo miscigenado. Quer dizer, essa miscigenação, essa coisa do branco com o negro, que deu a mulata. Olha, eu acho isso de uma beleza, e um negócio formidável. Realmente, cada negra aí bonita, dessa que falam: “de fechar o comércio”. Eu, se algum dia eu tiver que me relacionar com uma negra, pra mim sem nenhum problema.

Não. Não tem nenhuma barreira não. Aliás, eu tenho um filho, eu quero que ele namore com Ana negra. Que é uma menina que eu gosto muito, eu chamo ela de minha nora. A gente nem se conhece ainda.

Eu tenho impressão que a própria mídia tá mudando também. Porque, veja bem, tem um negócio que o mercado comanda muito, um espetáculo que eu acho, que é a grande desgraça das nossas vidas. Quer dizer, o mercado ele define determinado padrão de beleza. Então, antigamente, praticamente o negro era excluído desse padrão de beleza. Hoje o negro já é bastante assimilado com o padrão de beleza. Tanto em negra, como tem negros bonitos. Então, a própria mídia... e vamos lá pras novelas. As novelas durante muito tempo, realmente, a mulher negra era serviçal, só fazia papel de serviçal. Tanto a mulher

como o homem. Quer dizer, o papel, digamos, de um membro, uma pessoa pertencente a uma classe... da elite. Quer dizer, hoje tá mudando. Você vê... tá pouco, é pouco, mas está mudando. Você de repente assistiu a novela, você já viu o negro e você já vê a negra, com papel de destaque; que não fica nada a dever. E você vê brancas também com papel de figurantes, e de serviçal.

Cineasta

eu tenho todo o respeito, como tenho a qualquer mulher. Como uma oxum, como uma, uma pessoa que começa, que é que dá a vida, que nos dá condição. Pra mim é... eu não diferencio a cor da pele. Não, de jeito nenhum. De jeito nenhum. Mas claro que, claro que, eu digo o seguinte: mas eu percebo, obviamente, que são pessoas que vem carregando uma luta, muito maior, do que de repente uma mulher branca. Obviamente que uma menina negra, uma mulher de vinte e tantos anos negra, ela sofre, e eu percebo, que ela sofre mais... que ela tem mais dificuldade de afirmação, ou de segurança, do que uma menina branca, da mesma idade por exemplo, nessa sociedade que nós vivemos. Isso é óbvio. Mas isso eu vejo assim, como quem vê. Mas, na minha relação pessoal de jeito nenhum.

É difícil eu falar de... eu posso falar de mim no máximo. Eu falar do meu grupo étnico, aí... o meu grupo étnico branco... Hitler também era branco, tá entendendo? De modo que é difícil... eu não sei.

É. Mas as pessoas com quem eu trabalho, pelo menos, as pessoas da minha equipe, que eu posso dizer, não tem de maneira nenhuma. A dona Agostinha que era uma senhora negra, o doutor Amadeu é casado com uma senhora negra, que é um cliente, médico ortomolecular. As pessoas com quem eu...

...no meu convívio, não existe isso. Não aparece. Mas isso obviamente é pouco. Isso é pouco porque o racismo é um fato real do país.

A discriminação é real no Brasil, e a mulher, sendo mulher, negra e nordestina é a mais excluída... é a cara da exclusão brasileira. Eu fiz um filme, uma memória viva, uma vez que quando fala um pouco nessa imagem, sobre Aloysio Magalhães, esse também um formador de opinião, Aloysio Magalhães, é tem uma imagem, o sujeito está lá no Morro dos Prazeres, e uma mulher negra de peito de fora, dando de... dando mama a uma criança. Uma mulher jovem, negra. Isso em 1987. A resistência da lua é um filme sobre a questão afro-brasileira em 1985. é uma questão que me interessa muito. Eu tenho talvez uma... sei lá, uma ligação qualquer que eu nem sei explicar. Agora, eu vejo também, você discrimina, como o Congresso da Bahia, por exemplo. Na Bahia, os evangélicos estão botando fogo nos candomblés lá de cachoeira. Onde é o gueto. Quer dizer, sujeito junta, negro com traficante, negro, traficante com demônio. Demoniza essa... é uma vergonha isso, e não tem ninguém que se defenda. Nessa mídia que nós estávamos falando, não tem defesa dessas pessoas. Quem defende? Não vejo, eu não vejo repórter do Jornal Nacional falar disso. A senhora vê?

Ou o Jornal da Record? Não vejo também. Então quer dizer, essa... nessa colocação é difícil. E as Tvs públicas, se as alternativas que deveriam procurar, encontrar, dar a informação mais combativa, para colocar aqueles escrotos no XXXXX. Ela por sua vez também, é meio descansada. Ela segue, mal ou bem, o padrão dessa mídia oficial, que é... que tem sucesso, que é bonitinha, que é... que faz... enfim. Essas

coisas que é bem... essa coisa de sucesso. A senhora entende o que eu quero dizer né? Essa coisa da palavra, eu não sou um grande discursador.

Olha, eu acho que agora tem todas essas questões, que estão se colocando agora, que não eram colocadas. A questão de cotas, essa diversidade, esse respeito todo, as atrizes e essa coisa da... mas eu acho, eu ainda vejo isso muito da forma insipiente ainda. Eu acho que, é uma conquista sem dúvida, quer dizer, é uma pressão, mas eu acho que de certa forma tem que ser mais, com mais... não pode ser como se fosse um presente dado pelo poder, esse tipo de coisa. Acho que tem que ser uma conquista realmente, para haver um total respeito na verdade. Eu estou fazendo um filme sobre esse tema, a história de uma menina negra, chama-se Nzinga, em homenagem a uma rainha negra de matanda XXXXX. E tenho visto como esse tema, como é que... qual é a opção, efetivamente, de uma mulher negra no Brasil de hoje. E essa menina, a história no filme, ela é regatada através da música. Quer dizer, na verdade as opções da população negra, feminina, que é pior. Por que se você é mulher, negra, nordestina... mulher, negra e nordestina é o elemento, é o personagem da classe social brasileira, mais sofrido, mais, mais, mais... negra, mulher e nordestina, coitada, tá perdida, é ruim. Não tem, não tem muita... é o pior na escala social. É a que recebe menos, é a que mais sofre, essa coisa toda. Pra você mudar esse processo, obviamente, é uma coisa muito complicada, precisa de muitos elementos, não é a questão só de dinheiro, políticas afirmativas sim, mais muito mais. Quer dizer, para que possa resgatar essa pessoa, essas pessoas. Então, essa é a saída de uma menina negra no meu filme. Ela é resgatada através do racismo, essa coisa, da discriminação racial através da música. A gente vê também, ser resgatado através do esporte. Essas são as maneiras mais né? As outras maneiras que deveria ser, não se consegue resgatar. Poucas trabalham com cultura, poucas trabalham né? É uma coisa complicada na verdade. Então, meu filme, conta um pouco a história, essa história, de uma forma meio lúdica e poética, mas uma coisa assim... de uma forma mais assim.

Tele-educador e sociólogo

Primeiro que eu vejo mulher [risos]. Porque, eu tenho uma coisa, eu tive uma...

sem dúvida... a mulher é uma coisa muito forte, eu acho que foi sendo, cada vez mais, para nós homens, uma referência muito forte, tem todo o lado da psicologia, tem todo o lado da psicanálise até, mulher, mãe, aquela coisa toda, mas é sempre uma referência muito forte claro. E aí, eu acho que a mulher negra então vai se destacar, talvez por uma força... não tem como dizer, ela carrega uma dignidade talvez, uma altivez, de um povo dominado. Acho até que, como se fosse de um povo em luta, de um povo que está numa... a séculos sofrendo uma exploração sistemática, e que precisa se erguer, e que precisa então. claro, não são todas. Acho que eu estou colocando, digamos, uma coisa, mas uma imagem ideal é lógico, né. Porque a vida tem de tudo, tem as fracas e tem as fortes, tem as bonitas e as feias, as sensuais. Mas a mulher negra, acho que carrega isso. Em baixo da questão toda, que eu acho que os afro-descendentes tem também, que acho que isso eles carregam até geneticamente, tá no... que é uma coisa de ver o mundo diferente. Mas vê, não estou dizendo ver com os olhos, de ver com o corpo, com a pele, com o ritmo, com o jeito e tal, muito diferente.

E a gente as vezes fica embasbacado com aquele jeito diferente, de ser, de fazer o mundo. Isto com todo o relativismo que a nossa cultura impõe sobre todos nós, etc. Mas então, é um pouco daquela admiração, quanto que a gente admirava, sei lá, os grandes artistas... de jazz americano, de cinema, enfim. Eu acho que é uma certa admiração. Não sei mais o que te dizer da mulher negra.

Eu acho que tem coisas, por exemplo, que, as vezes soam, podem soar como racismo, mas é uma exaltação do, do, do povo, né. Quando você fala assim: puxa, mas aquela cantora – branca – nossa, mas ela canta como uma negra. Nossa, porquê? Porque ninguém consegue cantar com a voz das grandes cantoras negras.

É uma marca. Então, tem coisas assim, que são... mas enfim, não sei.

Eu sempre tomo um susto. Não sei. Eu devo ter sido, quer dizer, pela força do inconsciente. Eu gosto muito de, de Jung, de psicologia e tal. E imagina, sempre trabalhei com essa coisa de sociologia e cultura. Eu devo ter sido racista, sem querer, ao longo da minha vida. Eu tenho quase 57 anos, devo ter sido. Mas para mim, é sempre um absurdo... não se colocar no lugar do outro. E não é teórico. Pra mim nunca foi, juro por deus, nunca foi teórico. Eu sofri muito com isso. Eu sofri muito com isso, porque... outro dia mesmo tava lendo um livro, que eu gostei muito, de um rapaz de São Paulo, de antropologia, falando sobre os homens invisíveis – homens e mulheres invisíveis – que é o pessoal que limpa a rua – gari – ele fez uma pesquisa legal. E são negros, brancos... eu acho um absurdo, você não ver aquela pessoa. Eu sempre achei. Eu li o livro e gostei. Agora, a gente é jogado assim, que eu vou te dizer, a gente é jogado no palco, que é cruel, é cruel. Porque você tem medo, você tem angústia, você tem defesas, você quer sobreviver, você quer viver, e te jogam num campo de contradições que é... então, sabe aquela coisa, por exemplo: de você amar um menino, querer que ele tenha o de melhor na vida, e numa fração de segundos ele vem te roubar, te dar um tiro, e te mata. A gente é jogado nesse palco. Não deu tempo de falar para ele: pô. Ou não deu tempo, ou talvez eu tenha colaborado né, com o meu emprego, ganhando bem, o carro que eu comprei, eu tenho colaborado para ele estar com fome, na miséria, sem pai, sem mãe e dando tiro no meio da rua. É muito duro, é muito duro. O script aqui não é brincadeira nesse palco. Por isso que eu acho que, essa coisa do... sei lá, do sofrimento, da cruz, da redenção, da salvação, tem tanto... pega tanto a gente. As religiões e tudo, porque é muito cruel. É muito cruel, e ao mesmo tempo é maravilhoso.

Cartunista

É aquela coisa da mulher negra atender ao estereótipo que é muito explorado e tal, isso aí está muito ligado a uma visão erótica, da mulata e a beleza, formosura da mulata, e é muito as caricaturas do Lan, das mulatas do Lan, tem essa... mas no sentido positivo da beleza, da beleza da mulher negra, da sensualidade, e muito ligada as expressões prazerosas do carnaval, do samba, da música, que é uma área cultural, assim, expressão popular brasileira. Como o caso do homem negro nos Estados Unidos, que a expressão era a música do jazz, a construção, até o próprio rock and roll, que foi copiado pelos brancos foi criado pelos negros – pelo Chuck Berry - basicamente. O rock and roll que é o Elvis Presley vai depois tornar universal, vamos dizer assim, é muito criada nos livros, quer dizer, de certa forma, aqui a agulha negra ainda é vista por esse lado do... ligado a essa faixa da cultura. Cultura do prazer, da

música, pela beleza, pela... era chamado mulata tipo exportação, que foi uma coisa que é explorada. Tinha o Oba Oba do Sargentelli, que levava para shows, mas não é só aqui. Em Cuba se você vai... Cuba, hoje, Fidel Castro, se você vai ao Principal Casa de Shows [corte]

A continuidade daquilo?

Eu estava dizendo que o uso do estereotipo da mulata, da mulher negra, tal, não é só aqui que tem esse tipo de exploração. Como também em Cuba no Casino, não é bem casino, foi um casino, mas é uma casa de show chama Tropicana, é o mais famoso de Cuba, e que lá tem o show de mulatas igual no Brasil. E é uma coisa que tinha na época também do Batista, na ditadura do Batista, é que ficou depois da revolução, eles mantiveram hoje como coisa para atrair turista.

Eu teria a maior curiosidade de namorar uma mulher negra. Nunca tive uma namorada negra.

Com relação à mulher negra, é significativo o lugar de onde olha o artista plástico: ele atribui, nesta relação com a escravidão, mulher negra x mulher branca, o protagonismo às mulheres de sua família, acriticamente. Ele destaca que as negras são as gratas, as que recebem os benefícios, as que mesmo após a escravidão preferem ficar na casa da mulher branca escravocrata, pela bondade da família. Destacamos aqui a importância do lugar de onde se fala, de onde se olha.

O fotógrafo, o cineasta e o professor saem pela tangente, não enfrentam a questão da mulher negra, atribuindo similaridade entre a situação da mulher negra e a da índia, e também a da nordestina. Contudo, o fotógrafo e o professor de educação física apontam como esta questão é forte e como nos afeta a todos, mesmo os atentos e os críticos, mesmo os comprometidos com o enfrentamento do racismo.

O político está muito marcado pela idéia da mulher negra associada à sensualidade, como se isso fosse um elogio. É interessante observar que nunca teve um relacionamento amoroso com uma negra, já que as acha tão maravilhosamente belas. Também coloca uma perspectiva de mudança

Já o cineasta nos assusta com o filme que está produzindo, no qual coloca como uma saída para a menina negra dedicar-se ao esporte e à música. Ele se diz não racista com muita contundência, ele e seu grupo de convivência. Também associa o problema da mulher negra como similar ao da nordestina. Tem consciência da postura da menina negra e da menina branca. Segundo seu depoimento sobre o filme que realiza, acaba, na nossa opinião, reforçando o lugar social reservado à mulher negra. É um olhar que fixa, que aprisiona. Embora ele seja um parceiro na luta contra o racismo pelo seu espírito crítico e suas ações imagéticas.

Outro ponto recorrente é a questão da maternidade generalizada atribuída à mulher negra.

Ficamos no meio do caminho no que se refere à mulher negra. A sensação que temos é de que os nossos entrevistados ficam apenas na constatação da situação da mulher negra. São homens antenados com as questões do seu tempo porém, quando se trata da mulher negra, uma lacuna se apresenta, o que nos coloca diante de uma situação: como formar opinião em relação às mulheres negras para os formadores de opinião?

3.7 – Convivência com Negros

Esta questão surge por ter sido algo recorrente em algumas entrevistas: o afastamento da convivência com negros após a ascensão social:

Fotógrafo

Trabalhei em revista de nu feminino, para Playboy. De moda, de beleza. 10 anos eu fotografei para a Playboy.

E você sabe que quando eu estava fazendo Playboy, foi um aprendizado na minha vida. Foram 10 anos que fiz essa, essa... minha área de mulher foram 10 anos, que eu fiz: moda, beleza, decoração. Essa área, vamos dizer, que eu te falei aí de, da viadagem. Mas enfim.

Então, eu enxerguei por exemplo, que era uma coisa que para eu poder fazer essa capa dessa mulher, que está no meu livro. Essa luz, essa sutileza, eu aprendi muito fotografando mulher para a Playboy. Porque a mulher da Playboy, eu direciono, eu monto a foto, é o meu comando, ela só faz o que eu quero, jamais ela faz o que ela quer. Pra você fazer isso, jamais ela faz o que ela quer, aquilo que você está vendo lá, aquilo é dirigido total. Colocado, trabalhado... braçal, esforço, para você conseguir a luz, o brilho, a forma, você é um consertador. Fotógrafo de Playboy é consertador de mulher. As mulheres não são daquele jeito que você vê lá.

E também, esse papo de que tem computador é mentira. Aquilo lá é esforço do fotógrafo. É uma visão. Quer dizer, só para te dar um exemplo, a mulher se sente mal, e se sente torta, e desconfortável, mas não interessa. Ela reclama, mas o que interessa é o que eu estou vendo, aqui. Aqui ela tá linda, então você fica quieta aí mais cinco minutos, e não enche o saco. Hoje eu trabalho sem abrir a boca. Com nenhum. Eu convivo, é diferente. Eu convivo com as pessoas. Eu não monto uma foto. Tá tudo de verdade lá. Mas eu enxergo a luz, foi ali que eu aprendi a ver atitude, luz, a sutileza da sensualidade, a coisa sem ser óbvia, explícita, descarada. A sensualidade fina, elegante. Que eu fiz muita foto de sensualidade descarada, grosseira. Fiz, fiz, eu quis fazer. Eu fiz a mulher fazer uma cara, que depois que eu vi a cara, eu achei que era, grosseiro, vulgar. Eu podia ter feito uma cara menos vulgar. Mas, o leitor da revista não quer só cara vulgar. Tem hora que a mulher tem que ter uma cara de pilantra, de sem-vergonha, porque é a cara da revista. É o homem brasileiro que vai ver. Agora, [...] não abro a boca, pelo contrario. No meu livro não tem gostosa, não tem pelada, nada, nada. Tem [...], com o seio de fora, em trabalho. Questão cultural, não altera. Mas fazer Playboy, me ajudou muito, a entender esse universo feminino, a vaidade, de uma série de coisas. Foi um grande aprendizado.

Olha, aí eu era um mal-educado. [...] o fotógrafo é um ator, assim, instintivo. Você... agora eu vou daqui a meia-hora, eu vou no Porto. Eu vou no Porto, entrar no porão de um navio e vou falar com um estivador. É outra figura que vai estar lá. É outro cara. Outro sujeito. A vida inteira, treinado para viver em diversos universos, ambientes; essa é a habilidade do sujeito. Saber conviver com essa diversidade de pessoas. Então, quando eu estou fazendo moda, eu estou dirigindo uma modelo, eu estou dando palpite na roupa, no sapato, eu mando tirar sapato, tiro o cinto, chama o cabeleireiro, mando fazer o cabelo de novo, mando mudar a maquiagem. Tudo isso eu comando. Um cara comanda, o fotógrafo só. A palavra final é dele. Não gostei desse cabelo, muda [...]. Eu sempre invadi as coisas, fotografei. Então. Primeiro fotografei e depois pedi licença. Ou nunca pede licença, só fotografa. Hoje é absolutamente ao contrário. Hoje eu fotografo por último, primeiro eu estabeleço o contato humano com os meus personagens, primeiro eu conheço o universo deles, me apresento, explico para eles quem sou eu. Faço uma reunião é: 1º - quem sou eu, por que eu estou lá e o que eu quero fazer?, e eles é que vão me adotar ou não. Que a partir do momento que eles me adotam... diz assim: você pode acompanhar a gente aqui 15 dias, 1 mês, aí eu vou começar a pensar em fotografar. Deu para você entender? Mas antes disso entra: mil, com licença; dois mil, por favor; três mil, posso sentar, posso beber água, a senhora me dá um copo d'água por favor; bom dia, boa tarde, boa noite, eu sou o [...]. E mesmo depois que eu me relaciono eu não, não tenho essa coisa de: Oh, meu! Não existe isso lá. Porque o universo que eu trabalho, são

as pessoas mais educadas, mais singelas, educadas, elegantes, finas, charmosas, que você possa imaginar na face da terra. Eles moram no meio do mato, provavelmente não lêem, não sabem escrever. Mas são mais educados, mais charmosos, muito mais elegantes do que qualquer indivíduo que mora nessa cidade. Pro meu gosto, pro meu padrão.

Eu tive que mudar também, eu não vou dizer para você. Eu sempre fui um grosso, para fazer o meu trabalho como fotojornalista. Hoje eu sou outra pessoa, hoje eu sou outra personalidade inclusive.

Ah, mas eu acho que tem, porque eu também me questioneei, me fiz uma auto-revisão, uma auto-análise, dizendo: assim não, chega de ficar dirigindo, montando. Quando eu fiz moda eu montava tudo. Quando eu era jornalista carregava peso, 12.000kg de câmera, e andava aqui na Globo, babando pra cima e pra baixo, para continuar empregado. Porque se eu não faço a melhor foto, dou ao concorrente, que está junto comigo, faz. E no dia seguinte, a dele no jornal é melhor do que a do meu jornal, e quem... e não dá certo. Eu trabalhei a vida inteira concorrendo.

Isso é um processo que já vem vindo. Fazem 10 anos que eu venho me preparando para mudar. Faz 10 anos que eu estou nessa nova vida. Em 94 eu deixei a Abril, até 94...96, ainda uns dois ou três anos depois, eu fiz ainda, por exemplo: Playboy. Eu não faço mais hoje, nu de mulher. Quer dizer, não é que eu não faço mais, eu posso até voltar a fazer, depende das condições. Eu sou um sujeito, que preciso, para eu fazer o trabalho na Amazônia, eu preciso ganhar dinheiro aqui. Então eu nunca vou dizer para você, eu não vou fazer mais. Até porque o que eu fiz, eu gostei muito de fazer, e voltaria a fazer, a hora que precisar fazer. Mas se não precisar fazer, mais mulher nua pra revista, eu não farei. Porque eu acho que já fiz. Agora eu não quero fazer mais. Mas se eu precisar, vamos dizer, sobreviver, ou precisar viver para continuar na Amazônia, aí eu não só faço mulher nua, como faço qualquer outra coisa para viabilizar o meu sonho. Só isso.

Hoje, eu faço, posso eventualmente fazer uma reportagem, de encomenda, pra Revista Veja, ou pra qualquer outra revista, claro. Porque eu vivo disso. Mas, hoje o meu grande, vamos dizer tesão, é eu propor as minhas histórias, para as revistas aonde eu fotografei.

Cineasta

Eu fui criado pela minha mãe, que era negra. Na verdade, eu tinha uma mãe branca, e uma mãe negra que tomou conta de mim desde menininho. Inclusive a resistência da lua é dedicado a essa senhora, chamada Gaga.

Professor Educação Física

Eu fui membro de uma casa de candomblé, durante muitos anos, e fui membro de uma casa de umbanda durante muitos anos. Sai do candomblé pra umbanda. Talvez... e a minha família é uma família, que tem uma história dentro das religiões afro-brasileiras. Talvez por isso a gente tenha tido, tenha tido um processo é... muito natural esse convívio constante. Não só, por haver muitos membros dessas religiões que são negros. Mas também porque, a teologia dessas religiões é uma teologia que nos leva a ter um valor, um valor diferenciado, do que as teologias

crists. É, agora, tendo sincero, o meu hoje, o meu círculo de amigos negros é muito pequeno. É muito pequeno, em função dos espaços sociais em que eu circulo. E isso é uma coisa que a gente discute em sala de aula. Quando a gente discute olhos azuis, eu falo: olhem ao redor e vejam quantos negros existem nessa sala de aula. Vocês acham que isso é por acaso, ou deve ter alguma razão histórica, alguma razão econômica e social? Então em função dessa minha vinculação universitária, em função desses espaços, efetivamente, a gente... eu tenho poucos amigos, menos amigos negros do que amigos brancos. Em função é desse fato de que...

Tele-educador e sociólogo

Eu cresci na Barra Funda, em São Paulo. A Barra Funda, em São Paulo, era um lugar, assim, meio que descendentes de italianos e negros. Geralmente os negros mais pobres do que os descendentes de italianos, mas era uma coisa muito misturada. E eu lembro, que quando eu era menino, e eu estudava numa escola de freiras também, praticamente de graça, quer dizer... e eu lembro, de ter me assustado quando eu comecei a ouvir as primeiras coisas racistas - "mas negão", esse tipo de coisa. Também, mas também é negro – eu me lembro de 7 anos assim, ou 8. Porque antes, eu saía na rua, jogava bola, entrava, voltava [corte]. Depois, tive alguns amigos e, você vai, meio conhecendo um pouco a cultura, por... ou porque um tem uma tia que é da umbanda e leva você, aí você aprende e tal; ou vai na casa dele e convive. Então tem um pouco isso. Depois na adolescência por exemplo, me apaixonei por uma menina negra – que ela é irmã de um amigo meu – a irmã do Luis, a Carmem. Me apaixonei pela Carmem. Eu acho que foi só depois, que eu comecei a sentir que a separação era muito grande, entendeu. E aí que eu comecei a sentir, que, por exemplo, se o casal era bi-racial, bi-étnico, nossa! Sofria o cão, sofria que nem o...

Cartunista

Eu nasci e fui criado na Água Fria. Na Água Fria, os meus vizinhos eram negros. Meus vizinhos de casa aqui e a casa do vizinho ali. Eu brincava com os meus amigos eram negros, eu brincava com eles. Passei a minha infância brincando com os meus amigos negros e as minhas vizinhas negras. Aí, quando eu mudei de casa, na minha primeira infância, eu já tinha uns 8 anos por aí... Quem vai ser o meu vizinho? Era um casal de negros, com filhos negros. Nós até ajudamos a criar os filhos deles, vivíamos em festas, fazíamos festas juninas, fogueira de São João, essa coisa toda, a gente fazia as festas. Eram negros também. Tinham muitos, muitos amigos negros. Na minha adolescência também: O grande amigo meu José Carlos, era também um negro e eu vivia dentro da casa dele, com as irmãs dele, e os irmãos dele... tocando violão, conversando, eu tinha muito, muita proximidade com esses meus amigos. A minha formação de jovem e adolescente... na Universidade já não. Na universidade não tinha negros na Universidade, e depois da Universidade no Jornal, a vida de Jornal já não tinha... no Rio de Janeiro, assim eu tenho poucos amigos. Eu achei interessante, que eu achei que aqui teria muito mais amigo, aqui a comunidade é muito separada.... a sociedade aqui é muito separada, né?

Não, mas eu acho que seria... eu teria toda abertura de alma, abertura de formação para ter mais amigos negros, e no entanto, aqui no Rio, há

uma separação muito grande, muito violenta de classes e dessa aproximação, eu notei que em São Paulo eu vivia muito mais no meio das pessoas negras, do que aqui no Rio. Porque lá eu acho que é mais misturado, lá em São Paulo eu acho mais misturado. Tem negro morando ao lado de branco, é uma coisa que o meu bairro tinha, né... nos dois lugares que eu morei.

Os dois bairros eram bairros pobres, que se transformaram em bairros de classe média com o tempo. Mas era o seguinte, era uma mistura danada, que morávamos nós, que éramos pobres, ao lado dessa família de negros que era pobre. Do outro lado da gente tinha uma casa grande que morava... uma casa grande, um sobrado, onde morava uma família de classe média. Ao lado dos pobres tinha uma classe média. No Rio não é assim tão misturado. O que você tem aqui é outra proximidade, você tem a favela e você tem o asfalto e as casas do asfalto. Mas você não tem essa mistura. Talvez se eu morasse em um bairro que não fosse Zona Sul, a mistura fosse maior. Eu tive essa possibilidade, mas eu até me ressinto. Sinto essas amizades que eu deixei no passado. Gente espetacular.

Por nunca ter essa proximidade. No passado eu me lembro que eu chequei assim a flertar com a irmã desse meu amigo.... mas é... por ele ser meu amigo, fica aquela coisa de aproximação.

Não me aproximei. Não tentei namorar. E... mas eu tenho a maior curiosidade de ter uma namorada assim, negra. Mas não pintou. Não apareceu essa... Não estamos no mesmo ambiente, não estamos no mesmo...

Destacamos este item pelo fato de apresentar uma perspectiva de superação, todos, ou melhor os que têm uma visão mais crítica tiveram, na infância e juventude, uma convivência com os excluídos, uma parceria, o que nos faz pensar que o convívio, o encontro, o contato podem ser fatores importantes, significativos de superação, no entanto, contatos sem as hierarquias sociais. O cartunista, o tele-educador e o professor sinalizam uma convivência com a população negra em tempos idos, no entanto sinalizam este afastamento que atribuímos à ascensão social. Ao ascender socialmente, há um afastamento da população negra.

É intrigante a colocação do cineasta em relação à sua mãe preta, levando em consideração que ele só tem uns cinqüenta anos. Quem era essa sua mãe preta,

essa Gaga para quem inclusive ele dedicou um filme e que, certamente, o marcou afetivamente?

O depoimento do fotógrafo adquire força e visibilidade, na medida em que nos sinaliza para a possibilidade de mudança decorrente de encontros sociais, de ações sociais igualitárias e respeitosas.

Se esses entrevistados, pessoas críticas, conscientes das contradições sob as quais vivem, nos responsabilizam pela transformação do racismo na sociedade imaginemos o que devem pensar os demais homens brancos, imersos no referencial racista dominante, que afirmam, confirmam e acreditam neste único referencial, e que não têm essa mesma visão crítica?

Se nossos entrevistados, que vivem conscientemente a tensão deste sistema, sentem tantas dúvidas e têm tantos questionamentos, imaginemos o que devem pensar e sentir aqueles que não são críticos, que são capturados pelo sistema, com relação ao racismo?

A subalternização e invisibilização da imagem da mulher negra estão presentes na sociedade, em todos os níveis e campos sociais: na visão médica em relação à mulher negra – não é à toa que a situação da saúde da mulher negra é digna de intervenção. No mundo do trabalho, a situação de empregabilidade da mulher negra é digna de intervenção. Na dimensão psicológica, os aspectos psicológicos da mulher negra são dignos de intervenção. Na mídia, são muitas e muitas as necessidades de intervenção, no que se refere à questão do racismo. Ora, nenhum país muda na perspectiva da superação do racismo e das desigualdades e injustiças sociais, nenhum país se transforma, nem se constitui diante do silenciamento da população. E, no caso do Brasil, temos que levar em conta que os negros constituem praticamente a metade da população brasileira.

Nas entrevistas vimos, em níveis diferenciados, a posição de homens críticos, conscientes dos problemas sociais, em relação à diversidade da população brasileira, bem como em relação a seus conflitos e desigualdades. A perspectiva do artista plástico, para nós, é muito marcada pela sua classe social, pelo seu lugar de classe, quando fala que a mulher, depois da Primeira Grande Guerra, teve que ir à luta. Ora, a que mulher ele se refere? As mulheres negras brasileiras, sempre, neste país, foram trabalhadoras.

A análise de alguns indicadores socioeconômicos sustentam, em muito, esses argumentos e a inserção diferenciada de mulheres brancas e negras no mercado de trabalho constitui um bom exemplo. Na maioria esmagadora de estudos sobre a inserção das mulheres brasileiras no mercado de trabalho, os anos 70 são descritos como um marco. De fato, em 1970, as mulheres representavam 20,4% da População Economicamente Ativa (PEA), em 1981 passaram a 32,9%, em 1991 a 39,2% e em 1997 a 42,2%, segundo diversas fontes elaboradas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE).

No entanto, cabe ressaltar que para as mulheres negras esta inserção é muitíssimo anterior aos anos 70 do século XX. O primeiro recenseamento brasileiro, realizado em 1872, informa-nos, por exemplo, que 46,7% da população escrava era constituída por mulheres, em um total de 705.352 almas. Este número representava 14,6% das mulheres recenseadas à época. Pouco? Muito provavelmente não, se consideramos o fato de um número significativo de mulheres negras forras exercerem funções de ganho. Analisando as ocupações dos escravos descritas neste recenseamento observamos que entre os trabalhadores agrícolas, principal ocupação dos escravos, as mulheres escravas constituíam 37,6% de seu total. Considerando as três outras ocupações com maior concentração de população escrava feminina, serviços domésticos, servidores e jornaleiros, costureiras tínhamos um total de 215.875 escravas.⁵⁶

Problematizamos, também o fato de que a diferença de gênero é a primeira. Na nossa perspectiva a fatura de cor é anterior a de sexo, antes da concepção sabemos se seremos negros ou não, independente de termos pele clara ou escura, em função de quem são nossos pais, independente de sermos homens ou mulheres.

⁵⁶ SANT'ANNA, Wania. Relações Raciais no Brasil: Entre a Unanimidade e a Paralisia. Perspectiva. The John and Catherine T. MacArthur Foundation, São Paulo, n.4, p. 53-68, 2001.

Destacamos, nas entrevistas, que há uma tendência a colocar a mídia para além das pessoas, como uma instituição autônoma, mas sabemos que ela é uma ação, uma construção humana,

O político apresenta um discurso muito superficial, como se não tivesse uma reflexão sobre o tema, o que para nós, inclusive, é motivo de preocupação, na medida em que este homem é representante da população e foi eleito por um partido de esquerda. Imaginemos o que devem pensar os mais comprometidos com os interesses das classes dominantes, em geral elitistas, racistas e machistas?

O professor apresenta-se como otimista, como um lutador-ativista constante, politicamente correto, impecável no seu discurso e no contato pós-entrevista, na ação.

O sociólogo revela-se crítico, sensível, no entanto, está preso no emaranhado das limitações do seu trabalho. Coincidentemente, o cartunista e o tele-educador têm uma visão mais otimista da mídia. O cartunista nega o caráter conservador da mídia, defende-a. Embora seja crítico -social, é outro discurso da mídia.

O cineasta e o fotógrafo apresentam uma pitada de insatisfação frente à mídia, são altamente críticos.

O artista plástico nos possibilita analisar, de maneira mais explícita, os preconceitos, quando diz que a mulher branca é a mulher do dominador, e a mulher negra a dos outros segmentos. Podemos ver como o lugar social, a etnia, a classe social, as experiências de vida influenciam o olhar social do sujeito.

As entrevistas nos apresentaram momentos inusitados: o fotógrafo se descobre preconceituoso com relação às indígenas, o sociólogo se emociona às lágrimas ao lembrar dos seus sonhos de libertação ao assistir o filme *Fahrenheit*, o cartunista ficou tenso a ponto de não se lembrar do nome do livro que havia escrito...

Foram encontros de seres humanos com seres humanos, de gente, gente que ama, ri, erra, que se atrapalha, não sabe, discrimina, aprende, reconstrói... Encontros de pessoas que têm muito a aprender umas com as outras, no caminho de superação do racismo, do machismo e das desigualdades... E também um momento de intervenção da entrevistadora, já que, ao aceitarem dar as entrevistas, se depararam com um momento de reflexão sobre a temática do racismo e da mulher negra.

Há um anacronismo em algumas respostas sobre mulher negra: o político faz uma ligação mulher negra – sexualidade, o artista plástico paternaliza, se coloca pela amorosidade paternalista, não libertária, como se o fato de não ser racista o tornasse um ser humano maravilhoso, excepcional.

A maternidade atribuída à mulher negra: o cineasta, o artista plástico e o sociólogo são bem explícitos quanto a esta dimensão maternal.

Concluimos, neste capítulo “A formação da imagem da mulher negra”, após as entrevistas e as informações fornecidas pelos entrevistados, sobretudo quanto à mídia e à sociedade, que há uma certa consciência em relação à situação social sob a qual a mulher negra vive, bem como em relação ao racismo e ao preconceito. Muitos têm consciência da situação vivida pela mulher negra, só não entendemos o porquê da insensibilidade .

No caso dos nossos entrevistados, todos têm uma preocupação com a mudança social, de alguma maneira, em níveis diferenciados, com marcas diferenciadas.

Muitos deles colocam que o trabalho com a mídia (jornal, fotografia,...) tem uma perspectiva, sinalizam seus limites profissionais, sua condição de trabalhadores; não são imateriais, são pessoas concretas, submetidas aos

interesses dos que detêm o poder final da decisão; então não é simples, não é só um interesse do profissional.

Podemos ver a importância do contato, da convivência com o outro, como nos mostram os entrevistados; observamos, também, que muitos sinalizam uma não convivência com a população negra na cidade do Rio de Janeiro, por causa da ascensão social.

Com essas entrevistas pretendemos apresentar diversas pistas, para posteriores análises. Destacamos que a mulher negra precisa se reconstruir, precisa reconstituir sua imagem, a mulher negra está viva, vive muitas vezes nas armadilhas da negação. Se sabem negras, mas algumas não gostariam de ser.

Existem referenciais positivos, precisamos rever nossas imagens, ressignificá-las, para além do carnaval, da sexualidade. É necessário se reconhecer positivamente, ter um referencial positivo.

A responsabilidade pelas mudanças de visão frente à mulher negra, diferentemente do que alguns formadores colocam, não é só nossa responsabilidade, há que se ir na fonte, mexer nos beneficiários do racismo.

O que fica é uma contradição e uma tensão porque, tendo como parâmetro as expressões dos formadores de opinião entrevistados, percebemos que há um compromisso social, uma sensibilidade aflorando. No entanto, com relação à mulher negra, há uma precariedade de atenção, de preocupação, o que nos faz pensar na necessidade de um trabalho em face disto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



*Ideograma Sankofa, cujo sentido pode ser assim traduzido:
“Nunca é tarde para voltar e apanhar aquilo que ficou atrás”;
“Regressar ao passado para recuperar o perdido e seguir adiante.”*

Este trabalho encerra-se como uma expressão de uma voz, de um olhar, de um modo de expressão escondido da nossa história. Neste sentido, expressa um processo de pesquisa que nos colocou diante de uma infinidade de possibilidades de investigação acerca da formação da imagem da mulher negra na mídia. Portas que se abriram e que ganharam certa autonomia e força de manifestação, deixando-nos a opção do compartilhamento. Compartilhamento carregado de um compromisso com as mulheres negras que nos antecederam e com as que virão, logo um visceral compromisso com a Vida.

Nosso propósito, então, se constituiu, no decorrer do trabalho, em oferecer um repertório, o mais amplo possível, de imagens, representações, registros, material impresso, canções, histórias, filmes, mitos, lendas, depoimentos levantando esta temática, tendo em vista que muitas outras análises poderão ser feitas a partir desse repertório, em diversos campos do saber. Não fechamos as questões, até porque nosso propósito foi apenas...

[...] investigar, discutir, refletir acerca do que pensam os homens brancos formadores de opinião já que eles, como profissionais da comunicação têm como objeto no seu sentido mais lato, as vinculações sociais (SODRÉ, 2001), são co-responsáveis pela imagem da mulher negra presente nos meios e veículos de comunicação.⁵⁷

Tendo em vista nossos objetivos:

Investigar visões masculinas acerca da mulher afrodescendente através de entrevistas e das produções sociais masculinas em vídeos e filmes, revistas, cartazes, músicas (letras), poesias, artes plásticas.

Contribuir para a visibilização das questões das mulheres negras relacionadas aos homens brasileiros.

Contribuir numa perspectiva de intervenção, alteração do quadro, numa perspectiva educativa, nas visões de produtores de opinião acerca da presença e imagem das mulheres negras em todos os cenários da cultura brasileira.

Promover a visibilidade de como formadores de opinião, brancos, concebem e percebem as mulheres negras.

Podemos dizer, com certa parcimônia, diante da percepção de estarmos frente a um trabalho com “portas abertas”, bem como de nosso entendimento de que as coisas não são cartesianamente aferidas, que atingimos nossos objetivos.

Após situarmos a dimensão dramática em que se encontra a mulher negra brasileira, e a nossa percepção da existência do racismo e do machismo na nossa sociedade e, conseqüentemente, na mídia, poderíamos, nessa conclusão, nos colocar no lugar de um profundo pessimismo. Porém, como sabemos que **sempre** existirão os/as que se sublevarão contra este estado de coisas, vamos caminhar seguindo outro roteiro, o roteiro do subliminar, do submerso, do invisibilizado. Não o caminho da visão de mundo ocidental dominante, da filosofia “[...] tradicional – a do senso comum –, aquela que triunfou no Ocidente e que deixa ver através das lentes do Estado, da razão e da moral. [Mas da outra, a que]... toma o caminho da

⁵⁷ Conforme consta da Introdução deste trabalho.

afirmação da vida para além da forma-Deus e da forma-homem, para além do juízo” (FUGANTI, 1990). A do axé, do muntu, da energia, força vital.

Se houve todo um processo histórico de subalternização das mulheres negras, de tentativa de subtração da humanidade destas mulheres, outras histórias, marcadas pela potência de vida, foram escritas, histórias de luta, resistência, solidariedade, amor, generosidade. Só que estão submersas, pedindo para serem contadas e recontadas... Afinal, essas mulheres, para além da forma-Deus e da forma-homem, produziram e produzem “milagres de fé no extremo Ocidente”.

Faz-se, contudo, necessário afirmar que, ontem e hoje, as mulheres negras são humanas e não super humanas. Existiram e existem mulheres guerreiras, suicidas, embrutecidas, perversas, reacionárias, criativas, enlouquecidas, lutadoras, produtoras de novas subjetividades e outras reprodutoras, a favor do sistema que nos oprime... Enfim, o mais importante de tudo é que essas mulheres estão vivas, ou nas nossas memórias, ou no nosso cotidiano concreto, ou em nós mesmas (pessoas).

Neste sentido, vamos recontar alguns episódios.

Redenção de Cam?

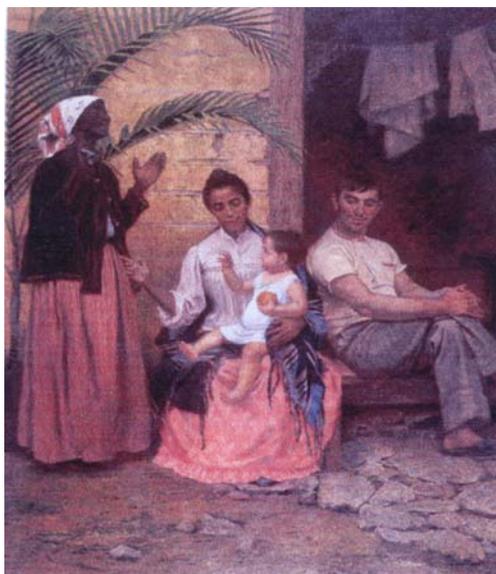


Figura 51

Vamos apresentar uma releitura deste quadro, baseada em uma palestra proferida pela professora Dr^a Gizelda Melo do Nascimento, sobre Memórias de Famílias Negras no Rio de Janeiro.

A leitura oficial é a já relatada anteriormente neste trabalho, no entanto, na direção das histórias submersas, a releitura apresentada é:

O homem branco, pobre (vide habitação e os calçados), de costas para a mulher, demonstrando-lhe, talvez, um certo desprezo, ou seja, há uma cisão familiar. Embora numa pose de negação da mulher, apresenta um olhar orgulhoso para o filho. O orgulho, talvez, de ter cumprido a sua missão: a de embranquecer a nação.

Por outro lado, a mãe da criança, que é mulher negra (mestiça), apresenta, aponta, mostra a senhora negra para a criança, que está de costas para o pai, mas sob seu olhar. A mão direita da criança movimenta-se em direção à avó, como que a abençoando (uma alusão ao menino Jesus?), como que querendo tocá-la? Um movimento de aproximação.

A senhora negra idosa, de mãos para os céus, diferente da interpretação oficial, de estar agradecendo aos céus pelo neto ter nascido branco, agradece aos céus, sim, mas pelo fato de, mesmo diante de uma trajetória de sofrimento, abuso, luta e invisibilização, o menino pode olhar e reconhecer sua origem, saber de onde veio, ter mantido sua referência africana, sua ascendência negra. Para o Brasil ir adiante, ele não pode esquecer, ele precisa se lembrar, com respeito e amorosidade, da África e dos seus descendentes.

Assim como essa, outras histórias relativas à ação e à presença positivada da mulher negra na história do Brasil precisam ser rescritas e contadas, pois são referências que garantem a construção de uma auto-estima afirmativa da mulher negra e de seus/suas descendentes. Histórias que mostram que os quilombos não eram, necessariamente, território de fugitivos, não eram só rurais; que os negros e negras se organizavam e compravam a alforria de muitos outros e outras; que as quitadeiras juntavam dinheiro com a venda dos quitutes e compravam suas alforrias e as de muitos homens negros; que nas proximidades dos quilombos havia pequenas relações comerciais; que as negras da casa-grande, as chamadas mucamas, não eram necessariamente submetidas, subservientes, mas detinham um saber fundamental para as insurgências, rebeliões e sublevações, que alimentavam as senzalas: conheciam os hábitos, os desejos, e os segredos dos e das escravocratas.

Mulher Negra e Candomblé – religião e ação política

No caminho de apresentação de outras representações da mulher negra, que fogem ao padrão da sexualidade, da empregada doméstica, da artista ou desportista, da que tem que lutar, como se sua existência não se devesse a essa incessante luta de séculos, destacaremos a mulher negra a partir de uma vertente

vigorosa de auto-representação, em outras palavras, a mulher negra como figura central em um dos sistemas religiosos mais antigos no Brasil: o Candomblé.

Nesse sistema religioso, desde seus primórdios, no século XIX, a mulher já se apresentava como uma liderança necessária e fundamental. Possivelmente em razão de a mulher poder exercer atividades mais diversificadas, o que lhe permitiu manobrar entre as malhas do sistema escravista e construir redes políticas em nível micro, permitindo assim uma possibilidade existencial no interior de um sistema bastante opressivo.

O Candomblé, ao contrário do que se imagina, é uma religião ou culto tipicamente brasileiro. Engana-se quem o remete a uma origem africana. Ocorre sim, uma re-elaboração territorial de elementos simbólicos e concretos na diáspora africana, em outras palavras, o candomblé representado na sua figura mais emblemática, a comunidade-terreiro, ou simplesmente terreiro, age na direção da reorganização de elementos africanos, mediante a pressão de uma lógica territorial e histórica no Brasil, sintetizada na escravidão.

Do lado dos ex-excravos, o terreiro (de candomblé) afigura-se como a forma social negro-brasileira por excelência, porque além da diversidade existencial e cultural que engendra, é um lugar originário de força ou potência social para uma etnia que experimenta a cidadania em condições desiguais. Através do terreiro e de sua originalidade diante do espaço europeu, obtêm-se traços de forte subjetividade histórica das classes subalternas no Brasil (SODRÉ, 1988, p.18).

A comunidade-terreiro, então, apresenta-se como uma forma singular de representação das aspirações do negro na sociedade brasileira. Nessa formação, há que se destacar o papel fundamental das mulheres, comumente conhecidas pelo título de mães-de-santo, pois coube a elas a organização das primeiras comunidades de terreiros na Bahia, casas hoje centenárias e detentoras de enorme

tradição.

Várias mulheres enérgicas e voluntárias originárias de Keto, antigas escravas libertas, pertencentes à Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte da Igreja da Barroquinha, teriam tomado a iniciativa de criar um terreiro de candomblé chamado de Yia Mi Omi Ase Aira Intilé, numa casa situada na Ladeira do Berquo, hoje Visconde de Itaparica, próximo à Igreja da Barroquinha (VERGER,1981:28).

Como aponta Pierre Verger, as referências a respeito dessas primeiras comunidades são imprecisas e vagas, mesmo quando fornecidas pelos membros mais antigos dos terreiros.

Não se sabe com precisão a data de todos esses acontecimentos, pois, no início do século XIX, a religião católica era ainda a única autorizada. As reuniões de protestantes eram toleradas só para os estrangeiros; o islamismo, que provocara uma série de revoltas de escravos entre 1808 e 1835, era formalmente proibido e perseguido com extremo rigor; os cultos aos deuses africanos eram ignorados e passavam por práticas supersticiosas. Tais cultos tinham um caráter clandestino e as pessoas que neles tomavam parte eram perseguidas pelas autoridades (1981, p.29).

Um dos terreiros mais prestigiosos dessa primeira fase romântica do Candomblé é o Engenho Velho, conhecido pelo nome de Casa Branca, pois foi dele que se originaram os dois outros principais terreiros: O Axé Opo Afonja e o Gantois⁵⁸.

Escolheu-se aqui como referência o terreiro do Axé Opo Afonja⁵⁹ para dar curso à nossa análise. Segundo Pierre Verger, esse terreiro surgiu de uma divergência sucessória ocorrida no Engenho Velho. Aninha, acompanhada de alguns amigos, se afasta do terreiro por não concordar com a nova liderança do terreiro e funda uma nova comunidade, o Ilê Ase Opo Afonjá. Essa casa, até os dias de hoje, tem, como principal característica, ser liderada por mulheres: Aninha, Senhora,

⁵⁸ Casas ou terreiros tradicionais da Bahia.

⁵⁹ A escolha se deu em razão de que o referido terreiro tem representações no Rio de Janeiro e em Bahia.

Estela, Regina, Lúcia Cantulina, Cantulina, nomes que se sucedem no tempo...

Foram essas mulheres que lutaram contra a perseguição da Polícia, que abrigaram perseguidos políticos, que manobraram e manobram por um maior reconhecimento do culto, que nos bastidores acabaram com a exigência legal de autorização policial para o funcionamento de um terreiro. Foram essas mulheres que conduziram e conduzem os destinos de milhares de pessoas que, diariamente, dirigem-se aos terreiros em busca de uma solução para as próprias vidas.

Uma história contada por um antigo membro do culto relata que, na época em que o culto era proibido, eram comuns as invasões aos terreiros em pleno culto. A Polícia chegava, prendia todo mundo, quebrava e apreendia os objetos de culto. Pois, segundo o relato, estava ocorrendo um culto em um lugar clandestino; os atabaques rufavam a pleno vapor, quando se percebeu que a Polícia estava por perto. Conta o membro do culto que Aninha, calmamente, foi até a entrada do local onde o culto estava sendo prestado e fez uma “mandinga”, uma espécie de ato mágico, e que os policiais ficaram rondando perdidos querendo localizar o terreiro pelo som dos atabaques e nada conseguiram.

Segundo Verger, essas mulheres lideram os terreiros com energia e poder, tendo grande ascendência sobre os membros. Era uma liderança que extrapolava o limite do religioso, que extrapolava o limite do terreiro.

Estas mulheres, descendentes dos nagôs, preservaram o mesmo espírito de iniciativa que na África e as mesmas tendências dominadoras, tanto na família como nas suas relações com os outros. Isto explica já em parte a tradição das mães autoritárias, visíveis em alguns candomblés de origem nagô da Bahia (1992:101).

[...]

Podemos portanto constatar, sem cair nos exageros de tipo matriarcal, que estas mulheres africanas e suas descendentes brasileiras contribuíram grandemente, pela sua competência, pela sua autoridade, pela sua elegância, e pela fidelidade às tradições herdadas, para o prestígio e a dignificação, das cerimônias de adoração dos deuses africanos no Brasil (idem, p.117).

O candomblé deve ser pensado como um espaço de excelência da mulher negra, que de alguma forma lhe serviu de auto-referência para uma ação política que se espalhou pelos sindicatos, pelo Congresso, pelas frentes de luta contra uma sociedade machista e discriminatória, uma sociedade que julga as pessoas pelo sexo e pela cor. Uma sociedade contra a qual a mulher negra move uma luta sem trégua. E, pelo que parece, sem previsão de final.

"Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender; e, se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar".

Nelson Mandela

Compartilhando esta reflexão, cremos na real possibilidade de um mundo sem racismo e sem machismo, cremos na possibilidade de um mundo que reconheça a mulher negra na sua integralidade humana. Apesar de estarmos falando da mulher negra, pela especificidade deste trabalho, desejamos esse reconhecimento não só para as mulheres negras, mas para todos os habitantes deste planeta. Contudo isto demanda esforço, investimento e, ao contrário do que dizem alguns formadores de opinião, não depende das mulheres negras tal mudança, ou não só delas. Depende mais dos beneficiários do racismo e do machismo abrirem mão destes benefícios, pois enquanto responsabilizam os/as negros/as pela superação do racismo, subliminarmente, está sendo produzido um discurso e uma prática de cumplicidade e conivência com o racismo. As pessoas que não sofrem injustiças não podem ficar caladas diante das injustiças que vêm na sociedade, só porque elas não estão sendo atingidas, dizendo que cabe ao injustiçado e apenas a ele a luta contra isto, aguardando que ele tome a iniciativa de reagir, para só então se decidirem pela adesão.

Trata-se de uma rede, de uma cultura, e o silêncio faz parte do adubo do racismo e do machismo. Cada vez que silenciemos diante de um ato de violência, estamos ajudando a cultivar a injustiça. Dizemos isto não como um discurso ativista vazio, mas em resposta aos formadores de opinião que, beneficiários do racismo e do machismo, se eximem de uma ação mais concreta, atribuindo a nós a responsabilidade pela luta e pelo enfrentamento do racismo. Se nós, mulheres e homens negros, não tivéssemos lutado nestes mais de 500 anos de racismo e machismo na sociedade brasileira, o genocídio orquestrado contra nós teria sido vitorioso.

Creemos, contudo, que as pessoas brancas e negras, assim como aprendem a serem racistas e machistas, podem aprender a não sê-lo e, por mais paradoxal que possa parecer, essa aprendizagem não é da ordem da razão, embora a razão não deva ser descartada neste processo.

Aqui entra para nós a mídia e as pessoas formadoras de opinião. Já que ela pode ser vista como algo muito além de um mero meio técnico, pois ela acarretaria uma nova forma de ser no mundo, uma relação existencial e por conseguinte, uma maneira singular de se sentir e pensar, uma subjetividade ímpar.

Admitindo-se a possibilidade de revisão de seu estatuto econômico e semiótico atual, os meios de comunicação de massa têm um papel importante a desempenhar em todo este processo, uma vez que, junto com eles e suas derivações tecnológicas, desenvolvem-se novas técnicas cognitivas, novos modos perceptivos, novas maneiras e viver a cultura (SODRÉ, 1996).

Parece fato que a mídia é importante no que se refere à produção e à reprodução do racismo e do machismo uma vez que

A uma ciência da comunicação humana caberá a produção de conhecimentos específico (e não marcadamente sociológico, antropológico, psicológico, jornalístico etc.) sobre a sociabilização

decorrente dessa nova realidade histórica. Novas formas de governo, de subjetividade, de relacionamento interpessoal, de produção simbólica desenham-se no horizonte da História Contemporânea, marcada pela crise dos mecanismos sociais de identificação e trocas intersubjetivas (SODRÉ, 2001).

E assim, a mídia pode ser formadora de novas imagens e representações sociais dos negros e negras, imagens e representações mais humanizadas e positivizadas, para além dos estereótipos. Pela articulação Estado-Meios de Comunicação-Cultura-Sociedade, desigualdades sociais; pela importância cada vez maior que a produção e o consumo de "imagens" adquire na determinação das relações sociais, econômicas, políticas e culturais.

A centralidade que a mídia adquire no mundo contemporâneo pode ser fundamental para a ressignificação da imagem da mulher negra na sociedade contemporânea, uma vez que esta construiu o *quarto bios*, o midiático⁶⁰, ou seja, uma nova forma de vida, cuja centralidade se daria a partir de um processo designado pelo autor como midiatização que, por sua vez, implicaria uma qualificação particular de vida, um novo modo de presença do sujeito no mundo ou, pensando-se na classificação aristotélica das formas de vida, um bios específico (SODRÉ, 2002, p.24).

Nossa imagem é construída a partir dos múltiplos olhares que incidem sobre nós, como destaca o artista plástico entrevistado:

É exatamente uma realidade bastante evidente, corpórea do humano, que inclusive se preocupa tanto com sua própria identidade e que não consegue enxergar o rosto, que talvez fosse a parte mais caracterizadora dessa identidade, sem a utilização de um recurso externo a ele mesmo. Quer dizer, não tem autonomia nesse processo de visibilidade, de sua própria identidade nem de conhecimento, nem de reconhecimento. Só consegue se enxergar através do outro, quer esse outro seja uma superfície, quer seja uma poça de água ou o olhar de

⁶⁰ Quanto ao conceito de bios midiático, Muniz Sodré toma como referência a obra de Aristóteles, grande filósofo grego, que distingue em sua obra três gêneros de existência, o *bios theoretikos* (vida contemplativa), *bios politikos* (vida política) e o *bios apolaustikos* (vida prazerosa, vida do corpo) (SODRÉ, 2002, p.25).

uma outra pessoa.

Eu acho que o olhar é um desses lugares ou uma dessas capacidades que potencializa muito essa capacidade maior humana diretamente ligada à invenção, à criação de sentidos, à definição de espaço e de lugar, à construção de uma determinada identidade. O olhar humano é muito poderoso, ele é muito definidor, indicador de uma série de questões, situações, significados e significantes, construções simbólicas [...].

Ora, necessitamos do olhar do outro para nos constituir, para constituir nossa identidade. Mas estamos agora pensando em que identidade é esta que se constrói quando o outro olha e não nos vê, que se vê desqualifica e que, se desqualifica, nega?

A dimensão do olhar é muito significativa e fortalecedora da tese de que a mídia é ou pode ser fundamental para a construção e reconstrução de imagens positivizadas das mulheres negras. Todo mundo vive e convive com a mídia e esta se torna algo da nossa própria natureza, sua importância generalizada é inegável. Contudo, como intervir no sentido de que a apresentação da mulher negra não reproduza estereótipos e exclusões? Não reforce preconceitos? Não torne as imagens e as idéias anacrônicas, com as que usaremos como exemplo:

Uma do século XX

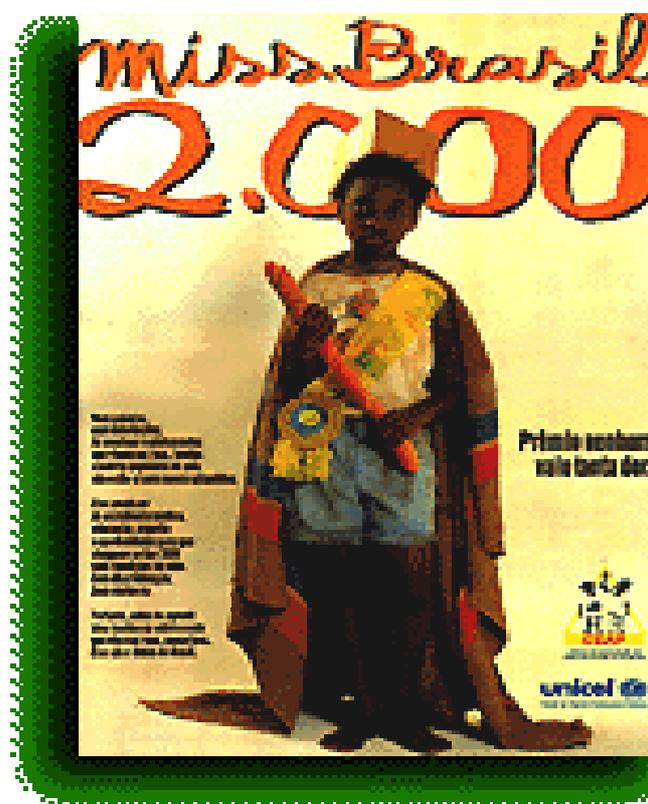


Figura 52

e a outra do século XIX

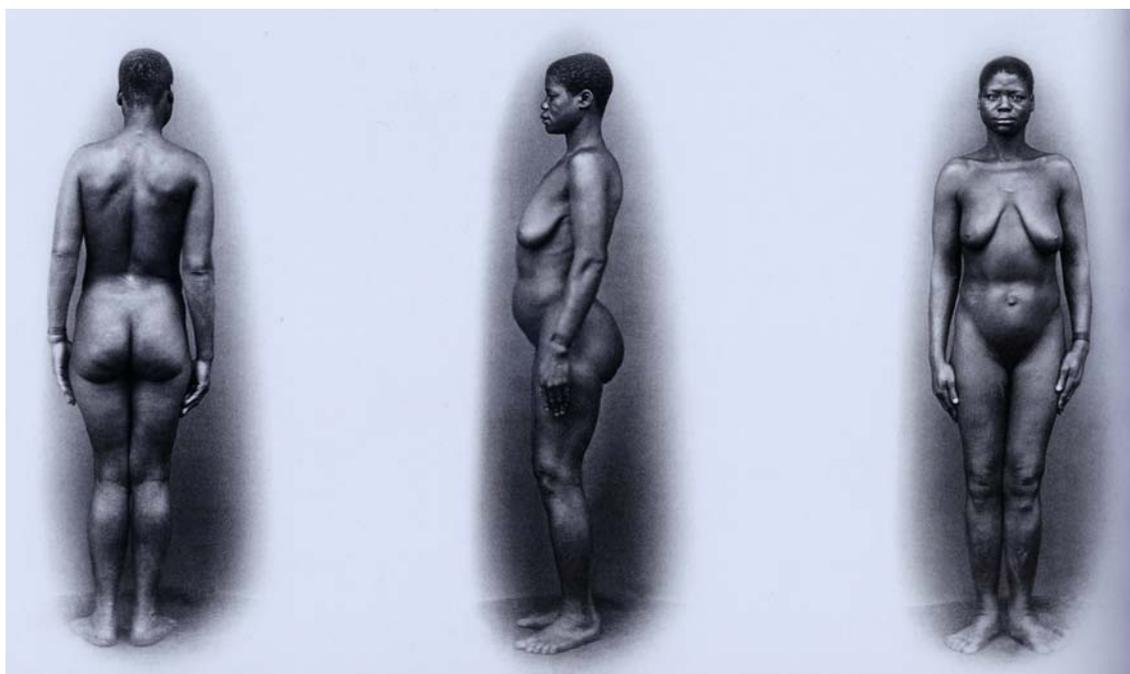


Figura 53

Observem que, em ambas, sendo que a figura do século XX é de uma instituição de luta por direitos de populações marginalizadas, a modelo foi

transformada em objeto, não foi levada em conta, em nome de um objetivo, pretensamente maior. Fato que nos faz lembrar do depoimento do fotógrafo entrevistado por nós, que sinalizou que já havia tido uma postura na qual o/a modelo não era em hipótese alguma levado/a em consideração, quando diz que ele manipulava as pessoas sem levá-las em consideração, eram apenas um objeto... Esta situação serve-nos como exemplo de que, muitas vezes, em nome da ciência ou de uma causa, as pessoas reproduzem atitudes desrespeitosas, descuidadas em relação a pessoas, sujeitos singulares. São ilustrativas do projeto, da técnica, estando hierarquicamente à frente dos sujeitos.

Posta a importância do olhar como constitutiva, e da mídia como possibilidade potente de apresentação da imagem, como um anteparo que nos faz visíveis inclusive para nós mesmas, nosso desafio está na ação ou nas ações concretas nesta direção. Afinal, quem educa os formadores de opinião, os/as profissionais da mídia? Como descolonizar estes corações e mentes? Quem poderá fazê-lo? Mais uma porta aberta...

Para finalizar, o mito do cansaço do Sol (uma entidade concreta) e sua salvação por Iemanjá:

Orum, o Sol, andava exausto, desde a criação do mundo ele não tinha dormido nunca. Brilhava sobre a Terra dia e noite. Orum já estava a ponto de exaurir-se, de apagar-se. Com seu brilho eterno, Orum maltratava a Terra. Ele queimava a terra dia após dia. Já quase tudo estava calcinado, e os humanos já morriam todos. Os Orixás estavam preocupados e reuniram-se para encontrar uma saída. Foi Iemanjá quem trouxe a solução. Ela guardara sob as saias alguns raios de Sol. Ela projetou sobre a Terra os raios que guardara e mandou que o Sol fosse descansar, para depois brilhar de novo. Os fracos raios de luz formaram um outro astro. O Sol descansaria para recuperar suas forças e, enquanto isso, reinaria Oxu, a Lua. Sua luz fria refrescaria a Terra, e os seres humanos não pereceriam no calor. Assim, graças a Iemanjá, o Sol pôde dormir. À noite, as estrelas velam por seu sono, até que a madrugada traga outro dia (PRANDI, 2001, p.391-392).

E, na madrugada de cada dia, repetimos aqui, hoje e sempre:

“Para o Brasil ir adiante, ele não pode esquecer, ele precisa se lembrar, com respeito e amorosidade, da África, das suas e dos seus descendentes.”

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Neuma. **Gênero e Ciências Humanas**. Rio de Janeiro: Editora Record; Rosa dos Tempos, 1997.

ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (Orgs.). **O sentido da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

ANDRADE, Ana Maria M. de S. Sob o Signo da Imagem: a burguesia Carioca de 1900-1950. **À Margem: Revista de Ciências Humanas**, Rio de Janeiro: p.5-14, 1993.

ARAÚJO, Joel Zito. **A Negação do Brasil**: o negro na telenovela brasileira. São Paulo: Editora SENAC. 2000.

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1978.

AUTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos do Estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

AZEVEDO, Célia Maria M. de. **Onde negra, medo branco**: o negro no imaginário das elites séculos XIX. Prefácio Peter Eisemberg. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

AZEVEDO, Paulo César de; LISSOVSKY, Mauricio (Orgs.). **Escravos Brasileiros do século XIX na fotografia de Christiano Jr**. São Paulo: Ex libris, 1988.

BACELAR, Jeferson. **Etnicidade - Ser Negro em Salvador**. Bahia: PENBA; Ianamá, 1989.

BANTON, M. **A idéia de raça**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BARBIER, René. **Pesquisa-ação na instituição educativa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

BARCELOS, Luiz Cláudio; CUNHA, Olivia Maria G. da. ARAÚJO; NASCIMENTO, Tereza Cristina. **Escravidão e relações raciais no Brasil**: Cadastro da produção intelectual (1970/1990). Rio de Janeiro: Centro de Estudos Afro asiáticos, 1991.

BECKER, Howard S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Ed. Hucitec. 1993.

BERN, Zilá. **Racismo e Anti-racismo**. São Paulo: Moderna, 1994.

BEY, Hakim. **TAZ**: zona autônoma temporária. Tradução Renato Rezende, Patrícia Decia. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001.

BIANCO, Bela Feldman; LEITE, Miriam L. Moreira (Orgs.). **Desafios da imagem**: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. 3. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

BLISSET, Luther. **Guerrilha psíquica**. Tradução Giulia Crippa. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001.

BOCK, Ana Mercês B. (Org.). **Psicologia e compromisso social**. São Paulo: Cortez, 2003.

BONAZZI, Marisa; ECO, Umberto. **Mentiras que parecem verdades**. São Paulo: Summus Editorial, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **Questions de Sociologie**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica**: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Nobel, 1993.

_____. **Sincretismo**: uma exploração das hibridações culturais. Tradução Roberta Barni. São Paulo: Studio Nobel; Instituto Cultural Ítalo Brasileiro – Instituto Italiano di Cultura, 1996.

CARNEIRO, Maria L. T. **O Racismo na História do Brasil**: mito e realidade. Rio de Janeiro: Ed. Ática, 1994.

CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida S. (Orgs.). **Psicologia social do racismo**: estudo sobre branquitude e branqueamento.. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CARRAÇA, Flávio; BORGES, Rosane da Silva (Org.). **Espelho Infiel**: o negro no jornalismo brasileiro. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

CARVALHO, José M de. **As Batalhas da abolição**. Estudos afro-asiáticos. Rio de Janeiro: (15), 14-23.

CARVALHO, José M de. **Os Bestializados**: O Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

CASTELLS, M. **A era da informação**: economia, sociedade e cultura: Sociedade em rede I. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS. Escravidão e Relações Raciais no Brasil. Cadastro de Produção intelectual 1970-1990. Rio de Janeiro, 1991.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Tradução Enid Abreu Dobránszky. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

CERTEAU, Michel *et al.* **A invenção do cotidiano**: 2. morar, cozinhas. Tradução Ephraim F. Alves, Lucia Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

CHALHOUB, Sidney. **Visões da Liberdade**: uma História das últimas décadas da escravidão na corte. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e Democracia**: o discurso competente e outras falas. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

CHAUÍ, Marilena. Janela da alma, espelho do mundo. In: NOVAES, Adauto *et al.* **O Olhar**. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

CHOR, Marcos (Org.). **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CCBB, 1996.

COHN, G. Introdução: Adorno e a teoria crítica da sociedade. In: ADORNO, Theodor W. **Organização e seleção de textos de Gabriel Cohn**. São Paulo: Editora Ática, 1986, p. 7-30.

COSTA, Cristina. **A imagem da mulher**: um estudo de arte brasileira. Rio de Janeiro: SENAC Rio, 2002.

COSTA, Jurandir Freire. **Violência e Psicanálise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Femininos**, Florianópolis, v. 07, n. 01, 1999.

CUNHA, Olívia Maria G. da. **Intenção e gesto**: pessoa, cor e a produção cotidiana da (in) diferença no Rio de Janeiro, 1927-1942. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2002.

DAVIS, Angela. Revelando as forças ocultas. **Revista Palmares**, Brasília, n. 3, 2000.

DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Ed. Contexto, ANO.

DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato Pinto. **O Livro de Ouro da História do Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

DERRIDA, Jacques. **Torre de babel**. Tradução Junia Barreto. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2002.

DIÓGENES, Glória. Territorialidade e violência: novos ritos de ordenação urbana nas grandes metrópoles. In: Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-graduação em Ciências Sociais, XXIII, 1999, Caxambu. **Resumo dos Trabalhos**. Minas Gerais: ANPOCS, 1999.

DIOGO, Rosália. **Mídia e racismo**: ensaios. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2004.

_____. **Negro, mídia e educação**: ensaios. Revisão Alvina Cássia Silveira. Belo Horizonte: Boa Impressão, 2003.

EAGLETON, Terry. **Ideologia**: uma introdução. Tradução de Silvana Vieira, Luis Carlos Borges. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista; Ed. Boitempo, 1997.

EDUCAÇÃO & REALIDADE, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação. v.1, n.1, p.24 a 40, 1976.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1995.

ERMAKOFF, George. **O negro na fotografia brasileira do século XIX**. Tradução Carlos Luís Brown Scavarda. Rio de Janeiro: G. Ermakoff Casa Editorial, 2004.

ESTUDOS FEMINISTAS, Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ; PPCIS-UERJ, v.3, n.2, 1995.

FALUDI, Susan. **Backlash**: o contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução Adriano Caldas. Rio de Janeiro: Fator, 1983.

FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Miriam L. Moreira (Org.). **Desafios da Imagem**: fotografia, econografia e vídeo nas ciências sociais. 3. ed. Campinas, SP: Papirus, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Isto não é um cachimbo**. Tradução Jorge Coli. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. **Microfísica do poder**. 17. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1987.

FREITS, Maria Teresa de Assunção. **Vygotsky e Bakhtin – psicologia e educação**: um intertexto. 3. ed. São Paulo: Ática, 1996.

FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2000.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 49. ed. Ver. São Paulo: Global, 2004.

FREYRE, Gilberto. **Modos de homem & modas de mulher**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

FUGANTI, Luiz Antônio. Saúde, Desejo e Pensamento. In: LANCETTI, Antônio *et al.* **Saúdeloucura 2**. São Paulo: Hucitec, 1990.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. Raça Negra e Educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 63, nov. 1987.

GADOTTI, Moacir. **Pensamento Pedagógico Brasileiro**. São Paulo: Ática, 1987.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Tradução Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM, 1991.

GALLO, Silvio; SOUZA, Regina Maria de (Orgs.). **Educação do Preconceito: ensaios sobre poder e resistência**. São Paulo: Alínea, 2004.

GARCIA, Regina Leite (Org.). **Método: pesquisa com o cotidiano**. LOCAL: DP&A, 2003.

GARCIA, Regina Leite (Org.). **Novos olhares sobre a alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2001.

GARCIA, Regina Maria Leite. **Alfabetização de alunos das classes populares: ainda um desafio**. 1986. 209 f. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1986.

GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.

GIACOMINI, Sonia Maria. Ser escrava no Brasil. In: SEMINÁRIO: O negro no Rio de Janeiro, n. 15, 1988, Rio de Janeiro. **Cadernos Candido Mendes**. Rio de Janeiro: SEMINÁRIO, 1988.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição**. Tradução Maria Betânia Amoroso. Tradução dos poemas José Paulo Paes. Revisão Hilário Franco Jr. 3. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: _____. **Mitos, Emblemas e Sinais. Morfologia e História**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

GITAY, Leda *et al.* Operárias: sindicalização e reivindicação (1970-1980). **Revista de Cultura & Política**, n. 8, junho 1982.

GOLDEMBERG, Mirian. **De perto ninguém é normal**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GONÇALVES, Luiz A. **O silêncio: um ritual pedagógico a favor da discriminação racial**. 1985. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFMG, Belo Horizonte, 1985.

GONÇALVES, Marco. Produção e significado da diferença: re-visitando o gênero na antropologia. **Revista Lugar Primeiro**, Rio de Janeiro, n. 4, PPGSA – IFCS – UFRJ, 2000.

GONZALES, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

GORENDER, Jacob; CUNHA, Manuela Carneiro da; SODRÉ, Muniz. **Escravos brasileiros do século XIX na fotografia de Christiano Jr.** In: AZEVEDO, Paulo César; LISSOVSKY, Maurício (Orgs.). São Paulo: Ex Libris, [19__].

GRINBERG, Keila. **Liberata: a lei da ambigüidade - as ações de liberdade da corte de Apelação do Rio de Janeiro no século XIX**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Sueli. **Micropolítica**: Cartografias do Desejo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986

GUIMARÃES, Antonio S. Alfredo. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo; Ed. 34, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HASENBALG, Carlos A. *et al.* **Racismo**: perspectivas para um estudo contextualizado da sociedade brasileira. Niterói, RJ: EDUFF, 1998.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Tradução Nelson Coutinho, Leandro Konder. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, [19__].

HERPER, Babette; CECCON, Claudius; OLIVEIRA, Miguel de *et al.* **Cuidado, Escola!** Desigualdades e domesticação: algumas saídas. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1980.

HOOKS, bell. Intelectuais Negras. In: **ESTUDOS FEMINISTAS**, Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ; PPCIS-UERJ, v.3, n.2, p.464-478, 1995.

_____. Vivendo de Amor. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WRITE, C. Evelyn (Orgs.). **O livro da saúde das mulheres negras**: nossos passos vêm de longe. Tradução Maisa Mendonça, Marilena Agostini e Maria Cecília M. dos Santos. Rio de Janeiro: Pallas; Criola, 2000.p.188-211

IANNI, O. Estilos de pensamento. In: BASTOS, E. R. & MORAES, J. Q. de. (Orgs.). **O pensamento de Oliveira Vianna**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993, p. 429-38.

INSTITUTO DE ESTUDOS HETEROSSEXUAIS. Para que servem os heteros? O mundo na versão gay: um livro para heteros e homos. Ed. Frente.

IPHAN, Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, n. 25, 1997.

JACÓ-VILELA, Ana Maria; JABUR, Fabio; RODRIGUES, Heliana de B. C. (Orgs.). **Clio-Psyché**: histórias da psicologia no Brasil. Rio de Janeiro: UERJ/NAPE, 1999.

JEUDY, Henri-Pierre. **O corpo como objeto de arte**. Tradução Tereza Lourenço. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

KASSOY, Boris *et al.* **O olhar europeu**: o negro da iconografia brasileira do século XIX. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1994.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ed. Ática, Série Princípios, 1986.

LAPLANTINE, F. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

LARAIA, Roque. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 2001.

LEITE, Ilka. **Antropologia da viagem: escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

LESSER, Wendy. **Sua cara-metade: a mulher na arte segundo a perspectiva masculina**. Tradução Eneida Santos. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LIMA, Ivana Stolze. **O Brasil Mestiço - Discurso e prática sobre Relações Raciais na passagem do século XIX para o século XX**. 1994. Dissertação (Mestrado em História) - PUC, Rio de Janeiro, 1994 (mimeo).

LOURAU, René. **Análise Institucional e Práticas de Pesquisa**. Rio de Janeiro: UERJ, 1993

LOWY, Michael. **Ideologia e Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez Editores, 1988.

LUIZ, Maria do Carmo; SALVADOR, Maria Nazaré; CUNHA, Júnior Henrique. A criança (negra) e a educação. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n. 31, p. 69-72, dez. 1971.

LYRA, Bernadete *et al.* **Corpo e imagem**. São Paulo: Arte & Ciência, 2002

MACHADO, Roberto et al. **Danação da norma: a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens: uma história de amor e ódio**. Tradução Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberger, Cláudia Strauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARIZA, Corrêa. **Antropólogas & Antropologia**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MATHIAS, Herculano Gomes. **Debret viagem pitoresca e história do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora TecnoPrint, 1980.

MATHIAS, Herculano Gomes. **Rugendas e a viagem pitoresca através do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora TecnoPrint, 1980.

MATOS, Maria Izilda S. de. **Por uma história da mulher**. Bauru, SP: Edusc, 2000.

MATTA, Roberto. Brasil: uma nação em mudança e uma sociedade imutável? **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 01, n. 2, 1988.

_____. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1981.

MATTOS, Ilmar R. de. **O Tempo Saquarema: A formação do estado imperial**. São Paulo: Hucitec, 1990.

MATURAMA, Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

_____. **Emoções e linguagens na educação e na política**. Tradução José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MEAD, Margareth. **Sexo e temperamento**. São Paulo: Perspectiva, 1969.

MELO, José Marquês *et al* (Org.). **Contribuições Brasileiras: O pensamento comunicacional latino-americano**. São Paulo: UNESCO; Universidade Metodista de Piracicaba, 2001.

MENESES, Adélia Bezerra de. **Figuras do feminino na canção de Chico Buarque**. Ilustração Vicente do Rego Monteiro. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MONTEIRO, Lobato. **Histórias de Tia Anastácia**. 32. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

MONTEIRO, Paula *et al*. **O lugar da mulher – estudos sobre a condição feminina na sociedade atual**. MADEL, T. Luz (Org.). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

MORAES, Márcia. **Ser humano: quando a mulher está em discussão**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MORICONI, Ítalo. **Como e por que ler a poesia brasileira do século XX**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MORIN, Edgar. **A cabaça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2004.

_____. **Amor poesia sabedoria**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. Tradução Catarina Eleonora F. da Silva, Jeanne Sawaya. 3. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001.

_____. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Estratégias e políticas de combate a discriminação racial**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Estação Ciência, 1996.

_____. (Org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2001.

_____. *et al*. **Para entender no Brasil de hoje: histórias, realidades, problemas e caminhos**. São Paulo: Global, 2004.

_____. Teorias sobre o racismo. In: HASENBALG, Carlos. **Racismo: perspectivas para um estudo contextualizado da sociedade brasileira.** Niterói: EDUFF, 1998.

_____. **Negritude: Usos e Sentidos.** São Paulo: Ed. Ática, 1986.

NEGRÃO, Esmeralda Vailati. A discriminação racial em livros didáticos infanto-juvenis. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 63, p. 86-87, 1987.

NEIVA JR., Eduardo. **A Imagem.** São Paulo: Ed. Ática-Série Princípios, 1986.

OLIVEIRA, Ivone M. Auto-Conceito, preconceito: A criança no contexto escolar. In: **A linguagem e o outro no espaço escolar: Vygotsky e a Construção do Conhecimento.** 2. ed. Campinas: Papirus, 1993.

OLIVEIRA, Júnior Antônio Ribeiro. A Imagem como Discurso. In: Cardoso Ciro F.C. e Oliveira Júnior, Antônio Ribeiro. **Também com a Imagem se faz História.** Niterói, RJ: Cadernos do ICHS, UFF, 1990.

OLIVEIRA, Malu. **Homem e mulher: a caminho do século XXI.** 2. impressão. São Paulo: Ática, 2002.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. **Elogio da diferença: o feminismo emergente.** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

PAIVA, Miguel. **Sentimento masculino: manual de sobrevivência na selva.** Rio de Janeiro: Recor, 2001.

PAIVA, Raquel. **O Espírito Comum: Comunidade, Mídia e Globalismo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

PALACIN, Luis. **Vieira e a visão trágica do barroco.** São Paulo: HUCITEC, 1986.

PEIXOTO, Nelson B. O olhar do estrangeiro. In: NOVAES, Adauto (Org.). **O Olhar.** São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

PEREIRA, André Ricardo. Criança x menor: A origem de dois mitos da política brasileira. In: **Que história é essa?** (Vários autores). Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

PEREIRA, Edmilsom de Almeida *et al.* **Ardis da Imagem: exclusão e violência nos discursos da cultura brasileira.** Belo Horizonte: Mazza Edições; Editora PUC-Minas, 2001.

PERROT, Michelle. **Mulheres Públicas.** Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1998.

PINTO, Regina Pahim. A representação do negro em livros didáticos de leitura. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, n. 63, p. 88-92, nov. 1987.

_____. **De olho no preconceito: um guia para professores sobre o racismo em livro para crianças.** São Paulo: DPE/FCC, 1990.

_____. Trajetórias escolares de estudantes brancos e negros. In: **Educação e discriminação dos negros**. Belo Horizonte. IRHJP, p.1 17-62, 1988.

PIZA, Edith. **O caminho das águas**: estereótipos de personagens negras por escritoras brancas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Com arte, 1998.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PRIORE, Mary Del *et al.* **500 anos de Brasil**. São Paulo: Scipione, 1999.

_____. **Corpo a corpo com a mulher**: pequena historia das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

QUEIROZ, Renato da Silva (Org.). **O corpo do brasileiro**: estudos de estética e beleza. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000.

RAMOS, Silvia (Org.). **Mídia e Racismo**. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

REIS, J. J.; SILVA, E. **Negociação e Conflito**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

REZNIK, Luiz. **Tecendo o amanhã**: a história do Brasil no ensino secundário, programas e livros didáticos, 1931 a 1945. 1992. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFF, Niterói, 1992.

RIBEIRO, Renato J. Liberdade, Liberdades. **Revista Lua Nova: Cultura e Política**, São Paulo, Ed. Brasiliense, v. 2, n. 4, jan.-mar. 1986.

RIBEIRO, Sérgio Costa. Construir o saber. **Veja 25 anos: Reflexões para o Futuro**, São Paulo, Editora Abril, 1993.

RODRIGUES, João Carlos. **O negro brasileiro e o cinema**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

RODRIGUES, João. Novas visões do negro brasileiro e o cinema. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n. 25, 1997.

RODRIGUES, José. **Tabu do corpo**. Rio de Janeiro: Edições Achiamé, 1983

ROLNIK, Raquel. Territórios negros nas cidades brasileiras (etnicidade e cidade em São Paulo e no Rio de Janeiro). In: estudos afro-asiáticos - **Cadernos Cândido Mendes**, n. 17, p. 29-40, set. 1989.

RUGENDAS, Johann Moritz. **Viagem pitoresca através do Brasil**. Tradução Sérgio Milliet. Belo Horizonte: Itaticua, [19__].

SAIDOM, Oswaldo; KAMKHAGI, Vida R. (Orgs.). **Análise Institucional no Brasil**: favelas, hospícios, Funabem. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.

SANT'ANNA, Wania. História de vida e de organização política: **mulheres negras na construção do conhecimento. (mimeo)**

_____. Relações Raciais no Brasil: entre a unanimidade e a paralisia.

Perspectiva. The John and Catherine T. MacArthur Foundation, São Paulo, n. 4, p. 53-68, 2001.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **Mulher negra, homem branco:** um breve estudo do feminino negro. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

SANTOS, Joel Rufino dos. **O que é racismo.** São Paulo: Brasiliense, 1980.

SANTOS, Yolanda dos; GRANERO, Maria Victória M. **A influência dos meios da comunicação e dos livros didáticos, geradores de uma visão estereotipada e preconceituosa dos negros e dos índios do Brasil.** Rio de Janeiro: [s.n.], 1983.

SCHÖPKE, Regina. **Por uma filosofia da diferença:** Gilles Deleuze, o pensador nômade. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Edusp, 2004.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças:** cientistas, instituições e questão racial no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; REIS, Letícia Vidor de Souza. **Negras imagens:** ensaios sobre a cultura e escravidão no Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Estação Ciência, 1996.

SERES, Michel. **Filosofia Mestiça.** Tradução Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

SERRES, Michel. **Atlas.** Tradução João Paz. Lisboa: Éditions Julliard, 1994.

SEYFERTH, Giralda. As Ciências Sociais no Brasil e a Questão Racial. In: **Seminário do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UERJ.** Rio de Janeiro: UERJ, 1989.

SHUON, Frithjof. Fundamentos da tradição. In: BARTHOLO JR, Roberto (Org). **O Credo é a Conduta.** Rio de Janeiro: ISER/IMAGO, 1990.

SILVA, Ana Célia. **O Estereótipo e o preconceito em relação ao negro no livro de comunicação e expressão de 1º Grau, Nível I.** 1998. Dissertação (Mestrado em **XXXXX**) – UFBA, Salvador, 1988.

SILVA, Denise Ferreira da. **O reverso do espelho:** o lugar da cor na modernidade. 1991. 206 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

SILVA, Maria José Lopes. **Racismo, educação e ideologia.** Rio de Janeiro: IPEAFRO, 1991. Mimeografado.

SILVA, Nelson do Valle; HASENBALG, Carlos A. **Relações Raciais no Brasil Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1992.

SIMMEL, George. **Sociologia**. Organizador Evaristo de Moraes Filho, SP, Ed. Ática. Cap. 6 e 12, 1983.

SKIDMORE, Thomas. Fato e mito: descobrindo um problema racial no Brasil contemporâneo. **Cadernos de Pesquisas**, São Paulo, n. 79, 1991.

SKIDMORE, Thomas. **Preto no Branco**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

SLENES, Robert W. Malungo Ngoma Vem: África Coberta e descoberta no Brasil. Revista USP, São Paulo, n. 12, dez/ jan/ fev. 1991-92.

SLOTTERDYK, Peter. **No mesmo barco**: ensaio sobre a hiperpolítica. Tradução Claudia Cavalcanti. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

SMOLKA, Ana L. B. & GOES Maria Cecília. Introdução. In: **A Linguagem e o Outro no espaço escolar**, *op. cit.*, 1993.

SOARES, Carmem. **Imagens da educação no corpo**: estuda a partir da ginástica francesa no XIX. Campinas, SP: autores Associados, 1998.

SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. **O império do grotesco**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2002.

_____. **Antropológica do Espelho**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

_____. BIOS MIDIÁTICO: UM NOVO SISTEMA CONCEITUAL NO CAMPO DA COMUNICAÇÃO. In: MELO, José Marquês *et al.* **Contribuições Brasileiras**: O pensamento comunicacional latino-americano. São Paulo: UNESCO; Universidade Metodista de Piracicaba, 2001.

_____. **Claros e Escuros**: identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999.

_____. **Claros e Escuros**: identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999.

_____. **Reinventando a cultura**: a comunicação e seus produtos. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999a.

_____. **Samba, o dono do corpo**. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

_____. O Discurso Global. **ECO Revista**, Rio de Janeiro, v.1, n. 5, p. 63-82, 1997.

_____. **Reinventando a Cultura**: A Comunicação e os Seus Produtos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. **O Social Irrradiado**: Violência Urbana, Neogrotesco e Mídia. São Paulo: Cortez, 1992.

_____. **O Brasil Simulado e o Real:** Ensaio Sobre o Cotidiano Nacional. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1991.

_____. **O Terreiro e a Cidade:** A Forma Social Negro-Brasileira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

_____. **A Máquina de Narciso:** televisão, indivíduo e poder no Brasil. São Paulo: Cortez, 1984.

_____. **A Verdade Seduzida:** por um conceito de cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

_____. **A Comunicação do grotesco:** um ensaio sobre cultura de massa no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980.

_____. Cultura negra e ecologia. **Papéis avulsos**, Rio de Janeiro, n. 2.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro:** as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SOUZA, Solange Jobim (Org.). **Mosaico:** imagens do conhecimento. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América:** a questão do outro. Tradução Beatriz Perrone Moisés. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Nós e os Outros:** a reflexão francesa sobre a diversidade humana - 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

TRINDADE, Azoilda L. da. **O Racismo no cotidiano escolar.** 1994. Dissertação (Mestrado em Educação) - IESAE/FGV, Rio de Janeiro, 1994.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais; Universidade Estadual do Rio de Janeiro. **Estudos Feministas.** Rio de Janeiro, v. 3, n.2, 1995.

VALLA, Victor Vicent. **A crise de interpretação é nossa:** procurando compreender a fala das classes subalternas. [S.l.: s.n.], Mimeografado.

VARGAS, Eduardo Viana (Org.). Literatura e criança. In: **Encontro do Programa Quanto Vale Uma Criança Negra.** Rio de Janeiro: ISER. (Cadernos do ISER), 1989.

VATTIMO, Gianni. **A sociedade transparente.** Tradução Hossein Shooja, Isabel Santos. Antropos.

_____. **A tentação do realismo.** Tradução de Reginaldo Di Piero. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2001.

_____. **Para além da interpretação:** o significado da hermenêutica para a filosofia. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.

_____. **O fim da modernidade:** niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: [S.n.], 1987.

VELHO, Otávio. Relativizando e relativismo. In: BOMENY, Helena; BIRMAN, Patricia (Org.). **As assim chamadas ciências sociais:** formação do cientista social no Brasil. Rio de Janeiro: EDUERJ; Relume Dumaré, 1991.

VENTURINI, Gustavo *et al.* **Racismo no Brasil:** percepções da discriminação e do preconceito no século XXI. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2005.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Lendas africanas dos orixás.** 2. ed. São Paulo: Ed. Corrupio, [19__].

_____. **Orixás:** deuses iorubas na África e no Novo Mundo. São Paulo: Editora Corrupio, 1981.

_____. **Artigos, tomo I.** São Paulo: Corrupio, 1992.

_____. **Orixás.** São Paulo: Círculo do livro, 1981.

VERÓN, Eliseo. **Ideologia, estrutura e comunicação.** Tradução Amélia Cohn. 2. ed. São Paulo: Editora Cultrix, ANO.

WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WRITE, C. Evelyn (Orgs.). **O livro da saúde das mulheres negras:** nossos passos vêm de longe. Tradução Maisa Mendonça, Marilena Agostini e Maria Cecília M. dos Santos. Rio de Janeiro: Pallas; Criola, 2000.

WERNECK, V. R. **A Ideologia na Educação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1982.

WILSON, Peter Lamborn. **Utopias piratas: mouros, hereges e renegados.** Tradução Leila de Souza Mendes. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001.